

@OARECOLETOS

Papa Leão XIV



100 dias

do pontificado



100 dias, 100 palavras do Papa Leão XIV: um pontificado com coração, ciência e caridade

Recopilação de discursos dos primeiros 100 dias do pontificado do Papa
Leão XIV

Copyright © Dicastério para a Comunicação – Libreria Editrice Vaticana

Editado pelo Escritório de Comunicação da Ordem dos Agostinhos
Recoletos



Ordem dos Agostinhos Recoletos
Roma, 2025

ÍNDICE:

<u>100 DIAS, 100 PALAVRAS DO PAPA LEÃO XIV: UM PONTIFICADO COM CORAÇÃO, CIÊNCIA E CARIDADE.....</u>	<u>1</u>
<u>1. PRIMEIRO SAUDOS DO SANTO PADRE LEÃO XIV.....</u>	<u>3</u>
<u>2. HOMILIA DO SANTO PADRE LEÃO XIV.....</u>	<u>4</u>
<u>3. HOMILIA DO SANTO PADRE LEÃO XIV.....</u>	<u>8</u>
<u>4. HOMILIA DE SUA SANTIDADE O PAPA LEÃO XIV.....</u>	<u>9</u>
<u>5. HOMILIA DO SANTO PADRE LEÃO XIV.....</u>	<u>12</u>
<u>6. HOMILIA DO SANTO PADRE LEÃO XIV.....</u>	<u>14</u>
<u>7. HOMILIA DO SANTO PADRE LEÃO XIV.....</u>	<u>17</u>
<u>8. HOMILIA DO SANTO PADRE LEÃO XIV.....</u>	<u>20</u>
<u>9. HOMILIA DO SANTO PADRE LEÃO XIV.....</u>	<u>22</u>
<u>10. HOMILIA DO SANTO PADRE LEÃO XIV.....</u>	<u>25</u>
<u>11. HOMILIA DO SANTO PADRE LEÃO XIV.....</u>	<u>27</u>
<u>12. HOMILIA DO SANTO PADRE LEÃO XIV.....</u>	<u>30</u>
<u>13. HOMILIA DO SANTO PADRE LEÃO XIV.....</u>	<u>33</u>
<u>14. HOMILIA DO SANTO PADRE LEÃO XIV.....</u>	<u>35</u>
<u>15. HOMILIA DO SANTO PADRE LEÃO XIV.....</u>	<u>38</u>
<u>16. HOMILIA DO SANTO PADRE LEÃO XIV.....</u>	<u>41</u>

<u>17. HOMILIA DO SANTO PADRE LEÃO XIV.....</u>	<u>44</u>
<u>18. HOMILIA DO SANTO PADRE LEÃO XIV.....</u>	<u>47</u>
<u>19. HOMILIA DO SANTO PADRE LEÃO XIV.....</u>	<u>50</u>
<u>20. HOMILIA DO SANTO PADRE LEÃO XIV.....</u>	<u>53</u>
<u>21. REGINA CAELI.....</u>	<u>57</u>
<u>22. Regina Caeli ao finalizar a Missa.....</u>	<u>59</u>
<u>23. REGINA CAELI.....</u>	<u>60</u>
<u>24. REGINA CAELI.....</u>	<u>62</u>
<u>25. ÂNGELUS.....</u>	<u>63</u>
<u>26. ÂNGELUS.....</u>	<u>64</u>
<u>27. ÂNGELUS.....</u>	<u>67</u>
<u>28. ÂNGELUS.....</u>	<u>69</u>
<u>29. ÂNGELUS.....</u>	<u>71</u>
<u>30. ÂNGELUS.....</u>	<u>74</u>
<u>31. ÂNGELUS.....</u>	<u>77</u>
<u>32. ÂNGELUS.....</u>	<u>80</u>
<u>33. AUDIÊNCIA GERAL.....</u>	<u>81</u>
<u>34. AUDIÊNCIA GERAL.....</u>	<u>84</u>
<u>35. AUDIÊNCIA GERAL.....</u>	<u>87</u>
<u>36. AUDIÊNCIA GERAL.....</u>	<u>90</u>
<u>37. AUDIÊNCIA GERAL.....</u>	<u>93</u>

<u>38. CATEQUESE DO SANTO PADRE LEÃO XIV.....</u>	<u>95</u>
<u>39. AUDIÊNCIA GERAL.....</u>	<u>97</u>
<u>40. AUDIÊNCIA GERAL.....</u>	<u>100</u>
<u>41. AUDIÊNCIA GERAL.....</u>	<u>103</u>
<u>42. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AO COLÉGIO CARDINALÍCIO.....</u>	<u>107</u>
<u>43. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS REPRESENTANTES DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO.....</u>	<u>110</u>
<u>44. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS PARTICIPANTES DO JUBILEU DAS IGREJAS ORIENTAIS.. ..</u>	<u>112</u>
<u>45. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS.....</u>	<u>116</u>
<u>46. AUDIÊNCIA AO CORPO DIPLOMÁTICO ACREDITADO PERANTE A SANTA SÉ.....</u>	<u>119</u>
<u>47. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS MEMBROS DA FUNDAÇÃO CENTESIMUS ANNUS PRO PONTIFICE.....</u>	<u>123</u>
<u>48. DISCURSO ÀS DELEGAÇÕES ECUMÊNICAS E INTER-RELIGIOSAS CONVIDADAS PARA O INÍCIO DO MINISTÉRIO PETRINO DO PAPA LEÃO XIV.....</u>	<u>126</u>
<u>49. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV ÀS OBRAS MISSIONÁRIAS PONTIFÍCIAS.....</u>	<u>128</u>
<u>50. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS OFICIAIS DA CÚRIA ROMANA E AOS EMPREGADOS DA SANTA SÉ, DA GOVERNADORIA DO ESTADO DA CIDADE DO VATICANO E DO VICARIATO DE ROMA.....</u>	<u>131</u>
<u>51. HOMENAGEM DO SANTO PADRE LEÃO XIV AO PREFEITO DA CIDADE DE ROMA.....</u>	<u>133</u>

<u>52. CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA E TOMADA DE POSSE DA CÁTEDRA ROMANA.....</u>	<u>134</u>
<u>53. VISITA À BASÍLICA DE SANTA MARIA MAIOR E VENERAÇÃO DO ÍCONE DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA «SALUS POPULI ROMANI».....</u>	<u>135</u>
<u>54. PALAVRAS DO SANTO PADRE LEÃO XIV AO FINAL DA MISSA PRESIDIDA PELO CARD. ARINZE, POR OCASIÃO DA PEREGRINAÇÃO JUBILAR PELA PAZ NA ÁFRICA.....</u>	<u>136</u>
<u>55. SAUDAÇÃO DO SANTO PADRE LEÃO XIV À SOCIEDADE DESPORTIVA DE FUTEBOL DO NÁPOLES.....</u>	<u>137</u>
<u>56. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS MEMBROS DOS MOVIMENTOS POPULARES E ASSOCIAÇÕES QUE DERAM VIDA À «ARENA DA PAZ».....</u>	<u>138</u>
<u>57. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AO TERMINAR O ROSÁRIO NOS JARDINS DO VATICANO.....</u>	<u>140</u>
<u>58. SAUDAÇÃO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS CICLISTAS DO GIRO D'ITALIA.....</u>	<u>141</u>
<u>59. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV POR OCASIÃO DA COMEMORAÇÃO DO CARDINAL IULIU HOSSU.....</u>	<u>142</u>
<u>60. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS SUPERIORES E AOS OFICIAIS DA SECRETARIA DE ESTADO.....</u>	<u>144</u>
<u>61. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS PARTICIPANTES NOS SEGUINTE CAPÍTULOS GERAIS.....</u>	<u>147</u>
<u>62. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS MODERADORES DAS ASSOCIAÇÕES DE FIÉIS, DOS MOVIMENTOS ECLESIASTAS E NOVAS COMUNIDADES.....</u>	<u>149</u>
<u>63. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS PARTICIPANTES DO SIMPÓSIO “NICÉIA E A IGREJA DO TERCEIRO MILÊNIO.....</u>	<u>153</u>

<u>64. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS PARTICIPANTES NO JUBILEU E NA REUNIÃO DOS REPRESENTANTES PONTIFÍCIOS.....</u>	<u>156</u>
<u>65. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AO CLERO DA DIOCESE DE ROMA.....</u>	<u>159</u>
<u>66. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS PARTICIPANTES NA ESCOLA DE VERÃO DE ASTROFÍSICA PROMOVIDA PELA SPECULA VATICANA.....</u>	<u>162</u>
<u>67. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS BISPOS DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA.....</u>	<u>164</u>
<u>68. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS PARTICIPANTES NO EVENTO PROMOVIDO PELA FUNDAÇÃO CARDINAL DOMENICO BARTOLUCCI.....</u>	<u>168</u>
<u>69. SAUDAÇÃO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS SACERDOTES DA PONTIFÍCIA ACADEMIA ECLESIASTICA QUE RETORNAM APÓS UM ANO MISSIONÁRIO.....</u>	<u>169</u>
<u>70. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS MEMBROS DOS CAPÍTULOS GERAIS DA ORDEM DOS FRADES MENORES CONVENTUAIS E DA ORDEM DA SANTÍSSIMA TRINDADE E DOS CATIVEIROS.....</u>	<u>170</u>
<u>71. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS PARTICIPANTES NO JUBILEU DOS GOVERNANTES.....</u>	<u>173</u>
<u>72. MEDITAÇÃO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS PARTICIPANTES NO JUBILEU DOS SEMINARISTAS.....</u>	<u>176</u>
<u>73. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS SEMINARISTAS DA DIOCESE DE TRIVENETO.....</u>	<u>180</u>
<u>74. DISCURSO DO SANTO PADRE AOS BISPOS.....</u>	<u>182</u>

<u>75. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS BISPOS REDENTORISTAS SCALABRINIANOS.....</u>	<u>186</u>
<u>76.. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS P ARTICIPANTES NA ASSEMBLEIA PLENÁRIA DA “REUNIÃO DAS OBRAS DE AJUDA.....</u>	<u>187</u>
<u>77. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS PARTICIPANTES NO DIA INTERNACIONAL DE COMBATE ÀS DROGAS.....</u>	<u>191</u>
<u>78. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS PARTICIPANTES NO ENCONTRO INTERNACIONAL “SACERDOTES FELIZES”.....</u>	<u>194</u>
<u>79. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS MEMBROS DA DELEGAÇÃO DO PATRIARCADO ECUMÊNICO.....</u>	<u>198</u>
<u>80. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV ÀS REPRESENTANTES DE ALGUNS INSTITUTOS RELIGIOSOS FEMININOS.....</u>	<u>199</u>
<u>81. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS PARTICIPANTES NOS CAPÍTULOS GERAIS DE OITO INSTITUTOS RELIGIOSOS.....</u>	<u>201</u>
<u>82. SAUDAÇÃO DO SANTO PADRE LEÃO XIV ÀS IRMÃS AGOSTINIANAS SERVAS DE JESUS E MARIA.....</u>	<u>203</u>
<u>83. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS PARTICIPANTES NOS CAPÍTULOS GERAIS DE OITO INSTITUTOS RELIGIOSOS.....</u>	<u>204</u>
<u>84. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV À DELEGAÇÃO DE JOVENS PERUANOS PARTICIPANTES NO JUBILEU DOS JOVENS.....</u>	<u>206</u>
<u>85. SAUDAÇÃO DO SANTO PADRE LEÃO XIV A INFLUENCERS E MISSIONÁRIOS DIGITAIS.....</u>	<u>207</u>
<u>86. PALAVRAS DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS JOVENS REUNIDOS NA PRAÇA DE SÃO PEDRO PARA A SANTA MISSA DE BOAS-VINDAS AO JUBILEU DOS JOVENS.....</u>	<u>210</u>

<u>87. SAUDAÇÃO DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS ARTISTAS QUE ANIMARAM O ENCONTRO DE JOVENS EM TOR VERGATA..</u>	<u>211</u>
<u>88. PALAVRAS DO SANTO PADRE LEÃO XIV AOS JOVENS PEREGRINOS EGÍPCIOS.....</u>	<u>211</u>
<u>89. DIÁLOGO DO SANTO PADRE COM OS JOVENS NA VIGÍLIA DO JUBILEU.....</u>	<u>213</u>
<u>90. Carta do Santo Padre ao Enviado Especial às celebrações finais do 350º aniversário das aparições do Sagrado Coração de Jesus a Santa Margarida Maria Alacoque.....</u>	<u>219</u>
<u>91. Carta do Santo Padre ao Enviado Especial às celebrações do 4 00º aniversário das aparições de Santa Ana em Auray.....</u>	<u>220</u>
<u>92. Carta do Santo Padre ao Enviado Especial à celebração do centenário da arquidiocese de Rijeka.....</u>	<u>222</u>
<u>93. Carta do Santo Padre ao Enviado Especial às celebrações do 950º aniversário da Diocese de Płock.....</u>	<u>223</u>
<u>94. Aos professores de escolas católicas da Irlanda, Inglaterra, País de Gales e Escócia; e aos jovens da diocese de Copenhague</u>	<u>225</u>
<u>95. os catecúmenos e neófitos da França.....</u>	<u>227</u>
<u>96. MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA LEÃO XIV PARA A X JORNADA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELO CUIDADO DA CRIAÇÃO 2025.....</u>	<u>228</u>
<u>97. MENSAGEM DO SANTO PADRE LEÃO XIV PARA A V JORNADA MUNDIAL DOS AVÓS E DOS IDOSOS.....</u>	<u>229</u>
<u>98. MENSAGEM DO SANTO PADRE LEÃO XIV PARA A 111ª JORNADA MUNDIAL DO MIGRANTE E DO REFUGIADO 2025.....</u>	<u>232</u>
<u>99. MENSAGEM DO SANTO PADRE LEÃO XIV PARA A IX JORNADA MUNDIAL DOS POBRES.....</u>	<u>235</u>
<u>100. MENSAGEM DO SANTO PADRE LEÃO XIV PARA O IX DIA MUNDIAL DOS POBRES.....</u>	<u>238</u>

<u>97. MENSAGEM DO SANTO PADRE LEÃO XIV PARA A V JORNADA MUNDIAL DOS AVÓS E DOS IDOSOS.....</u>	<u>229</u>
<u>98. MENSAGEM DO SANTO PADRE LEÃO XIV PARA A 111^a JORNADA MUNDIAL DO MIGRANTE E DO REFUGIADO 2025.....</u>	<u>232</u>
<u>99. MENSAGEM DO SANTO PADRE LEÃO XIV PARA A IX JORNADA MUNDIAL DOS POBRES.....</u>	<u>235</u>

100 dias, 100 palavras do Papa Leão XIV: um pontificado com coração, ciência e caridade

Cem dias. Uma centena de textos breves, mas cheios de paixão, dignos de um filho de Santo Agostinho. Neste início de pontificado deu para conhecer melhor a Rober Francis Prevost. Através destes 100 documentos, deu para descobrir que o Espírito não se rege por números, mas pelo amor. Já vislumbramos como serão os próximos anos do nosso caminhar como Igreja.

Para celebrar estes primeiros 100 dias de pontificado, os agostinianos recoletos temos preparado este documento pra partilhar com você as primeiras palavras do Papa Leao XIV: o que da para ler logo deste “filho de Santo Agostinho”.

É ainda cedo para tirar conclusões, mas não para percebermos o tom. E o tom do Papa Leao XIV já se tornou reconhecível: próximo, profundo, agostiniano. Temos um Papa com ideias claras: a guerra deve terminar, e o caminho é a paz.

Desde sua primeira saudação –“A paz esteja com todos vocês!”- até suas palavras aos ordenandos ou às famílias do mundo, há um fio que une todo: o amor. Mas não um amor abstrato ou diplomático, e sim o amor de Cristo: o amor que se entrega, que se ajoelha.

É o amor que constrói pontes, não muros. Que suja suas mãos sem deixar de olhar para o céu. Que dá autoridade a Pedro não pelo poder, mas pelo serviço. Não pelo controle, mas pela confiança. É o amor de um prior, que não é o mais importante, mas sim o primeiro a zelar pelo cuidado dos irmãos.

Quarenta e nove vezes já citou Santo Agostinho. Não é por acaso. Leao XIV não é agostiniano apenas pela história: é pela vocação. Seu modo de olhar o mundo passa pelo coração inquieto, pela comunhão na diversidade, pela procura humilde da verdade. Fala também com frequência do Espírito. Não como uma figura de enfeite, mas como guia certa de uma igreja em saída. Uma Igreja sinodal, sim, mas principalmente fra-

terna: que escuta, que não impõe, que acompanha.

Fala dos pobres, dos jovens, dos pastores, dos leigos, dos avós. Todos aparecem nos seus discursos. Não fala para ninguém desde cima; a todos fala com clareza e caridade. E essa é outra das suas marcas: a palavra clara, sem dureza. Firme, sem agressividade. Ternura, sem fraqueza. Vive segundo a lógica do episcopado de Santo Agostinho: “Para vós sou bispo, com vós sou cristão” (Santo Agostinho, Sermão 340)

Nestes 100 dias, foram publicadas 35 homilias no site oficial do Vaticano. Mencionou Maria 138 vezes. Proferiu a palavra “amar” mais de 240 vezes. Não busca manchetes: busca sentido. E o faz a partir de uma fé profundamente confiante de que o bem é mais forte que o mal.

Poderíamos dizer que é um Papa digital, mas não pela sua presença nas redes, e sim porque entende que tudo está conectado. Fala pouco sobre internet, mas muito sobre vínculos. Nomeia as redes sociais, sim, mas insiste ainda mais nas redes da misericórdia, da escuta, da oração compartilhada. O Santo Padre insiste que devemos criar uma rede que sustente o mundo e lhe dê força. Não tem medo da complexidade do mundo, mas também não se resigna a essa.

Ainda não sabemos para onde nos levará Leão XIV, mas sabemos como caminha: sem estridências, sem ansiedade, sem pressa, mas sem pausa. Como quem sabe que a igreja é de Cristo e que o urgente nunca deve esmagar o importante.

Fray Alfonso Dávila, OAR
Oficina de Comunicação, Ordem dos Agostinianos Recoletos

100 dias, 100 palavras do Papa Leão XIV

1. PRIMEIRA BÊNÇÃO URBI ET ORBI DO PAPA LEÃO XIV Quinta-feira, 8 de maio de 2025

A paz esteja com todos vós!

Caríssimos irmãos e irmãs, esta é a primeira saudação de Cristo Ressuscitado, o Bom Pastor, que deu a vida pelo rebanho de Deus. Também eu gostaria que esta saudação de paz entrasse no vosso coração, chegasse às vossas famílias, a todas as pessoas, onde quer que se encontrem, a todos os povos, a toda a terra. A paz esteja convosco!

Esta é a paz de Cristo Ressuscitado, uma paz desarmada e uma paz que desarma, que é humilde e perseverante. Que vem de Deus, do Deus que nos ama a todos incondicionalmente.

Conservamos ainda nos nossos ouvidos aquela voz fraca, mas sempre corajosa, do Papa Francisco que abençoava Roma, o Papa que, naquela manhã de Páscoa, abençoava Roma e dava a sua bênção ao mundo inteiro. Permiti-me que dê prosseguimento àquela mesma bênção: Deus nos ama, Deus vos ama a todos, e o mal não prevalecerá! Estamos todos nas mãos de Deus. Portanto, sem medo, unidos de mãos dadas com Deus e uns com os outros, sigamos em frente! Somos discípulos de Cristo. Cristo vai à nossa frente. O mundo precisa da sua luz. A humanidade precisa d'Ele como ponte para poder ser alcançada por Deus e pelo seu amor. Ajudai-nos também vós e, depois, ajudai-vos uns aos outros a construir pontes, com o diálogo, o encontro, unindo-nos todos para sermos um só povo sempre em paz. Obrigado, Papa Francisco!

Quero também agradecer a todos os meus irmãos Cardeais que me escolheram para ser o Sucessor de Pedro e para caminhar convosco, como Igreja unida, procurando sempre a paz, a justiça, esforçando-se sempre por trabalhar como homens e mulheres fiéis a Jesus Cristo, sem medo, para anunciar o Evangelho, para ser missionários

Sou agostiniano, um filho de Santo Agostinho que dizia: “Convosco sou cristão e para vós sou bispo”. Neste sentido, podemos caminhar todos juntos em direção à pátria que Deus nos preparou.

Uma saudação especial à Igreja de Roma! Devemos procurar juntos o modo de ser uma Igreja missionária, uma Igreja que constrói pontes, que constrói o diálogo, sempre aberta para acolher a todos, como esta Praça, de braços abertos, a todos aqueles que precisam da nossa caridade, da nossa presença, de diálogo e de amor.

Y si me permiten también una palabra, un saludo a todos y en modo particular a mi querida diócesis de Chiclayo, en el Perú, donde un pueblo fiel ha acompañado a su obispo, ha compartido su fe y ha dado tanto, tanto, para seguir siendo Iglesia fiel de Jesucristo.

E se me permitem uma palavra, uma saudação [em espanhol] a todos e especialmente à minha querida Diocese de Chiclayo, no Peru, onde um povo fiel acompanhou o seu bispo, partilhou a sua fé e deu tanto, tanto, para continuar a ser uma Igreja fiel a Jesus Cristo.

A todos vós, irmãos e irmãs de Roma, da Itália, de todo o mundo: queremos ser uma Igreja sinodal, uma Igreja que caminha, uma Igreja que procura sempre a paz, que procura sempre a caridade, que procura sempre estar próxima, sobretudo dos que sofrem.

Hoje é o dia da Súplica a Nossa Senhora do Rosário de Pompeia. A nossa Mãe, Maria, quer sempre caminhar conosco, estar perto, ajudar-nos com a sua intercessão e o seu amor. Gostaria, por isso, de rezar convosco. Rezemos juntos por esta nova missão, por toda a Igreja, pela paz no mundo e peçamos a Maria, nossa Mãe, esta graça especial: Ave Maria...

2.HOMILIA DO SANTO PADRE LEÃO XIV

Capela Sistina

Sexta-feira, 9 de maio de 2025

Começo com algumas palavras em inglês, e o restante será em italiano. Gostaria de repetir a frase do salmo responsorial: «Cantai ao Senhor um cântico novo, porque Ele fez maravilhas» (Sl 98,1). E, de fato, não apenas comigo, irmãos cardeais, mas com todos nós, como celebramos esta

manhã.

Convido-os a reconhecer as maravilhas que o Senhor realizou, as bênçãos que Ele continua a derramar sobre todos nós, através do ministério de Pedro.

Vocês me chamaram para carregar essa cruz e para ser abençoado com essa missão. E sei que posso contar com cada um de vocês para caminhar comigo, enquanto continuamos, como Igreja, como comunidade de amigos de Jesus, como crentes, anunciando a Boa Nova e proclamando o Evangelho.

«Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo» (Mt 16,16). Com estas palavras, Pedro, interrogado pelo Mestre juntamente com os outros discípulos sobre sua fé nele, expressa em síntese o patrimônio que há dois mil anos a Igreja, através da sucessão apostólica, custodia, aprofunda e transmite.

Jesus é o Cristo, o Filho de Deus vivo, isto é, o único Salvador e Aquele que nos revela o rosto do Pai.

Nele, Deus, para se tornar próximo dos homens, revelou-se a nós nos olhos confiantes de uma criança, na mente inquieta de um jovem, nas feições maduras de um homem (cf. Concílio Vaticano II, Const. pastoral *Gaudium et spes*, 22), até aparecer aos seus, depois da ressurreição, com seu corpo glorioso. Mostrou-nos assim um modelo de humanidade santa que todos podemos imitar, juntamente com a promessa de um destino eterno que, no entanto, supera todos os nossos limites e capacidades.

Pedro, em sua resposta, assume ambas as dimensões: o dom de Deus e o caminho que deve ser percorrido para se deixar transformar, dimensões inseparáveis da salvação, confiadas à Igreja para que as anuncie em benefício da humanidade. Ele nos as confia, escolhidos por Ele antes de nos formarmos no ventre materno (cf. Jr 1,5), regenerados na água do Batismo e, além dos nossos limites e sem qualquer mérito próprio, conduzidos até aqui e daqui enviados, para que o Evangelho seja anunciado a todas as criaturas (cf. Mc 16,15).

Deus, de forma particular, ao me chamar através do voto de vocês a suceder ao primeiro dos Apóstolos, confia-me este tesouro, para que, com sua ajuda, eu seja seu fiel administrador (cf. 1 Co 4,2) em favor de todo o Corpo místico da Igreja; para que esta seja cada vez mais a cidade sobre o monte (cf. Ap 21,10), arca de salvação que navega pelas marés da história, farol que ilumina as noites do mundo. E isso não tanto graças à mag-

nificência de suas estruturas e à grandiosidade de suas construções — como os monumentos em que nos encontramos —, mas pela santidade de seus membros, desse «povo adquirido para anunciar as maravilhas daquele que os chamou das trevas para a sua luz admirável» (1 Pe 2,9).

Acima da conversa na qual Pedro faz sua profissão de fé, há outra pergunta: «E vós, quem dizeis que eu sou?» (Mt 16,15). Não é uma questão banal; ao contrário, diz respeito a um aspecto importante de nosso ministério: a realidade em que vivemos, com seus limites e potencialidades, seus questionamentos e convicções.

«E vós, quem dizeis que eu sou?» (Mt 16,15). Pensando na cena sobre a qual refletimos, podemos encontrar duas possíveis respostas a essa pergunta, que delineiam duas atitudes distintas.

Primeiro, a resposta do mundo. Mateus indica que a conversa entre Jesus e os seus sobre sua identidade acontece na bela cidade de Cesareia de Filipe, rica em palácios luxuosos, situada em um cenário natural encantador, aos pés do Hermom, mas também sede de círculos cruéis de poder e palco de traições e infidelidades. Esta imagem nos fala de um mundo que considera Jesus uma pessoa de total irrelevância, no máximo um personagem curioso, que pode surpreender com seu modo incomum de falar e agir. E assim, quando sua presença se tornar incômoda pelas exigências de honestidade e moral que Ele propõe, esse mundo não hesitará em rejeitá-lo e eliminá-lo.

Há também outra resposta possível à pergunta de Jesus, a das pessoas comuns. Para elas, o Nazareno não é um charlatão, é um homem justo, corajoso, que fala bem e diz coisas corretas, como outros grandes profetas da história de Israel. Por isso, O seguem, pelo menos até onde podem sem grandes riscos ou inconvenientes. Mas O consideram apenas um homem e, por isso, no momento do perigo, durante a Paixão, também o abandonam e se afastam, desapontados.

Chama atenção a atualidade dessas duas atitudes. Ambas encarnam ideias que podemos encontrar facilmente — talvez expressas em linguagem diferente, mas idênticas em essência — na boca de muitos homens e mulheres de nosso tempo.

Hoje também há muitos contextos em que a fé cristã é vista como absurda, algo para pessoas fracas e pouco inteligentes, contextos em que se preferem outras seguranças distintas das que ela propõe, como tec-

nologia, dinheiro, sucesso, poder ou prazer.

Falamos de ambientes em que não é fácil testemunhar e anunciar o Evangelho, onde quem crê é ridicularizado, obstaculizado ou desprezado, ou, na melhor das hipóteses, tolerado e compadecido. E, no entanto, precisamente por isso, são lugares onde a missão é mais urgente, porque a falta de fé frequentemente leva a dramas como a perda do sentido da vida, o esquecimento da misericórdia, a violação da dignidade da pessoa em suas formas mais dramáticas, a crise da família e tantas outras feridas que acarretam sofrimento à nossa sociedade.

Também não faltam contextos em que Jesus, embora apreciado como homem, é reduzido apenas a um líder carismático ou a um super-homem, e isso não apenas entre os não crentes, mas mesmo entre muitos batizados, que assim acabam vivendo, nesse âmbito, um ateísmo de fato.

Este é o mundo que nos foi confiado, e no qual, como ensinou muitas vezes o Papa Francisco, somos chamados a dar testemunho da fé alegre em Jesus Salvador. Por isso, para nós também, é essencial repetir: «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo» (Mt 16,16).

É fundamental fazê-lo antes de tudo em nossa relação pessoal com Ele, no compromisso com um caminho diário de conversão. Mas também, como Igreja, vivendo juntos nossa pertença ao Senhor e levando a todos a Boa Notícia (cf. Concílio Vaticano II, Const. dogmática, *Lumen gentium*, 1).

Digo isso principalmente por mim, como Sucessor de Pedro, ao iniciar minha missão de Bispo da Igreja de Roma, chamada a presidir na caridade a Igreja universal, segundo a célebre expressão de S. Inácio de Antioquia (cf. Carta aos Romanos, Proêmio). Ele, conduzido em correntes a esta cidade, lugar de seu iminente sacrifício, escrevia aos cristãos que lá se encontravam: «Nesse momento serei verdadeiramente discípulo de Cristo, quando o mundo já não verá mais meu corpo» (Carta aos Romanos, IV,1). Referia-se a ser devorado pelas feras do circo — e assim aconteceu —, mas suas palavras evocam, em sentido mais geral, um compromisso irrenunciável para qualquer um que exerça um ministério de autoridade na Igreja: desaparecer para que Cristo permaneça, tornar-se pequeno para que Ele seja conhecido e glorificado (cf. Jo 3,30), gastando-se até o fim para que ninguém deixe de ter a oportunidade de conhecê-Lo e amá-Lo.

Que Deus me conceda esta graça, hoje e sempre, com a ajuda da terna intercessão de Maria, Mãe da Igreja.

3. HOMILIA DO SANTO PADRE LEÃO XIV
Na Cripta da Basílica de São Pedro
Domingo, 11 de maio de 2025

Começarei com uma palavra em inglês e depois talvez outra em italiano.

O Evangelho que acabamos de ouvir, neste Domingo do Bom Pastor, diz:

«Minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu as conheço, e elas me seguem» (Jo 10,27).

Penso no Bom Pastor, sobretudo neste domingo tão significativo do tempo pascal. Enquanto celebramos o início desta nova missão, do ministério ao qual a Igreja me chamou, não há melhor exemplo do que Jesus Cristo mesmo, a quem entregamos nossa vida e de quem dependemos. Jesus Cristo, a quem seguimos, é o Bom Pastor, e é Ele quem nos dá a vida: «o caminho, a verdade e a vida» (Jo 14,6).

Por isso celebramos com alegria este dia e apreciamos muito a sua presença aqui.

Hoje é o Dia das Mães. Creio que só há uma mãe presente: feliz Dia das Mães! Uma das expressões mais belas do amor de Deus é o amor que as mães derramam, sobretudo sobre seus filhos e netos.

Este domingo é especial por vários motivos: um dos primeiros que eu mencionaria é o das vocações. Durante os recentes trabalhos dos cardeais, antes e depois da eleição do novo Papa, falamos muito sobre as vocações na Igreja e sobre a importância de todos nós nos questionarmos juntos. Em primeiro lugar e, sobretudo, dando bom exemplo com a nossa vida, com alegria, vivendo a alegria do Evangelho, sem desanimar os outros, mas buscando formas de encorajar os jovens a ouvir a voz do Senhor, a segui-la e a servir na Igreja. «Eu sou o Bom Pastor» (Jo 10,11), nos diz Jesus.

Agora acrescento também uma palavra em italiano, porque esta missão que levamos adiante não se dirige mais a uma só diocese, mas a toda

a Igreja: este espírito universal é importante. E o encontramos também na primeira leitura que ouvimos (cf. At 13,14.43-52). Paulo e Barnabé vão a Antioquia; primeiro vão aos judeus, mas eles não querem ouvir a voz do Senhor, e então começam a anunciar o Evangelho a todo o mundo, aos pagãos. Partem, como sabemos, para esta grande missão. São Paulo chega a Roma, onde finalmente a cumpre. Outro exemplo de testemunho de um bom pastor.

Mas nesse exemplo há também um convite muito especial para todos nós. Digo-o também de maneira pessoal: anunciar o Evangelho a todo o mundo.

Ânimo! Sem medo! Muitas vezes Jesus diz no Evangelho: «Não tenham medo!». É preciso ser corajosos no testemunho que damos, com a palavra e sobretudo com a vida: dando a vida, servindo, às vezes com grandes sacrifícios, para viver precisamente essa missão.

Li uma pequena reflexão que me faz pensar muito, porque também aparece no Evangelho. Nesse sentido, alguém perguntou: «Quando pensa em sua vida, como explica onde chegou?». A resposta que dão nessa reflexão é, de certo modo, também a minha: com o verbo «ouvir».

Quão importante é ouvir! Jesus diz: «Minhas ovelhas ouvem a minha voz» (Jo 10,27). E acredito que é importante que todos aprendamos cada vez mais a ouvir, para entrar em diálogo. Em primeiro lugar, com o Senhor: ouvir sempre a Palavra de Deus. Depois, também ouvir os outros: saber construir pontes, saber ouvir para não julgar, não fechar portas, pensando que nós temos toda a verdade e que ninguém mais pode nos dizer nada. É muito importante ouvir a voz do Senhor, ouvir-nos a nós mesmos nesse diálogo, e ver para onde o Senhor nos chama.

Caminheemos juntos na Igreja, peçamos ao Senhor que nos conceda esta graça: poder ouvir a Sua Palavra para servir a todo o Seu povo.

4. HOMILIA DO PAPA LEÃO XIV
Praça de São Pedro
V Domingo de Páscoa, 18 de maio de 2025

Queridos irmãos Cardeais,
Irmãos no episcopado e no sacerdócio,
Distintas Autoridades e Membros do Corpo Diplomático!

Saúdo os peregrinos que vieram para o Jubileu das Irmandades!
Irmãos e irmãs,

no início do ministério que me foi confiado, a todos cumprimento com o coração cheio de gratidão. Escreveu Santo Agostinho: «Fizeste-nos para Vós, [Senhor,] e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em Vós» (Confissões, 1,1.1).

Nos últimos dias, vivemos tempos particularmente intensos. A morte do Papa Francisco encheu os nossos corações de tristeza e, naquelas horas difíceis, sentimo-nos como as multidões que o Evangelho diz serem «como ovelhas sem pastor» (Mt 9, 36). No entanto, precisamente no dia de Páscoa, recebemos a sua última bênção e, à luz da ressurreição, enfrentámos este momento na certeza de que o Senhor nunca abandona o seu povo, mas congrega-o quando se dispersa e guarda-o «como o pastor ao seu rebanho» (Jr 31, 10).

Neste espírito de fé, o Colégio Cardinalício reuniu-se para o Conclave. Chegando com histórias diferentes e a partir de caminhos diversos, colocámos nas mãos de Deus o desejo de eleger o novo sucessor de Pedro, o Bispo de Roma, um pastor capaz de guardar o rico património da fé cristã e, ao mesmo tempo, de olhar para longe, para ir ao encontro das interrogações, das inquietações e dos desafios de hoje. Acompanhados pela vossa oração, sentimos a ação do Espírito Santo, que soube harmonizar os diferentes instrumentos musicais e fez vibrar as cordas do nosso coração numa única melodia.

Fui escolhido sem qualquer mérito e, com temor e tremor, venho até vós como um irmão que deseja fazer-se servo da vossa fé e da vossa alegria, percorrendo convosco o caminho do amor de Deus, que nos quer a todos unidos numa única família.

Amor e unidade: estas são as duas dimensões da missão que Jesus confiou a Pedro.

É o que nos narra o trecho do Evangelho, que nos leva ao lago de Tiberíades, o mesmo onde Jesus iniciou a missão recebida do Pai: “pescar” a humanidade, resgatando-a das águas do mal e da morte. Ao passar pela margem daquele lago, chamou Pedro e os outros primeiros discípulos para serem como Ele, “pescadores de homens”, e agora, após a ressurreição, cabe-lhes precisamente a eles levar em frente esta missão,

lançar sempre e novamente a rede imergindo nas águas do mundo a esperança do Evangelho, e navegar no mar da vida para que todos se possam reencontrar no abraço de Deus.

Como pode Pedro levar adiante essa tarefa? O Evangelho diz-nos que isso só é possível porque ele experimentou na própria vida o amor infinito e incondicional de Deus, mesmo na hora do fracasso e da negação. Por isso, quando Jesus se dirige a Pedro, o Evangelho usa o verbo grego *agapao*, que se refere ao amor que Deus tem por nós, à sua entrega sem reservas nem cálculos, diferente do usado na resposta de Pedro, que descreve o amor de amizade que cultivamos entre nós.

Quando Jesus pergunta a Pedro – «Simão, filho de João, tu amas-me?» (Jo 21, 16) – refere-se ao amor do Pai. É como se Jesus lhe dissesse: só se conheceste e experimentaste este amor de Deus, que nunca falha, poderás apascentar as minhas ovelhas; só no amor de Deus Pai poderás amar os teus irmãos com «algo mais», isto é, oferecendo a vida por eles.

A Pedro, portanto, é confiada a tarefa de «amar mais» e dar a sua vida pelo rebanho. O ministério de Pedro é marcado precisamente por este amor oblato, porque a Igreja de Roma preside na caridade e a sua verdadeira autoridade é a caridade de Cristo. Não se trata nunca de capturar os outros com a prepotência, com a propaganda religiosa ou com os meios do poder, mas trata-se sempre e apenas de amar como fez Jesus.

Ele é – afirma o próprio apóstolo Pedro – «a pedra que vós, os construtores, desprezastes e que se transformou em pedra angular» (Act 4, 11). E se a pedra é Cristo, Pedro deve apascentar o rebanho sem nunca ceder à tentação de ser um líder solitário ou um chefe colocado acima dos outros, tornando-se dominador das pessoas que lhe foram confiadas (cf. 1 Pe 5, 3); pelo contrário, é-lhe pedido que sirva a fé dos irmãos, caminhando com eles: todos nós, com efeito, somos «pedras vivas» (1 Pe 2, 5), chamados pelo nosso Batismo a construir o edifício de Deus na comunhão fraterna, na harmonia do Espírito, na convivência das diversidades. Como afirma Santo Agostinho: «A Igreja é constituída por todos aqueles que mantêm a concórdia com os irmãos e que amam o próximo» (Sermão 359, 9).

Irmãos e irmãs, gostaria que fosse este o nosso primeiro grande desejo: uma Igreja unida, sinal de unidade e comunhão, que se torne fermento para um mundo reconciliado.

No nosso tempo, ainda vemos demasiada discórdia, demasiadas feridas

causadas pelo ódio, a violência, os preconceitos, o medo do diferente, por um paradigma económico que explora os recursos da Terra e marginaliza os mais pobres. E nós queremos ser, dentro desta massa, um pequeno fermento de unidade, comunhão e fraternidade. Queremos dizer ao mundo, com humildade e alegria: Olhai para Cristo! Aproximai-vos d'Ele! Acolhei a sua Palavra que ilumina e consola! Escutai a sua proposta de amor para vos tornardes a sua única família. No único Cristo somos um. E este é o caminho a percorrer juntos – entre nós, mas também com as Igrejas cristãs irmãs, com aqueles que percorrem outros caminhos religiosos, com quem cultiva a inquietação da busca de Deus, com todas as mulheres e todos os homens de boa vontade – para construirmos um mundo novo onde reine a paz.

Este é o espírito missionário que nos deve animar, sem nos fecharmos no nosso pequeno grupo nem nos sentirmos superiores ao mundo; somos chamados a oferecer a todos o amor de Deus, para que se realize aquela unidade que não anula as diferenças, mas valoriza a história pessoal de cada um e a cultura social e religiosa de cada povo.

Irmãos, irmãs, esta é a hora do amor! A caridade de Deus, que faz de nós irmãos, é o coração do Evangelho e, com o meu predecessor Leão XIII, podemos hoje perguntar-nos: «Não se veria em breve prazo estabelecer-se a pacificação, se estes ensinamentos pudessem vir a prevalecer nas sociedades?» (Carta enc. *Rerum novarum*, 14)

Com a luz e a força do Espírito Santo, construamos uma Igreja fundada no amor de Deus e sinal de unidade, uma Igreja missionária, que abre os braços ao mundo, que anuncia a Palavra, que se deixa inquietar pela história e que se torna fermento de concórdia para a humanidade.

Juntos, como único povo, todos irmãos, caminhemos ao encontro de Deus e amemo-nos uns aos outros.

5. HOMILIA DO PAPA LEÃO XIV

Basílica de São Paulo Extramuros

Terça-feira, 20 de maio de 2025

A passagem bíblica que ouvimos é o início de uma linda carta dirigida por São Paulo aos cristãos de Roma, cuja mensagem gira em torno de três grandes temas: a graça, a fé e a justiça. Ao confiarmos o início deste novo Pontificado à intercessão do Apóstolo dos Gentios, meditemos

juntos sobre a sua mensagem.

São Paulo diz, primeiramente, que recebeu de Deus a graça da vocação (cf. Rm 1, 5). Ou seja, reconhece que o seu encontro com Cristo e o seu ministério estão ligados ao amor com que Deus o amou primeiro, chamando-o a uma nova existência, quando ele ainda estava longe do Evangelho e perseguia a Igreja. Santo Agostinho - também ele convertido - fala da mesma experiência, dizendo: «Mas o que podemos escolher, se antes não formos escolhidos? Porque não conseguiremos amar, se antes não formos amados» (Sermão 34, 2). Na raiz de toda a vocação está Deus: a sua misericórdia, a sua bondade, generosa como a de uma mãe (cf. Is 66, 12-14), que naturalmente, através do seu próprio corpo, alimenta o seu filho quando este ainda não é capaz de se alimentar a si mesmo (cf. Santo Agostinho, Comentário aos Salmos, 130, 9).

Mas Paulo, no mesmo trecho, fala também da «obediência da fé» (Rm 1, 5), e também aqui partilha a sua experiência. Com efeito, o Senhor, ao aparecer-lhe no caminho de Damasco (cf. Act 9, 1-30), não o privou da liberdade, mas deixou-lhe a possibilidade de uma escolha, de uma obediência que era fruto do esforço, de lutas interiores e exteriores, que ele aceitou enfrentar. A salvação não acontece por magia, mas por um mistério de graça e de fé, do amor prévio de Deus e da adesão confiante e livre do homem (cf. 2Tm 1, 12).

Ao mesmo tempo que agradecemos ao Senhor a vocação com que transformou a vida de Saulo, pedimos-lhe que saibamos responder do mesmo modo aos seus convites, tornando-nos testemunhas do amor «derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado» (Rm 5, 5). Pedimos-lhe que saibamos cultivar e difundir a sua caridade, tornando-nos próximos uns dos outros (cf. Francisco, Homilia das segundas vésperas da Solenidade da Conversão de São Paulo, 25 de janeiro de 2024), no mesmo combate de sentimentos que, a partir do encontro com Cristo, levou o antigo perseguidor a fazer-se «tudo para todos» (1 Cor 9, 22), até ao martírio. Assim, na fraqueza da carne, para nós como para ele, revelar-se-á o poder da fé no Deus que justifica (cf. Rm 5, 1-5).

Esta Basílica está confiada, há séculos, aos cuidados de uma comunidade beneditina. Falando, portanto, do amor como fonte e motor do anúncio do Evangelho, como não recordar os insistentes apelos de São Bento, na sua Regra, à caridade fraterna no mosteiro e à hospitalidade para com todos (Regra, capítulos LIII; LXIII)?

Mas gostaria de concluir recordando as palavras que, mais de mil anos depois, outro Bento, o Papa Bento XVI, dirigiu aos jovens: «Queridos amigos – disse – Deus ama-nos. Esta é a grande verdade da nossa vida e que dá sentido a tudo o mais. [...] na origem da nossa existência, há um projeto de amor de Deus» e a fé «nos leva a abrir o nosso coração a este mistério de amor e a viver como pessoas que se sabem amadas por Deus» (Homilia na Vigília de Oração com os jovens, Madrid, 20 de agosto de 2011).

Esta é a raiz, simples e única, de toda a missão, incluindo a minha, como sucessor de Pedro e herdeiro do zelo apostólico de Paulo. Que o Senhor me dê a graça de corresponder fielmente ao seu chamamento.

6. HOMILIA DO PAPA LEÃO XIV
Basílica de São João de Latrão
VI Domingo de Páscoa, 25 de maio de 2025

Dirijo uma cordial saudação aos senhores Cardeais presentes, em particular ao Cardeal Vigário, aos Bispos auxiliares e a todos os Bispos, aos queridos Sacerdotes – Párocos, Vigários paroquiais e todos aqueles que, de diferentes modos, cooperam com o cuidado pastoral das nossas comunidades –; saúdo também os diáconos, os religiosos e religiosas, as autoridades e todos vós, queridos fiéis.

A Igreja de Roma é herdeira de uma grande história, enraizada no testemunho de Pedro, de Paulo e de inúmeros mártires, e tem uma única missão, muito bem expressa pelo que está escrito na fachada desta Catedral: ser Mater omnium Ecclesiarum, Mãe de todas as Igrejas.

O Papa Francisco, frequentemente, convidou-nos a meditar sobre a dimensão materna da Igreja (cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 46-49.139-141; Catequese, 13 de janeiro de 2016) e sobre as características que lhe são próprias: a ternura, a disponibilidade ao sacrifício e aquela capacidade de escuta que permite não só socorrer, mas muitas vezes prover às necessidades e às expectativas, antes mesmo que sejam manifestadas. Estes são traços que desejamos que cresçam em todo o povo de Deus, e também aqui, na nossa grande família diocesana: nos fiéis e nos pastores, a começar por mim. As leituras que ouvimos podem ajudar-nos a refletir sobre estes traços.

Nos Atos dos Apóstolos (cf. 15, 1-2.22-29) narra-se, em particular, como a comunidade primitiva enfrentou o desafio da abertura ao mundo pagão no anúncio do Evangelho. Não foi uma tarefa fácil: exigiu muita paciência e escuta recíproca; isto aconteceu, primeiramente, dentro da comunidade de Antioquia, onde os irmãos, dialogando – e também discutindo –, chegaram juntos a uma definição sobre a questão. Depois, porém, Paulo e Barnabé subiram a Jerusalém. Não decidiram por conta própria: procuraram a comunhão com a Igreja mãe e foram até lá com humildade.

Ali encontraram Pedro e os Apóstolos, que os ouviram. Assim se iniciou o diálogo que finalmente levou à decisão correta: reconhecendo e considerando as dificuldades dos neófitos, concordou-se em não lhes impor encargos excessivos, mas limitar-se a pedir o essencial (cf. Act 15, 28-29). Assim, o que poderia parecer um problema, tornou-se para todos uma ocasião de reflexão e crescimento.

O texto bíblico, no entanto, nos diz mais, indo além da já rica e interessante dinâmica humana do evento.

Isso é revelado pelas palavras que os irmãos de Jerusalém dirigem, por carta, aos de Antioquia, comunicando-lhes as decisões tomadas. Eles escrevem: «o Espírito Santo e nós próprios resolvemos» (Act 15, 28). Enfatizam, portanto, que a atitude mais importante em toda a questão – aquela que tornou possível todo o resto – foi a escuta da voz de Deus. Assim, eles nos lembram que a comunhão se constrói primeiramente “de joelhos”, na oração e num compromisso contínuo de conversão. Na realidade, somente com esta atitude cada um pode ouvir dentro de si a voz do Espírito que clama: «Abbá! Pai!» (Gal 4, 6) e, conseqüentemente, ouvir e compreender os outros como irmãos.

Também o Evangelho nos reafirma esta mensagem (cf. Jo 14, 23-29), dizendo-nos que não estamos sozinhos nas escolhas da vida. O Espírito nos sustenta e nos indica o caminho a seguir, “ensinando-nos” e “lembrando-nos” tudo o que disse Jesus (cf. Jo 14, 26).

Em primeiro lugar, o Espírito nos ensina as palavras do Senhor, gravando-as profundamente em nós, segundo a imagem bíblica da lei escrita não mais em tábuas de pedra, mas nos nossos corações (cf. Jr 31, 33); um dom que nos ajuda a crescer até nos tornarmos “carta de Cristo” (cf. 2 Cor 3, 3) uns para os outros. E é exatamente assim: somos tanto mais capazes de anunciar o Evangelho quanto mais nos deixamos conquistar e transformar por ele, permitindo que a força do Espírito nos purifique no

íntimo, torne simples as nossas palavras, honestos e transparentes os nossos desejos, generosas as nossas ações.

E aqui entra em cena o outro verbo: “recordar”, ou seja, voltar a dirigir a atenção do coração para o que vivemos e aprendemos, para penetrar mais profundamente no seu significado e saborear a sua beleza.

Penso, a este respeito, no exigente caminho que a Diocese de Roma está percorrendo nestes anos, articulado em vários níveis de escuta: em direção do mundo que a rodeia, para acolher os seus desafios, e dentro das comunidades, para compreender as necessidades e promover sábias e proféticas iniciativas de evangelização e caridade. É um caminho difícil, ainda em curso, que procura abranger uma realidade muito rica, mas também muito complexa. É, entretanto, digno da história desta Igreja, que tantas vezes demonstrou saber pensar de modo magnânimo, dedicando-se sem reservas a projetos corajosos e assumindo riscos, mesmo perante cenários novos e desafiadores.

Um sinal disto é o grande empenho com que toda a diocese, justamente nestes dias, tem se dedicado ao Jubileu, no acolhimento e cuidado dos peregrinos e em inúmeras outras iniciativas. Graças a tantos esforços, a cidade se apresenta àqueles que nela chegam – às vezes de muito longe – como uma grande casa aberta e acolhedora e, sobretudo, como um lar de fé.

Quanto a mim, expresso o desejo e o compromisso de entrar neste vasto canteiro, colocando-me, na medida do possível, à escuta de todos, para aprender, compreender e decidir juntos: «para vós sou Bispo, convosco sou cristão», como dizia Santo Agostinho (cf. Sermão 340, 1). Peço-vos que me ajudem a fazê-lo num esforço comum de oração e caridade, recordando as palavras de São Leão Magno: «Todo o bem realizado por nós no exercício do nosso ministério é obra de Cristo, e não nossa; pois nada podemos sem Ele, mas é n’Ele que nos gloriamos, d’Ele que provém toda a eficácia da nossa ação» (Sermão 5, De natali ipsius, 4).

Para concluir, gostaria de acrescentar a essas palavras aquilo que disse o Beato João Paulo I, que em 23 de setembro de 1978, com o rosto radiante e sereno que já lhe valera o apelido de “Papa do sorriso”, assim saudou a sua nova família diocesana: «São Pio X – dizia ele – entrando como Patriarca em Veneza, exclamou em São Marcos: “Que seria de mim, venezianos, se não vos amasse?”. Eu digo aos Romanos coisa semelhante: posso assegurar-vos que vos amo, que só desejo começar a

servir-vos e pôr à disposição de todos as minhas pobres forças, aquele pouco que tenho e sou» (Homilia na tomada de posse da Cátedra do Bispo de Roma, 23 de setembro de 1978).

Também eu vos expresso todo o meu carinho, com o desejo de partilhar convosco, no caminho comum, alegrias e dores, cansaços e esperanças. Também eu vos ofereço “o pouco que tenho e que sou”, e confio-o à intercessão dos Santos Pedro e Paulo e de tantos outros irmãos e irmãs, cuja santidade iluminou a história desta Igreja e as ruas desta cidade. Que a Virgem Maria nos acompanhe e interceda por nós.

7. HOMILIA DO PAPA LEÃO XIV

Basílica de São Pedro

Festa da Visitação de Nossa Senhora - Sábado, 31 de maio de 2025

Amados irmãos e irmãs!

Hoje é um dia de grande alegria para a Igreja e para cada um de vós, ordinandos presbíteros, com os vossos familiares, amigos e companheiros de caminho durante os anos de formação. Como o Rito da Ordenação realça em várias passagens, a relação entre o que hoje celebramos e o povo de Deus é fundamental. A profundidade, a amplitude e até a duração do júbilo divino que agora partilhamos são diretamente proporcionais aos vínculos que existem e crescerão entre vós, ordinandos, e o povo do qual provindes, do qual permanecéis parte e ao qual sois enviados. Meditarei sobre este aspeto, tendo sempre presente que a identidade do sacerdote depende da união com Cristo, sumo e eterno sacerdote.

Somos povo de Deus. O Concílio Vaticano II tornou mais viva esta consciência, praticamente antecipando um tempo em que a pertença se tornaria mais frágil e o sentido de Deus mais rarefeito. Sois testemunhas de que Deus não se cansou de reunir os seus filhos, por mais diversos que sejam, e de os constituir numa unidade dinâmica. Não se trata de uma ação impetuosa, mas daquela brisa suave que devolveu a esperança ao profeta Elias na hora do desânimo (cf. 1 Rs 19, 12). A alegria de Deus não é ruidosa, mas muda verdadeiramente a história, aproximando-nos uns dos outros. Um ícone disto é o mistério da Visitação, que a Igreja contempla no último dia de maio. Do encontro entre a Virgem Maria e a prima Isabel vemos brotar o Magnificat, cântico de um povo visitado pela graça.

As Leituras acabadas de proclamar ajudam-nos a interpretar o que acontece também entre nós. Em primeiro lugar, no Evangelho Jesus não nos aparece esmagado pela morte iminente, nem pela desilusão de laços interrompidos ou inacabados. Pelo contrário, o Espírito Santo intensifica estes laços ameaçados. Na oração, eles tornam-se mais fortes do que a morte. Em vez de pensar no seu destino pessoal, Jesus coloca nas mãos do Pai os vínculos que construiu aqui na terra. Nós fazemos parte deles! Com efeito, o Evangelho chegou até nós através de laços que o mundo pode desgastar, mas não destruir.

Prezados ordinandos, concebei-vos, pois, a vós mesmos à maneira de Jesus! Ser de Deus - servos de Deus, povo de Deus - liga-nos à terra: não a um mundo ideal, mas ao real. Como Jesus, são pessoas de carne e osso que o Pai coloca no vosso caminho. Consagrai-vos a elas, sem vos separar delas, sem vos isolardes, sem fazer do dom recebido uma espécie de privilégio. O Papa Francisco advertiu-nos muitas vezes contra isso, pois a autorreferencialidade extingue o fogo do espírito missionário.

A Igreja é constitutivamente extrovertida, como extrovertidas são a vida, a paixão, a morte e a ressurreição de Jesus. Fareis vossas as suas palavras em cada Eucaristia: é «por vós e por todos». Jamais alguém viu a Deus. Ele veio ao nosso encontro, saiu de si mesmo. O Filho tornou-se a exegese, a narração viva. E concedeu-nos o poder de nos tornarmos filhos de Deus. Não procureis, não procuremos outro poder!

O gesto da imposição das mãos, com o qual Jesus acolhia as crianças e curava os doentes, renove em vós o poder libertador do seu ministério messiânico. Nos Atos dos Apóstolos, aquele gesto que em breve repetiremos é a transmissão do Espírito criador. Assim, o Reino de Deus põe agora em comunhão as vossas liberdades pessoais, dispostas a sair de si mesmas, enxertando as vossas inteligências e as vossas forças jovens na missão jubilar que Jesus transmitiu à sua Igreja.

Na sua saudação aos anciãos da comunidade de Éfeso, da qual ouvimos alguns fragmentos na primeira Leitura, Paulo transmite-lhes o segredo de cada missão: «O Espírito Santo constituiu-vos guardiães» (At 20, 28). Não senhores, mas guardiães! A missão é de Jesus! Ele ressuscitou, portanto está vivo e precede-nos. Nenhum de nós é chamado a substituí-lo. O dia da Ascensão educa-nos para a sua presença invisível. Ele confia em nós, concede-nos espaço; chegou a dizer: «É bom para vós que eu parta» (Jo 16, 7). Estimados ordinandos, também nós Bis-

pos, envolvendo-vos hoje na missão, vos concedemos espaço. E vós dai espaço aos fiéis e a cada criatura, de quem o Ressuscitado está próximo e em quem gosta de nos visitar e surpreender. O povo de Deus é mais numeroso do que vemos. Não definamos os seus confins!

De São Paulo, daquele seu comovente discurso de despedida, gostaria de frisar uma segunda palavra. Na realidade, ela precede todas as outras. Ele pode dizer: «Vós sabeis como me comportei convosco durante todo este tempo» (At 20, 18). Conservemos esta expressão bem gravada no coração e na mente! «Vós sabeis como me comportei»: a transparência da vida. Vidas conhecidas, vidas legíveis, vidas credíveis! Permaneçamos no seio do povo de Deus, para poder estar diante dele, com testemunho credível.

Juntos, pois, reconstruiremos a credibilidade de uma Igreja ferida, enviada a uma humanidade ferida, no seio de uma criação ferida. Ainda não somos perfeitos, mas é preciso ser credível!

Jesus ressuscitado mostra-nos as suas feridas e, embora elas sejam sinal de rejeição por parte da humanidade, perdoa-nos e envia-nos. Não nos esqueçamos disto! Hoje Ele sopra também sobre nós (cf. Jo 20, 22), tornando-nos ministros de esperança. «Desde agora em diante, a ninguém conhecemos segundo a carne» (2 Cor 5, 16): tudo o que, aos nossos olhos, está quebrado e perdido aparece-nos agora no sinal da reconciliação.

«Porque o amor de Cristo nos possui», caros irmãos e irmãs! É uma posse que liberta e que nos permite não possuir ninguém. Libertar, não possuir! Somos de Deus: não há maior riqueza a apreciar e partilhar! É a única riqueza que, compartilhada, se multiplica. Queremos levá-la, juntos, ao mundo que Deus amou de tal modo que deu o seu Filho único (cf. Jo 3, 16).

Assim, está cheia de sentido a vida oferecida por estes irmãos, que em breve serão ordenados presbíteros. Agradeçamos-lhes e demos graças a Deus que os chamou ao serviço de um povo inteiramente sacerdotal. Com efeito, juntos unimos o céu e a terra. Em Maria, Mãe da Igreja, resplandece este sacerdócio comum que eleva os humildes, une as gerações e nos faz chamar bem-aventurados (cf. Lc 1, 48.52). Que Ela, Nossa Senhora da Confiança, Mãe da Esperança, interceda por nós!

8. HOMILIA DO PAPA LEÃO XIV
Praça de São Pedro
VII Domingo da Páscoa, 1 de junho de 2025

O Evangelho que acaba de ser proclamado mostra-nos Jesus rezando por nós na Última Ceia (cf. Jo 17, 20): o Verbo de Deus, feito homem, já perto do fim da sua vida terrena, pensa em nós, seus irmãos, tornando-se bênção, súplica e louvor ao Pai, com a força do Espírito Santo. E também nós, ao entrarmos na oração de Jesus cheios de admiração e confiança, somos envolvidos pelo seu próprio amor num grande projeto, que diz respeito a toda a humanidade.

Cristo pede, com efeito, que todos sejamos «um só» (v. 21). Trata-se do maior bem que possa ser desejado, porque esta união universal realiza entre as criaturas a comunhão eterna de amor em que se identifica o próprio Deus, como Pai que dá a vida, Filho que a recebe e Espírito que a partilha.

O Senhor não quer que nos juntemos numa massa indistinta, como um bloco sem nome, apenas com o fim de estarmos unidos, mas deseja que sejamos um: «como Tu, Pai, estás em mim e Eu em ti; para que assim eles estejam em Nós» (v. 21). A unidade pela qual Jesus reza é, portanto, uma comunhão fundada no mesmo amor com que Deus ama, do qual provêm a vida e a salvação. E, como tal é, primeiramente, um dom que Jesus vem trazer. É, pois, a partir do seu coração de homem que o Filho de Deus se dirige ao Pai dizendo: «Eu neles e Tu em mim, para que eles cheguem à perfeição da unidade e assim o mundo reconheça que Tu me enviaste e que os amaste a eles como a mim» (v. 23).

Ouçamos com admiração estas palavras: Jesus está a revelar-nos que Deus nos ama como ama a si mesmo. O Pai não nos ama menos do que ama o seu Filho Único, isto é, infinitamente. Deus não ama menos, porque ama antes, ama por primeiro! O próprio Cristo testemunha isso quando diz que o Pai o amou «antes da criação do mundo» (v. 24). E é exatamente assim: na sua misericórdia, Deus sempre quis atrair todos os homens para si, e é a sua vida, entregue por nós em Cristo, que nos faz um, que nos une uns aos outros.

Ouvir hoje esse Evangelho, durante o Jubileu das Famílias, das Crianças, dos Avós e dos Idosos, enche-nos de alegria.

Caríssimos, recebemos a vida antes de a termos desejado. Como ensinou o Papa Francisco, «todos os homens são filhos, mas nenhum de nós escolheu nascer» (Angelus, 1 de janeiro de 2025). E não só. Assim que nascemos, tivemos necessidade dos outros para viver, já que sozinhos não teríamos conseguido: foi outra pessoa que nos ajudou, cuidando de nós, do nosso corpo e do nosso espírito. Assim sendo, todos nós vivemos graças a uma relação, ou seja, a um vínculo livre e libertador de humanidade e de cuidado recíproco.

É verdade que às vezes essa humanidade é traída. Por exemplo, cada vez que se invoca a liberdade não para dar a vida, mas para tirá-la; não para socorrer, mas para ofender. No entanto, mesmo diante do mal, que cria discórdia e mata, Jesus continua a interceder por nós junto ao Pai, e a sua oração age como um bálsamo nas nossas feridas, tornando-se para todos um anúncio de perdão e reconciliação. Essa oração do Senhor dá sentido pleno aos momentos luminosos do nosso querer bem aos outros, como pais, avós, filhos e filhas. E é isso que queremos anunciar ao mundo: estamos aqui para sermos “um”, como o Senhor nos quer “um”, nas nossas famílias e onde quer que vivamos, trabalhemos e estudemos: diferentes, mas um; muitos, mas um; sempre, em todas as circunstâncias e em todas as etapas da vida.

Caríssimos, se nos amarmos assim, sobre o fundamento de Cristo, que é «o Alfa e o Ômega», «o Princípio e o Fim» (cf. Ap 22, 13), seremos sinal de paz para todos na sociedade e no mundo. E não esqueçamos: das famílias nasce o futuro dos povos.

Nas últimas décadas, recebemos um sinal que nos enche de alegria e, ao mesmo tempo, nos faz refletir: refiro-me à Beatificação e Canonização de casais, não separadamente, mas juntos, enquanto casais. Penso em Luís e Zélia Martin, pais de Santa Teresinha do Menino Jesus; como também os Beatos Luís e Maria Beltrame Quattrocchi, cuja vida familiar transcorreu em Roma no século passado. E não nos esqueçamos da família polaca Ulma: pais e filhos unidos no amor e no martírio. Eu dizia que se trata de um sinal que faz pensar, pois a Igreja, apresentando-os como testemunhos exemplares dos cônjuges, diz-nos realmente que o mundo de hoje precisa da aliança conjugal para conhecer e acolher o amor de Deus e superar, com a sua força que une e reconcilia, as forças que desagregam as relações e as sociedades.

Por isso, digo a vós, esposos, com o coração cheio de gratidão e esperança: o casamento não é um ideal, mas a regra do verdadeiro amor en-

tre o homem e a mulher; amor total, fiel, fecundo (cf. São Paulo VI, Carta enc. Humanae vitae, 9). Esse mesmo amor, ao transformar-vos numa só carne, torna-vos capazes de, à imagem de Deus, doar a vida.

Portanto, encorajo-vos a ser exemplos de coerência para os vossos filhos, comportando-vos como quereis que eles se comportem, educando-os para a liberdade através da obediência, procurando sempre os meios para aumentar o bem que existe neles. E vós, filhos, sede gratos aos vossos pais: dizer “obrigado” pelo dom da vida e pelos dons que recebemos todos os dias é a primeira forma de honrar o pai e a mãe (cf. Ex 20, 12). Por fim, a vós, queridos avós e idosos, recomendo que cuideis daqueles que amais, com sabedoria e compaixão, com a humildade e a paciência que os anos ensinam.

Na família, a fé é transmitida, de geração em geração, juntamente com a vida: é partilhada como o alimento da mesa e os afetos do coração. Isso torna-a um lugar privilegiado para encontrar Jesus, que nos ama e quer sempre o nosso bem.

Gostaria de acrescentar uma última coisa. A oração do Filho de Deus, que nos infunde esperança ao longo do caminho, lembra-nos também que um dia seremos todos uno unum (cf. Santo Agostinho, Enarr. In. Ps., 127): uma só coisa no único Salvador, abraçados pelo amor eterno de Deus. Não somente nós, mas também os pais e as mães, as avós e os avôs, os irmãos, as irmãs e os filhos que já nos precederam na luz da Páscoa eterna e que sentimos presentes aqui, junto a nós, neste momento de festa.

9.HOMILIA DO PAPA LEÃO XIV

Praça de São Pedro

Sábado, 7 de junho de 2025

Queridos irmãos e irmãs!

O Espírito criador que invocamos no canto – Veni creator Spiritus – é o Espírito que desceu sobre Jesus, o protagonista silencioso da sua missão: «O Espírito do Senhor está sobre mim» (Lc 4, 18). Ao pedirmos que visite as nossas almas, multiplique as línguas, ilumine a nossa mente, infunda o amor, fortaleça os corpos, dê a paz, abrimo-nos ao Reino de Deus. Essa é a conversão segundo o Evangelho: voltarmo-nos para o Reino que já está próximo.

Em Jesus vemos e d'Ele ouvimos que tudo se transforma, porque Deus reina, porque Deus está perto. Nesta vigília de Pentecostes, estamos profundamente envolvidos na proximidade de Deus, pelo seu Espírito que une as nossas histórias com a de Jesus. Isto é, estamos envolvidos nas coisas novas que Deus faz, para que a sua vontade de vida se realize e prevaleça sobre os desejos de morte.

«Porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor» (Lc 4, 18-19). Sentimos aqui o perfume do Crisma, com o qual a nossa fronte também foi marcada. O Batismo e a Confirmação, queridos irmãos e irmãs, uniram-nos à missão transformadora de Jesus, ao Reino de Deus. Assim como o amor torna familiar o perfume de uma pessoa querida, reconhecemos, nesta noite, o perfume de Cristo uns nos outros. É um mistério que nos maravilha e nos faz pensar.

No Pentecostes, Maria, os Apóstolos, as discípulas e os discípulos que estavam com eles foram investidos de um Espírito de unidade, que enraizou para sempre as suas diversidades no único Senhor Jesus Cristo. Não muitas missões, mas uma única missão. Não introvertidos e conflituosos, mas extrovertidos e luminosos. Esta Praça de São Pedro, que é como um abraço aberto e acolhedor, expressa de modo magnífico a comunhão da Igreja, vivida por cada um de vós nas diversas experiências associativas e comunitárias, muitas das quais representam frutos do Concílio Vaticano II.

Na tarde da minha eleição, olhando com emoção para o povo de Deus aqui reunido, lembrei da palavra “sinodalidade”, que expressa muito bem o modo como o Espírito molda a Igreja. Nessa palavra, ressoa o syn – o “com” – que constitui o segredo da vida de Deus. Deus não é solidão. Deus é em si mesmo “com” – Pai, Filho e Espírito Santo – e é Deus conosco. Ao mesmo tempo, sinodalidade recorda-nos o caminho – odós – porque onde está o Espírito, há movimento, há caminho. Somos um povo em caminho. Essa consciência não nos afasta, mas faz-nos mergulhar na humanidade, como o fermento, que leveda toda a massa. O ano da graça do Senhor, do qual o Jubileu é expressão, traz em si este fermento. Num mundo dilacerado e sem paz, o Espírito Santo educa-nos verdadeiramente a caminhar juntos. Se não nos movermos mais como predadores, mas como peregrinos, a terra descansará, a justiça prevalecerá, os pobres se alegrarão e a paz voltará. Não mais cada um por si, mas

harmonizando os nossos passos com os passos dos outros. Não consumindo o mundo com voracidade, mas cultivando e cuidando dele, como nos ensina a Encíclica *Laudato si'*.

Caríssimos, Deus criou o mundo para que pudéssemos estar juntos. “Sinodalidade” é o nome eclesial desta consciência. É o caminho que exige que cada um reconheça a sua dívida e o seu tesouro, sentindo-se parte de um todo, fora do qual tudo murcha, mesmo o mais original dos carismas. Reparai: toda a criação existe somente na modalidade do estar juntos, às vezes com perigos, mas sempre um estar juntos (cf. *Laudato si'*, 16; 117). E o que chamamos de “história” toma forma somente na modalidade do reunir-se, do viver juntos, muitas vezes cheio de dissídios, mas sempre um viver juntos. O contrário é mortal, mas, infelizmente, está diante dos nossos olhos, todos os dias. Então, que as vossas agregações e comunidades sejam ginásios de fraternidade e participação, não apenas como locais de encontro, mas como lugares de espiritualidade. O Espírito de Jesus muda o mundo porque muda os corações. Ele inspira, realmente, aquela dimensão contemplativa da vida que rejeita a autoafirmação, a murmuração, o espírito de contenda, o domínio das consciências e dos recursos. O Senhor é o Espírito e onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade (cf. 2 Cor 3, 17). Portanto, a autêntica espiritualidade implica o compromisso com o desenvolvimento humano integral, atualizando entre nós a palavra de Jesus. Onde isso acontece, há alegria. Alegria e esperança.

A evangelização, queridos irmãos e irmãs, não é uma conquista humana do mundo, mas a graça infinita que se difunde a partir de vidas transformadas pelo Reino de Deus. É o caminho das Bem-aventuranças, uma estrada que percorremos juntos, na tensão entre “já” e o “ainda não”, famintos e sedentos de justiça, pobres de espírito, misericordiosos, mansos, puros de coração, construtores da paz. Para seguir Jesus neste percurso escolhido por Ele, não são necessários apoiadores poderosos, compromissos mundanos, estratégias emocionais. A evangelização é obra de Deus e, se por vezes passa através de nós, é pelos laços que ela torna possíveis. Portanto, permaneçei profundamente ligados a cada uma das Igrejas particulares e das comunidades paroquiais onde alimentais e exerceis os vossos carismas. Em torno dos vossos bispos e em sinergia com todos os outros membros do Corpo de Cristo, agiremos, então, em harmoniosa sintonia. Se juntos obedecermos ao Espírito Santo, os desafios que a humanidade enfrenta serão menos assustadores, o futuro menos sombrio e o discernimento menos difícil! Que Maria, Rainha dos Apóstolos e Mãe da Igreja, interceda por nós.

10.HOMILIA DO PAPA LEÃO XIV
Praça São Pedro
Domingo, 8 de junho de 2025

Irmãos e irmãs,

«Este é o dia solene em que, depois de sua Ressurreição e depois da glória de sua Ascensão, Jesus Cristo Nosso Senhor enviou o Espírito Santo» (Santo Agostinho, Sermão 271, 1). Também hoje renova-se o que aconteceu no Cenáculo: como um vento impetuoso que nos agita, como um estrondo que nos desperta, como um fogo que nos ilumina, desce sobre nós o dom do Espírito Santo (cf. Act 2, 1-11).

Como ouvimos na primeira leitura, o Espírito realiza algo extraordinário na vida dos Apóstolos. Após a morte de Jesus, eles se enclausuraram no medo e na tristeza, mas agora recebem finalmente um olhar novo e uma inteligência do coração que os ajuda a interpretar o que havia acontecido e a fazer a experiência íntima da presença do Ressuscitado: o Espírito Santo vence o medo, quebra as correntes interiores, alivia as feridas, unge-os de força e lhes dá a coragem de sair ao encontro de todos para anunciar as obras de Deus.

O trecho dos Atos dos Apóstolos diz-nos que havia em Jerusalém, naquele momento, uma multidão proveniente de vários lugares, mas que «cada um os ouvia falar na sua própria língua» (v. 6). Eis que, então, na festa de Pentecostes, as portas do cenáculo se abrem porque o Espírito abre as fronteiras. Como afirmou Bento XVI: «O Espírito Santo concede o dom da compreensão. Ultrapassa a ruptura que teve início em Babel – a confusão dos corações, que nos faz ser uns contra os outros – e abre as fronteiras. [...] A Igreja deve tornar-se sempre de novo aquilo que ela já é: deve abrir as fronteiras entre os povos e romper as barreiras entre as classes e as raças. Nela não podem haver esquecidos nem desprezados. Na Igreja existem unicamente irmãos e irmãs livres em Jesus Cristo» (Homilia em Pentecostes, 15 de maio de 2005).

Eis uma imagem eloquente de Pentecostes sobre a qual gostaria de meditar convosco. O Espírito abre as fronteiras principalmente dentro de nós. É o Dom que desvela a nossa vida para o amor. E essa presença do Senhor desfaz a nossa dureza, o nosso fechamento, o egoísmo, os medos que nos bloqueiam e o narcisismo que faz-nos rodar apenas em torno de nós mesmos. O Espírito Santo vem para desafiar, em nós, o risco de uma vida que se atrofia, sugada pelo individualismo. É triste observar como num

mundo onde se multiplicam as oportunidades de socialização, corremos o risco de ser paradoxalmente mais solitários, sempre conectados, mas incapazes de “fazer redes”, sempre imersos na multidão, mas permanecendo viajantes perdidos e solitários.

O Espírito de Deus, em vez disso, faz-nos descobrir uma nova maneira de ver e viver a vida: abre-nos ao encontro com nós mesmos, para além das máscaras que usamos; conduz-nos ao encontro com o Senhor, educando-nos a experimentar a sua alegria; convence-nos – segundo as próprias palavras de Jesus há pouco proclamadas – que só se permanecermos no amor, é que receberemos também a força para observar a sua Palavra e, assim, sermos transformados por ela. Ele abre as fronteiras dentro de nós, para que a nossa vida se torne um espaço de acolhimento.

O Espírito, além disso, abre as fronteiras também nas nossas relações. Com efeito, Jesus diz que este Dom é o amor entre Ele e o Pai que vem habitar em nós. E quando o amor de Deus habita em nós, tornamo-nos capazes de abrirmo-nos aos irmãos, de vencer a nossa rigidez, de superar o medo em relação ao que é diferente, de educar as paixões que se agitam dentro de nós. Mas o Espírito transforma também os perigos mais ocultos que envenenam as nossas relações, como os mal-entendidos, os preconceitos, as instrumentalizações. Penso também – com muita dor – em quando uma relação é infestada pela vontade de dominar o outro, uma atitude que frequentemente desemboca na violência, como infelizmente demonstram os numerosos e recentes casos de feminicídio.

O Espírito Santo, ao contrário, faz amadurecer em nós os frutos que nos ajudam a viver relações verdadeiras e boas: «amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio» (Gl 5, 22-23). Dessa forma, o Espírito alarga as fronteiras das nossas relações com os outros e nos abre à alegria da fraternidade. E esse é um critério decisivo também para a Igreja: só somos verdadeiramente a Igreja do Ressuscitado e discípulos de Pentecostes se entre nós não houver fronteiras nem divisões, se na Igreja soubermos dialogar e acolher-nos mutuamente, integrando as nossas diversidades, e se, como Igreja, nos tornarmos um espaço acolhedor e hospitaleiro para todos.

Por fim, o Espírito abre as fronteiras também entre os povos. Em Pentecostes, os Apóstolos falam as línguas daqueles que encontram e o caos de Babel é finalmente pacificado pela harmonia gerada pelo Espírito.

As diferenças, quando o Sopro divino une os nossos corações e faz-nos ver no outro o rosto de um irmão, não se tornam ocasião de divisão e conflito, mas um tesouro comum, do qual todos podemos tirar proveito e que nos coloca em caminho, todos juntos, na fraternidade.

O Espírito rompe fronteiras e derruba os muros da indiferença e do ódio, porque “nos ensina tudo” e “nos recorda as palavras de Jesus” (cf. Jo 14, 26); e, por isso, primeiramente ensina, recorda e grava nos nossos corações o mandamento do amor, que o Senhor colocou no centro e no ápice de tudo. E onde há amor, não há espaço para preconceitos, para distâncias de segurança que nos afastam do próximo, para a lógica da exclusão que vemos emergir, infelizmente, também nos nacionalismos políticos.

Justamente ao celebrar a Solenidade de Pentecostes, o Papa Francisco observou que «hoje, no mundo, há tanta discórdia, tanta divisão! Estamos conectados e, contudo, vivemos desligados uns dos outros, anestesiados pela indiferença e oprimidos pela solidão» (Homilia, 28 de maio de 2023). As guerras que agitam o nosso planeta são um sinal trágico de tudo isso. Invoquemos o Espírito do amor e da paz, a fim de que abra as fronteiras, derrube os muros, dissolva o ódio e nos ajude a viver como filhos do único Pai que está nos céus.

Irmãos e irmãs: Pentecostes renova a Igreja e o mundo! Que o vento vigoroso do Espírito desça sobre nós e em nós abra as fronteiras do coração, dê-nos a graça do encontro com Deus, amplie os horizontes do amor e sustente os nossos esforços pela construção de um mundo onde reine a paz. Que Maria Santíssima, Mulher do Pentecostes, Virgem visitada pelo Espírito, Mãe cheia de graça, nos acompanhe e interceda por nós.

11. HOMILIA DO PAPA LEÃO XIV

Basílica de São Pedro

Bem-Aventurada Virgem Maria Mãe da Igreja - Segunda-feira, 9 de junho de 2025

Queridos irmãos e irmãs,

Hoje temos a alegria e a graça de celebrar o Jubileu da Santa Sé na memória litúrgica de Maria Mãe da Igreja. Esta feliz coincidência é fonte de luz e de inspiração interior no Espírito Santo, que se derramou em abun-

dância sobre o povo de Deus ontem, Domingo de Pentecostes. E neste clima espiritual vivemos hoje um dia especial, primeiro com a meditação que escutámos e agora aqui na Mesa da Palavra e da Eucaristia.

A Palavra de Deus nesta celebração faz-nos compreender o mistério da Igreja, e nela o da Santa Sé, à luz dos dois ícones bíblicos escritos pelo Espírito na página dos Atos dos Apóstolos (1, 12-14) e na do Evangelho de João (19, 25-34).

Começamos pelo fundamental, que é a narração da morte de Jesus. João, o único dos Doze que estava presente no Calvário, viu e testemunhou que, aos pés da cruz, estava a mãe de Jesus, junto às outras mulheres (v. 25). E ouviu com os seus próprios ouvidos as últimas palavras do Mestre, entre as quais estas: «Mulher, eis o teu filho!», e depois, dirigidas a ele: «Eis a tua mãe!» (v. 26-27).

A maternidade de Maria, através do mistério da Cruz, deu um salto impensável: a mãe de Jesus tornou-se a nova Eva, porque o Filho a associou à sua morte redentora, fonte de vida nova e eterna para cada homem que vem a este mundo. O tema da fecundidade está bem presente nesta liturgia. A Oração Coleta põe-no imediatamente em evidência, fazendo-nos pedir ao Pai que a Igreja, sustentada pelo amor de Cristo, seja «cada vez mais fecunda em seu amor materno».

A fecundidade da Igreja é a mesma fecundidade de Maria; e realiza-se na existência dos seus membros na medida em que eles revivem, em menor dimensão, o que a Mãe viveu, isto é, amam segundo o amor de Jesus. Toda a fecundidade da Igreja e da Santa Sé depende da Cruz de Cristo. Caso contrário, é só aparência, se não pior. Um grande teólogo contemporâneo escreveu: «Se a Igreja é a árvore que cresceu do pequeno grão de mostarda da cruz, esta árvore está destinada a produzir por sua vez grãos de mostarda, e portanto frutos que repetem a forma da cruz, porque é precisamente à cruz que estes grãos devem a sua existência» (H.U. von Balthasar, *Cordula ovverosia il caso serio*, Queriniana: Brescia, 1969, pp. 45-46).

Na Oração Coleta pedimos também que a Igreja «exulte com a santidade dos seus filhos e filhas». Com efeito, esta fecundidade de Maria e da Igreja está inseparavelmente ligada à sua santidade, ou seja, à sua conformação com Cristo. A Santa Sé é santa como o é a Igreja, no seu núcleo original, na fibra de que é tecida. Assim, a Sé Apostólica conserva a santidade das suas raízes enquanto é guardada por elas. Mas não é

menos verdade que ela vive também na santidade de cada um dos seus membros. Por isso, a melhor maneira de servir a Santa Sé é esforçarmo-nos por ser santos, cada um de nós segundo o seu estado de vida e a tarefa que nos é confiada.

Por exemplo, um sacerdote que carrega pessoalmente uma pesada cruz por causa do seu ministério e, no entanto, todos os dias vai para o escritório e tenta fazer o seu trabalho o melhor que pode, com amor e fé, esse sacerdote participa e contribui para a fecundidade da Igreja. Assim também um pai ou uma mãe de família, que vive uma situação difícil em casa, um filho que gera certa preocupação, ou um pai ou uma mãe doente, e que realiza o seu trabalho com empenho, esse homem e essa mulher são fecundos na fecundidade de Maria e da Igreja.

Chegamos agora ao segundo ícone, aquele escrito por São Lucas no início dos Atos dos Apóstolos, que representa a mãe de Jesus juntamente com os Apóstolos e os discípulos no Cenáculo (1, 12-14). Mostra-nos a maternidade de Maria com a Igreja nascente, uma maternidade “arquetípica”, que permanece atual em todos os tempos e lugares. E que é sempre e principalmente fruto do mistério pascal, do dom do Senhor crucificado e ressuscitado.

O Espírito Santo, que desce com poder sobre a primeira comunidade, é o mesmo que Jesus entregou-nos com o seu último suspiro (cf. Jo 19, 30). Este ícone bíblico é inseparável do primeiro: a fecundidade da Igreja está sempre ligada à Graça que jorrou do Coração trespassado de Jesus juntamente com o sangue e a água, símbolo dos Sacramentos (cf. Jo 19, 34).

Maria, no Cenáculo, graças à missão materna que recebeu aos pés da cruz, está ao serviço da comunidade nascente: ela é a memória viva de Jesus e, como tal, é, por assim dizer, o polo de atração que harmoniza as diferenças e torna concordante a oração dos discípulos.

Os Apóstolos, também neste texto, são elencados pelo nome, e como sempre o primeiro é Pedro (cf. v. 13). Mas ele próprio, efetivamente o primeiro, é apoiado por Maria no seu ministério. Do mesmo modo, a Mãe Igreja apoia o ministério dos sucessores de Pedro com o carisma mariano. A Santa Sé experimenta de modo muito especial a copresença dos dois polos, o mariano e o petrino. E é o mariano que garante a fecundidade e a santidade do petrino, com a sua maternidade, dom de Cristo e do Espírito.

Caríssimos, louvamos a Deus pela sua Palavra, lâmpada que ilumina os nossos passos, também a nossa vida quotidiana ao serviço da Santa Sé. E, iluminados por esta Palavra, renovemos a nossa oração: «[Ó Deus] Concedei que a vossa Igreja, cada dia mais fecunda em seu amor materno, exulte com a santidade dos seus filhos e filhas e atraia todos os povos para o seu convívio numa só família» (Oração Coleta). Amém.

12. HOMILIA DO PAPA LEÃO XIV
Basílica de São Pedro
Domingo, 15 de junho de 2025

Queridos irmãos e irmãs,

Na primeira Leitura, ouvimos as seguintes palavras: «Eis o que diz a Sabedoria de Deus: “O Senhor me criou como primícias da sua atividade, antes das suas obras mais antigas. [...] Quando Ele consolidava os céus, eu estava presente; [...] eu estava a seu lado como arquiteto, cheia de júbilo, dia após dia, deleitando-me continuamente na sua presença. Deleitava-me sobre a face da terra e as minhas delícias eram estar com os filhos dos homens”» (Pr 8, 22.27.30-31). Para Santo Agostinho, a Trindade e a sabedoria estão intimamente ligadas. A sabedoria divina é revelada na Santíssima Trindade e a sabedoria leva-nos sempre à verdade.

Hoje, enquanto celebramos a Solenidade da Santíssima Trindade, vivemos os dias do Jubileu do Desporto. O binómio Trindade-desporto não é usado com muita frequência, mas a associação não é descabida. Na verdade, toda boa atividade humana traz em si um reflexo da beleza de Deus, e certamente o desporto está entre elas. Afinal, Deus não é estático, nem está fechado em si mesmo. É comunhão, relação viva entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, que se abre à humanidade e ao mundo. A teologia denomina essa realidade de pericorese, ou seja, “dança”: uma dança de amor recíproco.

A vida brota deste dinamismo divino. Fomos criados por um Deus que se compraz e se alegra em dar a existência às suas criaturas e que “brinca”, como nos recordou a primeira leitura (cf. Pr 8, 30-31). Alguns Padres da Igreja chegam mesmo a falar, com ousadia, de um Deus ludens, de um Deus que se diverte (cf. S. Salônio de Genebra, In Parabolae Salomonis expositio mystica; S. Gregório Nazianzeno, Carmina, I, 2, 589). Eis a razão pela qual o desporto pode ajudar-nos a encontrar o Deus Trino:

porque exige um movimento do eu para o outro, que é certamente exterior, mas também e sobretudo interior. Sem isso, ele se reduz a uma estéril competição de egoísmos.

Pensemos na expressão “Dá-lhe!”, que é comumente usada pelos espectadores para encorajar os atletas durante as competições. Talvez não seja evidente, mas é um incentivo muito bonito: é o imperativo do verbo “dar”. E isso nos provoca uma reflexão: não se trata apenas de oferecer uma performance física, mesmo que extraordinária, mas de dar-se, de “jogar-se”. Trata-se de dar-se aos outros – para o próprio crescimento, para os torcedores, para os entes queridos, para os treinadores, para os colaboradores, para o público, até mesmo para os adversários – e, em sendo verdadeiramente um desportista, isso vale além do resultado. São João Paulo II – que era, como sabemos, um desportista – assim falou: «O desporto é alegria de viver, jogo, festa, e como tal deve ser valorizado [...] mediante a recuperação da sua gratuidade, da sua capacidade de estreitar vínculos de amizade, de favorecer o diálogo e a abertura de uns aos outros [...] bem acima não só das duras leis da produção e do consumo, mas também de qualquer outra consideração puramente utilitarista e hedonista da vida» (Homilia para o Jubileu Internacional dos Desportistas, 4, 12 de abril de 1984).

Nesta perspectiva, gostaríamos de destacar três aspectos em particular que tornam o desporto, hoje, um meio precioso de formação humana e cristã.

Em primeiro lugar, numa sociedade marcada pela solidão, em que o individualismo exagerado deslocou o centro de gravidade do “nós” para o “eu”, fazendo com que o outro fosse ignorado, o desporto – especialmente quando é praticado em conjunto – ensina o valor da colaboração, do caminhar juntos, daquela partilha que, como já dissemos, está no coração mesmo da vida de Deus (cf. Jo 16, 14-15). Desse modo, pode tornar-se um instrumento importante de recomposição e de encontro: entre os povos, nas comunidades, nos ambientes escolares e profissionais, nas famílias!

Em segundo lugar, numa sociedade cada vez mais digital – em que as tecnologias, embora aproximando pessoas distantes, muitas vezes afastam aqueles que estão próximos – o desporto valoriza a concretude do estar juntos, o sentido do corpo, do espaço, do esforço, do tempo real. Assim, contra a tentação de fugir para mundos virtuais, o desporto ajuda a manter um contato saudável com a natureza e com a vida concreta,

único lugar onde é possível exercer o amor (cf. 1 Jo 3, 18).

Em terceiro lugar, numa sociedade competitiva, onde parece que apenas os fortes e os vencedores merecem viver, o desporto também ensina a perder, colocando o homem frente a frente, na arte da derrota, com uma das verdades mais profundas da sua condição: a fragilidade, o limite, a imperfeição. Isto é importante, porque é a partir da experiência dessa fragilidade que nos abrimos à esperança. O atleta que nunca erra, que nunca perde, não existe. Os campeões não são máquinas infalíveis, mas homens e mulheres que, mesmo derrotados, encontram a coragem para se reerguer. A esse respeito, recordemos, mais uma vez, as palavras de São João Paulo II, que dizia que Jesus é “o verdadeiro atleta de Deus” porque venceu o mundo não com a força, mas com a fidelidade do amor (cf. Homilia na Missa pelo Jubileu dos Desportistas, 4, 29 de outubro de 2000).

Não é por acaso que o desporto teve um papel significativo na vida de muitos santos do nosso tempo, tanto como prática pessoal quanto como meio de evangelização. Pensemos no Beato Pier Giorgio Frassati, padroeiro dos desportistas, que será proclamado santo no próximo dia 7 de setembro. A sua vida, simples e luminosa, recorda-nos que assim como ninguém nasce campeão, ninguém nasce santo. É o treinamento diário do amor que nos aproxima da vitória definitiva (cf. Rm 5, 3-5) e nos torna capazes de trabalhar pela construção de um mundo novo. Afirmou-o também São Paulo VI, que vinte anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, recordava aos membros de uma associação desportiva católica o quanto o desporto tinha contribuído para trazer de volta a paz e a esperança a uma sociedade devastada pelas consequências da guerra (cf. Discurso aos membros do Centro Desportivo Italiano, 20 de março de 1965). Dizia ele: «Os vossos esforços visam a formação de uma nova sociedade: [...] conscientes de que o desporto, nos são elementos formativos que valoriza, pode ser um instrumento muito útil para a elevação espiritual da pessoa humana, condição primeira e indispensável para uma sociedade ordenada, serena e construtiva» (Ibid.).

Caros desportistas, a Igreja confia-vos uma missão maravilhosa: ser reflexo do amor de Deus Trino nas vossas atividades, pelo vosso próprio bem e pelo bem dos vossos irmãos. Deixai-vos envolver com entusiasmo por esta missão: como atletas, como formadores, como sociedade, como grupos, como famílias. O Papa Francisco adorava sublinhar que, no Evangelho, Maria aparece ativa, em movimento, até mesmo “a correr” (cf. Lc 1, 39), pronta a partir para socorrer os seus filhos – como sa-

bem fazer as mãos – ao menor sinal de Deus (cf. Discurso aos voluntários da JMJ, 6 de agosto de 2023). Peçamos a Ela que acompanhe as nossas iniciativas e os nossos esforços, orientando-os sempre para o melhor, até à vitória definitiva: a da eternidade, o “campo infinito” onde o jogo não terá fim e a alegria será plena (cf. 1 Cor 9, 24-25; 2 Tm 4, 7-8).

13. HOMILIA DO PAPA LEÃO XIV **Praça de São João de Latrão** **Domingo, 22 de junho de 2025**

Queridos irmãos e irmãs, é bom estar com Jesus. Confirma-o o Evangelho que acabou de ser proclamado o confirma, contando que as multidões ficavam horas e horas com Ele, que falava do Reino de Deus e curava os doentes (cf. Lc 9, 11). A compaixão de Jesus pelos sofredores manifesta a amorosa proximidade de Deus, que vem ao mundo para nos salvar. Quando Deus reina, o homem é liberto de todo o mal. No entanto, a hora da prova chega também para aqueles que recebem de Jesus a boa nova. Naquele lugar deserto, onde as multidões ouviram o Mestre, cai a noite e não há nada para comer (cf. v. 12). A fome do povo e o pôr do sol são sinais de um limite que paira sobre o mundo e sobre cada criatura: o dia termina, assim como a vida dos homens. É nesta hora, no tempo da indigência e das sombras, que Jesus permanece entre nós.

Justamente quando o Sol se põe e a fome aumenta, enquanto os próprios apóstolos pedem para despedir a multidão, Cristo surpreende-nos com a sua misericórdia. Ele tem compaixão do povo faminto e convida os seus discípulos a cuidar dele: a fome não é uma necessidade alheia ao anúncio do Reino e ao testemunho da salvação. Pelo contrário, esta fome diz respeito à nossa relação com Deus. Cinco pães e dois peixes, no entanto, não parecem suficientes para alimentar o povo: aparentemente razoáveis, os cálculos dos discípulos evidenciam, em vez disso, a sua falta de fé. Porque, na realidade, com Jesus há tudo o que é necessário para dar força e sentido à nossa vida.

Perante o brado da fome, Ele responde com o sinal da partilha: levanta os olhos, pronuncia a bênção, parte o pão e dá de comer a todos os presentes (cf. v. 16). Os gestos do Senhor não inauguram um complexo ritual mágico, mas testemunham com simplicidade a gratidão para com o Pai, a oração filial de Cristo e a comunhão fraterna que o Espírito Santo sustenta. Para multiplicar os pães e os peixes, Jesus divide os poucos que há, e assim mesmo são suficientes para todos, e ainda sobram. Depois

de terem comido – e terem comido até ficarem saciados –, recolheram doze cestos (cf. v. 17).

Esta é a lógica que salva o povo faminto: Jesus age segundo o estilo de Deus, ensinando a fazer o mesmo. Hoje, no lugar das multidões recordadas no Evangelho estão povos inteiros, humilhados pela ganância alheia mais ainda do que pela própria fome. Diante da miséria de muitos, a acumulação de poucos é sinal de uma soberba indiferente, que produz dor e injustiça. Em vez de partilhar, a opulência desperdiça os frutos da terra e do trabalho do homem. Especialmente neste ano jubilar, o exemplo do Senhor continua a ser para nós um critério urgente de ação e serviço: partilhar o pão, para multiplicar a esperança, proclama o advento do Reino de Deus.

Ao salvar as multidões da fome, Jesus anuncia que salvará todos da morte. Este é o mistério da fé, que celebramos no sacramento da Eucaristia. Assim como a fome é sinal da nossa radical indigência de vida, assim também partir o pão é sinal do dom divino de salvação.

Caríssimos, Cristo é a resposta de Deus à fome do homem, porque o seu corpo é o pão da vida eterna: tomai todos e comei! O convite de Jesus abrange a nossa experiência quotidiana: para viver, precisamos nos alimentar da vida, tirando-a das plantas e dos animais. No entanto, comer algo morto lembra-nos que, por mais que comamos, também nós morreremos. Porém, quando nos alimentamos de Jesus, pão vivo e verdadeiro, vivemos por Ele. Oferecendo-se totalmente, o Crucificado Resuscitado entrega-se a nós, que assim descobrimos que fomos feitos para nos alimentarmos de Deus. A nossa natureza faminta traz o sinal de uma indigência que é saciada pela graça da Eucaristia. Como escreve Santo Agostinho, Cristo é verdadeiramente «panis qui reficit, et non deficit; panis qui sumi potest, consumi non potest» (Sermo 130, 2): um pão que alimenta e não falta; um pão que se pode comer, mas não se esgota. Com efeito, a Eucaristia é a presença verdadeira, real e substancial do Salvador (cf. Catecismo da Igreja Católica, 1413), que transforma o pão em si mesmo, para nos transformar n'Ele. O Corpus Domini, vivo e vivificante, torna-nos a nós, isto é, a própria Igreja, corpo do Senhor.

Portanto, segundo as palavras do apóstolo Paulo (cf. 1 Cor 10, 17), o Concílio Vaticano II ensina que «pelo sacramento do pão eucarístico, ao mesmo tempo é representada e se realiza a unidade dos fiéis, que constituem um só corpo em Cristo. Todos os homens são chamados a esta união com Cristo, luz do mundo, do qual vimos, por quem vive-

mos, e para o qual caminhamos» (Const. dogm. Lumen Gentium, 3). A procissão, que em breve começaremos, é sinal deste caminho. Juntos, pastores e rebanho, alimentamo-nos do Santíssimo Sacramento, adoramo-lo e levamo-lo pelas ruas. Ao fazê-lo, apresentamo-lo ao olhar, à consciência e ao coração das pessoas: ao coração de quem acredita, para que acredite mais firmemente; ao coração de quem não acredita, para que se interrogue sobre a fome que temos na alma e sobre o pão que a pode saciar.

Restaurados pelo alimento que Deus nos dá, levemos Jesus ao coração de todos, porque Jesus a todos envolve na obra da salvação, convidando cada um a participar da sua mesa. Felizes os convidados, que se tornam testemunhas deste amor!

14. HOMILIA DO SANTO PADRE LEÃO XIV **Basilica Vaticana, Altar da Confissão** **Sexta-feira, 27 de junho de 2025**

Hoje, Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, Dia mundial de oração pela santificação sacerdotal, celebramos com alegria esta Eucaristia no Jubileu dos Sacerdotes.

Dirijo-me, portanto, em primeiro lugar a todos vós, queridos irmãos sacerdotes, que viestes ao túmulo do apóstolo Pedro para atravessar a Porta Santa e para mergulhar de novo as vossas vestes batismais e sacerdotais no Coração do Salvador. Para alguns dos presentes, este gesto realiza-se num dia único da sua vida: o da Ordenação.

Falar do Coração de Cristo neste contexto é falar de todo o mistério da encarnação, morte e ressurreição do Senhor, confiado a nós de modo especial para que o tornemos presente no mundo. Por isso, à luz das leituras que escutámos, meditemos juntos sobre o modo como podemos contribuir para esta obra de salvação.

Na primeira, o profeta Ezequiel fala-nos de Deus como um pastor que passa pelo meio do seu rebanho, contando as suas ovelhas uma a uma: vai à procura das perdidas, cura as feridas, ampara as fracas e doentes (cf. Ez 34, 11-16). Assim nos recorda, num tempo de grandes e terríveis conflitos, que o amor do Senhor, pelo qual somos chamados a deixar-nos abraçar e plasmar, é universal, e que, aos seus olhos – e consequentemente também aos nossos –, não há lugar para divisões e ódios de

qualquer género.

Depois, na segunda leitura (cf. Rm 5, 5-11), recordando-nos que Deus nos reconciliou «quando ainda éramos fracos» (v. 6) e «pecadores» (v. 8), São Paulo convida a abandonar-nos à ação transformadora do Espírito que habita em nós, num caminho quotidiano de conversão. A nossa esperança baseia-se na certeza de que o Senhor não nos abandona, mas acompanha-nos sempre. Somos chamados, porém, a colaborar com Ele, primeiramente colocando a Eucaristia no centro da nossa existência, «fonte e centro de toda a vida cristã» (Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogm. *Lumen gentium*, 11); depois, «pela frutuosa recepção dos sacramentos, especialmente pela frequente recepção do sacramento da penitência» (Id, Decr. *Presbiterorum ordinis*, 18); e, finalmente, através da oração, da meditação da Palavra e do exercício da caridade, conformando cada vez mais o nosso coração com o do «Pai das misericórdias» (ibid.).

E isto leva-nos ao Evangelho que ouvimos (cf. Lc 15, 3-7), que fala da alegria de Deus – e de todo o pastor que ama segundo o seu Coração – pelo regresso ao redil de uma só das suas ovelhas. É um convite a viver a caridade pastoral com a mesma magnanimidade do Pai, cultivando em nós o Seu desejo: que ninguém se perca (cf. Jo 6, 39), mas que todos, também através de nós, cheguem ao conhecimento de Cristo e n'Ele tenham a vida eterna (cf. Jo 6, 40). É um convite a tornar-nos intimamente unidos a Jesus (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Decr. *Presbiterorum Ordinis*, 14), semente de concórdia no meio dos irmãos, carregando sobre os nossos ombros quem se perdeu, perdoando quem errou, indo à procura de quem se afastou ou ficou excluído, cuidando de quem sofre no corpo e no espírito, numa grande troca de amor que, brotando do lado trespassado do Crucificado, envolve todos os homens e preenche o mundo. O Papa Francisco escreveu a este propósito: «Da ferida do lado de Cristo continua a correr aquele rio que nunca se esgota, que não passa, que se oferece sempre de novo a quem quer amar. Só o seu amor tornará possível uma nova humanidade» (Carta Enc. *Dilexit nos*, 219).

O ministério sacerdotal é um ministério de santificação e de reconciliação para a unidade do Corpo de Cristo (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogm. *Lumen gentium*, 7). Por isso, o Concílio Vaticano II pede aos presbíteros que se esforcem por «levar todos à unidade [...] com caridade» (Id, Decr. *Presbiterorum Ordinis*, 9), harmonizando as diferenças para «que ninguém se sinta estranho» (ibid.). E recomenda-lhes a união com

o bispo e no presbitério (cf. *ibid.*, 7-8). Com efeito, quanto mais houver unidade entre nós, tanto mais saberemos também conduzir os outros ao redil do Bom Pastor, para viver como irmãos na única casa do Pai.

Santo Agostinho, a este respeito, num sermão proferido por ocasião do aniversário da sua ordenação, falou de um feliz fruto de comunhão que une os fiéis, os presbíteros e os bispos, e que tem a sua raiz no sentir-mo-nos todos redimidos e salvos pela mesma graça e misericórdia. Foi precisamente neste contexto que pronunciou a célebre frase: «Para vós sou bispo, convosco sou cristão» (Sermão 340, 1).

Na Missa solene do início do meu pontificado, expressei diante do Povo de Deus um grande desejo: «Uma Igreja unida, sinal de unidade e comunhão, que se torne fermento para um mundo reconciliado» (Homilia, 18 de maio de 2025). Volto, hoje, a partilhá-lo com todos vós: reconciliados, unidos e transformados pelo amor que jorra copiosamente do Coração de Cristo, caminhemos juntos nas suas pegadas, humildes e decididos, firmes na fé e abertos a todos na caridade, levemos ao mundo a paz do Ressuscitado, com aquela liberdade que nasce da consciência de nos sabermos amados, escolhidos e enviados pelo Pai.

E agora, antes de terminar, dirijo-me a vós, queridos Ordinandos, que em breve, pela imposição das mãos do Bispo e com uma renovada efusão do Espírito Santo, vos tornareis sacerdotes. Digo-vos algumas coisas simples, mas que considero importantes para o vosso futuro e o das almas que vos serão confiadas. Amai a Deus e aos vossos irmãos, sede generosos, fervorosos na celebração dos Sacramentos, na oração, especialmente na Adoração, e no ministério; sede próximos do vosso rebanho, doai o vosso tempo e as vossas energias por todos, sem vos poupardes, sem fazer distinções, como nos ensinam o lado trespassado do Crucificado e o exemplo dos santos. E, a este propósito, lembrai-vos que a Igreja, na sua história milenar, teve – e as tem ainda hoje – figuras maravilhosas de santidade sacerdotal: a partir das comunidades das origens, ela gerou e conheceu, entre os seus sacerdotes, mártires, apóstolos incansáveis, missionários e campeões da caridade. Fazei desta riqueza um tesouro: interessai-vos pelas suas histórias, estudai as suas vidas e as suas obras, imitai as suas virtudes, deixai-vos inflamar pelo seu zelo, invocai a sua intercessão muitas vezes, com insistência! O nosso mundo frequentemente propõe modelos de sucesso e de prestígio duvidosos e inconsistentes. Não vos deixeis fascinar por eles! Em vez disso, olhai para o exemplo sólido e os frutos do apostolado, muitas vezes escondido e humilde, daqueles que na sua vida serviram ao Senhor e aos irmãos

com fé e dedicação, e continuai a sua memória com a vossa fidelidade.

Por fim, confiemo-nos todos à proteção materna da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe dos sacerdotes e Mãe da esperança: que Ela acompanhe e sustente os nossos passos, para que cada dia configuremos mais o nosso coração com o de Cristo, supremo e eterno Pastor.

15. HOMILIA DO PAPA LEÃO XIV
Basílica de São Pedro
Sábado, 29 de junho de 2025

Queridos irmãos e irmãs:

Hoje celebramos dois irmãos na fé, Pedro e Paulo, que reconhecemos como colunas da Igreja e veneramos como patronos da diocese e da cidade de Roma.

A história destes dois Apóstolos interpela-nos de perto também a nós, Comunidade peregrina dos discípulos do Senhor no nosso tempo. Em particular, olhando para o seu testemunho, gostaria de sublinhar dois aspectos: a comunhão eclesial e a vitalidade da fé.

Em primeiro lugar, a comunhão eclesial. A liturgia desta solenidade mostra-nos como Pedro e Paulo foram chamados a viver um único destino, o do martírio, que os associou definitivamente a Cristo. Na primeira leitura, encontramos Pedro que, na prisão, aguarda a execução da sentença (cf. Act 12, 1-11); na segunda leitura, o apóstolo Paulo afirma, numa espécie de testamento e estando também ele preso, que o seu sangue está prestes a ser derramado e oferecido a Deus (cf. 2 Tim 4, 6-8.17-18). Assim, tanto Pedro como Paulo dão a vida pela causa do Evangelho.

No entanto, esta comunhão na única confissão de fé não é uma conquista pacífica. Os dois Apóstolos alcançam-na como uma meta a que chegam depois de um longo caminho, no qual cada um abraçou a fé e viveu o apostolado de forma diferente. A sua fraternidade no Espírito não apaga as diferenças de onde partiram: Simão era um pescador da Galileia, Saulo um intelectual rigoroso pertencente ao grupo dos fariseus; o primeiro deixa imediatamente tudo para seguir o Senhor; o segundo persegue os cristãos até ser transformado por Cristo Ressuscitado; Pedro prega sobretudo aos judeus; Paulo é impelido a levar a Boa Nova aos gentios.

Como sabemos, não faltaram conflitos entre os dois no que diz respeito à relação com os pagãos, a ponto de Paulo afirmar: «quando Cefas veio para Antioquia, opus-me frontalmente a ele, porque estava a comportar-se de modo condenável» (Gl 2, 11). E esta questão, conhecemo-lo bem, será tratada no Concílio de Jerusalém, no qual os dois Apóstolos voltarão a confrontar-se.

Caríssimos, a história de Pedro e Paulo ensina-nos que a comunhão a que o Senhor nos chama é uma harmonia de vozes e rostos, e não apaga a liberdade de cada um. Os nossos Padroeiros percorreram caminhos diferentes, tiveram ideias diferentes, por vezes confrontaram-se e discordaram com franqueza evangélica. Mas isso não os impediu de viver a concordia apostolorum, ou seja, uma viva comunhão no Espírito, uma sintonia fecunda na diversidade. Como afirma Santo Agostinho, «temos um só dia para as Paixões dos dois Apóstolos. Eles eram dois e formavam um só ser. Embora tivessem sofrido em dias diferentes, eles formavam um só ser» (Sermão 295, 7.7).

Tudo isto nos interroga sobre o caminho da comunhão eclesial. Ela nasce do impulso do Espírito, une a diversidade e constrói pontes de unidade na variedade de carismas, dons e ministérios. É importante aprender desta forma a viver a comunhão, como unidade na diversidade, para que a variedade dos dons, ligados na confissão da única fé, contribua para o anúncio do Evangelho. Por este caminho somos chamados a caminhar, olhando precisamente para Pedro e Paulo, porque todos temos necessidade desta fraternidade. A Igreja precisa dela, as relações entre os leigos e os presbíteros, entre os presbíteros e os Bispos, entre os Bispos e o Papa precisam dela; assim como precisam dela a vida pastoral, o diálogo ecuménico e a relação de amizade que a Igreja quer manter com o mundo. Empenhemo-nos em fazer da nossa diversidade um laboratório de unidade e comunhão, de fraternidade e reconciliação, para que cada pessoa na Igreja, com a sua história pessoal, aprenda a caminhar junto dos outros.

Os santos Pedro e Paulo interpelam-nos também sobre a vitalidade da nossa fé. Com efeito, na experiência do discipulado há sempre o risco de cair no hábito, no ritualismo, em padrões pastorais que se repetem sem renovação e sem captar os desafios do presente. Na história dos dois Apóstolos, pelo contrário, inspiramo-nos na sua disponibilidade para se abrirem à mudança, para se deixarem interpelar pelos acontecimentos, pelos encontros e pelas situações concretas das comunidades, para pro-

curarem novos caminhos de evangelização a partir dos problemas e das questões colocadas pelos seus irmãos e irmãs na fé.

E, no centro do Evangelho que escutámos, está a pergunta que Jesus faz aos seus discípulos, e que hoje dirige também a nós, para que possamos discernir se o caminho da nossa fé conserva ainda o dinamismo e a vitalidade, se a chama da nossa relação com o Senhor continua acesa: «E vós, quem dizeis que Eu sou?» (Mt 16, 15)

Todos os dias, em cada hora da história, devemos estar sempre atentos a esta pergunta. Se não quisermos que o nosso ser cristão se reduza a uma herança do passado, como tantas vezes nos alertou o Papa Francisco, é importante sair do risco de uma fé cansada e estática, para nos perguntarmos: quem é Jesus Cristo para nós hoje? Que lugar ocupa ele na nossa vida e na ação da Igreja? Como podemos testemunhar esta esperança na vida quotidiana e anunciá-la àqueles que encontramos?

Irmãos e irmãs, o exercício do discernimento, que nasce destas perguntas, permite que a nossa fé e a Igreja continuamente se renovem e experimentem novos caminhos e novas práticas no anúncio do Evangelho. Isto, juntamente com a comunhão, deve ser o nosso primeiro desejo. Hoje, de modo particular, gostaria de me dirigir à Igreja que está em Roma, porque, mais do que qualquer outra, é chamada a tornar-se sinal de unidade e comunhão, uma Igreja que arde com uma fé viva, uma Comunidade de discípulos que testemunham a alegria e a consolação do Evangelho em todas as situações humanas.

Na alegria desta comunhão, que o caminho dos Santos Pedro e Paulo nos convida a cultivar, saúdo os meus irmãos Arcebispos que hoje recebem o Pálio. Caríssimos, este sinal, ao mesmo tempo que recorda a tarefa pastoral que vos está confiada, exprime a vossa comunhão com o Bispo de Roma, para que, na unidade da fé católica, cada um de vós a alimente nas Igrejas locais que vos foram confiadas.

Em seguida, gostaria de saudar os membros do Sínodo da Igreja Greco-Católica Ucraniana: obrigado pela vossa presença aqui e pelo vosso zelo pastoral. Que o Senhor conceda a paz ao vosso povo!

E com sincera gratidão saúdo a Delegação do Patriarcado Ecuménico, aqui enviada pelo nosso querido irmão Sua Santidade Bartolomeu.

Queridos irmãos e irmãs, edificados pelo testemunho dos santos Após-

tolos Pedro e Paulo, caminhemos juntos na fé e na comunhão e invoquemos a sua intercessão para todos nós, para a cidade de Roma, para a Igreja e para o mundo inteiro.

16. HOMILIA DO SANTO PADRE LEÃO XIV
Burgo Laudato si' (Castel Gandolfo)
Quarta-feira, 9 de julho de 2025

Neste lindo dia, antes de mais nada, gostaria de convidar todos, começando por mim mesmo, a viver o que estamos a celebrar na beleza de uma catedral, que se poderia dizer “natural”, com as plantas e tantos elementos da criação que nos conduziram aqui para celebrar a Eucaristia, que significa: dar graças ao Senhor.

Há muitos motivos pelos quais queremos agradecer ao Senhor nesta Eucaristia: esta pode ser a primeira celebração com o uso do novo formulário da Santa Missa pelo cuidado da criação, que é expressão do trabalho dos diferentes Dicastérios do Vaticano.

A título pessoal, agradeço a tantas pessoas aqui presentes, que trabalharam neste sentido para a liturgia. Como sabeis, a liturgia representa a vida e vós sois a vida deste Centro Laudato si'. Gostaria de vos agradecer neste momento, nesta ocasião, por tudo o que fazem seguindo esta belíssima inspiração do Papa Francisco, que deu esta pequena porção dos jardins precisamente para continuar a tão importante missão relacionada com tudo o que conhecemos após 10 anos da publicação da Laudato si': a necessidade de cuidar da criação, da casa comum.

Aqui é como nas Igrejas antigas dos primeiros séculos, que tinham uma pia batismal pela qual era preciso passar para entrar na igreja. Não gostaria de ser batizado nesta água... mas o símbolo de passar pela água para que todos sejamos lavados dos nossos pecados, das nossas fraquezas, e assim poder entrar no grande mistério da Igreja, é algo que vivemos também hoje. No início da missa, rezámos pela conversão, a nossa conversão. Gostaria de acrescentar que devemos rezar pela conversão de tantas pessoas, dentro e fora da Igreja, que ainda não reconhecem a urgência de cuidar da nossa casa comum.

Inúmeros desastres naturais que ainda vemos no mundo quase todos os dias em muitos lugares e em muitos países, são em parte causados

pelos excessos do ser humano, com o seu estilo de vida. Por isso, devemos perguntar-nos se nós mesmos estamos a viver ou não essa conversão: quanto ela é necessária!

Tendo dito tudo isto, tenham um pouco mais de paciência, pois tenho também uma homilia que preparei e que vou partilhar: há alguns elementos que realmente ajudam a continuar a reflexão desta manhã, compartilhando este momento familiar e sereno, num mundo em chamas, tanto pelo aquecimento global quanto pelos conflitos armados, que tornam tão atual a mensagem do Papa Francisco nas suas Encíclicas *Laudato si'* e *Fratelli tutti*. Podemos reconhecer-nos exatamente neste Evangelho que acabámos de ouvir, observando o medo dos discípulos no meio da tempestade, o mesmo medo de grande parte da humanidade. Todavia, no coração do ano do Jubileu, nós confessamos, e podemos repeti-lo várias vezes: há esperança! Encontramo-la em Jesus. Mais uma vez, Ele acalma a tempestade. O seu poder não traz agitação, antes cria algo; não destrói, mas faz ser, dando nova vida. E também nós nos perguntamos: «Quem é este, a quem até o vento e o mar obedecem?» (Mt 8, 27).

A admiração que esta pergunta expressa é o primeiro passo que nos faz sair do medo. Jesus tinha vivido e rezado nos arredores do lago da Galileia. Ali, nos seus locais de vida e de trabalho, chamou os primeiros discípulos. As parábolas com que anunciava o Reino de Deus revelam uma profunda ligação com aquela terra e com aquelas águas, com o ritmo das estações e com a vida das criaturas.

O evangelista Mateus descreve a tempestade como uma “agitação da terra” (a palavra seismos): ele usará o mesmo termo para o terremoto no momento da morte de Jesus e ao amanhecer da sua ressurreição. Cristo se eleva, de pé, sobre esta agitação: já aqui o Evangelho nos faz perceber o Ressuscitado, presente na nossa história às avessas. A repreensão que Jesus dirige ao vento e ao mar manifesta o seu poder de vida e salvação, que supera aquelas forças diante das quais as criaturas se sentem perdidas.

Assim, voltemos então a perguntar-nos: «Quem é este, a quem até o vento e o mar obedecem?» (Mt 8, 27). O hino que ouvimos da carta aos Colossenses parece responder precisamente a esta pergunta: «É Ele a imagem do Deus invisível, o primogénito de toda a criatura; porque foi nele que todas as coisas foram criadas, no céu e na terra» (Cl 1, 15-16). Naquele dia, os seus discípulos, à mercê da tempestade e dominados

pelo medo, ainda não podiam professar este conhecimento sobre Jesus. Hoje, na fé que nos foi transmitida, podemos continuar: «É Ele a cabeça do Corpo, que é a Igreja. É Ele o princípio, o primogénito de entre os mortos, para ser Ele o primeiro em tudo» (v. 18). Essas são palavras que nos comprometem ao longo da história, que fazem de nós um corpo vivo, o corpo do qual Cristo é cabeça. A nossa missão de cuidar a criação, de levar-lhe paz e reconciliação, é a sua própria missão: a missão que o Senhor nos confiou. Nós ouvimos o clamor da terra, nós ouvimos o clamor dos pobres porque esse clamor chegou ao coração de Deus. A nossa indignação é a sua indignação e o nosso trabalho é o seu trabalho.

O canto do salmista inspira-nos a este respeito: «A voz do Senhor ressoa sobre as águas, o Deus glorioso faz ecoar o seu trovão, o Senhor está sobre a vastidão das águas. A voz do Senhor é poderosa» (Sl 29, 3-4). Esta voz compromete a Igreja com a profecia, mesmo quando exige a audácia de nos opormos ao poder destrutivo dos príncipes deste mundo. Com efeito, a aliança indestrutível entre o Criador e as criaturas move a nossa inteligência e os nossos esforços a fim que o mal se transforme em bem, a injustiça em justiça e a ganância em comunhão.

O único Deus criou todas as coisas com amor infinito e deu-nos a vida: por esta razão, São Francisco de Assis chama as criaturas de irmão, irmã e mãe. Somente um olhar contemplativo pode mudar a nossa relação com as coisas criadas e tirar-nos da crise ecológica que, devido ao pecado, tem como causa a ruptura das relações com Deus, com o próximo e com a terra (cf. Papa Francisco, Carta Enc. *Laudato si'*, 66).

Caríssimos irmãos e irmãs, o Borgo *Laudato si'*, onde nos encontramos, pretende ser, por intuição do Papa Francisco, um “laboratório” onde é possível viver aquela harmonia com a criação que é cura e reconciliação para nós, elaborando novas e eficazes formas de cuidar da natureza que nos foi confiada. Portanto, a todos vós, que vos dedicais com empenho à realização deste projeto, asseguro a minha oração e o meu encorajamento.

A Eucaristia, que estamos a celebrar, dá sentido e sustenta o nosso trabalho. Assim, como escreve o Papa Francisco, «a criação encontra a sua maior elevação na Eucaristia. A graça, que tende a manifestar-se de modo sensível, atinge uma expressão maravilhosa quando o próprio Deus, feito homem, chega ao ponto de fazer-Se comer pela sua criatura. No apogeu do mistério da Encarnação, o Senhor quer chegar ao nosso íntimo através dum pedaço de matéria. Não o faz de cima, mas de den-

tro, para podermos encontrá-Lo a Ele no nosso próprio mundo» (Papa Francisco, Carta Enc. Laudato si', 236). Sendo assim, a partir deste lugar, desejo concluir estes pensamentos, confiando-vos as palavras com que Santo Agostinho, nas últimas páginas das suas Confissões, associa as coisas criadas e o homem num louvor cósmico: ó Senhor, «tuas obras te louvam para que te amemos. E nós te amamos, para que tuas obras te louvem» (Santo Agostinho, Confissões, XIII, 33,48). Que seja esta a harmonia que transmitimos ao mundo.

17. HOMILIA DO PAPA LEÃO XIV
Paróquia São Tomás de Villanova, em Castel Gandolfo
XV domingo do tempo comum, 13 de julho de 2025

Irmãos e irmãs,

Compartilho convosco a alegria de celebrar esta Eucaristia e desejo saudar todos os presentes, a comunidade paroquial, os sacerdotes, o Bispo da Diocese, Sua Eminência, as autoridades civis e militares.

O Evangelho deste domingo, que acabámos de ouvir, é uma das mais belas e inspiradoras parábolas contadas por Jesus. Todos conhecemos a parábola do bom samaritano (Lc 10, 25-37).

Esta história continua a desafiar-nos hoje. Ela interpela a nossa vida, abala a tranquilidade das nossas consciências adormecidas ou distraídas e alerta-nos para o risco de uma fé acomodada, conformada com a observância exterior da lei, mas incapaz de sentir e agir com as mesmas entranhas de compaixão de Deus.

A compaixão, com efeito, está no centro da parábola. E se é verdade que no relato evangélico ela é descrita por meio das ações do samaritano, a primeira coisa que o trecho destaca é o olhar. Na verdade, diante de um homem ferido que se encontra à beira da estrada, depois de ter sido atacado por salteadores, tanto do sacerdote como do levita, diz: «ao vê-lo, passou adiante» (v. 32); ao contrário, do samaritano, o Evangelho diz: «vendo-o, encheu-se de compaixão» (v. 33).

Queridos irmãos e irmãs, o olhar faz a diferença, porque expressa aquilo que trazemos no coração: ver e passar adiante ou ver e encher-se de compaixão. Existe um modo de ver exterior, distraído e apressado, um olhar que finge não ver, isto é, sem nos deixarmos sensibilizar e inter-

pelar pela situação; por outro lado, há um modo de ver com os olhos do coração, com um olhar mais profundo, com uma empatia que nos põe no lugar do outro, nos faz participar interiormente, nos toca, comove, questiona a nossa vida e a nossa responsabilidade.

O primeiro olhar do qual a parábola quer falar-nos é aquele que Deus dirigiu para nós, a fim de que também nós aprendamos a ter os mesmos olhos que Ele, cheios de amor e compaixão uns pelos outros. Realmente, o bom samaritano é, antes de mais nada, a imagem de Jesus, o Filho eterno que o Pai enviou à história precisamente porque olhou para a humanidade sem passar adiante, com olhos, com coração e com entranhas movidos por emoção e compaixão. Como aquele homem do Evangelho que descia de Jerusalém para Jericó, a humanidade descia aos abismos da morte e, ainda hoje, muitas vezes tem de lidar com a escuridão do mal, com o sofrimento, com a pobreza, com o absurdo da morte; Deus, porém, olhou para nós com compaixão, quis fazer Ele mesmo o nosso caminho, desceu no meio de nós e, em Jesus, bom samaritano, veio curar as nossas feridas, derramando sobre nós o óleo do seu amor e da sua misericórdia.

O Papa Francisco lembrou-nos tantas vezes que Deus é misericórdia e compaixão, e afirmou que Jesus «é a compaixão do Pai por nós» (Angelus, 14 de julho de 2019). Ele é o bom samaritano que veio ao nosso encontro; Ele, diz Santo Agostinho, «quis ser chamado nosso próximo. Pois o Senhor Jesus Cristo representa-se a si próprio sob os traços daquele homem que socorreu o pobre caído no caminho, ferido, semimorto e abandonado pelos ladrões» (A doutrina cristã, I, 30.33).

Compreendemos, assim, por que a parábola instiga também cada um de nós: uma vez que Cristo é a manifestação de um Deus compassivo, acreditar n'Ele e segui-lo como seus discípulos significa deixar-se transformar para que também nós possamos ter os mesmos sentimentos d'Ele, ou seja, um coração que se comove, um olhar que vê e não passa adiante, duas mãos que socorrem e aliviam feridas, ombros fortes que carregam o fardo daqueles que estão em necessidade.

A primeira leitura de hoje, fazendo-nos ouvir as palavras de Moisés, diz-nos que obedecer aos mandamentos do Senhor e converter-se a Ele, não significa multiplicar atos exteriores, mas, pelo contrário, trata-se de voltar ao próprio coração, para descobrir que é precisamente ali que Deus escreveu a lei do amor. Se no íntimo da nossa vida descobrimos que Cristo, como bom samaritano, nos ama e cuida de nós, também nós

somos impelidos a amar da mesma forma e nos tornaremos compassivos como Ele. Curados e amados por Cristo, também nós nos tornamos sinais do seu amor e da sua compaixão no mundo.

Irmãos e irmãs, hoje precisamos desta revolução do amor. Hoje, aquele caminho que desce de Jerusalém até Jericó, uma cidade que se encontra abaixo do nível do mar, é o caminho percorrido por todos aqueles que se aprofundam no mal, no sofrimento e na pobreza; é o caminho de tantas pessoas oprimidas pelas dificuldades ou feridas pelas circunstâncias da vida; é o caminho de todos aqueles que “estão embaixo” até se perderem e tocarem o fundo; e é a estrada de tantos povos espoliados, roubados e saqueados, vítimas de sistemas políticos opressivos, de uma economia que os condena à pobreza, da guerra que mata os seus sonhos e as suas vidas.

E o que fazemos nós? Vemos e passamos adiante, ou deixamos que o nosso coração seja traspassado como o do samaritano? Às vezes, contentamo-nos em fazer apenas o nosso dever ou consideramos nosso próximo somente quem está no nosso círculo, quem pensa como nós, quem tem a mesma nacionalidade ou religião. Porém, Jesus inverte a perspectiva, apresentando-nos um samaritano, um estrangeiro e herege que se torna próximo daquele homem ferido. E pede-nos que façamos o mesmo.

O samaritano, escreveu Bento XVI, «não se pergunta até onde chegam os seus deveres de solidariedade nem sequer quais sejam os merecimentos necessários para a vida eterna. Acontece outra coisa: sente o coração despedaçar-se-lhe [...]. Se a pergunta tivesse sido: “O samaritano é também meu próximo?”, então, na referida situação, a resposta teria sido um “não” decididamente claro. Mas Jesus inverte a questão: o samaritano, o estrangeiro, faz-se a si mesmo próximo e mostra-me que é, a partir do meu íntimo, que devo aprender o ser-próximo e que trago a resposta já dentro de mim. Devo tornar-me uma pessoa que ama, uma pessoa cujo coração está aberto para deixar-se impressionar perante a necessidade do outro» (Jesus de Nazaré, 253).

Ver sem passar adiante, parar a nossa corrida apressada, deixar que a vida do outro, seja ele quem for, com as suas necessidades e sofrimentos, me parta o coração. Isso aproxima-nos uns dos outros, gera uma verdadeira fraternidade, derruba muros e barreiras. E, finalmente, o amor abre caminho, tornando-se mais forte do que o mal e a morte.

Caríssimos, olhemos para Cristo, o bom Samaritano, e ouçamos ainda hoje a Sua voz que diz a cada um de nós: «Vai e faz tu também o mesmo» (v. 37).

Palavras do Santo Padre ao final da missa:

Neste momento, gostaria de entregar um pequeno presente ao Pároco desta Paróquia Pontifícia, como recordação da nossa celebração de hoje [aplausos]. A patena e o cálice com os quais celebrámos a Eucaristia são instrumentos de comunhão, e podem ser um convite a nós todos para vivermos em comunhão, para promovermos verdadeiramente esta fraternidade, esta comunhão que vivemos em Jesus Cristo.

18. HOMILIA DO PAPA LEÃO XIV
Paróquia São Tomás de Villanova, em Castel Gandolfo
XV domingo do tempo comum, 15 de julho de 2025

Irmãos e irmãs,

Compartilho convosco a alegria de celebrar esta Eucaristia e desejo saudar todos os presentes, a comunidade paroquial, os sacerdotes, o Bispo da Diocese, Sua Eminência, as autoridades civis e militares.

O Evangelho deste domingo, que acabámos de ouvir, é uma das mais belas e inspiradoras parábolas contadas por Jesus. Todos conhecemos a parábola do bom samaritano (Lc 10, 25-37).

Esta história continua a desafiar-nos hoje. Ela interpela a nossa vida, abala a tranquilidade das nossas consciências adormecidas ou distraídas e alerta-nos para o risco de uma fé acomodada, conformada com a observância exterior da lei, mas incapaz de sentir e agir com as mesmas entranhas de compaixão de Deus.

A compaixão, com efeito, está no centro da parábola. E se é verdade que no relato evangélico ela é descrita por meio das ações do samaritano, a primeira coisa que o trecho destaca é o olhar. Na verdade, diante de um homem ferido que se encontra à beira da estrada, depois de ter sido atacado por salteadores, tanto do sacerdote como do levita, diz: «ao vê-lo, passou adiante» (v. 32); ao contrário, do samaritano, o Evangelho diz:

«vendo-o, encheu-se de compaixão» (v. 33).

Queridos irmãos e irmãs, o olhar faz a diferença, porque expressa aquilo que trazemos no coração: ver e passar adiante ou ver e encher-se de compaixão. Existe um modo de ver exterior, distraído e apressado, um olhar que finge não ver, isto é, sem nos deixarmos sensibilizar e interpelar pela situação; por outro lado, há um modo de ver com os olhos do coração, com um olhar mais profundo, com uma empatia que nos põe no lugar do outro, nos faz participar interiormente, nos toca, comove, questiona a nossa vida e a nossa responsabilidade.

O primeiro olhar do qual a parábola quer falar-nos é aquele que Deus dirigiu para nós, a fim de que também nós aprendamos a ter os mesmos olhos que Ele, cheios de amor e compaixão uns pelos outros. Realmente, o bom samaritano é, antes de mais nada, a imagem de Jesus, o Filho eterno que o Pai enviou à história precisamente porque olhou para a humanidade sem passar adiante, com olhos, com coração e com entranhas movidos por emoção e compaixão. Como aquele homem do Evangelho que descia de Jerusalém para Jericó, a humanidade descia aos abismos da morte e, ainda hoje, muitas vezes tem de lidar com a escuridão do mal, com o sofrimento, com a pobreza, com o absurdo da morte; Deus, porém, olhou para nós com compaixão, quis fazer Ele mesmo o nosso caminho, desceu no meio de nós e, em Jesus, bom samaritano, veio curar as nossas feridas, derramando sobre nós o óleo do seu amor e da sua misericórdia.

O Papa Francisco lembrou-nos tantas vezes que Deus é misericórdia e compaixão, e afirmou que Jesus «é a compaixão do Pai por nós» (Angelus, 14 de julho de 2019). Ele é o bom samaritano que veio ao nosso encontro; Ele, diz Santo Agostinho, «quis ser chamado nosso próximo. Pois o Senhor Jesus Cristo representa-se a si próprio sob os traços daquele homem que socorreu o pobre caído no caminho, ferido, semi-morto e abandonado pelos ladrões» (A doutrina cristã, I, 30.33).

Compreendemos, assim, por que a parábola instiga também cada um de nós: uma vez que Cristo é a manifestação de um Deus compassivo, acreditar n'Ele e segui-lo como seus discípulos significa deixar-se transformar para que também nós possamos ter os mesmos sentimentos d'Ele, ou seja, um coração que se comove, um olhar que vê e não passa adiante, duas mãos que socorrem e aliviam feridas, ombros fortes que carregam o fardo daqueles que estão em necessidade.

A primeira leitura de hoje, fazendo-nos ouvir as palavras de Moisés, diz-nos que obedecer aos mandamentos do Senhor e converter-se a Ele, não significa multiplicar atos exteriores, mas, pelo contrário, trata-se de voltar ao próprio coração, para descobrir que é precisamente ali que Deus escreveu a lei do amor. Se no íntimo da nossa vida descobrimos que Cristo, como bom samaritano, nos ama e cuida de nós, também nós somos impelidos a amar da mesma forma e nos tornaremos compassivos como Ele. Curados e amados por Cristo, também nós nos tornamos sinais do seu amor e da sua compaixão no mundo.

Irmãos e irmãs, hoje precisamos desta revolução do amor. Hoje, aquele caminho que desce de Jerusalém até Jericó, uma cidade que se encontra abaixo do nível do mar, é o caminho percorrido por todos aqueles que se aprofundam no mal, no sofrimento e na pobreza; é o caminho de tantas pessoas oprimidas pelas dificuldades ou feridas pelas circunstâncias da vida; é o caminho de todos aqueles que “estão embaixo” até se perderem e tocarem o fundo; e é a estrada de tantos povos espoliados, roubados e saqueados, vítimas de sistemas políticos opressivos, de uma economia que os condena à pobreza, da guerra que mata os seus sonhos e as suas vidas.

E o que fazemos nós? Vemos e passamos adiante, ou deixamos que o nosso coração seja traspassado como o do samaritano? Às vezes, contentamo-nos em fazer apenas o nosso dever ou consideramos nosso próximo somente quem está no nosso círculo, quem pensa como nós, quem tem a mesma nacionalidade ou religião. Porém, Jesus inverte a perspectiva, apresentando-nos um samaritano, um estrangeiro e herege que se torna próximo daquele homem ferido. E pede-nos que façamos o mesmo.

O samaritano, escreveu Bento XVI, «não se pergunta até onde chegam os seus deveres de solidariedade nem sequer quais sejam os merecimentos necessários para a vida eterna. Acontece outra coisa: sente o coração despedaçar-se-lhe [...]. Se a pergunta tivesse sido: “O samaritano é também meu próximo?”, então, na referida situação, a resposta teria sido um “não” decididamente claro. Mas Jesus inverte a questão: o samaritano, o estrangeiro, faz-se a si mesmo próximo e mostra-me que é, a partir do meu íntimo, que devo aprender o ser-próximo e que trago a resposta já dentro de mim. Devo tornar-me uma pessoa que ama, uma pessoa cujo coração está aberto para deixar-se impressionar perante a necessidade do outro» (Jesus de Nazaré, 253).

Ver sem passar adiante, parar a nossa corrida apressada, deixar que a vida do outro, seja ele quem for, com as suas necessidades e sofrimentos, me parta o coração. Isso aproxima-nos uns dos outros, gera uma verdadeira fraternidade, derruba muros e barreiras. E, finalmente, o amor abre caminho, tornando-se mais forte do que o mal e a morte.

Caríssimos, olhemos para Cristo, o bom Samaritano, e ouçamos ainda hoje a Sua voz que diz a cada um de nós: «Vai e faz tu também o mesmo» (v. 37).

Palavras do Santo Padre ao final da missa:

Neste momento, gostaria de entregar um pequeno presente ao Pároco desta Paróquia Pontifícia, como recordação da nossa celebração de hoje [aplausos]. A patena e o cálice com os quais celebrámos a Eucaristia são instrumentos de comunhão, e podem ser um convite a nós todos para vivermos em comunhão, para promovermos verdadeiramente esta fraternidade, esta comunhão que vivemos em Jesus Cristo.

19. OMILIA DO PAPA LEÃO XIV
Catedral de Albano
XVI Domingo do Tempo Comum, 20 de julho de 2025

Queridos irmãos e irmãs,

Estou muito feliz por hoje me encontrar, aqui, a celebrar a Eucaristia dominical nesta linda Catedral. Como sabeis, a minha chegada estava prevista para o dia 12 de maio, porém o Espírito Santo fez de modo diverso. Mas estou verdadeiramente feliz e, com esta fraternidade e alegria cristã, saúdo todos os presentes, Sua Eminência, o Bispo da Diocese, as Autoridades presentes e todos vós.

Na liturgia hodierna, a Primeira Leitura e o Evangelho falam-nos de hospitalidade, de serviço e de escuta (cf. Gn 18, 1-10; Lc 10, 38-42).

No primeiro caso, Deus visita Abraão na pessoa de “três homens” que se dirigem à sua tenda «na hora mais quente do dia» (cf. Gn 18, 1-2). Podemos imaginar a cena: o sol escaldante, a calma do deserto, o calor intenso e os três desconhecidos que procuram abrigo. Abraão, sentado «à porta da sua tenda», está no lugar de anfitrião, e é muito bonito ver

como exerce a sua função: reconhecendo nos visitantes a presença de Deus, levanta-se, corre ao seu encontro, prostra-se por terra, pede-lhes que se detenham. E assim, toda a cena ganha vida. A tranquilidade da tarde é preenchida com gestos de amor que envolvem não só o Patriarca, mas também Sara, sua mulher, e os servos. Abraão não está já sentado, mas «de pé junto dos estranhos, debaixo da árvore» (Gn 18, 8), e aí Deus dá-lhe a notícia mais bonita que poderia esperar: «Sara, tua mulher, terá já um filho» (Gn 18, 10).

A dinâmica deste encontro pode fazer-nos refletir: Deus escolhe o caminho da hospitalidade para encontrar Sara e Abraão e para lhes anunciar o dom da sua fecundidade, que eles tanto desejavam e já nem sequer esperavam. Depois de tantos momentos de graça em que anteriormente os tinha visitado, volta a bater-lhes à porta, pedindo acolhimento e confiança. E aqueles dois idosos respondem positivamente, sem saber ainda o que está para acontecer. Reconhecem nos misteriosos visitantes a Sua bênção, a Sua própria presença. Oferecem-Lhe o que têm – comida, companhia, serviço e a sombra de uma árvore –, e recebem a promessa de uma vida nova e de uma descendência.

Embora em circunstâncias diferentes, o Evangelho fala do mesmo modo de agir de Deus. Também aqui, Jesus se apresenta como hóspede em casa de Marta e Maria. Não é um desconhecido: está em casa de amigos e o ambiente é de festa. Uma das irmãs acolhe-o com mil atenções, enquanto a outra o escuta sentada a seus pés, com a atitude típica do discípulo perante o mestre. Como sabemos, às queixas da primeira, que gostaria de receber alguma ajuda em questões práticas, Jesus responde convidando-a a apreciar o valor da escuta (cf. Lc 10, 41-42).

No entanto, seria errado ver estas duas atitudes como contrapostas entre si, bem como fazer comparações em termos de méritos entre as duas mulheres. Com efeito, o serviço e a escuta são duas dimensões gêmeas do acolhimento.

Em primeiro lugar, na nossa relação com Deus. Na verdade, se é importante que vivamos a nossa fé com ações concretas e com a fidelidade aos nossos deveres, segundo o estado e a vocação de cada um, é também fundamental que o façamos a partir da meditação da Palavra de Deus e da atenção ao que o Espírito Santo sugere ao nosso coração, reservando, para isso, momentos de silêncio, momentos de oração, tempos em que, silenciando ruídos e distrações, nos reunimos diante d'Ele e construímos a unidade em nós mesmos. Esta é uma dimensão da vida

cristã que hoje temos particular necessidade de recuperar, seja como valor pessoal e comunitário seja como sinal profético para o nosso tempo: dar lugar ao silêncio, à escuta do Pai que fala e «vê o oculto» (Mt 6, 6). Neste sentido, os dias de verão podem ser um tempo providencial para experimentar como é bela e importante a intimidade com Deus, e como ela pode também ajudar-nos a ser mais abertos e acolhedores uns para com os outros.

São dias em que dispomos de mais tempo livre, tanto para nos recolhermos e meditarmos, como para nos encontrarmos, deslocando-nos e visitando-nos reciprocamente. Saindo do turbilhão dos compromissos e das preocupações, aproveitemo-los para saborear alguns momentos de sossego e recolhimento, bem como para, indo a algum lado, partilhar a alegria de nos vermos – como acontece comigo, hoje e aqui. Façamos disto uma oportunidade para cuidarmos uns dos outros, para trocarmos experiências, ideias, para nos compreendermos mutuamente e darmos bons conselhos: isto faz-nos sentir amados, e todos precisamos de tal. Façamo-lo com coragem. Deste modo, na solidariedade, na partilha da fé e da vida, promoveremos uma cultura de paz, ajudando também aqueles que nos rodeiam a superar divisões e hostilidades e a construir a comunhão entre pessoas, povos e religiões.

O Papa Francisco disse que «se quisermos saborear a vida com alegria, devemos associar estas duas atitudes: por um lado, “estar aos pés” de Jesus, para o ouvir enquanto Ele nos revela o segredo de tudo; por outro, estar atentos e prontos na hospitalidade, quando Ele passa e bate à nossa porta, com o rosto do amigo que tem necessidade de um momento de conforto e fraternidade» (Angelus, 21 de julho de 2019). Disse estas palavras, de resto, poucos meses antes que a pandemia comesse. E, neste sentido, quanto nos ensinou aquela longa e dura experiência, que ainda hoje recordamos.

Naturalmente, tudo isto implica fadiga. O serviço e a escuta não são sempre fáceis: exigem empenho, capacidade de renúncia. Por exemplo, na escuta e no serviço, a fidelidade e o amor com que um pai e uma mãe orientam a sua família implicam fadiga, o mesmo acontece com o empenho dos filhos, em casa e na escola, para corresponder aos seus esforços; é exigente o compreendermo-nos uns aos outros quando temos opiniões diferentes, o perdoarmo-nos quando se erra, o assistir-mo-nos quando se está doente, o apoiarmo-nos quando se está triste. Mas só assim, com estes esforços, se constrói algo de bom na vida; só assim nascem e crescem relações autênticas e fortes entre as pessoas,

e a partir de baixo, da quotidianidade, o Reino de Deus cresce, se difunde e se experimenta já presente (cf. Lc 7, 18-22).

Santo Agostinho, ao refletir sobre o episódio de Marta e Maria, comentou num dos seus discursos: «Nestas duas mulheres estão simbolizadas duas vidas: a presente e a futura; uma vivida na fadiga e a outra no repouso; uma atribulada, a outra bem-aventurada; uma temporária, a outra eterna» (Sermão 104, 4). E pensando no trabalho de Marta, Agostinho disse: «Quem na terra está isento deste serviço de cuidar dos outros? Quem na terra consegue descansar destas tarefas? Procuremos desempenhá-las de forma irrepreensível e com caridade [...]. O cansaço passará e o repouso chegará; mas o repouso só chegará por meio do cansaço. A barca passará e a pátria chegará; mas não se chegará à pátria senão por meio da barca» (ibid., 6-7).

Abraão, Marta e Maria recordam-nos hoje precisamente isto: que a escuta e o serviço são duas atitudes complementares para, na vida, nos abirmos à presença abençoadora do Senhor. O seu exemplo convida-nos a conciliar com sabedoria e equilíbrio, ao longo de cada dia, contemplação e ação, repouso e fadiga, silêncio e trabalho, tendo sempre como medida a caridade de Jesus, como luz a sua Palavra e como manancial de força a sua graça, que nos sustenta para além das nossas próprias capacidades (cf. Fl 4, 13).

Palavras proferidas pelo Papa Leão XIV na Catedral de Albano, no final da Santa Missa, antes da Bênção, enquanto oferecia uma casula a Dom Vincenzo Viva, Bispo da Diocese.

A Vossa Excelência entregamos este presente, expressão da nossa proximidade à sua Igreja Diocesana, com o desejo de que a Bênção do Senhor sempre os acompanhe. Obrigado pelo seu serviço e obrigado ao seu povo.

20. HOMILIA DO PAPA LEÃO XIV
Tor Vergata
XVIII Domingo do Tempo Comum, 3 de agosto de 2025

Bom dia a todos! Bom domingo!

Good morning! Buenos dias! Bonjour! Guten Morgen!

Espero que todos tenham descansado um pouco. Em breve, começaremos a maior celebração que Cristo nos deixou, a Sua própria presença na Eucaristia. Deus abençoe todos vocês. E que esta seja uma ocasião verdadeiramente memorável para cada um de nós, quando juntos, como Igreja de Cristo, seguimos, caminhamos juntos, vivemos com Jesus Cristo.

Boa celebração a todos!

Queridos jovens,

Depois da Vigília que vivemos juntos ontem à noite, reunimo-nos hoje para celebrar a Eucaristia, Sacramento do dom total de Si mesmo que o Senhor fez por nós. Nesta experiência, podemos imaginar que estamos a percorrer o caminho feito pelos discípulos de Emaús na tarde do dia de Páscoa (cf. Lc 24, 13-35): antes, eles afastavam-se de Jerusalém assustados e desiludidos; partiam convencidos de que, após a morte de Jesus, não havia mais nada a aguardar, nada em que esperar. Em vez disso, encontraram precisamente a Ele, acolheram-no como companheiro de viagem, ouviram-no explicar-lhes as Escrituras e, finalmente, reconheceram-no ao partir o pão. Os seus olhos abriram-se e o anúncio alegre da Páscoa encontrou lugar nos seus corações.

A liturgia de hoje não nos fala diretamente sobre este episódio, mas ajuda-nos a refletir sobre o que nele se narra: o encontro com Cristo Ressuscitado que muda a nossa existência e que ilumina os nossos afetos, desejos e pensamentos.

A primeira leitura, tirada do Livro de Eclesiastes, convida-nos a entrar em contacto, como os dois discípulos de que falámos, com a experiência dos nossos limites, da finitude das coisas que passam (cf. Ecl 1, 2; 2, 21-23); e o Salmo responsorial, que ecoa a mesma mensagem, propõe-nos a imagem da «erva que de manhã brota vicejante, mas à tarde está murcha e seca» (Sl 90, 5-6). São duas advertências fortes, talvez um pouco chocantes, mas que não devem assustar-nos, como se fossem temas “tabu” a evitar. Na verdade, a fragilidade de que nos falam faz parte da maravilha que somos. Pensemos no símbolo da erva: não é lindo um campo florido? Claro, é delicado, feito de caules finos, vulneráveis, sujeitos a secar, dobrar-se, partir-se, mas, ao mesmo tempo, imediatamente substituídos por outros que brotam depois deles e dos

quais os primeiros se tornam generosamente alimento e adubo, ao desfazerem-se no solo. É assim que vive o campo, renovando-se continuamente e, mesmo durante os meses gelados do inverno, quando tudo parece silencioso, a sua energia vibra sob a terra e prepara-se para, na primavera, explodir em milhares de cores.

Queridos amigos, nós também somos assim: fomos feitos para isto. Não para uma vida onde tudo é óbvio e parado, mas para uma existência que se renova constantemente no dom, no amor. E assim aspiramos continuamente a um “algo mais” que nenhuma realidade criada nos pode dar. Sentimos uma sede tão grande e ardente que nenhuma bebida deste mundo pode saciar. Diante dela, não enganemos o nosso coração, tentando extingui-la com subterfúgios ineficazes! Antes, ouçamo-la! Façamos dela um estrado para subir e espreitar na ponta dos pés, como crianças, pela janela do encontro com Deus. Encontrar-nos-emos diante d’Ele, que nos espera, ou melhor, que bate gentilmente ao vidro da nossa alma (cf. Ap 3, 20). E, mesmo aos vinte anos, é bom abrir-lhe o coração, deixá-lo entrar, para depois nos aventurarmos com Ele rumo aos espaços eternos do infinito.

Santo Agostinho, falando da sua intensa busca por Deus, perguntava-se: «Qual é, então, o objeto da nossa esperança [...]? É a terra? Não. Algo que deriva da terra, como o ouro, a prata, as árvores, a messe, a água [...]? Estas coisas agradam, são belas, são boas» (Sermo 313/F, 3). E concluía: «Procura quem as fez. Ele é a tua esperança» (ibid.). Em seguida, pensando no caminho que tinha percorrido, rezava dizendo: «Eis que habitavas dentro de mim e eu te procurava do lado de fora! [...] Tu me chamaste, e teu grito rompeu a minha surdez. Fulguraste e brilhaste e tua luz afugentou a minha cegueira. Espargiste tua fragrância e, respirando-a, suspirei por ti. Eu te saboreei (cf. Sl 33, 9; 1 Pe 2, 3), e agora tenho fome e sede de ti (cf. Mt 5, 6; 1 Cor 4, 11). Tu me tocaste, e agora estou ardendo no desejo de tua paz» (Confissões, 10, 27).

Irmãs e irmãos, essas são lindas palavras que lembram o que o Papa Francisco disse a outros jovens como vós em Lisboa, durante a Jornada Mundial da Juventude: «todos somos chamados a confrontar-nos com grandes interrogativos que [...] não têm uma resposta simplista ou imediata, mas convidam a realizar uma viagem, superando-se a si mesmo, indo mais além [...], uma decolagem sem a qual não há voo. Portanto, não nos alarmemos se nos encontramos intimamente sedentos, inquietos, incompletos, desejosos de sentido e de futuro [...] Não estamos doentes, estamos vivos!» (Discurso no Encontro com os Jovens Universitários, 3

de agosto de 2023).

Há uma solicitação importante no nosso coração, uma necessidade de verdade que não podemos ignorar, que nos leva a perguntar: o que é realmente a felicidade? Qual é o verdadeiro sabor da vida? O que nos liberta dos pântanos do absurdo, do tédio, da mediocridade?

Nos últimos dias, vivestes muitas experiências bonitas. Encontrastes-vos com jovens da vossa idade, vindos de várias partes do mundo, pertencentes a diferentes culturas. Trocastes conhecimentos, partilhastes expectativas, dialogastes com a cidade através da arte, da música, da informática, do desporto. No Circo Massimo, aproximando-vos do Sacramento da Penitência, recebestes o perdão de Deus e pedistes a sua ajuda para uma vida boa.

Em tudo isto, podeis encontrar uma resposta importante: a plenitude da nossa existência não depende do que acumulamos nem do que possuímos, como ouvimos no Evangelho (cf. Lc 12, 13-21). Em vez disso, está ligada ao que sabemos acolher e partilhar com alegria (cf. Mt 10, 8-10; Jo 6, 1-13). Comprar, acumular, consumir não basta. Precisamos levantar os olhos, olhar para cima, para as «coisas do alto» (Cl 3, 2), para perceber que, entre as realidades do mundo, tudo tem sentido apenas na medida em que serve para nos unir a Deus e aos irmãos na caridade, fazendo crescer em nós «sentimentos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de paciência» (Cl 3, 12), de perdão (cf. *ibid.*, v. 13), de paz (cf. Jo 14, 27), como os de Cristo (cf. Fl 2, 5). E neste horizonte compreenderemos cada vez melhor o que significa «a esperança não engana, porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado» (cf. Rm 5, 5).

Queridos jovens, a nossa esperança é Jesus. É Ele, como dizia São João Paulo II, «quem suscita em vós o desejo de fazer da vossa vida algo de grande [...], no aperfeiçoamento de vós próprios e da sociedade, tornando-a mais humana e fraterna» (XV Jornada Mundial da Juventude, Vigília de Oração, 19 de agosto de 2000). Mantenhamo-nos unidos a Ele, permaneçamos sempre na sua amizade, cultivando-a com a oração, a adoração, a Comunhão eucarística, a Confissão frequente, a caridade generosa, como nos ensinaram os beatos Piergiorgio Frassati e Carlo Acutis, que em breve serão proclamados Santos. Onde quer que estejais, aspirai a coisas grandes, à santidade. Não vos contenteis com menos. Então, vereis crescer todos os dias, em vós e à vossa volta, a luz do Evangelho.

Confio-vos a Maria, Virgem da Esperança. Com a sua ajuda, ao regressarem nos próximos dias aos vossos países, em todas as partes do mundo, continuai a caminhar com alegria seguindo as pegadas do Salvador e contagiai com o vosso entusiasmo e o testemunho da vossa fé todos aqueles que encontrardes! Bom caminho!

21. REGINA CAELI
Balcão central da Basílica de São Pedro
Domingo, 11 de maio de 2025

Caros irmãos e irmãs: Bom Domingo!

Considero um dom de Deus que o primeiro Domingo do meu serviço como Bispo de Roma seja o Domingo do Bom Pastor, o quarto Domingo do Tempo Pascal. Neste Domingo, proclamamos sempre na Missa uma passagem do capítulo décimo do Evangelho de João, na qual Jesus se revela como o verdadeiro Pastor, que conhece e ama as suas ovelhas e dá a vida por elas

Neste domingo é celebrado, há sessenta e dois anos, o Dia Mundial de Oração pelas Vocações. Além disso, Roma acolhe hoje o Jubileu das Bandas e do Espetáculo Popular. Saúdo com afeto todos estes peregrinos e agradeço-lhes porque, com a sua música e as suas apresentações artísticas, alegram a festa de Cristo Bom Pastor: sim, é Ele que guia a Igreja com o seu Espírito Santo.

Jesus afirma no Evangelho que conhece as suas ovelhas e que elas escutam a sua voz e O seguem (cf. Jo 10, 27). Com efeito, como ensina o Papa São Gregório Magno, as pessoas «correspondem ao amor daquele que as ama» (Homilia 14, 3-6)

Hoje, portanto, irmãos e irmãs, tenho a alegria de rezar convosco e com todo o Povo de Deus pelas vocações, especialmente pelas vocações sacerdotais e religiosas. A Igreja tem grande necessidade delas! E é importante que os jovens e as jovens encontrem, nas nossas comunidades, acolhimento, escuta e encorajamento no seu caminho vocacional, e que possam contar com modelos críveis de dedicação generosa a Deus e aos irmãos.

Façamos nosso o convite que o Papa Francisco nos deixou na sua Mensagem para o dia de hoje: o convite a acolher e acompanhar os jovens.

E peçamos ao nosso Pai celeste que sejamos uns para os outros, cada um segundo a sua condição, pastores «segundo o seu coração» (cf. Jr 3,15), capazes de se ajudarem mutuamente a caminhar no amor e na verdade. E aos jovens eu digo: Não tenhais medo! Aceitai o convite da Igreja e de Cristo Senhor.

Que a Virgem Maria, cuja vida inteira foi uma resposta ao chamamento do Senhor, nos acompanhe sempre no seguimento de Jesus.

Depois do Regina Caeli

Irmãos e irmãs!

A imensa tragédia da segunda guerra mundial terminou há 80 anos, no dia 8 de maio, depois de ter provocado 60 milhões de vítimas. No dramático cenário atual de uma terceira guerra mundial em pedaços, como o Papa Francisco afirmou repetidamente, também eu me dirijo aos grandes do mundo, reiterando o apelo sempre atual: “Nunca mais a guerra!”.

Trago no meu coração os sofrimentos do amado povo ucraniano. Que se faça tudo o que for possível para alcançar uma paz autêntica, justa e duradoura o mais rapidamente possível. Que todos os prisioneiros sejam libertados e que as crianças possam regressar às suas famílias.

Estou profundamente consternado com o que ocorre na Faixa de Gaza. Cessar-fogo imediatamente! Que seja prestada ajuda humanitária à população civil extenuada e que todos os reféns sejam libertados.

Por outro lado, congratulo-me com o anúncio do cessar-fogo entre a Índia e o Paquistão e espero que, através das próximas negociações, se possa chegar em breve a um acordo duradouro.

Mas quantos outros conflitos existem no mundo! Confio este apelo sincero à Rainha da paz, para que o apresente ao Senhor Jesus e nos obtenha o milagre da paz.

E agora saúdo com afeto todos vós, romanos e peregrinos de vários países. Saúdo os membros da British and Foreign Bible Society, o grupo de médicos de Granada (Espanha), os fiéis de Malta, Panamá, Dallas (Texas), Valladolid, Torrelodones (Madrid), Montesilvano e Cinisi (Palermo).

Saúdo os participantes na manifestação “Escolhamos a vida” e os jovens da Fraternidade de Santa Maria Imaculada e São Francisco de Assis, de Reggio Emilia.

Hoje, na Itália e noutros países, celebra-se o Dia da mãe. Transmito uma saudação carinhosa a todas as mães, com uma oração por elas e por aquelas que já estão no Céu.

Feliz festa a todas as mães!

Obrigado a todos vós! Bom domingo a todos!

**22. REGINA CAELI
NO FINAL DA SANTA MISSA
Praça de São Pedro
Domingo, 18 de maio de 2025**

ANo final desta celebração, saúdo e agradeço a todos, romanos e fiéis de tantas partes do mundo, que nela desejastes participar!

Exprimo em particular a minha gratidão às Delegações oficiais de muitos países, bem como aos Representantes das Igrejas e Comunidades eclesiais e de outras religiões.

Dirijo uma saudação calorosa aos milhares de peregrinos que vieram de todos os continentes por ocasião do Jubileu das Irmandades. Caríssimos, agradeço-vos por manterdes vivo o grande património da piedade popular!

Durante a Missa senti fortemente a presença espiritual do Papa Francisco, que nos acompanha desde o Céu. Nesta dimensão da comunhão dos santos, recordo que ontem, em Chambéry, na França, foi beatificado o padre Camille Costa de Beauregard. Viveu em finais do século XIX e inícios do século XX, e deu testemunho de grande caridade pastoral.

Na alegria da fé e da comunhão, não podemos esquecer os nossos irmãos e irmãs que sofrem por causa das guerras. Em Gaza, as crianças, as famílias e os idosos que sobreviveram estão sujeitos à fome. Em Myanmar, novas hostilidades dizimaram jovens vidas inocentes. A martirizada Ucrânia aguarda as negociações para uma paz justa e duradoura.

Por isso, enquanto entregamos a Maria o serviço do Bispo de Roma, Pastor da Igreja universal, a partir da “barca de Pedro” olhamos para ela, Estrela do Mar, Mãe do Bom Conselho, como sinal de esperança. Imploramos da sua intercessão o dom da paz, o apoio e o conforto para quem sofre, a graça de todos sermos testemunhas do Senhor ressuscitado.

23. REGINA CAELI
Praça de São Pedro
Domingo, 25 de maio de 2025

Queridos irmãos e irmãs, bom Domingo a todos!

Ainda estou no início do meu ministério entre vós e quero, primeiramente, agradecer-vos o afeto que me tendes dedicado e, ao mesmo tempo, pedir que me apoiéis com a vossa oração e proximidade.

Sentimo-nos por vezes inadequados para tudo aquilo a que o Senhor nos chama, tanto no percurso da vida como no caminho da fé. Mas o Evangelho deste domingo (cf. Jo 14, 23-29) diz-nos que não devemos olhar para as nossas forças, mas para a misericórdia do Senhor que nos escolheu, certos de que o Espírito Santo nos guia e nos ensina todas as coisas.

Aos Apóstolos que estavam perturbados e ansiosos na véspera da morte do Mestre, e se interrogavam como poderiam ser continuadores e testemunhas do Reino de Deus, Jesus anuncia o dom do Espírito Santo, com esta promessa maravilhosa: «Se alguém me tem amor, há-de guardar a minha palavra; e o meu Pai o amará, e Nós viremos a ele e nele faremos morada» (v. 23).

Assim, Jesus liberta os discípulos de toda a angústia e preocupação e pode dizer-lhes: «Não se perturbe o vosso coração nem se atemorize» (v. 27). Com efeito, se permanecermos no seu amor ele vem morar em nós, a nossa vida torna-se templo de Deus e este amor ilumina-nos, abre caminho no nosso modo de pensar e nas nossas escolhas, a ponto de se estender também aos outros e iluminar todas as situações da nossa existência.

Irmãos e irmãs, este habitar de Deus em nós é precisamente o dom do Espírito Santo, que nos toma pela mão e nos faz experimentar, também

na nossa vida quotidiana, a presença e a proximidade de Deus, fazendo de nós a sua morada.

Olhando para a nossa vocação, para as realidades e as pessoas que nos foram confiadas, para os compromissos que assumimos, para o nosso serviço na Igreja, é belo que cada um de nós possa dizer com confiança: embora eu seja frágil, o Senhor não se envergonha da minha humanidade, pelo contrário, vem habitar em mim. Acompanha-me com o seu Espírito, ilumina-me e faz de mim um instrumento do seu amor para os outros, a sociedade e o mundo.

Caríssimos, sobre o fundamento desta promessa, caminhemos na alegria da fé, para sermos templo santo do Senhor. Esforcemo-nos por levar o seu amor a toda a parte, recordando que cada irmã e cada irmão é a morada de Deus, cuja presença se revela sobretudo nos mais pequenos, nos pobres e nos que sofrem, exigindo que sejamos cristãos atentos e compassivos.

Por fim, confiemo-nos todos à intercessão de Maria Santíssima. Por obra do Espírito, Ela tornou-se “morada consagrada a Deus”. Com Ela, também nós podemos experimentar a alegria de acolher o Senhor e de ser sinal e instrumento do seu amor.

Depois do Regina Caeli

Queridos irmãos e irmãs!

Ontem, em Posnânia (Polônia), foi beatificado Estanislau Kostka Streich, um padre diocesano morto por ódio à fé em 1938, porque o seu trabalho em prol dos pobres e dos trabalhadores incomodou os seguidores da ideologia comunista. Que o seu exemplo inspire os sacerdotes, em particular, a gastarem-se generosamente pelo Evangelho e pelos irmãos.

Também ontem, memória litúrgica de Nossa Senhora Auxiliadora, foi celebrado a Jornada de Oração pela Igreja na China, instituída pelo Papa Bento XVI. Nas igrejas e santuários da China e de todo o mundo, elevaram-se orações a Deus como sinal da solicitude e do afeto pelos católicos chineses e da sua comunhão com a Igreja universal. Que a intercessão da Bem-Aventurada Virgem Maria obtenha para eles e para nós a graça de sermos testemunhas fortes e alegres do Evangelho, mesmo no meio

das provações, para promover sempre a paz e a harmonia.

Com estes sentimentos, a nossa oração abraça todos os povos que sofrem com a guerra; invocamos coragem e perseverança para todos os que se empenham no diálogo e na busca sincera da paz.

Há dez anos, o Papa Francisco assinou a Encíclica *Laudato si'*, dedicada ao cuidado da casa comum. A sua popularidade foi extraordinária, inspirando inúmeras iniciativas e ensinando todos a ouvir o duplo grito da Terra e dos pobres. Saúdo e encorajo o movimento *Laudato si'* e todos aqueles que levam adiante este compromisso.

Saúdo todos os que vieram da Itália e de muitas partes do mundo, especialmente os peregrinos de Valência e os poloneses, com uma bênção para aqueles que, na Polônia, participam na grande peregrinação ao Santuário Mariano de Piekary Śląskie. Saúdo os fiéis de Pescara, Sortino, Paternò, Caltagirone, Massarosa Nord, Malnate, Palagonia e Cerello, e os da paróquia dos Sagrados Corações de Jesus e Maria de Roma. Saúdo com afeto os crismandos da Arquidiocese de Gênova, os crismandos de São Teodoro, na diocese de Tempio-Ampurias, os ciclistas de Paderino Dugnano e os Bersaglieri de Palermo.

Desejo a todos um bom domingo!

24. REGINA CAELI
Praça de São Pedro
Domingo, 8 de junho de 2025

Antes de concluir esta celebração, dirijo a minha afetuosa saudação a todos vós que participastes dela e também àqueles que estiveram conectados através dos meios de comunicação social.

Agradeço aos Senhores Cardeais e Bispos presentes e a todos os representantes das associações e movimentos eclesiais e das novas comunidades. Queridas irmãs e queridos irmãos, com a força do Espírito Santo, voltais renovados deste vosso Jubileu. Ide e levai a todos a esperança do Senhor Jesus!

Em Itália e noutros países, o ano letivo está por concluir-se nestes dias. Gostaria de saudar os jovens, todos os alunos e os seus professores, especialmente os estudantes que farão os exames finais nos próximos

dias.

E agora, por intercessão da Virgem Maria, invocamos do Espírito Santo o dom da paz. Principalmente, a paz nos corações: só um coração pacífico pode difundir a paz, na família, na sociedade, nas relações internacionais. Que o Espírito de Cristo ressuscitado abra caminhos de reconciliação onde quer que haja guerra; que ilumine os governantes e lhes dê a coragem de fazer gestos de apaziguamento e de diálogo.

25.ANGELUS
Praça de São Pedro
Domingo, 15 de junho de 2025

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Concluímos há pouco a celebração eucarística pelo Jubileu do Desporto, e agora dirijo com alegria a minha saudação a vós, desportistas de todas as idades e proveniências! Exorto-vos a viver a atividade desportiva, mesmo a nível competitivo, sempre com espírito de gratuidade, com espírito «lúdico», no sentido nobre do termo, porque no jogo e na diversão saudável o ser humano assemelha-se ao seu Criador.

Gostaria ainda de sublinhar que o desporto é um caminho para construir a paz, porque é uma escola de respeito e lealdade, que faz crescer a cultura do encontro e da fraternidade. Irmãs e irmãos, encorajo-vos a praticar este estilo de vida de forma consciente, opondo-vos a todas as formas de violência e opressão.

O mundo de hoje precisa muito disso! Infelizmente, existem muitos conflitos armados. Em Mianmar, apesar do cessar-fogo, os combates continuam causando danos também às infraestruturas civis. Faço um apelo a todas as partes para que empreendam o caminho do diálogo inclusivo, o único que pode conduzir a uma solução pacífica e estável.

Na noite entre os dias 13 e 14 de junho, na cidade de Yelwata, na área administrativa local de Gouma, no Estado de Benue, na Nigéria, ocorreu um terrível massacre, no qual cerca de duzentas pessoas foram mortas com extrema crueldade, a maioria das quais eram refugiados internos, acolhidos pela missão católica local. Rezo para que a segurança, a justiça e a paz prevaleçam na Nigéria, país amado e tão atingido por várias formas de violência. E rezo de modo especial pelas comunidades cristãs

rurais do Estado de Benue, que incessantemente têm sido vítimas da violência.

Penso também na República do Sudão, devastada há mais de dois anos pela violência. Chegou-me a triste notícia da morte do Padre Luke Jumu, pároco de El Fasher, vítima de um bombardeamento. Ao assegurar as minhas orações por ele e por todas as vítimas, renovo o apelo aos combatentes a fim de que cessem os ataques, protejam os civis e iniciem um diálogo pela paz. Exorto a comunidade internacional a intensificar os esforços para fornecer, pelo menos, a assistência essencial à população, duramente atingida pela grave crise humanitária.

Continuemos a rezar pela paz no Médio Oriente, na Ucrânia e no mundo inteiro.

Esta tarde, na Basílica de São Paulo Fora dos Muros, o jovem mártir congolês Floribert Bwana Chui será proclamado Beato. Ele foi morto aos 26 anos porque, como cristão, se opôs à injustiça e defendia os pequenos e os pobres. Que o seu testemunho dê coragem e esperança aos jovens da República Democrática do Congo e de toda a África!

Bom domingo a todos! E a vós, jovens, digo: espero-vos daqui a um mês e meio no Jubileu dos Jovens! Que a Virgem Maria, Rainha da Paz, interceda por nós.

Angelus Domini...

26. ANGELUS
Praça São Pedro
Domingo, 22 de junho 2025

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

Celebra-se hoje, em muitos países, a Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo, o Corpus Christi, e o Evangelho narra o milagre dos pães e dos peixes (cf. Lc 9, 11-17).

Para alimentar milhares de pessoas vindas para o ouvir e pedir curas, Jesus convida os Apóstolos a apresentarem-lhe o pouco que têm, abençoa os pães e os peixes e ordena que os distribuam a todos. O resultado é surpreendente: não só cada um recebe comida em quanti-

dade suficiente, como sobra em abundância (cf. Lc 9, 17).

O milagre, mais que um prodígio, é um “sinal” e recorda-nos que os dons de Deus, mesmo aqueles pequeninos, quanto mais partilhados são, mais crescem.

Porém, ao lermos tudo isto no dia do Corpus Christi, refletimos sobre uma realidade ainda mais profunda. Com efeito, sabemos que na raiz de toda a partilha humana há uma outra maior e anterior a ela: a de Deus para connosco. Ele, o Criador, que nos deu a vida, para nos salvar pediu a uma das suas criaturas para ser sua mãe e dar-lhe um corpo frágil, limitado e mortal, como o nosso, confiando-se a Ela como uma criança. Partilhou assim, até às últimas consequências, a nossa pobreza e, para nos resgatar, escolheu servir-se do muito pouco que lhe podíamos oferecer (cf. NICOLA CABASILAS, *A vida em Cristo*, IV, 3).

Pensemos como é bom, quando oferecemos um presente – porventura pequeno, proporcional às nossas possibilidades – ver que ele é apreciado por quem o recebe; como ficamos felizes quando sentimos que, apesar da sua simplicidade, aquele presente nos une ainda mais àqueles que amamos. Pois bem, na Eucaristia, entre nós e Deus, acontece exatamente isto: o Senhor acolhe, santifica e abençoa o pão e o vinho que colocamos sobre o Altar, juntamente com a oferta da nossa vida, e transforma-os no Corpo e Sangue de Cristo, Sacrifício de amor para a salvação do mundo. Deus une-se a nós acolhendo com alegria o que levamos e convida a unirmo-nos a Ele, recebendo e partilhando com igual alegria o seu dom de amor. Desta forma – diz Santo Agostinho – como dos «grãos de trigo, unidos entre si, [...] se forma um só pão, assim, na concórdia da caridade, se forma um único corpo de Cristo» (Sermão 229/A, 2)

Caríssimos, nesta tarde faremos a Procissão Eucarística. Juntos celebraremos a Santa Missa e, depois, colocar-nos-emos a caminho, levando o Santíssimo Sacramento pelas ruas da nossa cidade. Cantaremos, rezaremos e, por fim, reunir-nos-emos diante da Basílica de Santa Maria Maior para implorar a Bênção do Senhor sobre as nossas casas, sobre as nossas famílias e sobre toda a humanidade. Que esta Celebração seja um sinal luminoso do nosso compromisso de sermos todos os dias, a partir do Altar e do Sacrário, portadores de comunhão e de paz uns para os outros, na partilha e na caridade.

Depois do Angelus

Queridos irmãos e irmãs,

São alarmantes as notícias que têm chegado do Médio Oriente, sobretudo do Irão. Diante de tal cenário dramático, que compreende Israel e a Palestina, corre-se o risco de deixar cair no esquecimento o sofrimento diário da população, especialmente em Gaza e noutros territórios, onde a urgência de um adequado apoio humanitário é cada vez mais premente.

Hoje, mais do que nunca, a humanidade grita e implora paz. É um grito que reclama responsabilidade e sensatez, e que não deve ser abafado pelo fragor das armas e pelas palavras retóricas que incitam ao conflito. Cada membro da comunidade internacional tem uma responsabilidade moral: travar a tragédia da guerra antes que ela se transforme num abismo irreparável. Quando está em causa a dignidade humana, não há conflitos “distantes”.

A guerra não resolve os problemas, antes amplifica-os e produz na história dos povos feridas profundas, que para sarar levam gerações. Nenhuma vitória armada poderá compensar a dor das mães nem o medo das crianças nem o futuro roubado.

Que a diplomacia faça silenciar as armas! E que as Nações desenhem o seu futuro não com violência e conflitos sangrentos, mas com obras de paz!

Saúdo todos vós, romanos e peregrinos! Tenho a alegria de saudar os Parlamentares e os Autarcas aqui presentes por ocasião do Jubileu dos Governantes e Administradores.

Saúdo os fiéis de Bogotá e Sampedra, na Colômbia; os que vieram da Polónia, entre os quais alunos e professores de um Instituto Técnico de Cracóvia; a Banda de música Strengberg, na Áustria; os fiéis de Hannover, na Alemanha; os crismandos de Gioia Tauro e os jovens de Tempio Pausania.

Desejo a todos um feliz domingo e abençoo os que hoje participam ativamente na festa do Corpus Christi, nomeadamente com os cânticos, a música, os tapetes de flores, o artesanato e, sobretudo, a oração e a procissão. A todos, obrigado e bom domingo.

27. ANGELUS
Praça de São Pedro
Domingo, 29 de junho de 2025

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

Hoje é a grande festa da Igreja de Roma, gerada pelo testemunho dos Apóstolos Pedro e Paulo e fecundada pelo seu sangue e pelo de muitos outros mártires. Também nos nossos dias, em todo o mundo, há cristãos que o Evangelho torna generosos e audazes, também à risco da própria vida. Existe, portanto, um ecumenismo de sangue, uma unidade invisível e profunda entre as Igrejas cristãs, mesmo que não vivam ainda uma comunhão plena e visível entre si. Por isso, nesta solene festa, quero confirmar que o meu serviço episcopal é um serviço à unidade e que a Igreja de Roma está empenhada, pelo sangue dos Santos Pedro e Paulo, em servir com amor a comunhão entre todas as Igrejas.

A pedra, da qual Pedro recebe até mesmo o próprio nome, é Cristo. Uma pedra rejeitada pelos homens e que Deus transformou em pedra angular. Esta praça e as basílicas papais de São Pedro e São Paulo dizem-nos como este paradoxo continua sempre. Encontram-se no limite da antiga cidade, “fora dos muros”, como dizemos ainda hoje. O que hoje nos parece grande e glorioso foi primeiro descartado e expulso porque estava em contradição com a mentalidade mundana. Quem segue Jesus encontra-se a percorrer o caminho das bem-aventuranças, onde a pobreza de espírito, a mansidão, a misericórdia, a fome e sede de justiça, e o trabalho pela paz encontram oposição e até perseguição. No entanto, a glória de Deus brilha nos seus amigos e os vai moldando, ao longo do caminho, de conversão em conversão.

Queridos irmãos e irmãs, nos túmulos dos Apóstolos, destino de peregrinação desde há milhares de anos, descobrimos que também nós podemos viver de conversão em conversão. O Novo Testamento não esconde os erros, as contradições, os pecados daqueles que veneramos como os maiores entre os Apóstolos. Na verdade, a sua grandeza foi moldada pelo perdão. O Ressuscitado foi buscá-los, mais do que uma vez, para os colocar de novo no seu caminho. Jesus nunca chama apenas uma vez. É por isso que todos nós podemos sempre ter esperança, como também nos recorda o Jubileu.

Irmãs e irmãos, a unidade na Igreja e entre as Igrejas alimenta-se do

perdão e da confiança mútua. A começar pelas nossas famílias e comunidades. Porque se Jesus confia em nós, também nós podemos confiar uns nos outros, em seu Nome. Que os Apóstolos Pedro e Paulo, junto à Virgem Maria, intercedam por nós, para que neste mundo dilacerado a Igreja seja casa e escola de comunhão.

Depois do Angelus

Queridos irmãos e irmãs,

Asseguro as minhas orações pela comunidade da Escola “Barthélémy Boganda” de Bangui, na República Centro-Africana, em luto pelo trágico acidente que causou numerosos mortos e feridos entre os estudantes. Que o Senhor conforte as famílias e toda a comunidade!

Dirijo a minha saudação a todos vós, e hoje, de modo especial, aos fiéis de Roma, na festa dos Santos Padroeiros! Quero dirigir um pensamento cheio de afeto aos párocos e a todos os sacerdotes que trabalham nas paróquias de Roma, com gratidão e encorajamento pelo seu serviço.

Nesta festa, celebramos também o dia do Óbolo de São Pedro, sinal de comunhão com o Papa e de participação no seu ministério apostólico. Agradeço vivamente a todos aqueles que, com a sua oferta, apoiam os meus primeiros passos como Sucessor de Pedro.

Abençoo todos aqueles que, a partir dos locais romanos das memórias dos Santos Pedro e Paulo, participam no evento Quo Vadis? Agradeço a quantos organizaram com empenho esta iniciativa que ajuda a conhecer e a honrar os Santos Padroeiros de Roma.

Saúdo os fiéis de vários países que vieram acompanhar os seus Arcebispos Metropolitanos que hoje receberam o Pálio. Saúdo os peregrinos da Ucrânia – rezo sempre pelo vosso povo –, do México, da Croácia, da Polónia, dos Estados Unidos da América, da Venezuela, do Brasil, o Coro Santos Pedro e Paulo da Indonésia, assim como muitos fiéis da Eritreia que vivem na Europa; os grupos de Martina Franca, Pontedera, San Vendemiano e Corbetta; os acólitos de Santa Giustina in Colle e os jovens de Sommariva del Bosco.

Agradeço à Pro Loco di Roma Capitale e aos artistas que realizaram os

tapetes florais na Via della Conciliazione e na Piazza Pio XII. Obrigado!

Saúdo os Cooperadores Guanelianos do Centro-Sul da Itália, a Associação de voluntariado de Chiari, os ciclistas de Fermo e de Varese, o grupo desportivo Aniene 80 e os peregrinos do “Spiritual Connection”.

Irmãs e irmãos, continuemos a rezar para que, em toda a parte, sejam silenciadas as armas e se trabalhe pela paz através do diálogo.

Bom domingo para todos!

28. ANGELUS
Praça de São Pedro
Domingo, 6 de julho de 2025

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

O Evangelho de hoje (Lc 10, 1-12.17-20) recorda-nos a importância da missão, à qual todos somos chamados, cada um segundo a própria vocação, nas situações concretas em que o Senhor o colocou.

Jesus envia setenta e dois discípulos (v. 1). Esse número simbólico indica que a esperança do Evangelho é destinada a todos os povos: é precisamente essa a grandeza do coração de Deus, a sua messe abundante, ou seja, a obra que Ele realiza no mundo para que todos os seus filhos sejam alcançados pelo seu amor e sejam salvos.

Ao mesmo tempo, Jesus diz: «A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. Pedi ao dono da seara que mande trabalhadores para a sua seara» (v. 2).

Por um lado, como um semeador, Deus saiu pelo mundo para semear com generosidade e colocou no coração do homem e da história o desejo do infinito, de uma vida plena, de uma salvação que o liberte. Por isso, a seara é grande: o Reino de Deus, como uma semente, germina no solo e as mulheres e os homens de hoje, mesmo quando parecem dominados por tantas outras coisas, esperam uma verdade maior, procuram um sentido mais pleno para as suas vidas, desejam a justiça, levam dentro de si um anseio de vida eterna.

Por outro lado, são poucos os operários que vão trabalhar no campo semeado pelo Senhor e que, além disso, são capazes de reconhecer, com

os olhos de Jesus, o bom trigo que está pronto para a colheita (cf. Jo 4, 35-38). Há algo grande que o Senhor quer fazer na nossa vida e na história da humanidade, mas poucos são aqueles que se apercebem disso, que param para acolher o dom, que o anunciam e o levam aos outros.

Queridos irmãos e irmãs, a Igreja e o mundo não precisam de pessoas que cumprem os seus deveres religiosos mostrando a sua fé como um rótulo exterior; precisam, pelo contrário, de operários desejosos de trabalhar no campo da missão, de discípulos apaixonados que testemunhem o Reino de Deus onde quer que estejam. Talvez não falem os “cristãos de ocasião”, que só de vez em quando dão lugar a algum sentimento religioso ou participam em algum evento; mas poucos são aqueles que estão prontos a trabalhar todos os dias no campo de Deus, cultivando no seu coração a semente do Evangelho para depois levá-la à vida quotidiana, à família, aos locais de trabalho e de estudo, aos vários ambientes sociais e àqueles que se encontram em necessidade.

Para fazer isso, não são necessárias muitas ideias teóricas sobre conceitos pastorais: é preciso, acima de tudo, rezar ao Dono da messe. Com efeito, em primeiro lugar está a relação com o Senhor, cultivando o diálogo com Ele. Então, será Ele que nos tornará seus operários e nos enviará ao campo do mundo como testemunhas do seu Reino.

Peçamos à Virgem Maria – Ela que participou na obra da salvação oferecendo generosamente o seu “Eis-me aqui” – que interceda por nós e nos acompanhe no caminho do seguimento do Senhor, para que também nós possamos tornar-nos operários alegres do Reino de Deus.

Depois do Angelus

Queridos irmãos e irmãs,

Dirijo com carinho a minha saudação a todos vós, fiéis de Roma e peregrinos da Itália e de vários Países. No grande calor deste período, a vossa caminhada para atravessar as Portas Santas é ainda mais corajosa e admirável!

Saúdo, em particular, as Irmãs Franciscanas Missionárias do Sagrado Coração; os alunos e pais da Escola de Strzyzow e os fiéis de Legnica, na Polónia; o grupo greco-católico da Ucrânia.

Saúdo também os peregrinos de Romano di Lombardia, Melia (Reggio Calabria), Sassari e a comunidade latino-americana da Diocese de Florença.

Saudações aos peregrinos de língua inglesa. Gostaria de expressar as minhas sinceras condolências a todas as famílias que perderam seus entes queridos, em particular as suas filhas que se encontravam num acampamento de verão, no desastre causado pelas inundações do rio Guadalupe, no Texas, nos Estados Unidos. Nossas orações estão com eles.

Caríssimos, a paz é um desejo de todos os povos e é o grito doloroso daqueles que são dilacerados pela guerra. Peçamos ao Senhor que toque os corações e inspire as mentes dos governantes, para que substituam a violência das armas pela busca do diálogo.

Esta tarde irei para Castel Gandolfo, onde pretendo permanecer para um breve período de descanso. Desejo a todos que possam passar um tempo de férias para revigorar o corpo e o espírito.

Bom domingo para todos!

29. ANGELUS
Praça da Liberdade (Castel Gandolfo)
Domingo, 13 de julho de 2025

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

O Evangelho de hoje começa com uma lindíssima pergunta feita a Jesus: «Mestre, que hei de fazer para herdar a vida eterna?» (cf. Lc 10, 25). Estas palavras exprimem um desejo constante na nossa vida: o desejo de salvação, ou seja, de uma existência livre do fracasso, do mal e da morte.

O que o coração do homem espera é descrito como um bem “herdado”: nem se conquista através da força, nem se implora como se fôssemos servos, nem se obtém por contrato. A vida eterna, que só Deus pode dar, é transmitida ao homem como herança, de pai para filho.

Eis por que, à nossa pergunta, Jesus responde que, para receber o dom de Deus, é preciso acolher a sua vontade. Está escrito na Lei: «Amarás ao

Senhor, teu Deus, com todo o teu coração» e «o teu próximo como a ti mesmo» (Lc 10, 27; cf. Dt 6, 5; Lv 19, 18). Fazendo assim, correspondemos ao amor do Pai: a vontade de Deus é, na verdade, aquela lei de vida que Deus, em primeiro lugar, pratica a nosso respeito, amando-nos por inteiro no seu Filho Jesus.

Irmãos e irmãs, olhemos para Ele! Jesus é a revelação do verdadeiro amor para com Deus e para com o homem: amor que se dá e não possui, amor que perdoa e não demanda, amor que socorre e nunca abandona. Em Cristo, Deus fez-se próximo de todos os homens e mulheres; por isso, cada um de nós pode e deve tornar-se próximo daqueles que encontra pelo caminho. Seguindo o exemplo de Jesus, Salvador do mundo, também nós somos chamados a levar consolação e esperança, especialmente àqueles que estão desanimados e desiludidos.

Para viver eternamente, portanto, não há que enganar a morte, mas servir a vida, ou seja, cuidar da existência dos outros no tempo que aqui partilharmos. Esta é a lei suprema, que não só está antes de qualquer regra social como lhe dá sentido.

Peçamos à Virgem Maria, Mãe da Misericórdia, que nos ajude a acolher no nosso coração a vontade de Deus, que é sempre a vontade de amor e salvação, para sermos todos os dias construtores da paz.

Depois do Angelus

Queridos irmãos e irmãs

Estou feliz por estar aqui entre vós, em Castel Gandolfo, para alguns dias de descanso. Saúdo as autoridades civis e militares presentes e a todos agradeço pelo caloroso acolhimento.

Ontem, em Barcelona, foi beatificado Lycarion May (nascido François Benjamin), Irmão do Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas, assassinado em 1909 por ódio à fé. Em circunstâncias hostis, viveu com dedicação e coragem sua missão educativa e pastoral. Que o testemunho heroico deste mártir seja um incentivo para todos, especialmente para aqueles que trabalham na educação dos jovens.

Dirijo as minhas saudações aos participantes do Curso de verão da Academia Litúrgica vindos da Polónia; o meu pensamento vai também para os peregrinos polacos, que hoje participam na Peregrinação Anual ao Santuário de Czestochowa.

Termina hoje a Peregrinação Jubilar da Diocese de Bérgamo. Saúdo os peregrinos que, juntamente com o Bispo, foram a Roma para atravessar a Porta Santa.

Saúdo a Comunidade Pastoral Beato Agostinho de Tarano, do Colegio San Agustín, de Chiclayo, no Peru, que também foi a Roma para celebrar o Jubileu; os peregrinos da Paróquia de San Pedro Apóstol da Diocese de Alcalá de Henares, que celebram o 400º aniversário da fundação da Paróquia; as Legionárias de Maria de Uribia-La Guajira, Colômbia; os membros da Família do Amor Misericordioso; o Grupo de Escuteiros Agesci Alcamo 1; e, finalmente, as monjas agostinianas em formação aqui presentes.

Acolhemos com prazer o Coro Masculino da Académie Musicale de Liesse, da França. Obrigado pela vossa presença e pelo vosso empenho no canto e na música.

Estão aqui entre nós 100 alunos do Curso de Carabineiros da Escola de Velletri, que recebeu o nome do Venerável Salvo D'Acquisto. Saúdo o Comandante, juntamente com os Oficiais e Suboficiais, e encorajo-vos a continuar a vossa formação ao serviço da Pátria e da sociedade civil. Obrigado! Um forte aplauso aqueles que servem!

Durante os meses de verão, são muitas as iniciativas com as crianças e os jovens, e gostaria de agradecer aos educadores e animadores que se dedicam a este serviço. Neste contexto, gostaria de mencionar a importante iniciativa do Giffoni Film Festival, que reúne jovens de todo o mundo e que este ano será dedicado ao tema "Tornar-se humano".

Irmãos e irmãs, não nos esqueçamos de rezar pela paz e por todos aqueles que, por causa da violência e da guerra, se encontram numa situação de sofrimento e de necessidade.

Desejo a todos um bom domingo!

30. ANGELUS
Praça da Liberdade (Castel Gandolfo)
Domingo, 20 de julho de 2025

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

Hoje, a Liturgia chama a nossa atenção para a hospitalidade de Abraão e da sua esposa Sara e, em seguida, das irmãs Marta e Maria, amigas de Jesus (cf. Gn 18, 1-10; Lc 10, 38-42). Sempre que aceitamos o convite para a Ceia do Senhor e participamos na mesa eucarística, é o próprio Deus que «nos vem servir» (cf. Lc 12, 37). Mas o nosso Deus soube, em primeiro lugar, ser hóspede e, ainda hoje, está à nossa porta e bate (cf. Ap 3, 20). É sugestivo que, na língua italiana, hóspede seja tanto aquele que hospeda como aquele que é hospedado. Assim, neste domingo de verão, podemos contemplar este jogo de acolhimento recíproco, sem o qual a nossa vida empobrece.

É preciso humildade tanto para hospedar como para ser hospedado. É necessário delicadeza, atenção, abertura. No Evangelho, Marta arrisca-se a não entrar plenamente na alegria desta permuta. Está tão preocupada com o que tem de fazer para acolher Jesus, que se arrisca a estragar um momento inesquecível de encontro. Marta é uma pessoa generosa, mas Deus chama-a a algo mais bonito do que a própria generosidade: Ele chama-a a sair de si mesma.

Caríssimos irmãos e irmãs, só isto faz florescer a nossa vida: abrimo-nos a algo que nos tira de nós mesmos e ao mesmo tempo nos preenche. No momento em que Marta se queixa porque a irmã a deixou sozinha a servir (cf. v. 40), Maria, conquistada pela palavra de Jesus, como que perdeu a noção do tempo. Não é menos concreta do que a sua irmã, nem menos generosa. Mas aproveitou a oportunidade. Por isso Jesus repreende Marta: porque ela ficou fora de uma intimidade que lhe daria também muita alegria (cf. vv. 41-42).

O tempo de verão pode ajudar-nos a “abrandar” e a tornarmo-nos mais parecidos com Maria do que com Marta. Por vezes, não nos damos a nós mesmos a melhor parte. Precisamos de repousar um pouco, com o desejo de aprender mais sobre a arte da hospitalidade. A indústria das férias quer vender-nos todo o tipo de experiências, mas talvez não o que procuramos. Com efeito, todo o encontro verdadeiro é gratuito e não se compra: seja o encontro com Deus, seja o encontro com os outros, seja o encontro com a natureza. É preciso simplesmente fazer-se

hóspede: dar espaço e também pedi-lo; acolher e deixar-se acolher. Temos muito para receber e não apenas para dar. Embora idosos, Abraão e Sara descobriram-se fecundos quando acolheram tranquilamente o próprio Senhor em três viandantes. Também para nós, há ainda muita vida a acolher.

Oremos a Maria Santíssima, a Mãe do acolhimento, que hospedou o Senhor no seu seio e, juntamente com José, lhe deu uma casa. Nela brilha a nossa vocação, a vocação da Igreja a permanecer uma casa aberta a todos, para continuar a acolher o seu Senhor, que pede licença para entrar.

Depois do Angelus

Queridos irmãos e irmãs

Esta manhã celebrei a Eucaristia na Catedral de Albano. Foi um momento significativo de comunhão eclesial e de encontro com a comunidade diocesana. Agradeço a Sua Excelência, Dom Viva, aqui presente, e a todos os que trabalharam na organização desta linda celebração. Parabéns a toda a comunidade diocesana!

Continuam a chegar, nestes dias, notícias dramáticas do Médio Oriente, em particular de Gaza.

Expresso a minha profunda tristeza pelo ataque do exército israelita contra a paróquia católica da Sagrada Família na cidade de Gaza; como sabeis, quinta-feira passada, causou a morte de três cristãos e graves ferimentos noutros. Rezo pelas vítimas, Saad Issa Kostandi Salameh, Fournia Issa Latif Ayyad, Najwa Ibrahim Latif Abu Daoud, e sinto-me particularmente próximo dos seus familiares e de todos os paroquianos. Este ato, infelizmente, vem somar-se aos contínuos ataques militares contra a população civil e os lugares de culto em Gaza.

Mais uma vez, peço que se ponha imediatamente termo à barbárie da guerra e que se encontre uma solução pacífica para o conflito.

À comunidade internacional, dirijo o apelo para que se observe o direito humanitário e se respeite a obrigação de proteger os civis, bem como

a proibição da punição coletiva, do uso indiscriminado da força e das deslocações forçadas da população.

Aos nossos amados cristãos do Médio Oriente, digo: compreendo bem a vossa sensação de pouco poder fazer diante desta situação tão dramática. Estais no coração do Papa e de toda a Igreja. Obrigado pelo vosso testemunho de fé. Que a Virgem Maria, mulher do Levante, aurora do novo Sol que nasceu na história, sempre vos proteja e guie o mundo para os alvares da paz.

Saúdo a todos vós, fiéis de Castel Gandolfo e peregrinos aqui presentes.

Dirijo a minha saudação aos jovens participantes na peregrinação organizada pela Catholic Worldview Fellowship, que estão de visita a Roma depois de algumas semanas de oração e formação.

Agradeço ao Fórum Internacional da Ação Católica por ter promovido a “Maratona de Oração pelos Governantes”. Desde as 10h da manhã até às 22h desta noite, o convite, dirigido a cada um de nós, consiste em parar apenas por um minuto para rezar, pedindo ao Senhor que ilumine os nossos Governantes e inspire neles projetos de paz.

Nestas semanas, algumas famílias do Movimento dos Focolares encontram-se em Loppiano para a “Escola Internacional de Famílias Novas”. Rezo para que esta experiência de espiritualidade e fraternidade vos torne firmes na fé e alegres no acompanhamento espiritual de outras famílias.

Saúdo os estudantes, professores e demais pessoas que trabalham no Catholic Institute of Technology, que tem a sua sede aqui mesmo em Castel Gandolfo; saúdo o grupo de escuteiros Agesci Gela 3, empenhado na peregrinação jubilar que terminará diante do túmulo do Beato Carlo Acutis; saúdo também os jovens de Castello di Godego, que fazem uma experiência de serviço com a Cáritas de Roma; saúdo os fiéis de Palermo e de Sarsina.

Estão ainda aqui presentes os membros do Grupo Folclórico «O Stazzo», bem como a Banda Filarmónica de Alba de Tormes.

Dentro de poucos dias, depois destas duas semanas passadas aqui em Castel Gandolfo, regressarei ao Vaticano. Quero agradecer o acolhimento e desejar a todos um bom domingo!

31. ANGELUS
Praça de São Pedro
Domingo 27 de julho de 2025

Queridos irmãos e irmãs: Bom Domingo!

Hoje, o Evangelho apresenta-nos Jesus a ensinar aos seus discípulos o Pai-Nosso (cf. Lc 11, 1-13): a oração que une todos os cristãos. Nela, o Senhor convida a dirigirmo-nos a Deus chamando-lhe “Abbá”, “paizinho”, como crianças, com «simplicidade [...], confiança filial, [...] ousadia [...], certeza de ser amado» (Catecismo da Igreja Católica, 2778).

A este propósito, o Catecismo da Igreja Católica diz, com uma expressão muito bela, que «pela oração do Senhor, nós somos revelados a nós próprios, ao mesmo tempo que nos é revelado o Pai» (ibid., 2783). E é verdade: quanto mais confiantes rezamos ao Pai do Céu, tanto mais nos descobrimos filhos amados e tanto mais conhecemos a grandeza do seu amor (cf. Rm 8, 14-17).

O Evangelho de hoje descreve os traços da paternidade de Deus por meio de algumas imagens sugestivas: a de um homem que se levanta no meio da noite para ajudar um amigo a acolher uma visita inesperada; ou a de um pai que tem o cuidado de dar coisas boas aos seus filhos.

Estas imagens recordam-nos que Deus nunca nos vira as costas quando nos dirigimos a Ele, nem mesmo se chegamos tarde para bater à sua porta, talvez depois de erros, de oportunidades perdidas, de fracassos, nem mesmo se, para nos acolher, Ele tiver de “acordar” os seus filhos que dormem em casa (cf. Lc 11, 7). Pelo contrário, na grande família da Igreja, o Pai não hesita em tornar-nos todos participantes de cada um dos seus gestos de amor. O Senhor escuta-nos sempre que rezamos, e, se por vezes nos responde em momentos e formas difíceis de compreender, é porque age com uma sabedoria e uma providência maiores, que estão para além da nossa compreensão. Por isso, mesmo nestes momentos, não deixemos de rezar; e rezar com confiança: n’Ele encontraremos sempre luz e força.

No entanto, ao recitarmos o Pai-Nosso, além de celebrarmos a graça da filiação divina, exprimimos também o nosso compromisso de corresponder a esse dom, amando-nos uns aos outros como irmãos em Cristo. Um dos Padres da Igreja, meditando sobre isto, escreve: «Devemos saber e lembrar que, se dizemos que Deus é Pai, precisamos agir como

filhos» (S. Cipriano de Cartago, A oração do Senhor, 11), e outro acrescenta: «Não pode chamar de Pai ao Deus de toda a bondade quem conserva um coração cruel e indócil; pois assim já não possui em si a marca daquela bondade do Pai celeste» (S. João Crisóstomo, Homilia sobre a porta estreita e a oração do Senhor, 3). Não se pode rezar a Deus como “Pai” e depois ser duro e insensível para com os outros. Pelo contrário, é importante deixarmo-nos transformar pela sua bondade, pela sua paciência, pela sua misericórdia, para refletir o seu rosto no nosso como em um espelho.

Queridos irmãos e irmãs, a liturgia de hoje convida-nos, na oração e na caridade, a sentirmo-nos amados e a amar como Deus nos ama: com disponibilidade, descrição, solicitude recíproca, sem cálculos. Peçamos a Maria que saibamos responder este chamamento, para manifestar a doçura do rosto do Pai.

Após o Angelus

Queridos irmãos e irmãs!

Hoje é celebrado o V Dia Mundial dos Avós e dos Idosos com o tema: “Bem-aventurado aquele que não perdeu a esperança”. Olhemos para os avós e os idosos como testemunhas da esperança, capazes de iluminar o caminho das novas gerações. Não os deixemos sozinhos, mas forjemos com eles uma aliança de amor e de oração.

O meu coração está próximo de todos aqueles que sofrem devido aos conflitos e à violência no mundo. Em particular, rezo pelas pessoas envolvidas nos confrontos na fronteira entre a Tailândia e o Camboja, especialmente pelas crianças e pelas famílias deslocadas. Que o Príncipe da Paz inspire todos a procurar o diálogo e a reconciliação.

Rezo pelas vítimas da violência no sul da Síria.

Acompanho com grande preocupação a gravíssima situação humanitária em Gaza, onde a população civil é esmagada pela fome e continua exposta à violência e à morte. Renovo o meu apelo sincero ao cessar-fogo, à libertação dos reféns e ao respeito integral dos direitos humanos.

Cada pessoa humana tem uma dignidade intrínseca que lhe foi confe-

rida pelo próprio Deus: exorto as partes em todos os conflitos a reconhecerla e a cessar qualquer ação contrária a ela. Exorto a negociar um futuro de paz para todos os povos e a rejeitar tudo o que possa prejudicá-lo.

Confio a Maria, Rainha da Paz, as vítimas inocentes dos conflitos e os governantes que têm o poder de pôr-lhes fim.

Saúdo a Rádio Vaticano/Vatican News que, para estar mais perto dos fiéis e dos peregrinos durante o Jubileu, com o Osservatore Romano, inaugurou uma pequena estação sob a colunata de Bernini. Obrigado pelo serviço em tantas línguas, que leva a voz do Papa ao mundo. E obrigado a todos os jornalistas que contribuem para uma comunicação de paz e de verdade.

Saúdo todos vós, vindos da Itália e de muitas partes do mundo, especialmente os avôs e as avós de San Cataldo, os jovens frades capuchinhos da Europa, os crismandos da unidade pastoral de Grantorto-Carturo, os jovens de Montecarlo di Lucca e os escuteiros de Licata.

Saúdo com particular afeto os jovens de diversos países, vindos a Roma para o “Jubileu dos Jovens”. Faço votos de que seja uma ocasião para cada um encontrar Cristo e ser por Ele fortalecido na fé e no compromisso de O seguir com coerência.

[Em inglês] Saúdo os fiéis de Kearny (New Jersey), o grupo do ‘Catholic Music Awards’ e a Academia de verão da EWTN. Saúdo também com particular afeto os jovens de vários países que se reuniram em Roma para o Jubileu dos Jovens, que começa amanhã. Espero que esta seja uma oportunidade para cada um de vós de encontrar Cristo e de ser fortalecido por Ele na vossa fé e no vosso compromisso de seguir a Cristo com integridade de vida.

[Em espanhol] Saúdo com especial afeto os jovens provindos de diferentes países e reunidos em Roma para o “Jubileu dos Jovens”. Espero que seja para cada um deles uma ocasião para encontrar Cristo e ser fortalecidos por Ele na fé e no compromisso de segui-lo com coerência.

Esta noite terá lugar a procissão de Nossa Senhora “fiumarola” sobre o rio Tibre: que os participantes nesta bela tradição mariana aprendam da Mãe de Jesus a praticar o Evangelho na vida quotidiana!

Desejo a todos um bom domingo!

32. ÁNGELUS
Tor Vergata
Domingo, 3 de agosto de 2025

Caríssimos,

o Senhor Jesus está no meio de nós e em nós: tudo em todos na Eucaristia. Unidos a Ele, queremos elevar um imenso “obrigado” ao Pai pelo dom destes dias do vosso Jubileu. Foi uma chuva de graças para a Igreja e para o mundo inteiro! E foi assim através da participação de cada um de vós. Por isso, quero agradecer-vos, um a um, de todo o coração. Em particular, recordo e confio ao Senhor duas jovens peregrinas, Maria e Pascale, uma espanhola e outra egípcia, que nos deixaram nestes dias. Agradeço aos Bispos, aos sacerdotes, às religiosas e aos religiosos, aos educadores que vos acompanharam e também a todos aqueles que, participando espiritualmente, rezaram por este evento.

Em comunhão com Cristo, nossa paz e esperança para o mundo, estamos mais próximos do que nunca dos jovens que sofrem o pior tipo de mal: aquele que é causado por outros seres humanos. Estamos com os jovens de Gaza, com os jovens da Ucrânia, com os de todas as terras ensanguentadas pela guerra. Meus jovens irmãos e irmãs, vós sois o sinal de que um mundo diferente é possível: um mundo de fraternidade e amizade, onde os conflitos não são resolvidos com armas, mas com o diálogo.

Sim, com Cristo é possível! Com o seu amor, com o seu perdão, com a força do seu Espírito. Meus queridos amigos, unidos a Jesus, como os ramos à videira, vós dareis muito fruto; sereis sal da terra e luz do mundo; sereis sementes de esperança onde quer que vivais: na família, com os amigos, na escola, no trabalho, no desporto. Sementes de esperança com Cristo, nossa esperança.

Após este Jubileu, a “peregrinação de esperança” dos jovens continua e levar-nos-á à Ásia! Renovo o convite feito pelo Papa Francisco em Lisboa, há dois anos: os jovens de todo o mundo reunir-se-ão com o Sucessor de Pedro para celebrar a Jornada Mundial da Juventude em Seul, na Coreia, de 3 a 8 de agosto de 2027. O tema da Jornada será «Tende coragem: eu venci o mundo!» (Jo 16, 33). É precisamente a esperança que habita em nossos corações a dar-nos a força para anunciar a vitória de Cristo Ressuscitado sobre o mal e a morte. E disso, vós, jovens peregrinos de esperança, sereis testemunhas até aos confins da terra.

Encontramo-nos, então, em Seul: continuemos juntos a sonhar e a alimentar a esperança!

Confiemos na proteção maternal da Virgem Maria.

[Angelus Domini...]

Bem, queridos jovens, uma última saudação.

Mais uma vez, obrigado a todos! Obrigado pela música e obrigado a todos aqueles que trabalharam para preparar tantas coisas ao longo desta semana, deste Jubileu.

Já dissemos que o próximo encontro será na Coreia. Um aplauso aos muitos coreanos presentes!

Peço-vos que levem também uma saudação aos muitos jovens que não puderam vir e estar aqui conosco, em tantos países de onde era impossível sair. Há lugares de onde os jovens não puderam vir, pelas razões que conhecemos.

Levai esta alegria, este entusiasmo para todo o mundo. Vós sois o sal da terra e a luz do mundo: levai essa saudação a todos os vossos amigos, a todos os jovens que precisam de uma mensagem de esperança.

Mais uma vez, obrigado a todos! E boa viagem!

AUDIÊNCIA GERAL
Praça de São Pedro
Quarta-feira, 21 de maio de 2025

Ciclo de Catequese – Jubileu 2025. Jesus Cristo Nossa Esperança. II. A vida de Jesus. As parábolas 6. O semeador. Falou-lhes, então, de muitas coisas em parábolas (Mt 13,3)

Prezados irmãos e irmãs!

Estou feliz por vos dar as boas-vindas a esta minha primeira Audiência geral. Hoje retomo o ciclo de catequeses jubilares, sobre o tema «Jesus

Cristo, nossa esperança», iniciadas pelo Papa Francisco.

Hoje continuamos a meditar sobre as parábolas de Jesus, que nos ajudam a redescobrir a esperança, porque nos mostram como Deus age na história. Hoje gostaria de meditar sobre uma parábola um pouco especial, pois é uma espécie de introdução a todas as parábolas. Refiro-me à do semeador (cf. Mt 13, 1-17). Em certo sentido, nesta história podemos reconhecer o modo de comunicar de Jesus, que tem muito a ensinar-nos para o anúncio do Evangelho hoje.

Cada parábola narra uma história tirada da vida de todos os dias, mas quer dizer-nos algo mais, remetendo-nos para um significado mais profundo. A parábola desperta em nós interrogações, convida-nos a não nos limitarmos às aparências. Perante a história que me é contada ou a imagem que me é dada, posso interrogar-me: onde estou nesta história? O que diz esta imagem à minha vida? Aliás, o termo parábola vem do verbo grego paraballein, que significa lançar para a frente. A parábola projeta diante de mim uma palavra que me desperta, levando-me a questionar-me.

A parábola do semeador fala exatamente da dinâmica da palavra de Deus e dos efeitos que ela produz. Com efeito, cada palavra do Evangelho é como uma semente lançada no terreno da nossa vida. Jesus usa muitas vezes a imagem da semente, com diferentes significados. No capítulo 13 do Evangelho de Mateus, a parábola do semeador introduz uma série de outras pequenas parábolas, algumas das quais falam precisamente do que acontece na terra: o trigo e o joio, o grãozinho de mostarda, o tesouro escondido no campo. No que consiste, então, este solo? É o nosso coração, mas é também o mundo, a comunidade, a Igreja. Com efeito, a palavra de Deus fecunda e suscita cada realidade.

No início, vemos Jesus que sai de casa e à sua volta reúne-se uma grande multidão (cf. Mt 13, 1). A sua palavra fascina e intriga. Entre as pessoas, há obviamente muitas situações diferentes. A palavra de Jesus é para todos, mas age em cada um de modo diverso. Este contexto permite-nos compreender melhor o sentido da parábola.

Um semeador muito original sai para semear, mas não se preocupa com o lugar onde a semente cai. Lança a semente até onde é improvável que dê fruto: ao longo da estrada, entre as pedras, no meio dos arbustos. Esta atitude surpreende o ouvinte, levando-o a questionar-se: como é possível?

Estamos habituados a calcular as coisas - e às vezes é necessário - mas isto não vale no amor! O modo como este semeador “esbanjador” lança a semente é uma imagem da maneira como Deus nos ama. Aliás, é verdade que o destino da semente depende também do modo como o terreno a acolhe e da situação em que se encontra, mas nesta parábola Jesus diz-nos sobretudo que Deus lança a semente da sua palavra em todos os tipos de solo, isto é, em qualquer uma das nossas situações: às vezes somos mais superficiais e distraídos, outras vezes deixamo-nos levar pelo entusiasmo, por vezes sentimo-nos oprimidos pelas preocupações da vida, mas há também momentos em que estamos disponíveis e somos acolhedores. Deus confia e espera que, mais cedo ou mais tarde, a semente floresça. É assim que nos ama: não espera que nos tornemos o melhor terreno, concede-nos sempre generosamente a sua palavra. Talvez precisamente vendo que Ele confia em nós, nasça em nós o desejo de ser uma terra melhor. Esta é a esperança, fundada na rocha da generosidade e da misericórdia de Deus.

Narrando o modo como a semente dá fruto, Jesus fala também da sua vida. Jesus é a Palavra, a Semente. E para dar fruto, a semente deve morrer. Então, esta parábola diz-nos que Deus está pronto a “desperdiçar” por nós e que Jesus está disposto a morrer para transformar a nossa vida.

Tenho em mente aquela maravilhosa pintura de van Gogh: O semeador ao pôr do sol. Aquela imagem do semeador sob o sol ardente fala-me também do trabalho do camponês. E surpreende-me que, por detrás do semeador, van Gogh tenha representado o grão já maduro. Parece-me exatamente uma imagem de esperança: de uma maneira ou de outra, a semente deu fruto. Não sabemos bem como, mas é assim! Contudo no centro da cena não está o semeador, que se encontra de lado, mas toda a pintura é dominada pela imagem do sol, talvez para nos recordar que é Deus quem move a história, embora às vezes pareça ausente ou distante. É o sol que aquece os torrões da terra, fazendo amadurecer a semente.

Caros irmãos e irmãs, em que situação da vida de hoje a palavra de Deus nos alcança? Peçamos ao Senhor a graça de acolher sempre esta semente, que é a sua palavra. E se nos dermos conta de que não somos um terreno fecundo, não desanimemos, mas peçamos-lhe que nos trabalhe ainda mais para fazer de nós uma terra melhor.

Saudações:

Queridos fiéis de língua portuguesa, sede bem-vindos. Saúdo especialmente os peregrinos vindos de Portugal e do Brasil. Neste mês mariano, gostaria de repetir o convite da Nossa Senhora de Fátima: «rezem o terço todos os dias pela paz». Juntamente com Maria, peçamos que os homens não se fechem a este dom de Deus e que desarmem o seu coração. O Senhor vos abençoe!

APELO

A situação na Faixa de Gaza é cada vez mais preocupante e dolorosa. Renovo o meu veemente apelo a fim de que se permita a entrada de ajudas humanitárias dignas e para que se ponha termo às hostilidades, cujo preço dilacerante é pago pelas crianças, pelos idosos e pelas pessoas doentes.

Resumo da catequese do Santo Padre:

Estou feliz por vos acolher nesta minha primeira Audiência Geral, na qual retomo o tema «Jesus Cristo nossa Esperança» escolhido pelo Papa Francisco para este ano do Jubileu. Meditamos, hoje, sobre a parábola do semeador, que fala da dinâmica e dos efeitos da Palavra de Deus, que é como semente deitada no terreno do nosso coração e no terreno do mundo. Deus espalha-a abundantemente, ainda que ela nem sempre encontre terreno bom para produzir. Mas, apesar de atuar em nós de modo diverso, a Palavra conserva sempre o poder de fecundar as situações da vida de cada um, pois vem de Deus e Ele nunca desiste. Oxalá esta sua generosidade faça crescer no nosso coração o desejo de ser um terreno melhor, capaz de dar fruto abundante.

34. AUDIÊNCIA GERAL
Praça de São Pedro
Quarta-feira, 28 de maio de 2025

Ciclo de Catequese – Jubileu 2025. Jesus Cristo Nossa Esperança. II. A vida de Jesus. As parábolas 7. O samaritano. Passou junto dele e, ao vê-lo, ficou profundamente compadecido. (Lc 10,33)

Estimados irmãos e irmãs!

Continuemos a meditar sobre algumas parábolas do Evangelho que constituem uma ocasião para mudar de perspectiva e para nos abirmos à esperança. Às vezes, a falta de esperança deve-se ao facto de nos fixarmos num certo modo rígido e fechado de ver as coisas, e as parábolas ajudam-nos a olhar para elas de outro ponto de vista.

Hoje gostaria de vos falar de uma pessoa experiente, preparada, um doutor da Lei que, contudo, deve mudar de perspectiva, porque está concentrado em si mesmo e não se dá conta dos outros (cf. Lc 10, 25-37). Com efeito, ele interroga Jesus sobre o modo como se “herda” a vida eterna, recorrendo a uma expressão que a entende como um direito inequívoco. Mas por detrás desta pergunta talvez se esconda precisamente uma necessidade de atenção: a única palavra sobre a qual pede explicações a Jesus é o termo “próximo”, que literalmente significa aquele que está perto.

Por isso, Jesus narra uma parábola que é um caminho para transformar aquela interrogação, para passar de quem me ama? a quem amou? A primeira é uma pergunta imatura, a segunda é a pergunta do adulto que compreendeu o sentido da sua vida. A primeira pergunta é a que pronunciamos quando nos colocamos num canto e esperamos, a segunda é a que nos impele a pôr-nos a caminho.

Com efeito, a parábola que Jesus narra tem como cenário uma estrada, e é uma estrada difícil e impérvia, como a vida. É a estrada percorrida por um homem que desce de Jerusalém, a cidade na montanha, para Jericó, a cidade abaixo do nível do mar. Trata-se de uma imagem que já prenuncia o que poderia acontecer: efetivamente, acontece que o homem é atacado, espancado, roubado e deixado meio-morto. É a experiência que ocorre quando as situações, as pessoas, às vezes até aqueles em quem confiamos, nos tiram tudo e nos deixam no meio do caminho.

No entanto, a vida é feita de encontros e, nestes encontros, revelamo-nos pelo que somos. Encontramo-nos diante do outro, perante a sua fragilidade e a sua fraqueza, e podemos decidir o que fazer: cuidar dele ou fingir que nada aconteceu. Um sacerdote e um levita descem por aquela mesma estrada. São pessoas que prestam serviço no Templo de Jerusalém, que habitam o espaço sagrado. Todavia, a prática do culto não leva automaticamente a ser compassivo. Com efeito, antes de ser uma questão religiosa, a compaixão é uma questão de humanidade! Antes de sermos crentes, somos chamados a ser humanos!

Podemos imaginar que, depois de terem permanecido muito tempo em Jerusalém, o sacerdote e o levita têm pressa de voltar para casa. É precisamente a pressa, tão presente na nossa vida, que muitas vezes nos impede de sentir compaixão. Quem pensa que o seu percurso deve ter a prioridade, não está disposto a parar por outra pessoa.

Mas eis que chega alguém que efetivamente é capaz de parar: trata-se de um samaritano, portanto de alguém que pertence a um povo desprezado (cf. 2 Rs 17). No seu caso, o texto não especifica a direção, mas diz apenas que se encontrava a caminho. Aqui, a religiosidade não tem nada a ver com isto. Este samaritano detém-se simplesmente porque é um homem diante de outro homem que precisa de ajuda.

A compaixão exprime-se através de gestos concretos. O evangelista Lucas concentra-se nas ações do samaritano, a quem chamamos “bom”, mas que no texto é simplesmente uma pessoa: o samaritano faz-se próximo, pois se quisermos ajudar alguém não podemos pensar em manter-nos à distância, devemos envolver-nos, sujar-nos, talvez contaminar-nos; faz curativos nas suas feridas depois de as ter limpado com azeite e vinho; carrega-o na sua cavalgadura, isto é, responsabiliza-se por ele, pois só ajudamos verdadeiramente se estivermos dispostos a sentir o peso da dor do outro; leva-o para uma hospedaria, onde gasta dinheiro, “dois denários”, mais ou menos dois dias de trabalho; e compromete-se a voltar e eventualmente a pagar mais, porque o outro não é um pacote a entregar, mas alguém de quem devemos cuidar.

Caros irmãos e irmãs, quando também nós seremos capazes de interromper o nosso caminho e ter compaixão? Quando compreendermos que o homem ferido ao longo da estrada representa cada um de nós. E então a recordação de todas as vezes que Jesus parou para cuidar de nós tornar-nos-á mais capazes de compaixão.

Portanto, oremos para poder crescer em humanidade, a fim de que as nossas relações sejam mais verdadeiras, mais ricas de compaixão. Peçamos ao Coração de Cristo a graça de ter cada vez mais os seus próprios sentimentos.

Saudações:

Dirijo uma cordial saudação a todos os peregrinos de língua portuguesa, de modo especial à Camerata Jovem do Rio de Janeiro e aos grupos

provenientes do Brasil e de Portugal. Pela intercessão da Mãe do Bom Conselho peçamos a graça de sentir no nosso coração os mesmos sentimentos do seu Filho amado. Deus vos abençoe!

Nestes dias, dirijo frequentemente o meu pensamento ao povo ucraniano, atingido por novos e graves ataques contra civis e infraestruturas. Asseguro a minha proximidade e a minha oração por todas as vítimas, de modo especial pelas crianças e famílias. Renovo o meu veemente apelo para que se ponha fim à guerra, apoiando todas as iniciativas de diálogo e paz. Peço a todos que se unam em oração pela paz na Ucrânia e onde quer que as pessoas sofram devido à guerra.

Da Faixa de Gaza eleva-se cada vez mais intensamente ao Céu o pranto das mães e dos pais, que abraçam os corpos sem vida dos filhos e são continuamente forçados a deslocar-se em busca de um pouco de alimento e de um abrigo mais seguro contra os bombardeamentos. Aos responsáveis, renovo o meu apelo: pelo cessar-fogo, pela libertação de todos os reféns, pelo respeito integral do direito humanitário!

Maria, Rainha da Paz, rogai por nós!

Continuamos a meditar sobre algumas parábolas do Evangelho que nos abrem à esperança. Um doutor da lei, centrado sobre si mesmo, interroga Jesus sobre quem é o “próximo” a quem deve amar. O Senhor, ao contar a parábola do Bom Samaritano, procura mudar a ótica: não se deve perguntar quem é o próximo, mas fazer-se próximo de todos os que necessitam. No caminho da vida, nos encontramos com o outro, com a sua fragilidade, e podemos decidir cuidar das suas feridas ou passar ao largo. Muitas vezes a pressa em tratar das nossas coisas impede-nos de experimentar a compaixão, que deve ser expressa em gestos concretos. O samaritano fez-se próximo daquele que estava ferido. Como Jesus faz conosco, assim devemos fazer com nossos irmãos e irmãs necessitados de auxílio.

35. AUDIÊNCIA GERAL
Praça de São Pedro
Quarta-feira, 4 de junho de 2025

Ciclo de Catequese – Jubileu 2025. Jesus Cristo Nossa Esperança. II. A vida de Jesus. As parábolas 8. Os operários na vinha. «E disse-lhes: “Ide também vós para a vinha”» (Mt 20,4)

Estimados irmãos e irmãs!

Desejo refletir novamente sobre uma parábola de Jesus. Também neste caso se trata de uma narração que alimenta a nossa esperança. Com efeito, às vezes temos a impressão de não conseguir encontrar um sentido para a nossa vida: sentimo-nos inúteis, inadequados, precisamente como os operários que aguardam na praça do mercado, à espera que alguém os leve para trabalhar. Mas por vezes o tempo passa, a vida corre, e não nos sentimos reconhecidos nem apreciados. Talvez não tenhamos chegado a tempo, talvez outros se tenham apresentado antes de nós, ou porventura as preocupações nos tenham detido noutro lugar.

A metáfora da praça do mercado é muito adequada até aos nossos tempos, pois o mercado é o lugar dos negócios, onde infelizmente as pessoas compram e vendem até o afeto e a dignidade, procurando obter algum lucro. E quando não se sentem valorizadas, reconhecidas, chegam a correr o risco de se vender ao primeiro licitante. Ao contrário, o Senhor recorda-nos que a nossa vida tem valor, e o seu desejo é ajudar-nos a descobri-lo.

Também na parábola que hoje comentamos, há operários que esperam que alguém os faça trabalhar por um dia. Estamos no capítulo 20 do Evangelho de Mateus e inclusive aqui encontramos uma figura que tem um comportamento insólito, que surpreende e questiona. É o dono de uma vinha que sai pessoalmente para ir em busca dos seus operários. Evidentemente, quer estabelecer uma relação pessoal com eles.

Como eu dizia, trata-se de uma parábola que infunde esperança, porque nos diz que este dono sai várias vezes à procura de quem espera dar um sentido à sua vida. O dono sai imediatamente de madrugada e depois, de três em três horas, volta a procurar trabalhadores para enviar à sua vinha. Seguindo este esquema, depois de sair às três horas da tarde, já não haveria razão para sair novamente, dado que o dia de trabalho terminava às seis horas.

Pelo contrário, este dono incansável, que quer valorizar a vida de cada um a todo o custo, sai também às cinco horas. Os trabalhadores que permaneceram na praça do mercado provavelmente tinham perdido toda a esperança. Aquele dia tinha sido em vão. E, no entanto, alguém

ainda acreditou neles. Que sentido tem chamar operários só para a última hora do dia de trabalho? Que sentido tem ir trabalhar apenas uma hora? Contudo, até quando nos parece que podemos fazer pouco na vida, vale sempre a pena. Há sempre a possibilidade de encontrar um sentido, pois Deus ama a nossa vida!

Eis que a originalidade deste dono se vê também no fim do dia, na hora do pagamento. Com os primeiros trabalhadores, aqueles que vão para a vinha de madrugada, o dono tinha estabelecido um denário, que era o custo típico de um dia de trabalho. Para os outros, diz que lhes dará o que for justo. E é precisamente aqui que a parábola volta a provocar-nos: o que é justo? Para o dono da vinha, isto é, para Deus, é justo que cada um tenha o necessário para viver. Ele chamou pessoalmente os trabalhadores, conhece a sua dignidade e quer pagar-lhes com base nela. E dá a todos um denário.

A história diz que os trabalhadores da primeira hora ficam desiludidos: não conseguem ver a beleza do gesto do dono, que não foi injusto, mas simplesmente generoso, não considerou apenas o mérito, mas também a necessidade. Deus quer dar a todos o seu Reino, ou seja, a vida plena, eterna e feliz. E é o que Jesus faz em relação a nós: não faz classificações, dá tudo de Si mesmo a quantos lhe abrem o coração!

À luz desta parábola, o cristão de hoje poderia ser tentado a pensar: “Por que começar a trabalhar imediatamente? Se a remuneração é a mesma, por que trabalhar mais?”. Santo Agostinho respondia assim a estas dúvidas: «Por que razão, pois, demoras em seguir quem te chama, enquanto estás certo da remuneração, mas incerto quanto ao dia? Presta atenção a não tirares de ti, devido à tua hesitação, o que ele te oferecer em conformidade com a sua promessa» (Discurso 87, 6, 8).

Gostaria de dizer, especialmente aos jovens, que não esperem, mas que respondam com entusiasmo ao Senhor que nos chama a trabalhar na sua vinha. Não demoreis, arregaí as mangas, pois o Senhor é generoso e não ficareis desiludidos! Trabalhando na sua vinha, encontrareis a resposta àquela pergunta profunda que trazeis dentro de vós: qual é o sentido da minha vida?

Caros irmãos e irmãs, não desanimemos! Até nos momentos obscuros da vida, quando o tempo passa sem nos dar as respostas que procuramos, peçamos ao Senhor que volte a sair e nos alcance onde estamos à sua espera. O Senhor é generoso e virá em breve!

Saudações:

Dou as boas-vindas a todos os peregrinos de língua portuguesa, em especial aos que vieram do Rio de Janeiro e de São Paulo! Irmãos e irmãs, com um coração humilde e cheio de amor por todos, respondamos sem demora ao convite de Cristo. Digo isso sobretudo aos jovens: não tenham medo de trabalhar na vinha do Senhor! Não adiem o encontro com Aquele que é o único que pode dar sentido à nossa vida. Deus vos abençoe!

Resumo da catequese do Santo Padre:

A catequese de hoje é dedicada a uma parábola que nos enche de esperança. Às vezes, podemos nos sentir inúteis ou rejeitados, como os trabalhadores da última hora. Na praça dos negócios de hoje, o risco é ceder a propostas que não respeitem os valores do Evangelho. Ao contrário, a parábola fala de um proprietário que vai em busca de operários em qualquer momento do dia, oferecendo-lhes um sentido para a vida. Essa realidade torna-se clara com o pagamento: reconhecendo e afirmando a absoluta dignidade humana, o Senhor da vinha dá a todos o mesmo salário, isto é, aquilo que é necessário para viver. A decepção dos primeiros empregados leva-nos a compreender que a lógica da generosidade de Deus vai além da nossa concepção de justiça: Ele quer doar-se por inteiro a quem lhe abre o coração.

36. AUDIÊNCIA GERAL
Praça de São Pedro
Quarta-feira, 11 de junho de 2025

Ciclo de Catequese – Jubileu 2025. Jesus Cristo Nossa Esperança. II. A vida de Jesus. As curas 9. Bartimeu. “Tem coragem, levanta-te! Ele chama-te.” (Mc 10,49)

Estimados irmãos e irmãs!

Com esta catequese, gostaria de orientar o nosso olhar para outro aspe-

to essencial da vida de Jesus: ou seja, as suas curas. Por isso, convido-vos a colocar diante do Coração de Cristo as vossas partes mais dolorosas ou frágeis, aqueles lugares da vossa vida onde vos sentis parados e bloqueados. Peçamos ao Senhor com confiança que ouça o nosso grito e nos cure!

O personagem que nos acompanha nesta reflexão ajuda-nos a compreender que nunca devemos abandonar a esperança, mesmo quando nos sentimos perdidos. Trata-se de Bartimeu, cego e mendigo, que Jesus encontrou em Jericó (cf. Mc 10, 40-52). O lugar é significativo: Jesus está a caminho de Jerusalém, mas inicia a sua viagem, por assim dizer, a partir do “submundo” de Jericó, uma cidade abaixo do nível do mar. Com efeito, com a sua morte, Jesus foi recuperar aquele Adão que caiu em baixo e que representa cada um de nós.

Bartimeu significa “filho de Timeu”: descreve aquele homem através de uma relação, mas está dramaticamente só. No entanto, este nome poderia significar também “filho da honra”, ou “da admiração”, exatamente o oposto da situação em que se encontra (é a interpretação dada também por Agostinho em O consenso dos evangelistas, 2, 65, 125: PL 34, 1138). E dado que o nome é tão importante na cultura judaica, significa que Bartimeu não consegue viver o que é chamado a ser.

Além disso, contrariamente ao grande movimento de pessoas que caminham atrás de Jesus, Bartimeu está parado. O evangelista diz que está sentado ao longo da estrada e, portanto, que precisa de alguém que o ponha de pé e o ajude a retomar o caminho.

O que podemos fazer quando nos encontramos numa situação que parece sem saída? Bartimeu ensina-nos a apelar aos recursos que temos em nós e que fazem parte de nós. Ele é um mendigo, sabe pedir, aliás consegue gritar! Se desejas realmente algo, fazes tudo para o poder alcançar, até quando os outros te censuram, te humilham e te dizem para desistir. Se o desejas realmente, continua a gritar!

O grito de Bartimeu, descrito no Evangelho de Marcos - «Filho de David, Jesus, tende piedade de mim!» (v. 47) - tornou-se uma oração bem conhecida na tradição oriental, que também nós podemos utilizar: «Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tende piedade de mim, pecador!».

Bartimeu é cego, mas paradoxalmente vê melhor do que os outros e reconhece quem é Jesus! Perante o seu grito, Jesus detém-se e cha-

ma-o (cf. v. 49), pois não há grito que Deus não ouça, até quando não estamos conscientes de nos dirigirmos a Ele (cf. Ex 2, 23). Parece estranho que, diante de um cego, Jesus não vá imediatamente ter com ele; contudo, se pensarmos bem, é o modo de reativar a vida de Bartimeu: impele-o a levantar-se, confia na sua possibilidade de caminhar. Aquele homem pode voltar a pôr-se de pé, pode ressurgir das suas situações de morte. Mas para o fazer deve realizar um gesto muito significativo: deve abandonar o seu manto (cf. v. 50)!

Para um mendigo, o manto é tudo: é a segurança, é a casa, é a defesa que o protege. Até a lei tutelava o manto do mendigo e impunha que fosse devolvido à noite, se tivesse sido penhorado (cf. Ex 22, 25). No entanto, muitas vezes o que nos bloqueia são precisamente as nossas aparentes seguranças, aquilo que vestimos para nos defendermos e que, pelo contrário, nos impede de caminhar. Para ir ao encontro de Jesus e para se deixar curar, Bartimeu deve expor-se a Ele em toda a sua vulnerabilidade. Esta é a passagem fundamental para qualquer caminho de cura.

Até a pergunta que Jesus lhe dirige parece estranha: «Que queres que eu te faça?» (v. 51). Mas, na realidade, não é óbvio que queiramos ser curados das nossas doenças, às vezes preferimos ficar parados para não assumir responsabilidades. A resposta de Bartimeu é profunda: utiliza o verbo *anablepein*, que pode significar “ver de novo”, mas que poderíamos traduzir também como “elevar o olhar”. Com efeito, Bartimeu não só quer voltar a ver, mas também quer recuperar a sua dignidade! Para elevar o olhar, é preciso levantar a cabeça. Às vezes, as pessoas estão bloqueadas porque a vida as humilhou e só desejam reencontrar o seu valor.

O que salva Bartimeu, e cada um de nós, é a fé. Jesus cura-nos para podermos ser livres. Ele não convida Bartimeu a segui-lo, mas diz-lhe que ande, que se ponha novamente a caminho (cf. v. 52). Mas Marcos conclui a narração, referindo que Bartimeu começou a seguir Jesus: escolheu livremente seguir aquele que é o Caminho!

Caros irmãos e irmãs, levemos com confiança a Jesus as nossas enfermidades e também as dos nossos entes queridos; levemos a dor de quantos se sentem perdidos e sem saída. Clamemos também por eles, certos de que o Senhor nos ouvirá e se deterá.

Saudações:

Saúdo cordialmente aos peregrinos de língua portuguesa, de modo especial ao Coro dos antigos Orfeonistas da Universidade de Coimbra, aos fiéis do Ordinariado Militar do Brasil e aos vários grupos provenientes de Portugal e do Brasil. Peçamos com fé ao Senhor que nos cure de nossas enfermidades. Deus vos abençoe!

Resumo da catequese do Santo Padre:

Voltamos nosso olhar para uma característica essencial na vida de Jesus: as curas. A personagem que nos acompanha nesta reflexão, um homem cego e mendicante chamado Bartimeu, ajuda-nos a compreender que nunca devemos abandonar a esperança, mesmo quando nos sentimos perdidos. O seu grito «Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim!» tornou-se uma oração que também nós podemos usar quando nos encontramos numa situação difícil, aparentemente sem saída. A fé é causa de salvação para Bartimeu e para qualquer um de nós que invocamos a ajuda do Senhor. Jesus cura-nos para que possamos ser verdadeiramente livres; e Bartimeu, após voltar a ver, escolheu livremente seguir Aquele que é o Caminho!

37. CATEQUESE DO PAPA LEÃO XIV
Basílica de São Pedro
Sábado, 14 de junho de 2025

Esperar é ligar. Ireneu de Lião

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A paz esteja convosco!

Amados irmãos e irmãs!

Recomeçam esta manhã as audiências jubilares especiais que o Papa Francisco iniciou no mês de janeiro, propondo cada vez um aspeto particular da virtude teologal da esperança e uma figura espiritual que a testemunhou. Portanto, continuemos o caminho iniciado, como peregrinos de esperança!

Une-nos a esperança transmitida pelos Apóstolos desde o princípio. Os

Apóstolos viram em Jesus a terra ligar-se ao céu: acolheram a Palavra da vida com os olhos, os ouvidos e as mãos. O Jubileu é uma porta aberta para este mistério. O ano jubilar liga mais radicalmente o mundo de Deus ao nosso. Convida-nos a levar a sério o que rezamos todos os dias: «Assim na terra como no céu». Nisto consiste a nossa esperança. Eis o aspeto que, hoje, gostaríamos de aprofundar: esperar significa ligar.

Um dos maiores teólogos cristãos, o bispo Ireneu de Lião, ajudar-nos-á a reconhecer a beleza e a atualidade desta esperança. Ireneu nasceu na Ásia Menor e formou-se entre aqueles que tinham conhecido diretamente os Apóstolos. Depois veio para a Europa, porque em Lião já se tinha formado uma comunidade de cristãos provenientes da sua terra. Como nos faz bem recordá-lo aqui, em Roma, na Europa! O Evangelho foi trazido para este continente a partir de fora. E, ainda hoje, as comunidades de migrantes constituem presenças que reavivam a fé nos países que as acolhem. O Evangelho vem de fora. Ireneu liga o Oriente e o Ocidente. Este é já um sinal de esperança, pois recorda-nos como os povos continuam a enriquecer-se mutuamente.

Mas Ireneu tem um tesouro ainda maior para nos oferecer. As divisões doutrinárias que encontrou no seio da comunidade cristã, os conflitos internos e as perseguições externas não o desencorajaram. Pelo contrário, num mundo fragmentado, aprendeu a pensar melhor, prestando atenção cada vez mais profunda a Jesus. Tornou-se cantor da sua pessoa, aliás, da sua carne. Com efeito, reconheceu que n'Ele o que para nós parece oposto se recompõe na unidade. Jesus não é um muro que separa, mas uma porta que nos une. Devemos permanecer n'Ele e distinguir a realidade das ideologias.

Caros irmãos e irmãs, ainda hoje as ideias podem enlouquecer e as palavras podem matar. A carne, porém, é aquilo de que todos nós somos feitos; é o que nos liga à terra e às outras criaturas. A carne de Jesus deve ser acolhida e contemplada em cada irmão e irmã, em cada criatura. Ouçamos o clamor da carne, escutemos a dor do próximo que nos chama pelo nome. O mandamento que recebemos desde o princípio é o do amor recíproco. Ele está inscrito na nossa carne, antes de qualquer lei.

Ireneu, mestre de unidade, ensina-nos a não opor, mas a ligar. Não há inteligência onde se separa, mas onde se liga. Distinguir é útil, mas dividir nunca. Jesus é a vida eterna no meio de nós: Ele une os opostos, tornando possível a comunhão.

Somos peregrinos de esperança, porque entre as pessoas, os povos e as criaturas é necessário que alguém se decida a caminhar rumo à comunhão. Outros seguir-nos-ão. Como Ireneu em Lião, no século II, assim em cada uma das nossas cidades, voltemos a construir pontes onde hoje existem muros. Abramos portas, liguemos mundos, e haverá esperança!

Apelo

Efetivamente, também nestes dias chegam notícias que causam muita preocupação. Deteriorou-se gravemente a situação no Irão e em Israel e, num momento tão delicado, gostaria de renovar com veemência um apelo à responsabilidade e à razão. O compromisso de construir um mundo mais seguro e livre da ameaça nuclear deve ser procurado através de um encontro respeitoso e de um diálogo sincero, a fim de edificar uma paz duradoura alicerçada na justiça, na fraternidade e no bem comum. Ninguém jamais deveria ameaçar a existência do outro. É dever de todos os países apoiar a causa da paz, iniciando caminhos de reconciliação e favorecendo soluções que garantam segurança e dignidade para todos.

38. CATEQUESE DO PAPA LEÃO XIV

Basílica de São Pedro

Sábado, 14 de junho de 2025

Esperar é ligar. Ireneu de Lião

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A paz esteja convosco!

Amados irmãos e irmãs!

Recomeçam esta manhã as audiências jubilares especiais que o Papa Francisco iniciou no mês de janeiro, propondo cada vez um aspeto particular da virtude teologal da esperança e uma figura espiritual que a testemunhou. Portanto, continuemos o caminho iniciado, como peregrinos de esperança!

Une-nos a esperança transmitida pelos Apóstolos desde o princípio. Os Apóstolos viram em Jesus a terra ligar-se ao céu: acolheram a Palavra da vida com os olhos, os ouvidos e as mãos. O Jubileu é uma porta aberta

para este mistério. O ano jubilar liga mais radicalmente o mundo de Deus ao nosso. Convida-nos a levar a sério o que rezamos todos os dias: «Assim na terra como no céu». Nisto consiste a nossa esperança. Eis o aspeto que, hoje, gostaríamos de aprofundar: esperar significa ligar.

Um dos maiores teólogos cristãos, o bispo Ireneu de Lião, ajudar-nos-á a reconhecer a beleza e a atualidade desta esperança. Ireneu nasceu na Ásia Menor e formou-se entre aqueles que tinham conhecido diretamente os Apóstolos. Depois veio para a Europa, porque em Lião já se tinha formado uma comunidade de cristãos provenientes da sua terra. Como nos faz bem recordá-lo aqui, em Roma, na Europa! O Evangelho foi trazido para este continente a partir de fora. E, ainda hoje, as comunidades de migrantes constituem presenças que reavivam a fé nos países que as acolhem. O Evangelho vem de fora. Ireneu liga o Oriente e o Ocidente. Este é já um sinal de esperança, pois recorda-nos como os povos continuam a enriquecer-se mutuamente.

Mas Ireneu tem um tesouro ainda maior para nos oferecer. As divisões doutrinárias que encontrou no seio da comunidade cristã, os conflitos internos e as perseguições externas não o desencorajaram. Pelo contrário, num mundo fragmentado, aprendeu a pensar melhor, prestando atenção cada vez mais profunda a Jesus. Tornou-se cantor da sua pessoa, aliás, da sua carne. Com efeito, reconheceu que n'Ele o que para nós parece oposto se recompõe na unidade. Jesus não é um muro que separa, mas uma porta que nos une. Devemos permanecer n'Ele e distinguir a realidade das ideologias.

Caros irmãos e irmãs, ainda hoje as ideias podem enlouquecer e as palavras podem matar. A carne, porém, é aquilo de que todos nós somos feitos; é o que nos liga à terra e às outras criaturas. A carne de Jesus deve ser acolhida e contemplada em cada irmão e irmã, em cada criatura. Ouçamos o clamor da carne, escutemos a dor do próximo que nos chama pelo nome. O mandamento que recebemos desde o princípio é o do amor recíproco. Ele está inscrito na nossa carne, antes de qualquer lei.

Ireneu, mestre de unidade, ensina-nos a não opor, mas a ligar. Não há inteligência onde se separa, mas onde se liga. Distinguir é útil, mas dividir nunca. Jesus é a vida eterna no meio de nós: Ele une os opostos, tornando possível a comunhão.

Somos peregrinos de esperança, porque entre as pessoas, os povos e as

criaturas é necessário que alguém se decida a caminhar rumo à comunhão. Outros seguir-nos-ão. Como Ireneu em Lião, no século II, assim em cada uma das nossas cidades, voltemos a construir pontes onde hoje existem muros. Abramos portas, liguemos mundos, e haverá esperança!

Apelo

Efetivamente, também nestes dias chegam notícias que causam muita preocupação. Deteriorou-se gravemente a situação no Irão e em Israel e, num momento tão delicado, gostaria de renovar com veemência um apelo à responsabilidade e à razão. O compromisso de construir um mundo mais seguro e livre da ameaça nuclear deve ser procurado através de um encontro respeitoso e de um diálogo sincero, a fim de edificar uma paz duradoura alicerçada na justiça, na fraternidade e no bem comum. Ninguém jamais deveria ameaçar a existência do outro. É dever de todos os países apoiar a causa da paz, iniciando caminhos de reconciliação e favorecendo soluções que garantam segurança e dignidade para todos.

39. AUDIÊNCIA GERAL **Praça de São Pedro** **Quarta-feira, 18 de junho de 2025**

Ciclo de Catequese – Jubileu 2025. Jesus Cristo Nossa Esperança. II. A vida de Jesus. As curas 10. A cura do paralítico. “Quando Jesus o viu deitado e soube que estava assim havia já muito tempo, disse-lhe: «Queres ficar são?»” (Jo 5,6)

Estimados irmãos e irmãs!

Continuemos a contemplar Jesus que cura. Hoje gostaria de vos convidar a pensar de modo especial nas situações em que nos sentimos “bloqueados” e fechados num beco sem saída. Com efeito, às vezes parece-nos que é inútil continuar a esperar; resignamo-nos e já não queremos lutar. Esta situação é descrita nos Evangelhos com a imagem da paralisia. Por isso, hoje gostaria de meditar sobre a cura de um paralítico, narrada no quinto capítulo do Evangelho de São João (5, 1-9).

Jesus vai a Jerusalém para uma festa dos judeus. Não vai imediatamen-

te ao Templo; detêm-se perto de uma porta, onde provavelmente se lavavam as ovelhas que depois eram oferecidas nos sacrifícios. Perto daquela porta paravam também muitos doentes que, ao contrário das ovelhas, eram excluídos do Templo por serem considerados impuros! Assim, é o próprio Jesus que vai ao encontro deles na sua dor. Estas pessoas esperavam um milagre que pudesse mudar o seu destino; com efeito, ao lado da porta havia uma piscina, cujas águas eram consideradas taumatúrgicas, isto é, capazes de curar: em certos momentos, a água agitava-se e, segundo a crença daquela época, quem se imergisse primeiro ficava curado.

Assim, criava-se uma espécie de “guerra entre pobres”: podemos imaginar a triste cena destes doentes que se arrastavam cansativamente para entrar na piscina. Aquela piscina chamava-se Betesda, que significa “casa da misericórdia”: poderia ser uma imagem da Igreja, onde se reúnem os doentes e os pobres, onde o Senhor vem para curar e dar esperança.

Jesus dirige-se especificamente a um homem que está paralisado há trinta e oito anos. Já está resignado, porque nunca consegue imergir-se na piscina quando a água se agita (cf. v. 7). Com efeito, muitas vezes o que nos paralisa é precisamente a desilusão. Sentimo-nos desanimados e corremos o risco de cair na preguiça.

A este paralítico Jesus faz uma pergunta que pode parecer supérflua: «Queres ficar curado?» (v. 6). No entanto, é uma pergunta necessária, pois quando se está bloqueado há tantos anos, pode faltar até a vontade de se curar. Às vezes preferimos permanecer na condição de doentes, obrigando os outros a cuidar de nós. É por vezes até um pretexto para não decidir o que fazer da nossa vida. Jesus, pelo contrário, remete este homem para o seu desejo mais verdadeiro e profundo.

Efetivamente, este homem responde de maneira mais articulada à pergunta de Jesus, revelando a sua visão da vida. Em primeiro lugar, diz que não tem ninguém que o mergulhe na piscina: portanto, a culpa não é dele, mas dos outros que não cuidam dele. Esta atitude torna-se pretexto para evitar as próprias responsabilidades. Mas é realmente verdade que não havia ninguém que o ajudasse? Eis a resposta iluminadora de Santo Agostinho: «Sim, para ser curado, tinha absolutamente necessidade de um homem, mas de um homem que também fosse Deus. [...] Portanto, chegou o homem que era necessário; porquê continuar a adiar a cura?» (Homilia 17, 7).

Depois, o parálitico acrescenta que, quando procura entrar na piscina, há sempre alguém que chega antes dele. Este homem exprime uma visão fatalista da vida. Pensamos que as coisas nos acontecem porque não temos sorte, porque o destino nos é adverso. Este homem está desanimado! Sente-se derrotado na luta da vida.

No entanto, Jesus ajuda-o a descobrir que a sua vida está também nas suas mãos. Convida-o a levantar-se, a sair da sua situação crónica e a pegar na sua maca (cf. v. 8). Aquele catre não deve ser deixado nem abandonado: representa o seu passado de doença, é a sua história. O passado bloqueou-o até àquele momento; obrigou-o a ficar deitado como um morto. Agora é ele que pode pegar naquela maca e levá-la para onde quiser: pode decidir o que fazer com a sua história! Trata-se de caminhar, assumindo a responsabilidade de escolher que caminho seguir. E isto graças a Jesus!

Caríssimos irmãos e irmãs, peçamos ao Senhor o dom de compreender onde a nossa vida se bloqueou. Procuremos dar voz ao nosso desejo de cura. E oremos por todos aqueles que se sentem paralisados, que não veem uma saída. Peçamos para voltar a habitar no Coração de Cristo, que é a verdadeira casa da misericórdia!

Apelo

Queridos irmãos e irmãs!

O coração da Igreja está destroçado pelos gritos que se elevam das zonas de guerra, em particular da Ucrânia, do Irão, de Israel e de Gaza. Não devemos habituar-nos à guerra! Pelo contrário, é preciso rejeitar o fascínio das armas poderosas e sofisticadas como uma tentação. Efetivamente, na guerra contemporânea «o emprego de armas científicas de todo o género para fazer a guerra, ameaça, dada a selvajaria daquelas, levar os combatentes a uma barbárie muito pior que a de outros tempos» (Concílio Vaticano II, Const. past. *Gaudium et spes*, 79). Portanto, em nome da dignidade humana e do direito internacional, repito aos responsáveis o que costumava dizer o Papa Francisco: a guerra é sempre uma derrota! E, com Pio XII, afirmo: «Nada se perde com a paz. Tudo pode ser perdido com a guerra».

Saudações:

Uma carinhosa saudação a todos os peregrinos provenientes dos países de língua portuguesa! Irmãos e irmãs, tenhamos cuidado para não esquecer o nosso papel na economia da salvação. Deus, com a sua graça, é o grande protagonista, mas o Senhor conta com a nossa ativa colaboração para nos curar de todas as enfermidades físicas ou espirituais. Que Jesus, médico dos corpos e das almas, vos abençoe!

Resumo da catequese do Santo Padre:

Hoje continuamos a falar das curas realizadas por Jesus. A paralisia é usada nos Evangelhos para indicar, entre outras coisas, aquelas situações para as quais não vislumbramos uma saída, sentindo-nos, muitas vezes, resignados e sem esperança. O caso evangélico do paralítico que não consegue chegar na piscina do Templo mostra como é mais fácil colocar a culpa dos nossos problemas nos outros do que assumir as próprias responsabilidades. Alimenta-se, assim, uma visão fatalista, onde o mundo parece conspirar contra nós. Jesus, ao contrário, indo ao encontro daquele homem, mas também de todos os que passam por dificuldades, ensina-nos a não nos deixarmos ser vencidos pelo imobilismo e pelo desespero, a tomar nas mãos as rédeas da própria vida e seguir adiante, com a certeza de que Cristo é o único necessário.

40. AUDIÊNCIA GERAL
Praça de São Pedro
Quarta-feira, 25 de junho de 2025

Ciclo de Catequese – Jubileu 2025. Jesus Cristo Nossa Esperança. II. A vida de Jesus. As curas 11. A mulher que sofria de hemorragias e a filha de Jairo. “Não tenhas medo! Acredita apenas” (Mc 5,36)

Prezados irmãos e irmãs!

Também hoje meditamos sobre as curas de Jesus como sinal de esperança. N’Ele há uma força que inclusive nós podemos experimentar quando entramos em relação com a sua Pessoa.

Uma doença muito difundida no nosso tempo é o cansaço de viver: a realidade parece-nos demasiado complexa, pesada, difícil de enfrentar. Então, abatemo-nos, adormecemos na ilusão de que quando acordarmos as coisas serão diferentes. Mas a realidade deve ser enfrentada e, com Jesus, podemos fazê-lo bem. Às vezes, sentimo-nos bloqueados pelo julgamento de quem pretende atribuir rótulos aos outros.

Parece-me que estas situações podem encontrar correspondência numa passagem do Evangelho de Marcos, onde se entrelaçam duas histórias: a de uma menina de doze anos, doente na cama e prestes a morrer; e a de uma mulher, que sangra há exatamente doze anos e procura Jesus para poder ser curada (cf. Mc 5, 21-43).

Entre estas duas figuras femininas, o Evangelista coloca a figura do pai da menina: ele não permanece em casa a queixar-se devido à doença da filha, mas sai e pede ajuda. Embora seja o chefe da sinagoga, não faz reivindicações em virtude da sua posição social. Quando é preciso esperar, não perde a paciência e aguarda. E quando lhe vêm dizer que a filha está morta, que é inútil incomodar o Mestre, ele continua a ter fé e a esperar.

A conversa deste pai com Jesus é interrompida pela mulher hemorroísa, que consegue aproximar-se de Jesus e tocar no seu manto (v. 27). Com grande coragem, esta mulher tomou a decisão que muda a sua vida: todos continuavam a dizer-lhe que se mantivesse à distância, que não se mostrasse. Tinham-na condenado a permanecer escondida e isolada. Às vezes, também nós podemos ser vítimas do julgamento dos outros, que pretendem vestir-nos com uma roupa que não é nossa. E então sentimo-nos mal e não conseguimos superar a situação.

Aquela mulher toma o caminho da salvação quando nela germina a fé de que Jesus pode curá-la: então encontra a força para sair e ir à sua procura. Quer, pelo menos, tocar na sua veste.

Havia uma grande multidão ao redor de Jesus, e por isso muitas pessoas tocam n'Ele, mas nada lhes acontece. Pelo contrário, quando esta mulher toca em Jesus, fica curada. Onde está a diferença? Comentando este ponto do texto, Santo Agostinho diz, em nome de Jesus: «A multidão aglomera-se à minha volta, mas a fé toca-me» (Sermão 243, 2, 2). É assim: cada vez que praticamos um ato de fé destinado a Jesus, estabelece-se um contacto com Ele e imediatamente brota d'Ele a sua graça. Às vezes

não nos damos conta, mas de modo secreto e real a graça chega até nós e, dentro, transforma lentamente a vida.

Talvez ainda hoje muitas pessoas se aproximem de Jesus de maneira superficial, sem acreditar verdadeiramente no seu poder. Pisamos a superfície das nossas igrejas, mas talvez o coração esteja noutro lugar! Esta mulher, silenciosa e anónima, derrota os seus receios, tocando o coração de Jesus com as suas mãos consideradas impuras por causa da doença. Eis que, imediatamente, se sente curada. Jesus diz-lhe: «Filha, a tua fé te salvou. Vai em paz!» (Mc 5, 34).

Entretanto, levam ao pai a notícia de que a sua filha morreu. Jesus diz-lhe: «Não temas, tem fé» (v. 36). Depois vai a casa e, vendo que todos choram e gritam, diz: «A menina não morreu, mas dorme» (v. 39). Então, entra no quarto onde a menina estava deitada, pega na sua mão e diz: «Talita kum», “Menina, levanta-te!”. A menina levanta-se e põe-se a caminhar (cf. vv. 41-42). Este gesto de Jesus mostra-nos que Ele não só cura de todas as doenças, mas também desperta da morte. Para Deus, que é Vida eterna, a morte do corpo é como o sono. A verdadeira morte é a da alma: devemos ter medo dela!

Um último detalhe: depois de ter ressuscitado a menina, Jesus diz aos pais que lhe deem de comer (cf. v. 43). Eis outro sinal muito concreto da proximidade de Jesus à nossa humanidade. Mas podemos entendê-lo também em sentido mais profundo, perguntando-nos: quando os nossos filhos estão em crise e precisam de alimento espiritual, sabemos dá-lo? E como o podemos fazer, se nós próprios não nos nutrimos do Evangelho?

Estimados irmãos e irmãs, na vida há momentos de desilusão e desânimo, e há também a experiência da morte. Aprendamos com aquela mulher, com aquele pai: vamos ao encontro de Jesus: Ele pode curar-nos, pode fazer-nos renascer. Jesus é a nossa esperança!

Saudações:

Queridos fiéis de língua portuguesa, bem-vindos! Saúdo especialmente os sacerdotes vindos de Braga e Viana do Castelo em Portugal, e de Teresina, Castanhal, Nazaré e Santo Amaro no Brasil. Ao aproximarmos-nos do final do mês de junho, voltemos mais intensamente o nosso

olhar para o Coração de Jesus. A partir d'Ele, demos de novo a este nosso mundo um coração que sabe amar, perdoar e cuidar dos outros. Deus vos abençoe!

Apelo

No domingo passado, um vil ataque terrorista foi perpetrado contra a comunidade greco-ortodoxa na igreja de Mar Elias, em Damasco. Confiemos as vítimas à misericórdia de Deus e elevemos as nossas orações pelos feridos e pelos seus familiares. Aos cristãos do Médio Oriente digo: estou próximo de vós! Toda a Igreja está próxima de vós!

Este trágico acontecimento recorda a profunda fragilidade que ainda marca a Síria após anos de conflito e instabilidade. Por isso, é fundamental que a comunidade internacional não desvie o olhar deste país, mas continue a oferecer-lhe apoio através de gestos de solidariedade e com um renovado compromisso a favor da paz e da reconciliação.

Continuamos a acompanhar com atenção e esperança a evolução da situação no Irão, em Israel e na Palestina. As palavras do profeta Isaías ressoam com mais urgência do que nunca: «Uma nação não levantará a espada contra outra nação, e não se adestrarão mais para a guerra» (2, 4). Que esta voz, que vem do Altíssimo, seja ouvida! Que sejam curadas as feridas causadas pelas ações sangrentas dos últimos dias. Rejeite-se toda a lógica da arrogância e da vingança e seja escolhida com determinação a via do diálogo, da diplomacia e da paz.

41. AUDIÊNCIA GERAL Praça de São Pedro Quarta-feira, 30 de julho de 2025

Ciclo de Catequese – Jubileu 2025. Jesus Cristo Nossa Esperança. II. A vida de Jesus. As curas 12. O surdo-mudo. Profundamente perplexos, diziam: «Tudo o que faz é bem feito: faz os surdos ouvir e os mudos falar» (Mc 7,37)

Prezados irmãos e irmãs!

Com esta catequese concluímos o nosso itinerário sobre a vida pública

de Jesus, feita de encontros, parábolas e curas.

Também este tempo que vivemos tem necessidade de cura. O nosso mundo é permeado por um clima de violência e ódio que aflige a dignidade humana. Vivemos numa sociedade que adocece devido a uma “bulimia” das conexões das redes sociais: estamos hiperconectados, bombardeados por imagens, às vezes até falsas ou deturpadas. Somos oprimidos por múltiplas mensagens que suscitam em nós uma tempestade de emoções contraditórias.

Neste cenário, é possível que nasça em nós o desejo de desligar tudo. Podemos chegar a preferir não sentir mais nada. Até as nossas palavras correm o risco de ser mal interpretadas e podemos ser tentados a fechar-nos no silêncio, numa incomunicabilidade onde, por mais próximos que estejamos, já não conseguimos dizer as coisas mais simples e profundas.

A este propósito, gostaria de refletir hoje sobre um texto do Evangelho de Marcos, que nos apresenta um homem que não fala e não ouve (cf. Mc 7, 31-37). Precisamente como nos poderia acontecer hoje, este homem talvez tenha decidido não falar mais porque não se sentia compreendido, e desligar todas as vozes porque se sentiu desiludido e magoado com o que ouviu. Com efeito, não é ele que vai ter com Jesus para ser curado, mas é levado por outras pessoas. Poderíamos pensar que quantos o levam ao encontro do Mestre estão preocupados com o seu isolamento. No entanto, a comunidade cristã viu nestas pessoas também a imagem da Igreja, que acompanha cada homem ao encontro de Jesus para que ouça a sua palavra. O episódio tem lugar em território pagão, portanto estamos num contexto em que outras vozes tendem a abafar a voz de Deus.

Inicialmente, o comportamento de Jesus pode parecer estranho, dado que toma aquela pessoa à parte (v. 33a). Assim, parece acentuar o seu isolamento, mas olhando bem ajuda-nos a compreender o que se esconde por detrás do silêncio e do fechamento deste homem, como se tivesse entendido a sua necessidade de intimidade e proximidade.

Jesus oferece-lhe, antes de tudo, uma proximidade silenciosa, através de gestos que falam de um encontro profundo: toca os ouvidos e a língua deste homem (cf. v. 33b). Jesus não profere muitas palavras, diz a única coisa que lhe é necessária neste momento: «Abre-te!» (v. 34). Marcos cita a palavra em aramaico, efatá, como que para nos fazer sentir o

som e o sopro “ao vivo”. Esta palavra, simples e maravilhosa, contém o convite que Jesus dirige a este homem que deixou de ouvir e de falar. É como se Jesus lhe dissesse: «Abre-te a este mundo que te amedronta! Abre-te às relações que te desiludiram! Abre-te à vida que renunciaste a enfrentar!». Com efeito, fechar-se nunca é uma solução.

Depois do encontro com Jesus, aquela pessoa não só volta a falar, mas fá-lo «corretamente» (v. 35). Este advérbio inserido pelo evangelista parece querer dizer-nos algo mais sobre os motivos do seu silêncio. Talvez este homem tenha deixado de falar porque julgava dizer as coisas de modo errado, talvez não se sentisse adequado. Todos nós passamos pela experiência de ser mal interpretados e de não nos sentirmos compreendidos. Todos nós temos necessidade de pedir ao Senhor que cure o nosso modo de comunicar, não só para ser mais eficazes, mas também para evitar ferir os outros com as nossas palavras.

Voltar a falar corretamente é o início de um caminho, ainda não é o ponto de chegada. Com efeito, Jesus proíbe aquele homem de contar o que lhe aconteceu (cf. v. 36). Para conhecer verdadeiramente Jesus é preciso percorrer um caminho, é necessário estar com Ele e atravessar até a sua Paixão. Quando o tivermos visto humilhado e sofredor, quando experimentarmos o poder salvífico da sua Cruz, só então poderemos dizer que o conhecemos verdadeiramente. Não existem atalhos para ser discípulo de Jesus.

Caros irmãos e irmãs, peçamos ao Senhor que nos ensine a comunicar de maneira honesta e prudente. Oremos por todos aqueles que foram feridos pelas palavras dos outros. Rezemos pela Igreja, a fim de que nunca desista da sua tarefa de levar as pessoas ao encontro de Jesus, para que possam ouvir a sua Palavra, ser curadas por ela e, por sua vez, tornar-se portadoras do seu anúncio de salvação.

Saudações:

Saúdo cordialmente os peregrinos de língua portuguesa, de modo especial todos os jovens vindos a Roma dos diversos países lusófonos para o seu jubileu. Aproveitai esta experiência para levar os vossos amigos a Jesus, a fim de que o encontrem, escutem a sua palavra e o amem. Deus vos abençoe!

APELOS

Renovo o meu profundo pesar pelo brutal ataque terrorista ocorrido na noite entre 26 e 27 de julho passado em Komanda, na parte oriental da República Democrática do Congo, onde mais de quarenta cristãos foram assassinados na igreja durante uma vigília de oração e nas suas próprias casas. Enquanto confio as vítimas à amorosa Misericórdia de Deus, rezo pelos feridos e pelos cristãos que, no mundo, continuam a sofrer violências e perseguições, exortando quantos têm responsabilidades a nível local e internacional a colaborar para prevenir tragédias semelhantes.

A 1 de agosto, comemoraremos o 50º aniversário da assinatura do Ato Final de Helsínquia. Animados pelo desejo de garantir a segurança no contexto da guerra fria, 35 países inauguraram uma nova era geopolítica, favorecendo uma reaproximação entre Oriente e Ocidente. Aquele evento marcou também um renovado interesse pelos direitos humanos, com particular atenção à liberdade religiosa, considerada um dos fundamentos da então nascente arquitetura de cooperação, de «Vancouver a Vladivostok». A participação ativa da Santa Sé na Conferência de Helsínquia – representada pelo Arcebispo Agostino Casaroli – contribuiu para promover o compromisso político e moral em prol da paz. Hoje, mais do que nunca, é indispensável preservar o espírito de Helsínquia: perseverar no diálogo, fortalecer a cooperação e fazer da diplomacia o caminho privilegiado para prevenir e resolver os conflitos.

Resumo da catequese do Santo Padre:

Concluímos com esta catequese o nosso itinerário sobre a vida pública de Jesus. No evangelho encontramos um homem que não fala e não escuta e, portanto, vive isolado da sociedade. A iniciativa de ir ao encontro de Jesus não parte dele, mas de amigos que se preocupam com ele. A comunidade cristã viu nesses amigos uma imagem da Igreja, que acompanha cada pessoa a Jesus, a fim de que escute as suas palavras de vida eterna. Jesus toca os seus ouvidos e a sua língua e diz simplesmente uma palavra: Effathá, que quer dizer “Abre-te”. Significa não só tornar-se capaz de falar e escutar, mas sair do isolamento, abrir-se ao mundo que o rodeia e, sobretudo, à boa nova da salvação.

42. AUDIÊNCIA AOS MEMBROS DO COLÉGIO CARDINALÍCIO
DISCURSO DO PAPA LEÃO XIV
Sábado, 10 de maio de 2025

Muito obrigado, Eminência! Antes de tomarmos os nossos lugares, comecemos com uma oração, pedindo que o Senhor continue a acompanhar este Colégio e, sobretudo, toda a Igreja com este espírito, também com entusiasmo, mas com profunda fé. Rezemos juntos, em latim:

Pater noster... Ave Maria...

Na primeira parte deste encontro, há uma pequena reflexão que gostaria de partilhar convosco. Depois, haverá uma segunda parte, algo como a experiência que foi pedida por muitos de vós, uma espécie de partilha com o Colégio Cardinalício, para poder ouvir quais os conselhos, sugestões, propostas, coisas muito concretas, das quais já se falou um pouco nos dias que antecederam o Conclave.

Irmãos Cardeais!

Saúdo e agradeço a todos vós por este encontro e pelos dias que o precederam, que foram dolorosos pela perda do Papa Francisco e exigentes pela responsabilidade que enfrentamos juntos, mas, ao mesmo tempo, ricos de graça e consolação no Espírito, segundo a promessa que o próprio Jesus nos fez (cf. Jo 14, 25-27).

Queridos Cardeais, vós sois os colaboradores mais próximos do Papa, e isto é de grande conforto para mim, que aceitei um fardo claramente muito superior às minhas forças, assim como o seria para qualquer outra pessoa. A vossa presença recorda-me que o Senhor, tendo-me confiado esta missão, não me deixa sozinho a carregar tal responsabilidade. Sei, primeiramente, que posso contar sempre – sempre! – com a vossa ajuda, com a ajuda do Senhor, e, pela sua Graça e Providência, com a vossa proximidade e a de tantos irmãos e irmãs que, em todo o mundo, acreditam em Deus, amam a Igreja e apoiam o Vigário de Cristo com a oração e as boas obras.

Agradeço ao Decano do Colégio Cardinalício, Cardeal Giovanni Battista Re – que merece um aplauso! Pelo menos um, se não mais –, cuja sabedoria, fruto de uma longa vida e de muitos anos de fiel serviço à Sé Apostólica, nos ajudou muito neste tempo. Agradeço ao Camerlengo da

Santa Igreja Romana, Cardeal Kevin Joseph Farrell – acredito que ele está aqui presente –, pelo precioso e árduo papel que desempenhou durante o tempo da Sede Vacante e da Convocação do Conclave. Dirijo também o meu pensamento aos irmãos Cardeais que, por motivos de saúde, não puderam estar presentes e, convosco, uno-me a eles em comunhão de afeto e oração.

Neste momento, ao mesmo tempo triste e alegre, providencialmente envolto pela luz da Páscoa, gostaria que olhássemos juntos para a partida do saudoso Papa Francisco e para o Conclave como um acontecimento pascal, uma etapa do longo êxodo através do qual o Senhor continua a guiar-nos em direção à plenitude da vida. E, nesta perspectiva, confiamos ao «Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação» (2Cor 1, 3) a alma do falecido Pontífice e também o futuro da Igreja.

O Papa, começando por São Pedro até mim, seu indigno Sucessor, é um humilde servo de Deus e dos irmãos, nada mais do que isso. Demonstram-no bem os exemplos de tantos dos meus Predecessores, o último dos quais o próprio Papa Francisco, com o seu estilo de total dedicação ao serviço e sobriedade essencial na vida, de abandono em Deus no tempo da missão e de serena confiança no momento da partida para a Casa do Pai. Acolhamos esta preciosa herança e retomemos o caminho, animados pela mesma esperança que vem da fé.

É o Ressuscitado, presente no meio de nós, que protege e guia a Igreja e que continua a reavivá-la na esperança, através do amor «derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado» (Rm 5, 5). Cabe a cada um de nós tornarmo-nos ouvintes dóceis da sua voz e ministros fiéis dos seus desígnios de salvação, recordando que Deus gosta de se comunicar, mais do que no estrondo do trovão e do terremoto, no «murmúrio de uma brisa suave» (1Rs 19, 12) ou, como alguns traduzem, numa “leve voz de silêncio”. Este é o encontro importante, a que não se pode faltar, e para o qual devemos educar e acompanhar todo o santo Povo de Deus que nos está confiado.

Nos últimos dias, pudemos ver a beleza e sentir a força desta imensa comunidade, que com tanto carinho e devoção saudou e chorou o seu Pastor, acompanhando-o com a fé e a oração no momento do seu encontro definitivo com o Senhor. Vimos qual é a verdadeira grandeza da Igreja, que vive na variedade dos seus membros unidos à única Cabeça, que é Cristo, «Pastor e Guarda» (1Pe 2, 25) das nossas almas. Ela é o seio onde também nós fomos gerados e, ao mesmo tempo, o rebanho (cf.

Jo 21, 15-17), o campo (cf. Mc 4, 1-20) que nos foi dado para que o cuide-mos e cultivemos, o alimentemos com os Sacramentos da salvação e o fecundemos com a semente da Palavra, para que, firme na concórdia e entusiasta na missão, caminhe, como outrora os israelitas no deserto, à sombra da nuvem e à luz da chama de Deus (cf. Ex 13, 21).

A este respeito, gostaria que hoje renovássemos juntos a nossa plena adesão a este caminho, que a Igreja universal percorre há décadas na esteira do Concílio Vaticano II. O Papa Francisco recordou e atualizou magistralmente os seus conteúdos na Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, da qual gostaria de sublinhar alguns pontos fundamentais: o regresso ao primado de Cristo no anúncio (cf. n. 11); a conversão missionária de toda a comunidade cristã (cf. n. 9); o crescimento na colegialidade e na sinodalidade (cf. n. 33); a atenção ao *sensus fidei* (cf. nn. 119-120), especialmente nas suas formas mais próprias e inclusivas, como a piedade popular (cf. n. 123); o cuidado amoroso com os marginalizados e os excluídos (cf. n. 53); o diálogo corajoso e confiante com o mundo contemporâneo nas suas várias componentes e realidades (cf. n. 84; Concílio Vaticano II, Const. past. *Gaudium et spes*, 1-2).

Trata-se de princípios do Evangelho que sempre animaram e inspiraram a vida e o agir da Família de Deus, valores através dos quais o rosto misericordioso do Pai se revelou e continua a revelar-se no Filho feito homem, última esperança de quem procura com sinceridade a verdade, a justiça, a paz e a fraternidade (cf. Bento XVI, Cart. enc. *Spe salvi*, 2; Francisco, Bula *Spes non confundit*, 3).

Justamente por me sentir chamado a seguir nessa linha, pensei em adotar o nome de Leão XIV. Na verdade, são várias as razões, mas a principal é porque o Papa Leão XIII, com a histórica Encíclica *Rerum novarum*, abordou a questão social no contexto da primeira grande revolução industrial; e, hoje, a Igreja oferece a todos a riqueza de sua doutrina social para responder a outra revolução industrial e aos desenvolvimentos da inteligência artificial, que trazem novos desafios para a defesa da dignidade humana, da justiça e do trabalho.

Queridos irmãos, gostaria de concluir esta primeira parte do nosso encontro fazendo meu – e propondo-o também a vós – o desejo que São Paulo VI, em 1963, colocou no início do seu ministério petrino: «Passe pelo mundo inteiro, como uma grande chama de fé e de amor que inflame todos os homens de boa vontade, ilumine os caminhos da colaboração recíproca e atraia sobre a humanidade, agora e sempre, a abun-

dância das divinas complacências, a própria força de Deus, sem a ajuda de quem nada é válido, nada é santo» (Mensagem à Família Humana Qui fausto die, 22 de junho de 1963).

Sejam esses também os nossos sentimentos, a serem traduzidos em oração e empenho, com a ajuda do Senhor. Obrigado!

**43. DISCURSO DO PAPA LEÃO XIV
AOS AGENTES DA COMUNICAÇÃO
Sala Paulo VI
Segunda-feira, 12 de maio de 2025**

Bom dia e obrigado por este maravilhoso acolhimento! Dizem que quando se aplaude ao início não importa muito... Se estiverdes ainda despertos ao final e quiserdes aplaudir... muito obrigado!

Irmãos e irmãs!

A todos vós, representantes dos meios de comunicação social do mundo inteiro, dou as boas-vindas. Agradeço o trabalho que realizastes e realizais neste tempo que, para a Igreja, é essencialmente um tempo de Graça.

No “Sermão da Montanha”, Jesus proclamou: «Felizes os pacificadores» (Mt 5, 9). Esta é uma bem-aventurança que nos interpela a todos e vos diz respeito de perto, chamando cada um ao compromisso de levar adiante uma comunicação diferente, que não procura o consenso a qualquer custo, que não se reveste de palavras agressivas, que não adere ao modelo da competição, que nunca separa a busca da verdade do amor com que humildemente a devemos procurar. A paz começa em cada um de nós: na forma como olhamos para os outros, ouvimos os outros, falamos dos outros; e, neste sentido, a forma como comunicamos adquire uma importância fundamental: temos de dizer “não” à guerra das palavras e das imagens, temos de rejeitar o paradigma da guerra.

Permiti-me, então, que hoje reitere a solidariedade da Igreja para com os jornalistas presos por terem procurado relatar a verdade, e que, com estas palavras, peça a libertação desses jornalistas que se encontram na prisão. A Igreja reconhece nestes testemunhos - penso naqueles

que narram a guerra mesmo à custa da própria vida - a coragem de quem defende a dignidade, a justiça e o direito dos povos a serem informados, porque só os povos informados podem fazer escolhas livres. O sofrimento destes jornalistas presos interpela a consciência das nações e da comunidade internacional, chamando-nos a todos a salvaguardar o bem precioso da liberdade de expressão e de imprensa.

Obrigado, caros amigos, pelo vosso serviço à verdade. Estivestes em Roma nestas semanas para noticiar a Igreja, a sua variedade e, ao mesmo tempo, a sua unidade. Acompanhastes os ritos da Semana Santa; narrastes a dor pela morte do Papa Francisco que, porém, ocorreu à luz da Páscoa. Essa mesma fé pascal introduziu-nos no espírito do Conclave, que vos viu particularmente ocupados em dias cansativos; e, também nesta ocasião, conseguistes narrar a beleza do amor de Cristo que nos une a todos e faz de nós um só povo, guiado pelo Bom Pastor.

Vivemos tempos difíceis de atravessar e narrar, que representam um desafio para todos nós, do qual não devemos fugir. Pelo contrário, estes tempos pedem a cada um de nós, nas nossas diferentes funções e serviços, que nunca cedamos à mediocridade. A Igreja deve aceitar o desafio do tempo e, do mesmo modo, não pode haver comunicação e jornalismo fora do tempo e da história. Como nos recorda Santo Agostinho, que dizia: «Vivamos bem e os tempos serão bons! Nós somos os tempos» (Sermão 80, 8).

Obrigado, portanto, pelo que fizestes para sair dos estereótipos e dos clichés através dos quais muitas vezes lemos a vida cristã e a vida da própria Igreja. Obrigado, porque conseguistes captar o essencial daquilo que somos e transmiti-lo por todos os meios ao mundo inteiro.

Hoje, um dos desafios mais importantes é promover uma comunicação capaz de nos fazer sair da “torre de Babel” em que, por vezes, nos encontramos, sair da confusão de linguagens sem amor, muitas vezes ideológicas ou sectárias. Por isso, o vosso serviço, com as palavras que usais e o estilo que empregais, é importante. Com efeito, a comunicação não é apenas a transmissão de informações, mas a criação de uma cultura, de ambientes humanos e digitais que se tornam espaços de diálogo e de confronto de ideias. E, olhando para a evolução tecnológica, esta missão torna-se ainda mais necessária. Penso, particularmente, na inteligência artificial com o seu imenso potencial que, no entanto, exige responsabilidade e discernimento para orientar as ferramentas para o bem de todos, a fim de que possam produzir benefícios para a humanidade. E

esta responsabilidade diz respeito a todos, em proporção à idade e aos papéis sociais.

Caros amigos, com o tempo aprenderemos a conhecer-nos melhor. Temos vivido – podemos dizer juntos – dias muito especiais. Partilhámo-los com todos os meios de comunicação: televisão, rádio, Internet e redes sociais. Gostaria que cada um de nós pudesse dizer que estes meios nos revelaram um pouco do mistério da nossa humanidade e que nos deixaram um desejo de amor e de paz. É por isso que vos repito hoje o convite feito pelo Papa Francisco na sua última mensagem para o próximo Dia Mundial das Comunicações Sociais: desarmemos a comunicação de todos os preconceitos, rancores, fanatismos e ódios; limpemo-la da agressividade. Não precisamos de uma comunicação beligerante e musculosa, mas sim de uma comunicação capaz de escutar, de recolher a voz dos fracos que não têm voz. Desarmemos as palavras e ajudaremos a desarmar a Terra. Uma comunicação desarmada e desarmante permite-nos partilhar uma visão diferente do mundo e agir de forma coerente com a nossa dignidade humana

Vós estais na linha da frente, narrando conflitos e esperanças de paz, situações de injustiça, de pobreza, e o trabalho silencioso de tantos por um mundo melhor. É por isso que vos peço que escolhais, de forma consciente e corajosa, o caminho da comunicação da paz.

Obrigado a todos vós. Deus vos abençoe!

**44. DISCURSO DO PAPA LEÃO XIV
AOS PARTICIPANTES NO JUBILEU DAS IGREJAS ORIENTAIS
Sala Paulo VI
Quarta-feira, 14 de maio de 2025**

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, a paz esteja convosco!

Beatitudes, Eminência, Excelências
Caríssimos sacerdotes, consagradas e consagrados
Irmãos e irmãs!

Cristo ressuscitou. Verdadeiramente ressuscitou! Saúdo-vos com as palavras que, neste tempo pascal, o Oriente cristão não se cansa de repetir em muitas regiões, professando o âmago da fé e da esperança. E é

bom ver-vos aqui precisamente por ocasião do Jubileu da esperança, da qual a ressurreição de Jesus é o fundamento indestrutível. Bem-vindos a Roma! Estou feliz por me encontrar convosco e por dedicar um dos primeiros encontros do meu pontificado aos fiéis orientais.

Sois preciosos! Olhando para vós, penso na variedade das vossas prove-niências, na história gloriosa e nos amargos sofrimentos que muitas das vossas comunidades padeceram ou padecem. E gostaria de reiterar o que o Papa Francisco disse sobre as Igrejas Orientais: «São Igrejas que devem ser amadas, conservam tradições espirituais e sapienciais únicas e têm muito a dizer-nos sobre a vida cristã, a sinodalidade, a liturgia; pensemos nos antigos Padres, nos Concílios, no monaquismo, tesouros inestimáveis para a Igreja» (Discurso aos participantes na Assembleia da ROACO, 27 de junho de 2024).

Desejo citar também o Papa Leão XIII, que pela primeira vez dedicou um documento específico à dignidade das vossas Igrejas, considerando sobretudo que «a obra da redenção humana teve início no Oriente» (cf. Carta apostólica *Orientalium dignitas*, 30 de novembro de 1894). Sim, desempenhais «um papel singular e privilegiado como contexto original da Igreja nascente» (São João Paulo II, Carta apostólica *Orientalium dignitas*, 5). É significativo que algumas das vossas Liturgias - que nestes dias celebrais solenemente em Roma, segundo várias tradições - ainda usem a língua do Senhor Jesus. Mas o Papa Leão XIII dirigiu um forte apelo para que a «legítima variedade de liturgia e disciplina orientais [...] redunde a favor [...] do grande decoro e utilidade da Igreja» (Carta apostólica *Orientalium dignitas*). A sua preocupação de então é muito atual, pois nos nossos dias tantos irmãos e irmãs orientais, entre os quais muitos de vós, obrigados a fugir dos seus territórios de origem por causa da guerra e das perseguições, da instabilidade e da pobreza, correm o risco, chegando ao Ocidente, de perder não só a pátria, mas também a identidade religiosa. E assim, com o passar das gerações, perde-se o legado inestimável das Igrejas Orientais.

Há mais de um século, Leão XIII observou que «a conservação dos ritos orientais é mais importante do que geralmente se crê» e, com esta finalidade, chegou a prescrever que «qualquer missionário latino, quer do clero secular ou regular que, com conselhos ou ajudas, atraia algum oriental para o rito latino» fosse «demitido e excluído do seu ofício» (ibid.). Acolhamos o apelo a salvaguardar e promover o Oriente cristão, especialmente na diáspora; aqui, além de erigir, onde possível e oportuno, Circunscrições orientais, é necessário sensibilizar os latinos. Neste

sentido, peço ao Dicastério para as Igrejas Orientais, a quem agradeço pelo seu trabalho, que me ajude a definir princípios, normas e diretrizes através das quais os Pastores latinos possam apoiar concretamente os católicos orientais na diáspora a preservar as suas tradições vivas e a enriquecer com a sua especificidade o contexto em que vivem.

A Igreja precisa de vós! Como é grande a contribuição que o Oriente cristão nos pode oferecer hoje! Quanta necessidade temos de recuperar o sentido do mistério, tão vivo nas vossas liturgias, que abrangem a pessoa humana na sua totalidade, cantam a beleza da salvação e suscitam o enlevo pela grandeza divina que abraça a pequenez humana! E como é importante redescobrir, também no Ocidente cristão, o sentido do primado de Deus, o valor da mistagogia, da intercessão incessante, da penitência, do jejum, do pranto pelos pecados, próprios e de toda a humanidade (penthos), tão típicos das espiritualidades orientais! Por isso, é fundamental valorizar as vossas tradições sem as diluir, talvez por praticidade e comodidade, para que não sejam corrompidas por um espírito consumista e utilitarista.

As vossas espiritualidades, antigas e sempre novas, são medicinais. Nelas, o sentido dramático da miséria humana funde-se com a admiração pela misericórdia divina, de tal modo que as nossas baixezas não provoquem desespero, mas convidem a acolher a graça de ser criaturas curadas, divinizadas e elevadas às alturas celestiais. É preciso louvar e dar graças incessantes ao Senhor por isto! Podemos recitar convosco as palavras de Santo Efrém, o Sírio, dizendo a Jesus: «Glória a Vós que fizestes da vossa cruz uma ponte sobre a morte. [...] Glória a Vós que vos revestistes do corpo do homem mortal, transformando-o em manancial de vida para todos os mortais» (Discurso sobre o Senhor, 9). É um dom a pedir, o de saber ver a certeza da Páscoa em todas as tribulações da vida sem desanimar, recordando, como escrevia outro grande Padre oriental, que «o maior pecado é não acreditar nas energias da Ressurreição» (Santo Isaac de Nínive, Sermones ascetici, I, 5).

Portanto, quem mais do que vós pode entoar palavras de esperança no abismo da violência? Quem melhor do que vós, que conheceis de perto os horrores da guerra, a ponto que o Papa Francisco definiu as vossas Igrejas «martiriais» (Discurso à ROACO, cit.)? É verdade: da Terra Santa à Ucrânia, do Líbano à Síria, do Médio Oriente ao Tigray e ao Cáucaso, quanta violência! E diante de todo este horror, sobre os massacres de tantas vidas jovens, que deveriam provocar indignação, porque em nome da conquista militar são as pessoas que morrem, sobressai um

apelo: não tanto do Papa, mas de Cristo, que repete: «A paz esteja convosco!» (Jo 20, 19.21.26). E especifica: «Deixo-vos a paz, a Minha paz vos dou. Não vo-la dou como o mundo a dá» (Jo 14, 27). A paz de Cristo não é o silêncio sepulcral depois de um conflito, não é o resultado de um esmagamento, mas é um dom que olha para as pessoas e reativa a sua vida. Rezemos por esta paz, que é reconciliação, perdão, coragem para virar a página e começar.

Farei todos os esforços para que esta paz se propague. A Santa Sé está disponível para que os inimigos se encontrem e se fitem nos olhos, para que aos povos se devolvam a esperança e a dignidade que merecem, a dignidade da paz. Os povos querem a paz e eu, com o coração nas mãos, digo aos responsáveis dos povos: encontremo-nos, dialoguemos, negociemos! A guerra nunca é inevitável, as armas podem e devem ser silenciadas, pois não resolvem os problemas mas só os aumentam; pois ficará na história quem semeia a paz, não quem ceifa vítimas; pois os outros não são sobretudo inimigos, mas seres humanos: não vilões a odiar, mas pessoas com quem falar. Rejeitemos as visões maniqueístas típicas das narrações violentas, que dividem o mundo entre bons e maus.

A Igreja não se cansará de repetir: silenciem as armas! E gostaria de dar graças a Deus por aqueles que, no silêncio, na oração, na oferta, tecem fios de paz; e aos cristãos - orientais e latinos - que, sobretudo no Médio Oriente, perseveram e resistem nas suas terras, mais fortes do que a tentação de as abandonar. Aos cristãos deve ser dada a oportunidade, não apenas palavras, de permanecer nas suas terras com todos os direitos necessários para uma existência segura. Por favor, que se lute por isto!

E obrigado, obrigado a vós, queridos irmãos e irmãs do Oriente, de onde ressuscitou Jesus, Sol de justiça, por serdes “luzes do mundo” (cf. Mt 5, 14). Continuai a brilhar pela fé, esperança e caridade, por nada mais! Que as vossas Igrejas sirvam de exemplo e os Pastores promovam com retidão a comunhão, especialmente nos Sínodos dos Bispos, para que sejam lugares de colegialidade e de autêntica corresponsabilidade. Que haja transparência na gestão dos bens, que se dê testemunho de humilde e total dedicação ao povo santo de Deus, sem apego às honras, aos poderes do mundo e à própria imagem. São Simeão, o Novo Teólogo, indicava um bom exemplo: «Assim como alguém, lançando pó sobre a chama de uma fornalha ardente, a apaga, do mesmo modo as preocupações desta vida e toda a espécie de apego a coisas mesquinhas e sem valor destroem o calor do coração aceso nos primórdios» (Capítulos práticos e teológicos, 63). O esplendor do Oriente cristão exige, hoje mais do que

nunca, a libertação de toda a dependência mundana e de quaisquer tendências contrárias à comunhão, para ser fiel na obediência e no testemunho evangélicos.

Agradeço-vos por isto e abençoo-vos de coração, pedindo-vos que rezeis pela Igreja e eleveis as vossas poderosas orações de intercessão pelo meu ministério. Obrigado!

**45. DISCURSO DO PAPA LEÃO XIV
AOS IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS
Sala Clementina
Quinta-feira, 15 de maio de 2025**

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, a paz esteja convosco!

Eminência

Prezados irmãos e irmãs, bem-vindos!

Estou muito feliz por vos receber no terceiro centenário da promulgação da Bula *In apostolicae dignitatis solio*, com que o Papa Bento XIII aprovou o vosso Instituto e a vossa Regra (26 de janeiro de 1725). Ele coincide também com o 75º aniversário da proclamação, por parte do Papa Pio XII, de São João Batista de La Salle “Padroeiro celeste de todos os educadores” (cf. Carta apostólica *Quod ait*, 15 de maio de 1950: AAS 12, 1950, 631-632).

Três séculos mais tarde, é bom constatar que a vossa presença continua a manter em si o vigor de uma rica e vasta realidade educativa, com que ainda hoje, em várias partes do mundo, vos dedicais à formação dos jovens com entusiasmo, fidelidade e espírito de sacrifício.

Precisamente à luz destas celebrações, gostaria de refletir convosco sobre dois aspetos da vossa história, que considero importantes para todos nós: a atenção à atualidade e a dimensão ministerial e missionária do ensino na comunidade.

O início da vossa obra fala muito de “atualidade”. São João Batista de La Salle começou respondendo a um pedido de ajuda de um leigo, Adrian Nyel, que tinha dificuldades em manter as suas “escolas dos pobres”. O

vosso fundador reconheceu no seu pedido de ajuda um sinal de Deus, enfrentou o desafio e pôs mãos à obra. Assim, além das suas próprias intenções e expectativas, deu vida a um novo sistema de ensino: o das Escolas cristãs, gratuitas e abertas a todos. Entre os elementos inovadores por ele introduzidos nesta revolução pedagógica, recordamos o ensino destinado a classes, não mais a alunos individualmente; em vez do latim, a adoção do francês como língua didática, acessível a todos; as aulas dominicais, nas quais podiam participar até os jovens obrigados a trabalhar durante a semana; a participação das famílias nos percursos escolares, segundo o princípio do “triângulo educativo”, ainda hoje válido. Assim os problemas, na medida em que iam surgindo, em vez de o desencorajarem, estimulavam-no a procurar respostas criativas e a aventurar-se por sendas novas e não raro inexploradas.

Tudo isto não pode deixar de nos fazer refletir, suscitando também em nós interrogações úteis. Quais são, no mundo juvenil dos nossos dias, os desafios mais urgentes a enfrentar? Quais são os valores a promover? Com que recursos contar?

Os jovens do nosso tempo, como os de todas as épocas, constituem um vulcão de vida, de energias, de sentimentos, de ideias. Vê-se isto a partir das maravilhas que sabem fazer, em tantos setores. Contudo, também precisam de ajuda, para fazer crescer tanta riqueza em harmonia e para ultrapassar o que, embora de modo diferente em relação ao passado, ainda pode impedir o seu desenvolvimento saudável.

Se, por exemplo, no século XVII, o uso da língua latina representava para muitos uma barreira de comunicação insuperável, hoje há outros obstáculos a enfrentar. Pensemos no isolamento que provocam modelos relacionais alastradores, cada vez mais pautados pela superficialidade, pelo individualismo e pela instabilidade afetiva; na difusão de esquemas de pensamento debilitados pelo relativismo; na predominância de ritmos e estilos de vida em que não há espaço suficiente para a escuta, a reflexão e o diálogo, a escola, a família, às vezes até entre os próprios coetâneos, com a solidão que disto deriva.

Trata-se de desafios exigentes que também nós, como São João Batista de La Salle fez, podemos transformar em trampolins para explorar caminhos, elaborar instrumentos e adotar novas linguagens, com os quais continuar a tocar o coração dos alunos, ajudando-os e estimulando-os a enfrentar com coragem todos os obstáculos, para dar o melhor de si na vida, segundo os desígnios de Deus. Neste sentido, é louvável a atenção

que prestais, nas vossas escolas, à formação dos professores e à criação de comunidades educativas em que o esforço didático é enriquecido com a contribuição de todos. Encorajo-vos a seguir estes caminhos!

Mas gostaria de mencionar outro aspeto da realidade lassalista, que considero importante: o ensino vivido como ministério e missão, como consagração na Igreja. São João Batista de La Salle não queria que houvesse sacerdotes mas unicamente “irmãos” entre os professores das Escolas cristãs, a fim de que, com a ajuda de Deus, todos os vossos esforços visassem a educação dos alunos. Gostava de dizer: «O vosso altar é a cátedra», promovendo assim na Igreja do seu tempo uma realidade até então desconhecida, a dos professores e catequistas leigos investidos, na comunidade, de um verdadeiro e próprio “ministério”, segundo o princípio de evangelizar educando e educar evangelizando (cf. Francisco, Discurso aos participantes no Capítulo geral dos Irmãos das escolas cristãs, 21 de maio de 2022).

Assim, o carisma da escola, que abraçais com o quarto voto de ensino, além de um serviço à sociedade e uma preciosa obra de caridade, aparece ainda hoje como uma das mais bonitas e eloquentes explicitações daquele munus sacerdotal, profético e real que todos recebemos no Batismo, como frisam os documentos do Concílio Vaticano II. Deste modo, nas vossas realidades educativas, os religiosos tornam profeticamente visível, através da sua consagração, a ministerialidade batismal que encoraja todos (cf. Constituição dogmática *Lumen gentium*, 44), cada qual segundo a sua condição e os seus deveres, sem diferenças, a «contribuir como membros vivos [...] para o crescimento da Igreja e para a sua santificação permanente» (ibid., 33).

Por este motivo, faço votos a fim de que as vocações à consagração religiosa lassalista cresçam, que sejam incentivadas e promovidas nas vossas escolas e fora delas e que, em sinergia com todos os outros componentes da formação, contribuam para suscitar entre os jovens que as frequentam caminhos de santidade jubilosos e fecundos.

Obrigado pelo que fazeis! Rezo por vós e concedo-vos a Bênção apostólica, que de bom grado estendo a toda a Família lassalista!

**46. DISCURSO DO PAPA LEÃO XIV
AOS MEMBROS DO CORPO DIPLOMÁTICO
ACREDITADO JUNTO À SANTA SÉ
Sexta-feira, 16 de maio de 2025**

Eminência,
Excelências,
Senhoras e Senhores,
A paz esteja convosco!

Agradeço a S. Ex.cia o Sr. George Poulides, Embaixador da República de Chipre e Decano do Corpo Diplomático, pelas expressões cordiais que, em nome de todos vós, me dirigiu e pelo seu trabalho incansável, realizado com o vigor, a paixão e a simpatia que o distinguem, qualidades que lhe valeram a estima de todos os meus Predecessores durante estes anos de missão junto da Santa Sé, em particular, do saudoso Papa Francisco.

Gostaria de agradecer, igualmente, as numerosas mensagens de felicitações que se seguiram à minha eleição, bem como as de condolências pelo falecimento do Papa Francisco que as precederam e vieram também de países com os quais a Santa Sé não mantém relações diplomáticas. Trata-se de uma significativa declaração de estima, que favorece o aprofundamento das relações mútuas.

No nosso diálogo, gostaria que prevalecesse sempre o sentido de família – com efeito, a comunidade diplomática representa toda a família dos povos – partilhando as alegrias e as tristezas da vida bem como os valores humanos e espirituais que a animam. A diplomacia pontifícia é realmente expressão da própria catolicidade da Igreja e, na sua ação diplomática, a Santa Sé é animada por uma urgência pastoral que a impele a intensificar a sua missão evangélica ao serviço da humanidade, não a procurar privilégios. Essa ação combate toda a indiferença e interpela continuamente as consciências, como o fez incansavelmente o meu venerado Predecessor, sempre atento ao grito dos pobres, dos necessitados e dos marginalizados, bem como aos desafios que marcam o nosso tempo, desde a salvaguarda da criação à inteligência artificial.

Para além de ser um sinal concreto da atenção dos vossos países para com a Sé Apostólica, a vossa presença hoje é para mim um dom, que permite recordar-vos a aspiração da Igreja – e a minha pessoal – de alcançar e abraçar todos os povos e cada pessoa desta terra, desejosa e

necessitada de verdade, de justiça e de paz! De certa forma, a minha própria experiência de vida, desenvolvida entre a América do Norte, a América do Sul e a Europa, é representativa desta aspiração de atravessar fronteiras para encontrar pessoas e culturas diferentes.

Através do trabalho constante e paciente da Secretaria de Estado, pretendo consolidar o conhecimento mútuo e o diálogo convosco e com os vossos países, muitos dos quais já tive a graça de visitar ao longo da minha vida, sobretudo quando era Prior Geral dos Agostinianos. Confio que a Divina Providência me concederá novas oportunidades de encontro com as realidades de onde sois provenientes, permitindo-me acolher as ocasiões que surgirão para confirmar na fé tantos irmãos e irmãs espalhados pelo mundo e para construir novas pontes com todas as pessoas de boa vontade.

No nosso diálogo, gostaria que tivéssemos presentes três palavras-chave, que constituem os pilares da ação missionária da Igreja e do trabalho da diplomacia da Santa Sé.

A primeira palavra é paz. Demasiadas vezes pensamos nela como uma palavra “negativa”, ou seja, como uma mera ausência de guerra e de conflito, visto que o confronto faz parte da natureza humana e acompanha-nos sempre, levando-nos demasiadas vezes a viver num “estado de conflito” constante: em casa, no trabalho, na sociedade. A paz parece então uma simples trégua, uma pausa de repouso entre uma disputa e outra, porque, por mais que nos esforcemos, as tensões estão sempre presentes, um pouco como as brasas a arder sob as cinzas, prontas a reacender-se a qualquer momento.

Na perspectiva cristã – como na de outras experiências religiosas – a paz é, principalmente, um dom: o primeiro dom de Cristo: «Dou-vos a minha paz» (Jo 14, 27). No entanto, essa paz é um dom ativo e envolvente, que diz respeito e compromete a cada um de nós, independentemente da origem cultural e da filiação religiosa, e que exige, sobretudo, um trabalho sobre si mesmo. A paz constrói-se no coração e a partir do coração, erradicando o orgulho e as pretensões, e medindo a linguagem, pois também com as palavras se pode ferir e matar, não só com as armas.

Nesta ótica, considero fundamental o contributo que as religiões e o diálogo inter-religioso podem dar para promover contextos de paz. Isto exige, evidentemente, o pleno respeito pela liberdade religiosa em

todos os países, uma vez que a experiência religiosa é uma dimensão fundamental da pessoa humana, sem a qual é difícil, se não impossível, alcançar a purificação do coração necessária para construir relações de paz.

A partir deste trabalho, que todos somos chamados a fazer, é possível erradicar as premissas de qualquer conflito ou vontade destrutiva de conquista. Isto exige também uma abertura sincera ao diálogo, animada pelo desejo de encontro e não de confronto. Nesta perspectiva, faz-se necessário dar um novo fôlego à diplomacia multilateral e às instituições internacionais que foram desejadas e concebidas, em primeiro lugar, para remediar as relações conflituosas que possam surgir no seio da comunidade internacional. Naturalmente, também é necessária a vontade de deixar de produzir instrumentos de destruição e morte, porque, como recordou o Papa Francisco na sua última Mensagem Urbi et Orbi: «Não é possível haver paz sem um verdadeiro desarmamento! A necessidade que cada povo sente de garantir a sua própria defesa não pode transformar-se numa corrida generalizada ao armamento» [1].

A segunda palavra é justiça. A busca da paz exige a prática da justiça. Como já referi, escolhi o meu nome a pensar principalmente em Leão XIII, o Papa da primeira grande encíclica social, a *Rerum novarum*. Na mudança de época que estamos a viver, a Santa Sé não pode deixar de fazer ouvir a sua voz perante os numerosos desequilíbrios e injustiças que conduzem, entre outras coisas, a condições indignas de trabalho e a sociedades cada vez mais fragmentadas e conflituosas. É necessário também esforçar-se para remediar as desigualdades globais, que veem a opulência e a indigência traçar sulcos profundos entre continentes, países e mesmo no interior de cada sociedade.

Cabe aos responsáveis governamentais esforçarem-se por construir sociedades civis harmoniosas e pacíficas. Isto pode ser feito, principalmente, investindo na família, fundada na união estável entre o homem e a mulher, uma “sociedade muito pequena certamente, mas real e anterior a toda a sociedade civil” [2]. Além disso, ninguém pode deixar de favorecer contextos em que a dignidade de cada pessoa é protegida, especialmente a das mais frágeis e indefesas, do nascituro ao idoso, do doente ao desempregado, seja ele cidadão ou imigrante.

A minha própria história é a de um cidadão, descendente de imigrantes, e também emigrado. Cada um de nós, ao longo da vida, pode encontrar-se saudável ou doente, empregado ou desempregado, na sua terra

natal ou numa terra estrangeira: a nossa dignidade, no entanto, permanece sempre a mesma, a de uma criatura querida e amada por Deus.

A terceira palavra é verdade. Não é possível construir relações realmente pacíficas, mesmo no seio da comunidade internacional, sem a verdade. Quando as palavras assumem conotações ambíguas e ambivalentes e o mundo virtual, com a sua percepção alterada da realidade, ganha a dianteira sem medida, é difícil construir relações autênticas, uma vez que se perdem as premissas objetivas e reais da comunicação.

Por seu lado, a Igreja nunca se pode furtar a dizer a verdade sobre o homem e sobre o mundo, mesmo recorrendo, quando necessário, a uma linguagem franca, que pode provocar alguma incompreensão inicial. A verdade, porém, nunca está separada da caridade, que tem sempre na sua raiz a preocupação pela vida e pelo bem de cada homem e mulher. Além disso, na perspectiva cristã, a verdade não é a afirmação de princípios abstratos e desencarnados, mas o encontro com a própria pessoa de Cristo, que vive na comunidade dos crentes. Assim, a verdade não nos aliena, mas permite-nos enfrentar com maior vigor os desafios do nosso tempo, como as migrações, o uso ético da inteligência artificial e a preservação da nossa querida Terra. São desafios que exigem o empenho e a cooperação de todos, pois ninguém pode pensar em enfrentá-los sozinho.

Caros Embaixadores,

O meu ministério começa no coração de um ano jubilar, dedicado de modo especial à esperança. É um tempo de conversão e de renovação e, sobretudo, uma oportunidade para deixar para trás os conflitos e iniciar um novo caminho, animado pela esperança de poder construir, trabalhando juntos, cada um segundo as suas sensibilidades e responsabilidades, um mundo em que todos possam realizar a sua humanidade na verdade, na justiça e na paz. Espero que isto possa acontecer em todos os contextos, a começar pelos mais provados, como a Ucrânia e a Terra Santa.

Agradeço-vos por todo o trabalho que fazeis para construir pontes entre os vossos países e a Santa Sé e, de todo o coração, vos abençoo com as vossas famílias e os vossos povos. Obrigado!

[Bênção]

E obrigado por todo o trabalho que fazem!

**47. DISCURSO DO PAPA LEÃO XIV
AOS MEMBROS DA FUNDAÇÃO
CENTESIMUS ANNUS PRO PONTIFICE
Sala Clementina
Sábado, 17 de maio de 2025**

Good morning everyone! Bom dia!

Estimados irmãos e irmãs, bem-vindos!

Agradeço ao Presidente e aos membros da Fundação Centesimus Annus Pro Pontifice e saúdo todos vós que participais na anual Conferência internacional e Assembleia geral.

O tema da vossa Conferência deste ano - «Superar as polarizações e reconstruir a governança global: as bases éticas» - vai ao cerne do significado e do papel da Doutrina Social da Igreja, instrumento de paz e de diálogo para construir pontes de fraternidade universal. Especialmente neste tempo pascal, reconheçamos que o Ressuscitado nos precede até onde a injustiça e a morte parecem ter vencido. Ajudem-nos uns aos outros, como exortei na tarde da minha eleição, «a construir pontes com o diálogo e o encontro, unindo-nos todos para sermos um só povo sempre em paz». Isto não se improvisa: constitui um entrelaçamento dinâmico e contínuo de graça e liberdade que até agora, encontrando-nos, reforçamos.

Já o Papa Leão XIII - que viveu num período histórico de transformações epocais e devastadoras – visava contribuir para a paz, estimulando o diálogo social entre o capital e o trabalho, entre as tecnologias e a inteligência humana, entre as diferentes culturas políticas, entre as Nações. O Papa Francisco recorreu ao termo “policrise” para evocar a dramaticidade da conjuntura histórica que hoje vivemos, na qual convergem guerras, mudanças climáticas, desigualdades crescentes, migrações forçadas e atribuladas, pobreza estigmatizada, inovações tecnológicas revolucionárias, precariedade do trabalho e dos direitos (Mensagem aos participantes na Assembleia geral da Pontifícia Academia para a Vida, 3 de março de 2025). Sobre questões tão importantes, a Doutrina Social da Igreja é chamada a oferecer chaves interpretativas que coloquem em diálogo ciência e consciência, proporcionando assim uma contribuição

fundamental para o conhecimento, a esperança e a paz.

Com efeito, a Doutrina Social educa-nos a reconhecer que mais importante do que os problemas, ou do que as respostas a eles, é o modo como os enfrentamos, com critérios de avaliação e princípios éticos, e com abertura à graça de Deus.

Tendes a oportunidade de demonstrar que a Doutrina Social da Igreja, com a sua ótica antropológica, tenciona favorecer o verdadeiro acesso às questões sociais: não quer levantar a bandeira da posse da verdade, nem a propósito da análise dos problemas, nem sequer da sua resolução. Nestas questões, é mais importante saber abordá-las do que dar uma resposta apressada sobre o porquê algo aconteceu ou sobre o modo de o superar. O objetivo é aprender a enfrentar os problemas, que são sempre diferentes, pois cada geração é nova, com novos desafios, novos sonhos, novas interrogações.

Estamos diante de um aspeto fundamental da construção da “cultura do encontro” através do diálogo e da amizade social. Para a sensibilidade de muitos dos nossos contemporâneos, as palavras “diálogo” e “doutrina” soam opostas, incompatíveis. Quando ouvimos a palavra “doutrina”, talvez nos venha à mente a definição clássica: um conjunto de ideias próprias de uma religião. E com esta definição sentimo-nos pouco livres para refletir, questionar ou procurar novas alternativas.

Então, torna-se urgente a tarefa de mostrar, através da Doutrina Social da Igreja, que existe outro significado promissor da expressão “doutrina”, sem o qual até o diálogo se esvazia. Os seus sinónimos podem ser “ciência”, “disciplina” ou “saber”. Assim entendida, cada doutrina é reconhecida como fruto de busca e, portanto, de hipóteses, vozes, progressos e fracassos, mediante os quais procura transmitir um conhecimento fiável, ordenado e sistemático sobre um determinado assunto. Deste modo, uma doutrina não equivale a uma opinião, mas a um caminho comum, coral e até multidisciplinar rumo à verdade.

A doutrinação é imoral, impede o juízo crítico, atenta contra a sagrada liberdade do respeito pela própria consciência – ainda que esteja equivocada - e fecha-se a novas reflexões porque recusa o movimento, a mudança ou a evolução das ideias face a novos problemas. Pelo contrário, a doutrina como reflexão séria, serena e rigorosa tem como finalidade ensinar-nos, em primeiro lugar, a saber abordar as situações e, antes ainda, as pessoas. Além disso, ajuda-nos na formulação do juízo

zo prudencial. Com cada doutrina, até com a Doutrina Social, devemos aprender a seriedade, o rigor e a serenidade.

No contexto da revolução digital em curso, o mandato de educar para o sentido crítico deve ser redescoberto, explicitado e cultivado, evitando as tentações opostas, que podem permear até o corpo eclesial. À nossa volta há pouco diálogo e prevalecem as palavras gritadas, muitas vezes as fake news e as teses irracionais de poucos arrogantes. Portanto, são fundamentais o aprofundamento e o estudo e, igualmente, o encontro e a escuta dos pobres, tesouro da Igreja e da humanidade, portadores de pontos de vista descartados, mas indispensáveis para ver o mundo com os olhos de Deus. Quem nasce e cresce longe dos centros de poder não deve ser apenas instruído na Doutrina Social da Igreja, mas reconhecido como seu continuador e atualizador: as testemunhas de compromisso social, os movimentos populares e as várias organizações católicas de trabalhadores são expressão das periferias existenciais, onde a esperança resiste e germina sempre. Exorto-vos a dar a palavra aos pobres!

Caríssimos, como afirma o Concílio Vaticano II, «é dever permanente da Igreja investigar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, para que assim possa responder, de modo adequado a cada geração, às eternas interrogações dos homens acerca do sentido da vida presente e futura, e sobre as suas relações mútuas» (Constituição pastoral *Gaudium et spes*, 4).

Portanto, convido-vos a participar ativa e criativamente neste exercício de discernimento, contribuindo para desenvolver a Doutrina Social da Igreja com o povo de Deus, neste período histórico de grandes turbulências sociais, escutando e dialogando com todos. Hoje há necessidade generalizada de justiça, uma exigência de paternidade e maternidade, um profundo desejo de espiritualidade, sobretudo por parte dos jovens, dos marginalizados, que nem sempre encontram canais efetivos para se exprimir. Existe uma busca crescente de Doutrina Social da Igreja, à qual devemos dar uma resposta!

Obrigado pelo vosso compromisso e pelas vossas orações pelo meu ministério! Abençoo de coração todos vós, as vossas famílias e o vosso trabalho. Obrigado!

**48. DISCURSO DO SANTO PADRE
AOS REPRESENTANTES DE OUTRAS IGREJAS E
COMUNIDADES ECLESIAIS E DE OUTRAS RELIGIÕES
Segunda-feira, 19 de maio de 2025**

Queridos irmãos e irmãs!

Dirijo, com grande alegria, uma cordial saudação a todos vós, Representantes de outras Igrejas e Comunidades eclesiais, bem como de outras religiões, que quisestes participar na celebração inaugural do meu ministério como Bispo de Roma e Sucessor de Pedro. Ao mesmo tempo que expresso afeto fraterno a Sua Santidade Bartolomeu, a Sua Beatitude Teófilo III e a Sua Santidade Mar Awa III, estou sinceramente grato a cada um de vós: a vossa presença e orações são para mim de grande conforto e encorajamento.

Um dos pontos fortes do pontificado do Papa Francisco foi o da fraternidade universal. A este respeito, o Espírito Santo realmente “impulsionou-o” para fazer avançar a passos largos a abertura e as iniciativas já empreendidas pelos Pontífices precedentes, sobretudo a partir de São João XXIII. O Papa da Irmandade promoveu o caminho ecumênico e o diálogo inter-religioso, e fê-lo sobretudo cultivando as relações interpessoais, de tal modo que o traço humano do encontro foi sempre valorizado, sem diminuir em nada os vínculos eclesiais. Que Deus nos ajude a valorizar o seu testemunho!

A minha eleição ocorreu no 1700º aniversário do Primeiro Concílio Ecumênico de Niceia. Este Concílio representa um marco na elaboração do Credo partilhado por todas as Igrejas e Comunidades eclesiais. Enquanto estamos a caminho de restabelecer a plena comunhão entre todos os cristãos, reconhecemos que esta unidade só pode ser a unidade na fé. Como Bispo de Roma, considero ser um dos meus deveres prioritários procurar o restabelecimento da comunhão plena e visível entre todos aqueles que professam a mesma fé em Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

Com efeito, a unidade foi sempre para mim uma preocupação constante, como o testemunha o lema que escolhi para o ministério episcopal: *In Illo uno unum*, expressão de Santo Agostinho de Hipona que nos recorda como também nós, embora sejamos muitos, «n’Aquele que é um [ou seja, Cristo], somos um só» (Comentários aos Salmos, 127, 3). A nossa

comunhão realiza-se efetivamente na medida em que convergimos no Senhor Jesus. Quanto mais formos fiéis e obedientes a Ele, mais unidos estaremos entre nós. Por isso, como cristãos, todos somos chamados a rezar e a trabalhar juntos para, passo a passo, alcançarmos este objetivo, que é e permanece obra do Espírito Santo.

Consciente, além disso, de que sinodalidade e ecumenismo estão intimamente ligados, desejo assegurar-vos a minha intenção de continuar o compromisso do Papa Francisco de promover o carácter sinodal da Igreja Católica e de desenvolver novas e concretas formas para uma sinodalidade cada vez mais intensa no campo ecumênico.

O nosso caminho comum pode e deve ser entendido também em sentido amplo, envolvendo todos, no espírito de fraternidade humana a que acima me referi. O tempo presente é de diálogo e de construção de pontes. Por isso, congratulo-me e agradeço a presença dos representantes de outras tradições religiosas, que partilham a busca de Deus e da sua vontade, que é sempre e simplesmente a vontade de amor e de vida para os homens e as mulheres e todas as criaturas.

Vós fostes testemunhas dos notáveis esforços feitos pelo Papa Francisco a favor do diálogo inter-religioso. Com as suas palavras e ações, ele abriu novas perspectivas de encontro, para promover «a cultura do diálogo como caminho; a colaboração comum como conduta; o conhecimento mútuo como método e critério» (Documento sobre a fraternidade humana para a paz mundial e a convivência comum, Abu Dhabi, 4 de fevereiro de 2019). Agradeço ao Dicastério para o Diálogo Inter-religioso o papel essencial que desempenha neste trabalho paciente de encorajar encontros e intercâmbios concretos, destinados a construir relações baseadas na fraternidade humana.

Gostaria de dirigir uma saudação especial aos nossos irmãos e irmãs judeus e muçulmanos. Devido às raízes judaicas do cristianismo, todos os cristãos têm uma relação especial com o judaísmo. A Declaração conciliar *Nostra Aetate* (n. 4) sublinha a grandeza do patrimônio espiritual partilhado por cristãos e judeus, encorajando o conhecimento e a estima recíprocos. O diálogo teológico entre cristãos e judeus, que é sempre importante, eu tomo-o muito a peito. Mesmo nestes tempos difíceis, marcados por conflitos e incompreensões, é necessário prosseguir com coragem este nosso precioso diálogo.

As relações entre a Igreja Católica e os muçulmanos têm sido marcadas

por um crescente empenho no diálogo e na fraternidade, fomentado pela estima por estes irmãos e irmãs, pois «adoram eles o Deus Único, vivo e subsistente, misericordioso e onnipotente, criador do céu e da terra, que falou aos homens» (ibid., 3). Esta abordagem, baseada no respeito mútuo e na liberdade de consciência, é uma base sólida para construir pontes entre as nossas comunidades.

A todos vós, representantes de outras tradições religiosas, expresso a minha gratidão pela vossa participação neste encontro e pelo vosso contributo para a paz. Num mundo ferido pela violência e pelo conflito, cada uma das comunidades aqui representadas traz o seu próprio contributo de sabedoria, compaixão e empenho para o bem da humanidade e para a preservação da casa comum. Estou convencido de que, se estivermos de acordo e livres de condicionamentos ideológicos e políticos, poderemos ser eficazes em dizer “não” à guerra e “sim” à paz, “não” à corrida ao armamento e “sim” ao desarmamento, “não” a uma economia que empobrece os povos e a Terra e “sim” ao desenvolvimento integral.

O testemunho da nossa fraternidade, que espero possamos demonstrar com gestos eficazes, contribuirá certamente para a construção de um mundo mais pacífico, como todos os homens e mulheres de boa vontade desejam em seu coração.

Caríssimos, mais uma vez obrigado pela vossa proximidade. Invoquemos nos nossos corações a bênção de Deus: que a sua infinita bondade e sabedoria nos ajudem a viver como seus filhos e, entre nós, como irmãos e irmãs, para que a esperança cresça no mundo. Agradeço-vos de coração!

**49. DISCURSO DO PAPA LEÃO XIV
AOS PARTICIPANTES NA ASSEMBLEIA GERAL
DAS PONTIFÍCIAS OBRAS MISSIONÁRIAS
Sala Clementina
Quinta-feira, 22 de maio de 2025**

EEminência, Excelências,
Secretários-Gerais, Diretores Nacionais e Membros das Pontifícias Obras Missionárias,
Queridos irmãos e irmãs,

As minhas cordiais boas-vindas a todos vós, provindos de mais de cento e vinte países, que vos reunistes para participar na Assembleia Geral anual das Pontifícias Obras Missionárias. Quero começar exprimindo-vos a minha gratidão, bem como aos vossos associados, pelo dedicado serviço, indispensável à missão evangelizadora da Igreja, como posso testemunhar pessoalmente a partir da minha experiência, nos anos de ministério em que servi no Peru.

As Pontifícias Obras Missionárias são efetivamente o “meio primário” para despertar a responsabilidade pela missão entre todos os batizados e apoiar as comunidades eclesiais nas regiões onde a Igreja é jovem (cf. Decreto Ad Gentes, 38). É o caso da Pontifícia Obra da Propagação da Fé, que provê auxílio para os programas pastorais e catequéticos, para a construção de novas igrejas, e para as necessidades sanitárias e educativas nos territórios de missão. Também a Pontifícia Obra da Infância Missionária apoia programas de formação cristã para crianças, além de cuidar das suas necessidades básicas e da sua proteção. De igual modo, a Pontifícia Obra de São Pedro Apóstolo ajuda a cultivar as vocações missionárias, tanto sacerdotais como religiosas, enquanto a Pontifícia União Missionária está empenhada em formar sacerdotes, religiosos e religiosas e todo o povo de Deus para a ação missionária da Igreja.

A promoção do zelo apostólico entre o Povo de Deus continua a ser um aspecto essencial da renovação da Igreja, tal como foi pensada pelo Concílio Vaticano II, e é ainda mais urgente nos nossos dias. O nosso mundo, ferido pela guerra, pela violência e pela injustiça, necessita ouvir a mensagem evangélica do amor de Deus e experimentar o poder reconciliador da graça de Cristo. Neste sentido, a própria Igreja, em todos os seus membros, é chamada a ser, cada vez mais, «uma Igreja missionária, que abre os braços ao mundo, que anuncia a Palavra [...] e que se torna fermento de concórdia para a humanidade» (Homilia na Missa de início do Ministério Petrino do Bispo de Roma, 18 de maio de 2025). Devemos levar a todos os povos e a todas as criaturas a promessa evangélica de uma paz verdadeira e duradoura, que é possível, nas palavras do Papa Francisco, «porque o Senhor venceu o mundo e sua permanente conflitualidade, “pacificando pelo sangue da sua cruz”» (Evangelií Gaudium, 229).

Daí a importância de fomentar o espírito de discipulado missionário em todos os batizados e o sentido da urgência de levar Cristo a todos os povos. A este propósito, gostaria de vos agradecer, e aos vossos colaboradores, pelo esforço que todos os anos fazeis para promover o Dia Mun-

dial das Missões, no penúltimo domingo de outubro, o que é de grande ajuda para a minha solicitude pelas Igrejas das zonas que estão sob a responsabilidade do Dicastério para a Evangelização.

Hoje, como nos dias a seguir ao Pentecostes, a Igreja, guiada pelo Espírito Santo, prossegue o seu caminho na história com confiança, alegria e coragem, anunciando o nome de Jesus e a salvação que nasce da fé na verdade do Evangelho. As Pontifícias Obras Missionárias são uma parte importante deste grande esforço. No seu trabalho de coordenação da formação missionária e de animação do espírito missionário a nível local, queria pedir aos Diretores Nacionais que priorizassem a visita às dioceses, paróquias e comunidades, ajudando assim os fiéis a reconhecer a importância fundamental das missões e do apoio aos nossos irmãos e irmãs naquelas regiões do mundo onde a Igreja é jovem e está em crescimento.

Antes de concluir estas palavras, partilhadas convosco nesta manhã, gostaria de refletir sobre dois elementos distintivos da identidade das Pontifícias Obras Missionárias, que podem ser designados como comunhão e universalidade. Como Obras empenhadas em partilhar o mandato missionário do Papa e do Colégio Episcopal, são chamadas a cultivar e a promover ainda mais nos seus membros a visão da Igreja como comunhão dos crentes, animada pelo Espírito Santo, que nos permite entrar na perfeita comunhão e harmonia da Santíssima Trindade. Com efeito, é na Trindade que todas as coisas encontram a sua unidade. Esta dimensão da nossa vida e missão cristãs é-me muito cara e reflete-se nas palavras de Santo Agostinho que escolhi para o meu serviço episcopal e agora para o meu ministério pontifício: *In Illo uno unum*. Cristo é o nosso Salvador e n'Ele somos um só, uma família de Deus, para além da rica variedade das nossas línguas, culturas e experiências.

A apreciação da nossa comunhão como membros do Corpo de Cristo abre-nos naturalmente à dimensão universal da missão evangelizadora da Igreja e inspira-nos a transcender os limites das nossas paróquias, dioceses e nações, para partilhar com todas as nações e povos a insondável riqueza do conhecimento de Jesus Cristo (cf. Fil 3, 8).

Uma renovada atenção à unidade e à universalidade da Igreja corresponde precisamente ao autêntico carisma das Pontifícias Obras Missionárias. E, como tal, deve inspirar o processo de renovação dos estatutos que iniciastes. A este propósito, confio que este processo confirmará os membros das Obras em todo o mundo na sua vocação de ser fermento

de zelo missionário no seio do Povo de Deus.

Queridos amigos, a celebração deste Ano Santo desafia-nos a todos a sermos “peregrinos de esperança”. Retomando as palavras que o Papa Francisco escolheu como tema para o Dia Mundial das Missões deste ano, concludo encorajando-vos a continuar a ser “missionários de esperança entre os povos”. Ao encomendar-vos, bem como aos vossos benfeitores e a todos os que estão ligados à vossa importante obra, à amorosa intercessão de Maria, a Mãe da Igreja, concedo cordialmente a minha Bênção Apostólica como penhor de alegria e paz duradouras no Senhor.

**50. DISCURSO DO PAPA LEÃO XIV
AOS OFICIAIS DA CÚRIA ROMANA, AOS FUNCIONÁRIOS
DA SANTA SÉ, DO GOVERNATORATO DO ESTADO DA
CIDADE DO VATICANO E DO VICARIATO DE ROMA
Sala Paulo VI
Sábado, 24 de maio de 2025**

Obrigado! Quando os aplausos duram mais do que o discurso, terei de fazer um discurso mais longo! Por isso... tenham cuidado! Obrigado!

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, a paz esteja convosco.

Caros irmãos e irmãs!

Estou feliz por poder saudar todos vós que formais as comunidades de trabalho da Cúria Romana, do Governatorato e do Vicariato de Roma.

Saúdo os Chefes dos Dicastérios e os outros Superiores, os Chefes dos Gabinetes e todos os Oficiais; bem como as Autoridades da Cidade do Vaticano, os dirigentes e os funcionários. E fico contente por estarem presentes também vários familiares, aproveitando o dia de sábado.

Este nosso primeiro encontro não é certamente o momento para fazer discursos programáticos, mas é antes para mim uma oportunidade para vos dizer obrigado pelo serviço que desempenhais, este serviço que eu, por assim dizer, “herdo” dos meus Predecessores. Muito obrigado. Sim, como sabeis, cheguei há apenas dois anos, quando o amado Papa Francisco me nomeou Prefeito do Dicastério para os Bispos. Então deixei a Diocese de Chiclayo, no Peru, e vim trabalhar aqui. Que mudança! E

agora... O que posso dizer? Apenas o que Simão Pedro disse a Jesus no lago de Tiberíades: «Senhor, Tu sabes tudo, Tu bem sabes que Te amo» (Jo 21, 17).

Os Papas passam, a Cúria permanece. Isto é verdade em cada Igreja particular, para as Cúrias episcopais. E vale também para a Cúria do Bispo de Roma. A Cúria é a instituição que preserva e transmite a memória histórica de uma Igreja, do ministério dos seus Bispos. Isto é muito importante. A memória é um elemento essencial num organismo vivo. Ela não se dirige apenas ao passado, mas nutre o presente e orienta para o futuro. Sem memória o caminho perde-se, perde o sentido do percurso.

Eis, caríssimos, o primeiro pensamento que gostaria de partilhar convosco: trabalhar na Cúria Romana significa contribuir para manter viva a memória da Sé Apostólica, no sentido vital que acabei de mencionar, para que o ministério do Papa possa realizar-se da melhor maneira possível. E, por analogia, o mesmo se pode dizer dos serviços do Estado da Cidade do Vaticano.

Depois, há um outro aspeto que gostaria de recordar, complementar ao da memória, que é a dimensão missionária da Igreja, da Cúria e de todas as instituições ligadas ao ministério petrino. Sobre isto insistiu muito o Papa Francisco, que, coerentemente com o projeto enunciado na Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, reformou a Cúria Romana na perspetiva da evangelização, com a Constituição apostólica *Praedicate Evangelium*. E fê-lo colocando-se na esteira dos Predecessores, especialmente de São Paulo VI e de São João Paulo II.

Como penso que sabeis, a experiência da missão faz parte da minha vida, e não só enquanto batizado, como para todos os cristãos, mas porque como religioso agostiniano fui missionário no Peru, e no meio do povo peruano amadureceu a minha vocação pastoral. Nunca poderei agradecer o suficiente ao Senhor por este dom! Depois, a chamada para servir a Igreja aqui na Cúria Romana foi uma nova missão, que partilhei convosco nestes últimos dois anos. E ainda a continuo e continuarei, enquanto Deus quiser, neste serviço que me foi confiado.

Por isso, repito-vos o que disse na minha primeira saudação, na noite de 8 de maio: «Devemos procurar juntos o modo de ser uma Igreja missionária, uma Igreja que constrói pontes, que constrói o diálogo, sempre aberta para acolher (...) de braços abertos, a todos aqueles que

precisam da nossa caridade, da nossa presença, de diálogo e de amor». Estas palavras foram dirigidas à Igreja de Roma. E agora repito-as pensando na missão desta Igreja para com todas as Igrejas e o mundo inteiro, de servir a comunhão, a unidade, na caridade e na verdade. O Senhor deu a Pedro e aos seus sucessores esta tarefa, e todos vós, de diferentes maneiras, colaborais para esta grande obra. Cada um dá o seu contributo desempenhando o seu trabalho quotidiano com empenho e também com fé, porque a fé e a oração são como o sal para os alimentos, dão sabor.

Se, portanto, todos temos de cooperar na grande causa da unidade e do amor, tentemos fazê-lo, em primeiro lugar, com o nosso comportamento nas situações de cada dia, a começar pelo ambiente de trabalho. Cada um pode ser construtor de unidade com as atitudes em relação aos colegas, superando os inevitáveis mal-entendidos com paciência, com humildade, colocando-se no lugar dos outros, evitando os preconceitos, e também com uma boa dose de humor, como nos ensinou o Papa Francisco.

Caros irmãos e irmãs, mais uma vez obrigado do fundo do coração! Estamos no mês de maio: invoquemos juntos a Virgem Maria, para que abençoe a Cúria Romana e a Cidade do Vaticano, e também as vossas famílias, especialmente as crianças, os idosos e os doentes e sofredores.

Obrigado!

Ora, digamos juntos: “Avé Maria...”

[Bênção]

Mais uma vez obrigado, felicidades!

**51. HOMENAGEM DO SANTO PADRE LEÃO XIV
AO PREFEITO DA CIDADE DE ROMA
Praça do Ara Coeli (aos pés da escadaria do Capitólio)
Domingo, 25 de maio de 2025**

Senhor Prefeito,

Agradeço-lhe muito pela acolhida e pelas palavras de saudação que me dirigiu. Juntamente com o senhor, agradeço à Administração municipal,

bem como às autoridades civis e militares, no dia da minha tomada de posse como Bispo de Roma.

Ao iniciar oficialmente o meu ministério de Pastor desta Diocese, sinto a grave, mas apaixonante, responsabilidade de servir a todos os seus membros, tendo sobretudo no meu coração a fé do povo de Deus e, portanto, o bem comum da sociedade. Para este último fim, somos colaboradores, cada um no seu âmbito institucional. Logo após a eleição, recordava aos irmãos e irmãs reunidos na Praça de São Pedro que sou cristão convosco e bispo para vós: hoje posso dizer, com um título especial, que para vós e convosco sou romano!

Há dois milênios, a Igreja vive o seu apostolado em Roma anunciando o Evangelho de Cristo e prodigalizando-se na caridade. A educação dos jovens e a assistência aos que sofrem, a dedicação aos últimos e o cultivo das artes são expressões desse cuidado pela dignidade humana que devemos sustentar em todo momento, especialmente para com os pequenos, os fracos e os pobres. No ano santo do Jubileu, esta solicitude estende-se também aos peregrinos vindos de todas as partes do mundo e beneficia-se ainda do generoso empenho da Administração Capitolina, pelo qual expresso a minha viva gratidão.

Senhor Prefeito, desejo que Roma, incomparável pela riqueza do seu patrimônio histórico e artístico, distinga-se sempre também por aqueles valores de humanidade e de civilização que encontram no Evangelho a sua seiva vital. Com esses sentimentos, concedo a bênção apostólica a esta cidade e a todos os seus habitantes.

**52. CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA E TOMADA DE POSSE
DA CÁTEDRA ROMANA
DO BISPO DE ROMA LEÃO XIV
PALAVRAS DO SANTO PADRE LEÃO XIV
Basílica de São João de Latrão
VI Domingo da Páscoa, 25 de maio de 2025**

A paz esteja convosco!

Queridos irmãos e irmãs, comunidade de Roma, alegra-me muito estar aqui convosco esta tarde, neste ato litúrgico em que celebrámos a minha tomada de posse como novo Bispo de Roma. Muito obrigado a

todos!

Viver a nossa fé, especialmente durante este Ano Jubilar, procurando a esperança; mas procurando também ser nós mesmos um testemunho que oferece esperança ao mundo. Um mundo que sofre tanto, tanta dor, por causa das guerras, da violência, da pobreza! Mas a nós, cristãos, o Senhor pede que sejamos sempre este testemunho vivo. Viver a nossa fé, sentir no coração que Jesus Cristo está presente e saber que Ele nos acompanha sempre no nosso caminho.

Obrigado a vós por caminhardes juntos! Caminhemos todos juntos! Contem sempre comigo, que com vocês sou cristão e para vocês sou bispo. Muito obrigado a todos!

Boa tarde a todos! Vivamos sempre com esta alegria. Obrigado.

**53. VISITA À BASÍLICA DE SANTA MARIA MAIOR
E VENERAÇÃO DO ÍCONE DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA
«SALUS POPULI ROMANI»
DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV
VI Domingo da Páscoa, 25 de maio de 2025**

Irmãos e irmãs,
a paz esteja convosco!

Boa tarde a todos. Muito obrigado por estarem aqui! Obrigado por estarem aqui, diante desta Basílica, nesta tarde, nesta noite, em que celebramos, todos reunidos, como membros da Diocese de Roma, a presença do vosso novo bispo. Estou muito feliz por vos encontrar a todos aqui e agradeço-vos de coração.

Agradeço a todos os que trabalham nesta Basílica, aos dois Cardeais que me acompanham esta noite e às muitas pessoas que se dedicam a ajudar-nos a viver a nossa vida de oração, de devoção e que, sobretudo, nos ajudam a aproximar-nos da Mãe de Jesus, da Mãe de Deus, Maria Santíssima. É uma bela oportunidade para renovar esta devoção a Maria, Salus Populi Romani, que tantas vezes acompanhou o povo de Roma nas suas necessidades.

Peçamos a Deus, pela intercessão da sua Mãe, que abençoe a todos, as vossas famílias, os vossos entes queridos, e que nos ajude a todos a caminhar juntos na Igreja, unidos como a única família de Deus.

Boa noite a todos e muito obrigado.

**54. PALAVRAS DO SANTO PADRE LEÃO XIV
NO FINAL DA MISSA PRESIDIDA PELO CARDEAL ARINZE,
POR OCASIÃO DA PEREGRINAÇÃO JUBILAR PELA
PAZ NA ÁFRICA – Altar da Cátedra da Basílica de São Pedro
Segunda-feira, 26 de maio de 2025**

Boa tarde a todos, em particular aos representantes.

Podem sentar-se, eu permanecerei de pé.

Vim apenas um momento para vos saudar a todos e dar-vos as boas-vindas a Roma, ao Vaticano, à Basílica de São Pedro, e para me unir brevemente a vós nesta peregrinação jubilar durante o Ano Santo, um ano que nos inspira a todos e nos convida a buscar a esperança, mas também a ser sinais de esperança.

Quão importante é que cada pessoa batizada se sinta chamada por Deus a ser sinal de esperança no mundo de hoje.

É a nossa fé que nos dá força. É a nossa fé que nos permite ver a luz de Jesus Cristo na nossa vida e compreender quão importante é viver a nossa fé. Não só aos domingos, não só durante uma peregrinação, mas todos os dias, para que estejamos cheios da esperança que só Jesus Cristo nos pode dar e, todos juntos, continuemos a caminhar unidos como irmãos e irmãs para louvar o nosso Deus, para reconhecer que tudo o que temos e tudo o que somos é dom de Deus, e para colocar estes dons ao serviço dos outros.

Alegra-me muito poder saudar-vos a todos nesta tarde, ainda que apenas por um momento, e poder dizer a cada um de vós: obrigado por viverdes a vossa vida, a vossa fé em Jesus Cristo.

Estais já bem acompanhados por Suas Eminências, o cardeal Turkson, o cardeal Arinze, e também pelo arcebispo Fortunatus, e todos nós juntos, fortalecidos pelo grande testemunho que todos vós estais a dar e que o continente africano oferece ao mundo inteiro. Digamos: «Obrigado, Senhor Jesus, louvado seja o teu nome». Deus vos abençoe.

Concluirei, pois, com a bênção.

O Senhor esteja convosco.
Que Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, vos abençoe.
Amém.
Que a paz de Deus esteja sempre convosco.

**55. SAUDAÇÃO DO SANTO PADRE LEÃO XIV
À SOCIEDADE DESPORTIVA DE FUTEBOL DE NÁPOLES
Sala Clementina
Terça-feira, 27 de maio de 2025**

Talvez não quisessem aplaudir porque na imprensa dizem que sou torcedor da Roma... Mas sejam bem-vindos! É o que diz a imprensa. Nem tudo o que leem na imprensa é verdade!

Queridos amigos,

Sejam bem-vindos! E parabéns pela vitória no campeonato! É uma grande festa para a cidade de Nápoles!

E precisamente sobre isso gostaria de fazer uma reflexão convosco. Vencer o campeonato é uma meta que se alcança ao fim de um longo caminho, no qual o que mais conta não é a façanha de um momento, nem a atuação extraordinária de um campeão. O campeonato é ganho pela equipa, e quando digo «equipa» refiro-me tanto aos jogadores como ao treinador, a toda a equipa técnica e à sociedade desportiva.

Por isso, alegra-me muito dar-vos as boas-vindas agora, para destacar este aspeto do vosso sucesso, que considero o mais importante. E diria que também o é do ponto de vista social. Sabemos o quão popular é o futebol na Itália e praticamente em todo o mundo. E, portanto, também sob este ponto de vista, parece-me que o valor social de um acontecimento como este, que vai além do mero aspeto técnico-desportivo, é o exemplo de uma equipa —em sentido amplo— que trabalha unida, na qual o talento de cada um se coloca ao serviço do conjunto.

E há uma última coisa que gostaria de dizer aproveitando esta ocasião. Trata-se do aspeto educativo. Infelizmente, quando o desporto se torna negócio, corre o risco de perder os valores que o tornam educativo, podendo até tornar-se “deseducativo”. Sobre este aspeto é necessário estar vigilante, especialmente quando temos a ver com adolescentes. Faço um apelo aos pais e aos dirigentes desportivos: é preciso prestar muita

atenção à qualidade moral da experiência desportiva a nível competitivo, porque está em jogo o crescimento humano dos jovens. Creio que nos entendemos, não são necessárias muitas palavras.

Agradeço a vossa visita. E parabéns mais uma vez! Parabéns também da parte de uma senhora que nestes dias me está preparando a comida, que é de Nápoles e vos diz: muitos parabéns! Gostaria muito de estar aqui também, a senhora Rosa, uma grande torcedora!

Que o Senhor abençoe a todos vós e às vossas famílias. Muitas felicidades!

**56. DISCURSO DO PAPA LEÃO XIV
AOS MEMBROS DOS MOVIMENTOS E ASSOCIAÇÕES
QUE DERAM À “ARENA DA PAZ” (VERONA)
Sala Clementina
Sexta-feira, 30 de maio de 2025**

Obrigado, obrigado! Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A paz esteja convosco!

Queridos irmãos e irmãs!

É com alegria que vos acolho, membros dos movimentos e das associações que, há um ano, deram vida ao grande encontro “Arena de Paz”, em Verona, com a participação do Papa Francisco. Agradeço em particular ao Bispo de Verona, D. Domenico Pompili, e também aos Padres Combonianos. Naquela ocasião, o Papa reiterou que a construção da paz começa com pôr-se ao lado das vítimas, partilhando o seu ponto de vista. Esta perspetiva é essencial para desarmar os corações, os olhares, as mentes e denunciar as injustiças de um sistema que mata e se baseia na cultura do descarte.

Não podemos esquecer o abraço corajoso entre o israelita Maoz Inon, cujos pais foram mortos pelo Hamas, e o palestino Aziz Sarah, cujo irmão foi morto pelo exército israelita, e que agora são amigos e colaboradores: esse gesto permanece como testemunho e sinal de esperança. E agradecemos-lhes o facto de terem querido estar presentes também hoje.

O caminho para a paz exige corações e mentes treinados e formados na atenção ao outro e capazes de reconhecer o bem comum no con-

texto atual. O caminho que leva à paz é comunitário, passa pelo cuidado de relações de justiça entre todos os seres vivos. A paz, afirmou São João Paulo II, é um bem indivisível, ou é de todos ou de ninguém (cf. Carta Encíclica *Sollicitudo rei socialis*, 26). Essa só pode ser verdadeiramente conquistada e usufruída, como qualidade de vida e como desenvolvimento integral, se for ativa nas consciências «uma determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum» (ibid., 38).

Numa época como a nossa, marcada pela velocidade e imediatismo, é preciso redescobrir aqueles longos tempos necessários para que estes processos se possam realizar. A história, a experiência, as muitas boas práticas que conhecemos fizeram-nos compreender que a paz autêntica é aquela que se concretiza a partir da realidade (territórios, comunidades, instituições locais, etc.) e à sua escuta. É precisamente por isso que nos apercebemos que esta paz é possível quando as diferenças e a conflitualidade que elas implicam não são eliminadas, mas reconhecidas, assumidas e atravessadas.

Por isso, é particularmente precioso o vosso empenho de movimentos e associações populares, que concretamente e “a partir de baixo”, em diálogo com todos e com a criatividade e engenho que nascem da cultura da paz, levais em frente projetos e ações ao serviço concreto das pessoas e do bem comum. Deste modo, gerais esperança.

Queridos irmãos e irmãs, há demasiada violência no mundo, há demasiada violência nas nossas sociedades. Perante as guerras, o terrorismo, o tráfico de seres humanos, a agressividade generalizada, as crianças e os jovens precisam de experiências que eduquem para a cultura da vida, do diálogo e do respeito mútuo. E, antes de mais, precisam de testemunhos de um estilo de vida diferente, não violento. Por isso, desde o nível local e quotidiano até ao da ordem mundial, quando os que sofreram injustiças e as vítimas da violência sabem resistir à tentação da vingança, tornam-se os protagonistas mais credíveis de processos não violentos de construção da paz. A não-violência como método e como estilo deve diferenciar as nossas decisões, as nossas relações, as nossas ações.

O Evangelho e a Doutrina Social são para os cristãos o alimento constante deste compromisso; mas, ao mesmo tempo, podem ser uma bússola válida para todos. Porque se trata, de facto, de uma tarefa confiada a todos, crentes e não, que a devem elaborar e realizar através da reflexão e

da praxis inspiradas na dignidade da pessoa e no bem comum.

Se queres a paz, prepara instituições de paz. Cada vez mais nos apercebemos de que não se trata apenas de instituições políticas, nacionais ou internacionais, mas é o conjunto das instituições - educativas, económicas, sociais - que é chamado em causa. Na Encíclica *Fratelli tutti* volta muitas vezes o apelo à necessidade da construção de um “nós”, que se deve traduzir também a nível institucional. É por isso que vos encorajo a empenhar-vos e a estar presentes: presentes na massa da história como fermento de unidade, de comunhão, de fraternidade. A fraternidade precisa de ser descoberta, amada, experimentada, anunciada e testemunhada, na esperança confiante de que ela é possível graças ao amor de Deus, «derramado em nossos corações, pelo Espírito Santo» (Rom 5, 5).

Caros amigos, agradeço-vos por terdes vindo. Rezo por vós: para que possais trabalhar com tenacidade e com paciência. E acompanho-vos com a minha bênção. Obrigado!

**57. PALAVRAS DO PAPA LEÃO XIV
NO FINAL DA RECITAÇÃO DO ROSÁRIO
NOS JARDINS DO VATICANO
Gruta de Lourdes nos Jardins Vaticanos
Sábado, 31 de maio de 2025**

Estimados irmãos e irmãs!

É com alegria que me uno a vós nesta Vigília de oração, no final do mês de maio. É um gesto de fé com o qual, de modo simples e devoto, nos reunimos sob o manto materno de Maria. Além disso, este ano ele recorda alguns aspetos importantes do Jubileu que celebramos: o louvor, o caminho, a esperança e, sobretudo, a fé meditada e manifestada em coro.

Recitastes juntos o santo Rosário: uma oração, como realçou São João Paulo II, com fisionomia mariana e coração cristológico, que «concentra em si a profundidade de toda a mensagem evangélica» (Carta apostólica *Rosarium Virginis Mariae*, 16 de outubro de 2002, 1).

Efetivamente, na meditação dos Mistérios gozosos, durante o caminho percorrido, entrastes e parastes, como que em peregrinação, em muitos lugares da vida de Jesus: na casa de Nazaré, contemplando a

Anunciação; na casa de Zacarias, contemplando a Visitação, que hoje celebramos; na gruta de Belém, contemplando o Natal; no Templo de Jerusalém, contemplando a apresentação e depois o encontro de Jesus. Acompanhavam-vos, na Ave-Maria repetida com fé, as palavras do Anjo à Mãe de Deus: «Alegra-te, ó cheia de graça: o Senhor está contigo!» (Lc 1, 28), e as de Isabel que a saúda com alegria: «Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre!» (Lc 1, 42).

Assim, os vossos passos foram cadenciados pela Palavra de Deus que, com o seu ritmo, assinalou o trajeto, as paragens e as partidas, assim como fez com o povo de Israel no deserto, a caminho da Terra prometida.

Olhemos, pois, para a nossa existência como um caminho no seguimento de Jesus, a percorrer, como fizemos esta tarde, com Maria. E peçamos ao Senhor para saber louvá-lo todos os dias, «com a vida e com a língua, com o coração e com os lábios, com a voz e com a conduta» (Santo Agostinho, Discurso 256, 1), evitando desarmonias: a língua em sintonia com a vida, e os lábios com a consciência (cf. *ibid.*).

Saúdo os Senhores Cardeais presentes, os Bispos, os sacerdotes, as pessoas consagradas e todos os fiéis. Desejo manifestar, de modo particular, afeto e gratidão às Irmãs Beneditinas do Mosteiro Mater Ecclesiae, que com a sua oração escondida e constante sustentam a nossa comunidade e a nossa obra.

Que a alegria deste momento permaneça e cresça em nós, «na nossa vida pessoal e familiar, em todos os ambientes, especialmente na vida desta família que, aqui no Vaticano, serve a Igreja universal» (Bento XVI, Conclusão do mês mariano, 31 de maio de 2012). Que o Senhor nos abençoe e nos acompanhe sempre, e que Maria interceda por nós. Obrigado!

**58.SAUDAÇÃO DO SANTO PADRE LEÃO XIV
AOS CICLISTAS DO GIRO D'ITALIA
AO PASSAR PELO ESTADO DA CIDADE DO VATICANO
Praça dos Protomártires Romanos
Domingo, 1º de junho de 2025**

¡Bom dia a todos! Sejam bem-vindos ao Vaticano!

É uma alegria poder saudar-vos nesta última etapa do Giro d'Italia. Es-

pero que para todos seja realmente um dia maravilhoso. Sabei que sois modelos para os jovens de todo o mundo. O Giro d'Italia é muito querido, e não apenas na Itália. O ciclismo é muito importante, assim como o desporto em geral.

Obrigado por tudo o que fazeis: sede verdadeiros modelos! E espero que, assim como aprendestes a cuidar do corpo, também o espírito esteja sempre abençoado, e que presteis atenção à pessoa na sua totalidade: corpo, mente, coração e espírito. Que Deus vos abençoe!

Que Deus abençoe a todos nesta última parte do Giro d'Italia. Parabéns a cada um e sabei que sois sempre bem-vindos aqui, no Vaticano. Sois sempre acolhidos pela Igreja, que representa o amor de Deus para todos os povos.

E que a bênção de Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, desça sobre vós e vos acompanhe sempre.

Parabéns! Tanti auguri a tutti!

**59 DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV
POR OCASIÃO DA COMEMORAÇÃO
DO CARDIAL IULIU HOSSU (1885-1970)
Capela Sistina
Segunda-feira, 2 de junho de 2025**

Queridos irmãos e irmãs!

Reunimo-nos hoje na Capela Sistina para comemorar, neste Ano Jubilar dedicado à esperança, um apóstolo da esperança: o Beato Cardeal Iuliu Hossu, bispo greco-católico de Cluj-Gherla, pastor e mártir da fé durante a perseguição comunista na Romênia. Hoje, de algum modo, ele entra nesta Capela, depois de que São Paulo VI, em 28 de abril de 1969, o criou cardeal in pectore, enquanto se encontrava na prisão por ter permanecido fiel à Igreja de Roma.

Saúdo com alegria todos os presentes: os representantes da Igreja Greco-Católica da Romênia, as autoridades e, de modo especial, o Hon. Silviu Vexler, presidente da Federação das Comunidades Judaicas na Romênia.

Este é um ano especial dedicado ao Cardeal Iuliu Hossu, símbolo de

fraternidade para além de qualquer fronteira étnica ou religiosa. O seu processo de reconhecimento como “Justo entre as Nações”, iniciado em 2022, baseia-se no seu corajoso empenho em favor dos judeus da Transilvânia do Norte, quando, entre 1940 e 1944, os nazis puseram em marcha o trágico plano de deportá-los para campos de extermínio.

Correndo enormes riscos para si mesmo e para a Igreja Greco-Católica, o Beato Hossu empreendeu numerosas ações para proteger os judeus e evitar a sua deportação. Na primavera de 1944, enquanto em Cluj-Napoca (em húngaro Kolozsvár) e noutras cidades da Transilvânia se preparava o confinamento em guetos, mobilizou o clero e os fiéis greco-católicos, publicando em 2 de abril de 1944 uma carta pastoral. Dela temos testemunho graças a Moshe Carmilly-Weinberger, ex-grão-rabino da comunidade judaica de Cluj-Napoca, na qual lançava um apelo vibrante e profundamente humano:

«O nosso apelo —escrevia— é dirigido a todos vós, veneráveis irmãos e queridos filhos, para que ajudeis os judeus não apenas com as vossas intenções, mas também com o vosso sacrifício, sabendo que hoje não podemos realizar obra mais nobre do que esta ajuda cristã e romena, nascida de uma ardente caridade humana. A primeira preocupação neste momento deve ser esta obra de socorro».

Segundo o testemunho do próprio ex-grão-rabino, o Cardeal Hossu, entre 1940 e 1944, contribuiu para salvar da morte milhares de judeus da Transilvânia setentrional.

A esperança deste grande pastor foi a de um homem fiel, que sabe que as portas do mal não prevalecerão contra a obra de Deus.

A sua vida foi um testemunho de fé vivida até ao fim, na oração e na entrega ao próximo. Foi um homem de diálogo e um profeta da esperança, e o Papa Francisco o beatificou em 2 de junho de 2019 em Blaj. Nessa ocasião, durante a homilia, citou uma frase sua como síntese da sua vida:

«Deus nos enviou a estas trevas do sofrimento para oferecer o perdão e rezar pela conversão de todos».

Estas palavras exprimem a essência do espírito dos mártires: uma fé inabalável em Deus, sem ódio, mas com a misericórdia que transforma o sofrimento em amor para com os perseguidores. São ainda hoje um convite profético a vencer o ódio mediante o perdão e a viver a fé com

dignidade e coragem.

Próxima dos sofrimentos do povo judeu, que culminaram no drama do Holocausto, a Igreja conhece bem o que significam a dor, a marginalização e a perseguição. Por isso mesmo, sente-se chamada a construir uma sociedade centrada no respeito da dignidade humana como exigência da consciência.

A mensagem do Cardeal Hossu é hoje mais atual que nunca. O que ele fez pelos judeus da Romênia, as ações que levou a cabo para proteger o próximo, apesar de todos os riscos e perigos, mostram-no como modelo de homem livre, corajoso e generoso até ao sacrifício supremo. Por isso, o seu lema —«A nossa fé é a nossa vida»— deveria tornar-se o lema de cada um de nós.

Desejo que o seu exemplo —que antecipou os conteúdos expressos depois na declaração *Nostra aetate* do Concílio Vaticano II, cujo sexagésimo aniversário se aproxima—, assim como a vossa amizade, sejam uma luz para o mundo de hoje. Digamos “não” à violência, a toda forma de violência, e ainda mais quando é exercida contra pessoas indefesas, como as crianças e as famílias.

Que Deus abençoe a cada um de vós e aos vossos entes queridos!

**60. DISCURSO DO PAPA LEÃO XIV
À SECRETARIA DE ESTADO
Sala Clementina
Quinta-feira, 5 de junho de 2025**

EEminência Senhor Cardeal Parolin
Excelências, caros irmãos no episcopado e no sacerdócio
queridas irmãs e irmãos!

Antes de mais, agradeço ao Secretário de Estado as palavras introdutórias que dirigiu e a contínua colaboração que me oferece enquanto realizo os primeiros passos deste Pontificado.

Estou muito contente por me encontrar convosco, que prestais um serviço precioso à vida da Igreja, ajudando-me a realizar a missão que me foi confiada. De facto, como afirma a *Praedicate Evangelium*, a Secretaria de Estado, enquanto Secretaria papal regida pelo Secretário de Esta-

do, coadjuva de perto o Romano Pontífice no exercício da sua suprema missão (cf. art. 44-45).

Conforta-me saber que não estou sozinho e poder partilhar convosco a responsabilidade do meu ministério universal.

Não está no texto, mas digo com toda a sinceridade que nestas poucas semanas - ainda não completámos um mês do meu serviço neste ministério petrino - é evidente que o Papa sozinho não pode ir em frente e que é preciso, é muito necessário, poder contar com a colaboração de muitos na Santa Sé, mas de modo especial com todos vós da Secretaria de Estado. Agradeço-vos de coração!

A história desta Instituição remonta, como sabemos, ao final do século XV. Com o tempo, foi assumindo um rosto cada vez mais universal e ampliou-se significativamente, com progressão crescente, adquirindo tarefas adicionais, devido às novas exigências, tanto no âmbito eclesial como nas relações com os Estados e as Organizações internacionais. Atualmente, quase metade de vós são fiéis leigos. E as mulheres, leigas e religiosas, são mais de cinquenta.

Esta evolução fez com que a Secretaria de Estado reflita hoje em si mesma o rosto da Igreja. É uma grande comunidade que trabalha ao lado do Papa: juntos partilhamos as questões, as dificuldades, os desafios e as esperanças do Povo de Deus presente em todo o mundo. Fazemo-lo exprimindo sempre duas dimensões essenciais: a encarnação e a catolicidade.

Estamos encarnados no tempo e na história, porque se Deus escolheu o caminho do humano e as línguas dos homens, também a Igreja é chamada a seguir essa estrada, para que a alegria do Evangelho possa chegar a todos e seja mediada nas culturas e linguagens atuais. E, ao mesmo tempo, procuramos manter sempre um olhar católico, universal, que nos permita valorizar as diferentes culturas e sensibilidades. Deste modo, podemos ser um centro propulsor que se empenha por tecer a comunhão entre a Igreja de Roma e as Igrejas locais, bem como as relações de amizade na comunidade internacional.

Nas últimas décadas, estas duas dimensões – estarmos encarnados no tempo e ter uma visão universal - tornaram-se cada vez mais constitutivas do trabalho curial. Guiou-nos neste caminho a reforma da Cúria Romana levada a cabo por S. Paulo VI que, inspirado pela visão do Concílio

Vaticano II, sentiu fortemente a urgência de que a Igreja esteja atenta aos desafios da história, considerando «a rapidez da vida de hoje» e «as mudadas condições dos nossos tempos» (Regimini Ecclesiae universae, 15 de agosto de 1967). Ao mesmo tempo, reafirmou a necessidade de um serviço que exprima a catolicidade da Igreja e, para isso, dispôs que «os que estão presentes na Sé Apostólica para a governar sejam chamados de todas as partes do mundo» (ibid.).

A encarnação, portanto, remete-nos para a concretude da realidade e para os temas específicos e particulares tratados pelos diversos órgãos da Cúria; enquanto a universalidade, recordando o mistério da unidade multiforme da Igreja, exige então um trabalho de síntese que possa ajudar a ação do Papa. E o elo de ligação entre conjunção e síntese é precisamente a Secretaria de Estado. De facto, Paulo VI - perito da Cúria Romana - quis dar uma nova estrutura a este Departamento, constituindo-o de facto como ponto de ligação e, portanto, estabelecendo-o no seu papel fundamental de coordenação dos outros Dicastérios e das Instituições da Sé Apostólica.

Esta função coordenadora da Secretaria de Estado é retomada na recente Constituição Apostólica Praedicate Evangelium, entre as muitas tarefas confiadas à Secção para os Assuntos Gerais, sob a direção do Substituto com a ajuda do Assessor (cf. arts. 45-46). Ao lado da Secção para os Assuntos Gerais, a mesma Constituição identifica a Secção para as Relações com os Estados e as Organizações Internacionais, guiada pelo Secretário com a ajuda dos dois Subsecretários, que têm a responsabilidade de cuidar das relações diplomáticas e políticas da Sé Apostólica com os Estados e com os outros sujeitos de direito internacional neste delicado momento da história. A Secção para o pessoal diplomático, com o seu Secretário e Subsecretário, por outro lado, ocupa-se do cuidado das Representações Pontifícias e dos Membros do Corpo Diplomático aqui em Roma e no o mundo.

Sei que estas tarefas são muito exigentes e que, por vezes, podem não ser bem compreendidas. Por isso desejo exprimir-vos a minha proximidade e, sobretudo, a minha sincera gratidão. Obrigado pelas competências que colocais à disposição da Igreja, pelo vosso trabalho quase sempre escondido e pelo espírito evangélico que o inspira. E permiti-me que, precisamente por causa deste meu reconhecimento, vos dirija uma exortação, fazendo referência mais uma vez a São Paulo VI: este lugar não seja poluído por ambições ou antagonismos; sede, pelo contrário, uma verdadeira comunidade de fé e de caridade, «de irmãos

e de filhos do Papa», que se dedicam generosamente ao bem da Igreja (cf. Discurso à Cúria Romana, 21 de setembro de 1963).

Confio-vos todos à intercessão da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe da Igreja e, enquanto vos agradeço porque sei que rezais por mim todos os dias - assim o espero! -, abençoo de coração cada um de vós, os vossos entes queridos e o vosso trabalho. Obrigado!

**61. DISCURSO DO PAPA LEÃO XIV
AOX PARTICIPANTES NOS SEGUINTE CAPÍTULOS GERAIS:
SOCIEDADE DAS MISSÕES AFRICANAS;
TERCEIRA ORDEM REGULAR DE SÃO FRANCISCO;
FORMADORES DOS SERVOS DO PARÁCLITO
Sala do Consistório
Sexta-feira, 6 de junho de 2025**

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo!

A paz esteja convosco!

Amados irmãos e irmãs, bem-vindos!

Saúdo os Superiores-gerais presentes, especialmente quem acaba de ser eleito, os membros dos órgãos de governo e todos vós que pertenceis à Ordem Terceira Regular de São Francisco - quem é o novo Geral? Já foi reeleito? Ah, ainda não, bem, e também à Sociedade das Missões Africanas e ao Instituto dos Servos do Paráclito.

Muitos de vós vêm a este encontro no contexto do Capítulo geral, num momento importante da vossa vida e da vida de toda a Igreja. Por isso, rezemos em primeiro lugar ao Senhor pelos vossos Institutos e por todas as pessoas consagradas para que, «tendo Deus como único e principal objetivo, unam a contemplação - mediante a qual aderem a Deus com a mente e o coração - e o zelo apostólico, com que se esforçam por cooperar para a obra da redenção» (CONC. ECUM. VAT. II, Decr. Perfectae caritatis, 5).

Representais aqui três realidades carismáticas nascidas em diferentes momentos da história da Igreja, em resposta a exigências contingentes de vários tipos, mas unidas e complementares na beleza harmoniosa do Corpo místico de Cristo (cf. Id., Constituição dogmática Lumen gentium,

7).

A fundação mais antiga, entre aquelas que estão aqui presentes, é a da Ordem Terceira Regular de São Francisco, cujos inícios remontam ao próprio Santo de Assis, exceto a sua elevação a Ordem, ocorrida mais tarde, por obra do Papa Nicolau V (cf. Bula *Pastoralis officii*, 20 de julho de 1447). Os temas que abordais no 113º Capítulo geral - vida comum, formação e vocações - dizem respeito a toda a grande Família de Deus. No entanto, é importante que, como diz o título que destes aos vossos trabalhos, os abordeis à luz do vosso carisma “penitencial”. Com efeito, ele recorda-nos que - segundo as palavras do próprio São Francisco - só através de um constante caminho de conversão podemos oferecer aos nossos irmãos «as palavras fragrantas de nosso Senhor Jesus Cristo» (Primeira carta aos fiéis, 19).

De data mais recente é a Sociedade das Missões Africanas, fundada a 8 de dezembro de 1856 pelo Venerável Bispo Melchior de Marion Bré-sillac, sinal daquela missionariedade que está no próprio coração da vida da Igreja (cf. FRANCISCO, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 273). Estimados irmãos, a história do vosso Instituto testemunha bem esta verdade: sim, a fidelidade à missão, levando-vos a superar ao longo do tempo mil dificuldades dentro e fora das vossas comunidades, permitiu-vos crescer, aliás, encontrando nas adversidades ocasião e inspiração para partir rumo a novos horizontes apostólicos, tanto na África como depois noutras partes do mundo. A este propósito, é belíssima a exortação que o Fundador vos deixou para permanecer fiéis no anúncio, à simplicidade da pregação apostólica e, ao mesmo tempo, sempre prontos a abraçar a “loucura da Cruz” (cf. 1 Cor 1, 17-25): simples e tranquilos, até perante as incompreensões e zombarias do mundo. Livres de qualquer condicionamento, porque “cheios” de Cristo, e capazes de levar os irmãos ao encontro com Ele, porque animados por uma única aspiração: anunciar o seu Evangelho a todo o mundo (cf. Fl 1, 12-14.21). Que grande sinal para toda a Igreja e para o mundo inteiro!

E vejamos o Instituto mais recentemente fundado: os Servos do Pará-clito. Servos daquele Espírito que habita em nós (cf. Rm 8, 9) mediante o dom do Batismo e que cura “quod est saucium” - isto é, o que está ferido - como cantaremos daqui a poucos dias na Sequência de Pentecostes. Servos do Espírito que cura: tal era o desejo do padre Gerald Fitzgerald, que em 1942 iniciou a vossa obra de assistência aos sacerdotes em dificuldade, “Pro Christo sacerdote”, como reza o vosso lema (cf. Constituições, 4, 4). Desde então, em várias partes do mundo, desem-

penhais o vosso ministério de proximidade humilde, paciente, delicada e discreta a favor de pessoas profundamente feridas, propondo-lhes percursos terapêuticos que combinam uma vida espiritual simples e intensa, pessoal e comunitária, com uma assistência profissional altamente qualificada, diferenciada segundo as necessidades. Também a vossa presença nos recorda algo importante: ou seja, que todos nós, embora chamados a ser para os irmãos e as irmãs ministros de Cristo, Médico das almas (cf. Lc 5, 31-32), somos, por nossa vez, doentes necessitados de cura. Como diz Santo Agostinho, recorrendo à imagem de um barco, todos nós «temos nesta vida como que fendas próprias da nossa mortalidade e fragilidade, através das quais o pecado entra pelas torrentes deste século» (Discurso 278, 13, 13). E o Santo Bispo de Hipona propõe um remédio para o mal: «Para nos esvaziarmos e não afundarmos, diz, lancemos mão... desta exortação... Perdoemos!» (ibid.). Perdoemos, pois em toda a parte, «nas nossas paróquias, comunidades, associações e movimentos, em síntese, onde quer que haja cristãos, quem quer que seja [...] [possa] encontrar um oásis de misericórdia» (FRANCISCO, Bula *Misericordiae Vultus*, 11 de abril de 2015, 12).

Caríssimos, obrigado pela vossa visita que hoje, nesta sala, nos mostra a Igreja nas três dimensões luminosas da sua beleza: o compromisso da conversão, o entusiasmo da missão e o calor da misericórdia. Obrigado pelo grande trabalho que realizais, no mundo inteiro. Abençoo-vos e rezo por vós, nesta novena de Pentecostes, a fim de que possais ser instrumentos cada vez mais dóceis do Espírito Santo, em conformidade com os desígnios de Deus. Obrigado!

**62. DISCURSO DO PAPA LEÃO XIV
AOS MODERADORES DAS ASSOCIAÇÕES DE FIÉIS,
DOS MOVIMENTOS ECLESIAIS E DAS NOVAS COMUNIDADES
Sala Clementina
Sexta-feira, 6 de junho de 2025**

En el nombre del Padre, del Hijo y del Espíritu Santo.
Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Que a paz esteja convosco!

Senhor Cardeal!

Queridos irmãos no episcopado, amados irmãos e irmãs!

Tenho o prazer de vos dar as boas-vindas ao encontro anual organizado

pelo Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida convosco, moderadores, responsáveis internacionais e delegados das agregações eclesiais reconhecidas ou erigidas pela Santa Sé.

Representais milhares de pessoas que vivem a sua experiência de fé e o seu apostolado no seio de associações, movimentos e comunidades. Por isso, gostaria, antes de mais, de vos agradecer pelo serviço de orientação e animação que prestais. Apoiar e encorajar os irmãos no caminho cristão implica responsabilidade, empenho, muitas vezes também dificuldades e incompreensões, mas é uma tarefa indispensável e preciosa. A Igreja está-vos grata por todo o bem que fazeis.

O dom da vida associativa e dos carismas

As realidades agregadoras a que pertenceis são muito diversas, por natureza e por história, e todas são importantes para a Igreja. Algumas nasceram para partilhar um objetivo apostólico, caritativo de culto, ou para apoiar o testemunho cristão em ambientes sociais específicos. Outras, porém, nasceram de uma inspiração carismática, de um carisma inicial que deu origem a um movimento, a uma nova forma de espiritualidade e de evangelização.

Na vontade de se associar, que deu origem ao primeiro tipo de agregação, encontramos uma característica essencial: ninguém é cristão sozinho! Fazemos parte de um povo, de um corpo que o Senhor constituiu. Santo Agostinho, falando dos primeiros discípulos de Jesus, diz: «Tinham-se tornado certamente o templo de Deus, e não o tinham sido apenas individualmente, mas no seu conjunto tinham-se tornado o templo de Deus» (En. in Ps. 131, 5). A vida cristã não é vivida isoladamente, como se fosse uma aventura intelectual ou sentimental, confinada na nossa mente e no nosso coração. Vive-se com outros, em grupo, em comunidade, porque Cristo ressuscitado se faz presente entre os discípulos reunidos em seu nome.

O apostolado associado dos fiéis foi fortemente encorajado pelo Concílio Vaticano II, particularmente com o Decreto sobre o Apostolado dos Leigos, onde, entre outras coisas, se afirma que ele «é de grande importância também porque, tanto nas comunidades eclesiais como nos diversos ambientes, muitas vezes requer ser exercido por uma ação comum. De facto, as associações erigidas para a atividade apostólica em comum apoiam os seus membros e formam-nos para o apostolado, ordenam e orientam a sua ação apostólica, de modo que se podem

esperar frutos muito mais abundantes do que se os indivíduos trabalhassem separadamente» (n. 18).

Depois, há as realidades nascidas de um carisma: o carisma de um fundador ou de um grupo de iniciadores, ou o carisma que se inspira no de um instituto religioso. Também esta é uma dimensão essencial na Igreja. Gostaria de vos convidar a considerar os carismas em referência à graça, ao dom do Espírito. Na Carta *Iuvenescit Ecclesia*, que conheceis bem, diz-se que a hierarquia eclesiástica e o sacramento da Ordem existem para que «a oferta objetiva da graça», que se dá através «dos Sacramentos, do anúncio normativo da Palavra e da pastoral» (n. 14), permaneça sempre viva entre os fiéis. Os carismas, por outro lado, «são distribuídos livremente pelo Espírito Santo, para que a graça sacramental frutifique na vida cristã de modo diversificado e a todos os níveis» (n. 15).

Assim, tudo na Igreja é entendido com referência à graça: a instituição existe para que a graça seja sempre oferecida, os carismas são suscitados para que essa graça seja recebida e dê frutos. Sem os carismas, corre-se o risco de que a graça de Cristo, oferecida em abundância, não encontre terreno propício para a receber! É por isso que Deus suscita os carismas, para que despertem nos corações o desejo de um encontro com Cristo, a sede da vida divina que Ele nos oferece, numa palavra, a graça!

Com isto quero reafirmar, na esteira dos meus Predecessores e do Magistério da Igreja, sobretudo a partir do Concílio Vaticano II, que os dons hierárquicos e os dons carismáticos «são coessenciais à constituição divina da Igreja fundada por Jesus» (São João Paulo II, Mensagem ao Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais, 27 de maio de 1998). Graças aos carismas que deram origem aos vossos movimentos e comunidades, muitas pessoas aproximaram-se de Cristo, encontraram esperança na vida, descobriram a maternidade da Igreja e desejam ser ajudadas a crescer na fé, na vida comunitária, nas obras de caridade e levar aos outros, através da evangelização, o dom recebido.

Unidade e missão, em união com o Papa

Unidade e missão são duas pedras angulares na vida da Igreja e duas prioridades no ministério petrino. Por isso, convido todas as associações e os movimentos eclesiais a colaborar fiel e generosamente com o Papa, especialmente nestes dois âmbitos.

Antes de mais, ser fermento de unidade. Todos vós experimentais continuamente a comunhão espiritual que vos une. É a comunhão que o Espírito Santo cria na Igreja. É uma unidade que tem o seu fundamento em Cristo: Ele atrai-nos, atrai-nos para Si, e por isso une-nos também entre nós. Assim falava São Paulino de Nola, escrevendo a Santo Agostinho: «Temos uma só cabeça, uma só é a graça que nos inunda, vivemos de um só pão, caminhamos por uma só estrada, vivemos na mesma casa. [...] Somos um só, tanto no espírito como no corpo, com o Senhor, para não sermos nada se nos separarmos dele» (Carta 30, 2).

Esta unidade, que viveis nos grupos e nas comunidades, expandi-a por toda a parte: na comunhão com os Pastores da Igreja, na proximidade com as outras realidades eclesiais, na proximidade com as pessoas que encontrais, para que os vossos carismas permaneçam sempre ao serviço da unidade da Igreja e sejam eles mesmos «fermento de unidade, de comunhão e de fraternidade» (cf. Homilia de 18 de maio de 2025) no mundo tão dilacerado pela discórdia e pela violência.

Em segundo lugar, a missão. A missão marcou a minha experiência pastoral e moldou a minha vida espiritual. Também vós experimentastes este caminho. Do encontro com o Senhor, da vida nova que inundou o vosso coração, nasceu o desejo de O dar a conhecer aos outros. E vós envolvestes muitas pessoas, dedicastes muito tempo, entusiasmo, energia para dar a conhecer o Evangelho nos lugares mais distantes, nos ambientes mais difíceis, suportando dificuldades e fracassos. Mantende sempre vivo entre vós este zelo missionário: os movimentos desempenham ainda hoje um papel fundamental na evangelização. Entre vós há pessoas generosas, bem formadas, com experiência “no terreno”. Trata-se de um património que é preciso fazer frutificar, permanecendo atentos à realidade de hoje com os seus novos desafios. Ponde os vossos talentos ao serviço da missão, quer nos lugares da primeira evangelização, quer nas paróquias e nas estruturas eclesiais locais, para chegar a tantos que estão longe e, por vezes sem o saber, esperam a Palavra de Vida.

Conclusão

Caríssimos, estou feliz por me encontrar convosco hoje esta primeira vez. Se Deus quiser, teremos outras oportunidades de nos conhecermos melhor, mas, entretanto, encorajo-vos a continuar o caminho. Mantende sempre o Senhor Jesus no centro! Isto é o essencial, e os próprios

carismas servem para isto. O carisma serve para o encontro com Cristo, para o crescimento e amadurecimento humano e espiritual das pessoas e para a edificação da Igreja. Neste sentido, todos somos chamados a imitar Cristo, que se esvaziou a si mesmo para nos enriquecer (cf. Fl 2, 7). Assim, quem persegue um objetivo apostólico com os outros ou quem é portador de um carisma é chamado a enriquecer os outros despojando-se de si mesmo. E isso é fonte de liberdade e de grande alegria.

Obrigado pelo que sois e também pelo que fazeis! Confio-vos à proteção de Maria Mãe da Igreja e, de coração, abençoo-vos e a todos aqueles que representais. Obrigado!

**63. DISCURSO DE SUA SANTIDADE O PAPA LEÃO XIV
AOS PARTICIPANTES NO SIMPÓSIO
“NICEIA E A IGREJA DO TERCEIRO MILÉNIO:
RUMO À UNIDADE CATÓLICO-ORTODOXA”
REALIZADO NA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE SANTO
TOMÁS DE AQUINO
[4-7 de junho de 2025]**

¡A paz esteja convosco!

Eminências,
Excelências,
Egrégios Professores,
Queridos irmãos e irmãs em Cristo,

Uma calorosa saudação de boas-vindas a todos vós, que participais no Simpósio Niceia e a Igreja do Terceiro Milénio: Rumo à unidade Católico-Ortodoxa, organizado conjuntamente pelo *Œcumenicum* – o Instituto de Estudos Ecumênicos do Angelicum – e pela Associação Teológica Ortodoxa Internacional. A minha saudação vai, de modo especial, para os representantes das Igrejas Ortodoxas e Ortodoxas Orientais, muitos dos quais me honraram com a sua presença na Missa que marcou o início solene do meu Pontificado.

Antes de continuar com as observações formais, gostaria apenas de pedir desculpa pelo meu atraso e também de pedir a vossa paciência. Ainda não passou um mês desde que assumi o novo cargo, por isso, há ainda muito para aprender. No entanto, estou muito feliz por estar aqui convosco esta manhã.

Apraz-me constatar que o Simpósio está resolutamente orientado para o futuro. O Concílio de Niceia não é apenas um acontecimento do passado, mas uma bússola que deve continuar a guiar-nos em direção à plena unidade visível dos cristãos. O Primeiro Concílio Ecumênico é basilar para o caminho comum que católicos e ortodoxos empreenderam juntos desde o Concílio Vaticano II. Para as Igrejas Orientais, que o comemoram no seu calendário litúrgico, o Concílio de Niceia não é apenas um Concílio entre outros ou o primeiro de uma série, mas o Concílio por excelência, que promulgou a norma da fé cristã, a confissão de fé dos “318 Padres”.

Os três temas do vosso Simpósio são especialmente relevantes para o nosso caminho ecumênico. Em primeiro lugar, a fé de Niceia. Como a Comissão Teológica Internacional observou no seu recente Documento para o 1700º aniversário de Niceia, o ano 2025 representa «uma oportunidade inestimável para sublinhar o que temos em comum, que é muito mais forte, quantitativa e qualitativamente, do que aquilo que nos divide: juntos, cremos no Deus Uno e Trino, em Cristo como verdadeiro homem e verdadeiro Deus, na salvação por Jesus Cristo, segundo as Escrituras lidas na Igreja e sob a direção do Espírito Santo. Juntos, cremos a Igreja, o batismo, a ressurreição dos mortos a vida eterna». (Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador, n. 43). Estou convencido de que, voltando ao Concílio de Niceia e haurindo juntos desta fonte comum, poderemos ver sob uma luz diferente os pontos que ainda nos separam. Através do diálogo teológico e com a ajuda de Deus, compreenderemos melhor o mistério que nos une. Celebrando unidos esta fé nicena e proclamando-a em conjunto, avançaremos também para a restauração da plena comunhão entre nós.

O segundo tema do vosso Simpósio é a sinodalidade. O Concílio de Niceia inaugurou um caminho sinodal para a Igreja dar seguimento às questões teológicas e canónicas a nível universal. O contributo dos delegados fraternos das Igrejas e comunidades eclesiais do Oriente e do Ocidente para o recente Sínodo sobre a sinodalidade, realizado aqui no Vaticano, foi um estímulo valioso para uma reflexão ainda maior sobre a natureza e a prática da sinodalidade. O Documento Final do Sínodo observou que «o diálogo ecuménico é fundamental para desenvolver a compreensão da sinodalidade e da unidade da Igreja» e prosseguiu encorajando o desenvolvimento de «práticas sinodais ecuménicas, até mesmo formas de consulta e discernimento sobre assuntos de interesse comum e urgente» (Para uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação, Missão, n. 138). Espero que a preparação e a comemoração

conjunta do 1700º aniversário do Concílio de Niceia sejam uma ocasião providencial «para aprofundar e confessar juntos a fé cristológica e para pôr em prática formas de sinodalidade entre os Cristãos de todas as tradições» (cf. *ibid.*, n. 139).

O Simpósio possui um terceiro tema relacionado com a data da Páscoa. Como sabemos, um dos objetivos do Concílio de Niceia era estabelecer uma data comum para a Páscoa, a fim de exprimir a unidade da Igreja em toda a *oikoumene*. Infelizmente, as diferenças nos calendários já não permitem que os cristãos celebrem juntos a festa mais importante do ano litúrgico, causando problemas pastorais nas comunidades, dividindo as famílias e enfraquecendo a credibilidade do nosso testemunho do Evangelho. Foram propostas várias soluções concretas que, respeitando o princípio de Niceia, permitiriam aos cristãos celebrar juntos a “Festa das Festas”. Neste ano, em que todos os cristãos celebraram a Páscoa no mesmo dia, reafirmo a abertura da Igreja Católica para procurar uma solução ecuménica que favoreça a celebração comum da ressurreição do Senhor e dê assim maior força missionária ao nosso anúncio do «nome de Jesus e da salvação que nasce da fé na verdade do Evangelho» (Discurso às Obras Missionárias Pontifícias, 22 de maio de 2025).

Irmãos e irmãs, nesta vigília de Pentecostes, recordemos que a unidade pela qual os cristãos anseiam não será, em primeiro lugar, fruto dos nossos próprios esforços, nem se realizará através de qualquer projeto ou modelo preconcebido. Pelo contrário, a unidade será um dom recebido «como Cristo quiser e pelos meios que Ele quiser» (Oração pela Unidade do Padre Paul Couturier), mediante a ação do Espírito Santo. Sendo assim, neste momento convido-vos a ficar em pé para que juntos possamos implorar o dom da unidade do Espírito. A oração que recitarei implora a unidade do Espírito através de um texto inspirado pela tradição oriental:

“Ó Rei Celestial, Consolador, Espírito da Verdade,
Que estais em toda a parte e preencheis todas as coisas;
Tesouro de Bênçãos e Doador da Vida,
Vinde habitar em nós, purificai-nos de toda a impureza
e salvai as nossas almas, ó Único Bem”.

O Senhor esteja convosco! A bênção de Deus Todo-Poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo desça sobre vós e permaneça convosco para sempre. Amen.

Muito obrigado!

**64. DISCURSO DE SUA SANTIDADE O PAPA LEÃO XIV
AOS PARTICIPANTES NO JUBILEU E NO
ENCONTRO DOS REPRESENTANTES PONTIFÍCIOS
Sala Clementina
Terça-feira, 10 de junho de 2025**

Eminências, Excelências, Monsenhores!

Uma saudação especial a todos vós, caríssimos Representantes Pontifícios!

Antes de compartilhar as palavras preparadas, simplesmente gostaria de dizer a Sua Eminência e a todos vós que aquilo que o Cardeal mencionou, eu disse-o não por sugestão de alguém, mas porque acredito nisto profundamente: o vosso papel, o vosso ministério, é insubstituível. Tantas coisas não poderiam acontecer na Igreja, se não fossem o sacrifício, o trabalho e tudo o que fazeis, para permitir que uma dimensão tão importante da grandiosa missão da Igreja vá em frente, e precisamente no caso ao qual me referia, ou seja, a seleção dos candidatos para o episcopado. Obrigado de coração pelo que fazeis! Agora, um pouco de paciência.

Depois da celebração de ontem de manhã, para o Jubileu da Santa Sé, estou feliz por poder passar algum tempo convosco, que sois os Representantes do Papa junto dos Estados e das Organizações internacionais do mundo inteiro.

Em primeiro lugar, obrigado por terdes vindo, enfrentando uma viagem que para muitos de vós foi longa. Obrigado! Já com as vossas pessoas, sois uma imagem da Igreja católica, em nenhum país no mundo existe um Corpo diplomático tão universal como o nosso! Mas, ao mesmo tempo, penso que também se pode dizer que nenhum país do mundo tem um Corpo diplomático tão unido como vós: pois a vossa, a nossa, comunhão não é unicamente funcional, nem apenas ideal, mas estamos unidos em Cristo e estamos unidos na Igreja. É interessante refletir sobre isto: que no próprio pessoal a diplomacia da Santa Sé constitui um modelo - certamente não perfeito, mas deveras significativo - da mensagem que propõe, ou seja, da fraternidade humana e da paz entre todos os povos.

Caríssimos, dou os primeiros passos neste ministério que o Senhor me confiou. E sinto também em relação a vós aquilo que há poucos dias confidenciei falando à Secretaria de Estado, isto é, a gratidão a quantos me ajudam a prestar o meu serviço no dia a dia. Esta gratidão é ainda maior quando penso - e toco com a mão, abordando as várias questões - que o vosso trabalho muitas vezes me precede! Sim, e isto é válido de modo particular precisamente para vós. Pois quando me é apresentada uma situação que diz respeito - por exemplo - à Igreja num determinado país, posso contar com a documentação, as reflexões, as sínteses preparadas por vós e pelos vossos colaboradores. A rede das Representações Pontifícias está sempre ativa e operacional. Para mim isto é motivo de grande apreço e gratidão! Digo-o pensando claramente na dedicação e organização, mas ainda mais nas motivações que vos orientam, no estilo pastoral que nos deveria distinguir, no espírito de fé que nos anima. Graças a estas qualidades, também eu conseguirei experimentar aquilo que São Paulo VI escrevia, isto é, que através dos seus Representantes, que residem nas várias Nações, o Papa se torna partícipe da própria vida dos seus filhos e, como que inserindo-se nela, chega a conhecer, de maneira mais rápida e segura, as suas necessidades e ao mesmo tempo as suas aspirações (cf. Carta apostólica sob forma de motu proprio *Sollicitudo omnium Ecclesiarum*, Introdução).

E agora gostaria de partilhar convosco uma imagem bíblica que me veio à mente, pensando na vossa missão em relação à minha. No início dos Atos dos Apóstolos (3, 1-10), a narração da cura do paralisado descreve bem o ministério de Pedro. Estamos no alvorecer da experiência cristã e a primeira comunidade, reunida ao redor dos Apóstolos, sabe que só pode contar com uma realidade: Jesus ressuscitado e vivo. Um homem coxo está sentado e pede esmola à porta do templo. Parece a imagem de uma humanidade que perdeu a esperança e está resignada. Ainda hoje, a Igreja encontra com frequência homens e mulheres que já não têm alegria, que a sociedade pôs à margem ou que a vida, de certa forma, obrigou a mendigar a existência. Assim narra esta página dos Atos: «Pedro, juntamente com João, olhando-o fixamente, disse-lhe: “Olha para nós”. O coxo tinha os olhos nos dois, esperando receber alguma coisa deles. Mas Pedro disse-lhe: “Não tenho ouro nem prata, mas vou dar-te o que tenho: em nome de Jesus Cristo, Nazareno, levanta-te e anda”! E, segurando-o pela mão direita, ergueu-o. No mesmo instante, os pés e artelhos se lhe tornaram firmes. De um salto, pôs-se de pé, começou a andar, e entrou com eles no Templo, caminhando, saltando e louvando a Deus» (3, 4-8).

O pedido que Pedro dirige a este homem leva a pensar: «Olha para nós!». Fitar alguém nos olhos significa construir uma relação. O ministério de Pedro consiste em criar relações, pontes; e um Representante do Papa está sobretudo ao serviço deste convite, deste fitar nos olhos. Sede sempre o olhar de Pedro! Sede homens capazes de construir relações onde é mais difícil. Contudo, ao fazê-lo, conservai a mesma humildade e o mesmo realismo de Pedro; ele sabe muito bem que não tem a solução para tudo: «Não tenho ouro nem prata», diz; mas sabe também que tem o que conta, isto é, Cristo, o sentido mais profundo de cada existência: «Em nome de Jesus Cristo, Nazareno, levanta-te e anda!».

Dar Cristo significa dar amor, dar testemunho da caridade que está pronta para tudo. Conto convosco a fim de que, nos países onde viveis, todos saibam que a Igreja está sempre pronta para tudo por amor, que está sempre ao lado dos últimos, dos pobres, e que defenderá sempre o direito sacrossanto de crer em Deus, de acreditar que esta vida não está à mercê dos poderes deste mundo, mas é permeada por um sentido misterioso. Somente o amor é digno de fé, perante a dor dos inocentes, dos crucificados de hoje, que muitos de vós conheceis pessoalmente, porque servis povos vítimas de guerras, de violências, de injustiças, ou até do falso bem-estar que ilude e desilude.

Caros irmãos, que vos console sempre a constatação de que o vosso serviço é sub umbra Petri, como encontrareis gravado no anel que receberéis como meu dom. Senti-vos sempre unidos a Pedro, tutelados por Pedro, enviados por Pedro. Só na obediência e na comunhão efetiva com o Papa o vosso ministério poderá ser eficaz para a edificação da Igreja, em comunhão com os Bispos locais.

Tende sempre um olhar de bênção, porque o ministério de Pedro consiste em abençoar, isto é, em saber ver sempre o bem, até o bem escondido, aquele que está em minoria. Senti-vos missionários, enviados pelo Papa para ser instrumentos de comunhão, de unidade, ao serviço da dignidade da pessoa humana, promovendo em toda a parte relações sinceras e construtivas com as autoridades com que fordes chamados a cooperar. A vossa competência seja sempre iluminada pela firme decisão de santidade. Servem-nos de exemplo os Santos que estiveram ao serviço diplomático da Santa Sé, como São João XXIII e São Paulo VI.

Caríssimos, a vossa presença aqui hoje revigora a consciência de que o papel de Pedro consiste em confirmar na fé. Vós sois os primeiros que

tendes necessidade desta confirmação para vos tornardes seus mensageiros, seus sinais visíveis em todas as partes do mundo.

A Porta Santa, que todos juntos pudemos atravessar ontem de manhã, nos estimule a ser testemunhas corajosas de Cristo, que é sempre a nossa esperança. Obrigado!

**65. DISCURSO DE SUA SANTIDADE O PAPA LEÃO XIV
DURANTE O ENCONTRO COM O CLERO
DA DIOCESE DE ROMA
Sala Paulo VI
Quinta-feira, 12 de junho de 2025**

Quero pedir um caloroso aplauso para todos vós, que estais aqui presentes, e para todos os sacerdotes e diáconos de Roma!

Caríssimos Presbíteros e Diáconos que desempenhais o vosso serviço na Diocese de Roma, estimados seminaristas, saúdo todos vós com afeto e amizade!

Agradeço a Sua Eminência o Cardeal Vigário pelas palavras de saudação e a apresentação que fez, descrevendo um pouco a vossa presença nesta cidade.

Desejei encontrar-me convosco para vos conhecer de perto e começar a caminhar convosco. Agradeço-vos pela vossa vida confiada ao serviço do Reino, pelo vosso trabalho diário, por tanta generosidade no exercício do ministério, por tudo o que viveis em silêncio e que, às vezes, é acompanhado por sofrimentos ou incompreensões. Desempenhais diferentes serviços, mas todos vós sois preciosos aos olhos de Deus e na realização do seu desígnio.

A Diocese de Roma preside na caridade e na comunhão, e pode cumprir esta missão por mérito cada um de vós, no vínculo de graça com o Bispo e na fecunda corresponsabilidade com todo o povo de Deus. A nossa Diocese é realmente especial, pois muitos sacerdotes vêm de várias partes do mundo, particularmente por motivos de estudo; e isto implica que também a vida pastoral - penso sobretudo nas paróquias - seja marcada por esta universalidade e pelo acolhimento recíproco que ela comporta.

Precisamente a partir desta ótica universal que Roma oferece, gostaria de partilhar cordialmente convosco algumas reflexões.

A primeira nota, que me é particularmente cara, é relativa à unidade e à comunhão. Na chamada oração “sacerdotal”, como sabemos, Jesus pediu ao Pai que os seus fossem um (cf. Jo 17, 20-23). O Senhor sabe bem que só unidos a Ele e entre nós podemos dar fruto e testemunho credível ao mundo. A comunhão presbiteral aqui em Roma é favorecida porque, por antiga tradição, se costuma viver juntos, tanto nas reitorias como nos colégios ou noutras residências. O presbítero é chamado a ser homem da comunhão, pois ele é o primeiro que a vive, alimentando-a continuamente. Sabemos que hoje esta comunhão é impedida por um clima cultural que favorece o isolamento ou a autorreferencialidade. Nenhum de nós está isento destas ciladas que ameaçam a solidez da nossa vida espiritual e a força do nosso ministério.

Mas devemos estar atentos porque, além do contexto cultural, a comunhão e a fraternidade entre nós encontram também alguns obstáculos, por assim dizer “internos”, que dizem respeito à vida eclesial da Diocese, às relações interpessoais e também àquilo que habita no coração, sobretudo aquele sentimento de cansaço que se manifesta quando passamos por dificuldades particulares, porque não nos sentimos compreendidos nem ouvidos, ou por outros motivos. Gostaria de vos ajudar, de caminhar convosco, para que cada um recupere a serenidade no seu ministério; mas, precisamente por isso, peço-vos um ímpeto na fraternidade presbiteral, que mergulha as suas raízes numa sólida vida espiritual, no encontro com o Senhor e na escuta da sua Palavra. Alimentados por esta linfa, conseguimos viver relações de amizade, competindo na estima recíproca (cf. Rm 12, 10); sentimos a necessidade do outro para crescer e alimentar a mesma tensão eclesial.

A comunhão deve traduzir-se em compromisso também nesta Diocese; com diferentes carismas, com vários percursos formativos e até com diversificados serviços, mas o esforço para a sustentar deve ser único. Peço a todos que prestem atenção ao caminho pastoral desta Igreja, que é local, mas devido a quem a preside é também universal. Caminhar juntos é sempre garantia de fidelidade ao Evangelho; juntos e em harmonia, procurando enriquecer a Igreja com o próprio carisma, mas tendo a peito o único corpo do qual Cristo é a Cabeça.

A segunda nota que vos desejo transmitir é relativa à exemplaridade.

Por ocasião das ordenações sacerdotais do passado dia 31 de maio, na homilia recordei a importância da transparência de vida, baseando-me nas palavras de São Paulo que, aos anciãos de Éfeso, diz: «Vós sabeis como me comportei» (At 20, 18). Peço-vos com o coração de pai e pastor: esforcemo-nos todos por ser sacerdotes credíveis e exemplares! Estamos conscientes dos limites da nossa natureza e o Senhor conhece-nos profundamente; mas recebemos uma graça extraordinária, foi-nos confiado um tesouro precioso do qual somos ministros, servidores. E ao servo pede-se fidelidade. Nenhum de nós está isento das sugestões do mundo, e a cidade, com os seus milhares de propostas, poderia afastar-nos do desejo de uma vida santa, induzindo a um nivelamento por baixo, onde se perdem os profundos valores do ser presbítero. Deixai-vos atrair ainda pelo chamamento do Mestre, para sentir e viver o amor da primeira hora, aquele que vos impeliu a fazer escolhas fortes e renúncias corajosas. Se juntos procurarmos ser exemplares numa vida humilde, então conseguiremos exprimir a força renovadora do Evangelho para cada homem e mulher.

Uma última nota que vos quero confiar é a do olhar para os desafios do nosso tempo em chave profética. Preocupa-nos e amargura-nos quanto acontece todos os dias no mundo: ferem-nos as violências que geram morte, somos interpelados pelas desigualdades, pelas pobreza, por tantas formas de marginalização social, pelo sofrimento generalizado que assume as feições de um mal-estar que já não poupa ninguém. E estas realidades não acontecem apenas noutros lugares, longe de nós, mas atingem também a nossa cidade de Roma, marcada por múltiplas formas de pobreza e por graves emergências como a da habitação. Uma cidade em que, como observava o Papa Francisco, à “grande beleza” e ao fascínio da arte devem corresponder também «o simples decoro e a normal funcionalidade nos lugares e nas situações da vida quotidiana e comum. Pois uma cidade mais vivível para os seus cidadãos é também mais hospitaleira para todos» (Homilia nas Vésperas com Te Deum, 31 de dezembro de 2023).

O Senhor quis-nos precisamente a nós neste tempo cheio de desafios que, às vezes, nos parecem maiores do que as nossas forças! Somos chamados a abraçar estes desafios, a interpretá-los evangelicamente, a vivê-los como ocasiões de testemunho. Não os evitemos! O compromisso pastoral e do estudo se torne para todos uma escola para aprender a construir o Reino de Deus no hoje de uma história complexa e estimulante. Ultimamente tivemos o exemplo de sacerdotes santos que souberam conjugar a paixão pela história com o anúncio do Evangelho, como

os padres Primo Mazzolari e Lorenzo Milani, profetas de paz e justiça. E aqui em Roma tivemos o padre Luigi Di Liegro que, perante tanta pobreza, deu a vida para procurar caminhos de justiça e promoção humana. Recorramos à força destes exemplos para continuar a lançar sementes de santidade na nossa cidade.

Caríssimos, asseguro-vos a minha proximidade, o meu afeto e a minha disponibilidade para caminhar convosco. Confiemos ao Senhor a nossa vida sacerdotal, pedindo-lhe para crescer na unidade, exemplaridade e compromisso profético ao serviço do nosso tempo. Que nos acompanhe o veemente apelo de Santo Agostinho, que disse: «Amai esta Igreja, permaneça nesta Igreja, sede esta Igreja. Amai o bom Pastor, o belo Esposo, que não engana ninguém e não quer que ninguém pereça. Rezai também pelas ovelhas tresmalhadas: que também elas venham, também elas reconheçam, também elas amem, a fim de que haja um só rebanho e um só pastor» (Sermão 138, 10). Obrigado!

**66. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV
AOS PARTICIPANTES NA ESCOLA DE VERÃO
DE ASTROFÍSICA
PROMOVIDA PELA SPECOLA VATICANA
Sala do Consistório
Segunda-feira, 16 de junho de 2025**

Bom dia e bem-vindos.

Tenho a satisfação de poder saudar todos vós, estudantes e académicos de diversas partes do mundo que participam na Escola de Verão da Specola Vaticana. Desejo-vos o melhor para que esta experiência de convivência e estudo não seja apenas um enriquecimento académico e pessoal, mas que também contribua para desenvolver amizades e formas de colaboração que só podem favorecer o progresso da ciência ao serviço da nossa única família humana.

A Escola de Verão deste ano está dedicada, segundo me disseram, ao tema: «Explorar o universo com o telescópio espacial James Webb». Sem dúvida, este deve ser um momento emocionante para ser astrónomo! Graças a esse instrumento verdadeiramente notável, pela primeira vez somos capazes de perscrutar as profundezas da atmosfera dos exoplanetas, onde poderia desenvolver-se a vida, e estudar as ne-

bulosas, onde se formam os próprios sistemas planetários. Com o Webb podemos até rastrear a luz antiga de galáxias distantes, que nos fala do próprio início do nosso universo.

Os autores das Sagradas Escrituras, ao escreverem há tantos séculos, não puderam usufruir deste privilégio. Contudo, a sua imaginação poética e religiosa refletiu sobre como poderia ter sido o momento da criação, quando «as estrelas brilham alegres nos seus postos de guarda; Ele as chama e elas respondem: “Aqui estamos”, e resplandecem de alegria por aquele que as criou» (Baruc 3, 34). Hoje, acaso não nos encham de assombro e, de facto, de uma misteriosa alegria as imagens do James Webb ao contemplarmos a sua sublime beleza?

A equipa científica do Telescópio Espacial trabalhou arduamente para que estas imagens estivessem disponíveis ao público, algo pelo qual todos podemos estar gratos. Mas, de modo especial, todos vós que participais na Escola de Verão recebestes os conhecimentos e a formação que vos permitirão utilizar este extraordinário instrumento para ampliar o nosso conhecimento do cosmos, do qual somos uma parte minúscula, mas significativa.

Naturalmente, nenhum de vós chegou até aqui sozinho. Cada um faz parte de uma comunidade muito mais ampla. Pensai em todas as pessoas que trabalharam durante os últimos trinta anos para construir o Telescópio Espacial e os seus instrumentos, e naqueles que trabalharam para desenvolver as ideias científicas cuja verificação foi projetada. Para além da contribuição dos vossos colegas cientistas, engenheiros e matemáticos, é também graças ao apoio das vossas famílias e de muitos amigos que pudestes apreciar e participar nesta extraordinária empresa, que nos permitiu ver de uma maneira nova o mundo que nos rodeia.

Portanto, nunca vos esqueçais de que aquilo que fazeis é para o benefício de todos nós.

Sede generosos ao partilhar o que aprendeis e o que experimentais, na medida das vossas possibilidades e de qualquer forma que puderdes. Não hesiteis em partilhar a alegria e o assombro que vos causa contemplar as «sementes» que, nas palavras de Santo Agostinho, Deus espalhou na harmonia do universo (cf. *De Genesis ad litteram*, V, 23, 44-45). Quanto mais alegria partilhades, mais alegria creareis e, assim, através da vossa busca do conhecimento, cada um de vós poderá contribuir para a construção de um mundo mais pacífico e justo.

Com estas reflexões, meus amigos, agradeço-vos novamente a visita e asseguro-vos as minhas orações por vós, pelas vossas famílias e pelo vosso trabalho, e invoco de bom grado sobre todos vós as bênçãos de Deus, de sabedoria e compreensão, de alegria e de paz.

Que Deus vos abençoe.

**67. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV
AOS BISPOS DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA
Aula da Bênção
Terça-feira, 17 de junho de 2025**

Queridos irmãos e irmãs:

Alegra-me muito poder encontrar-vos. Esta Aula, situada entre a Basílica e a Praça, está impregnada das emoções que marcaram os acontecimentos mais recentes. Por aqui deve passar o Papa para se mostrar na Loggia central. O querido Papa Francisco o fez para a sua última mensagem pascal *Urbi et Orbi*, um último e comovente apelo à paz para todos os povos. Também eu, na noite da minha eleição, quis fazer ressoar o anúncio do Senhor ressuscitado: «A paz esteja convosco!» (cf. Lc 24,36; Jo 20,19).

Agradeço pelas vossas orações e pelas de vossas comunidades: preciso muito delas! Agradeço especialmente ao cardeal Zuppi, também pelas palavras que me dirigiu. Saúdo os três vice-presidentes, o secretário-geral e a cada um de vós. A história da Igreja na Itália mostra o vínculo especial que vos une ao Papa e que – como estabelece o Estatuto da CEI – «caracteriza de forma singular a comunhão da Conferência com o Romano Pontífice» (art. 4 § 2). Seguindo o exemplo dos meus predecessores, reconheço a importância deste vínculo «comum e particular», como o definiu São Paulo VI ao dirigir-se à primeira Assembleia Geral da CEI (cf. Discurso, 23 de junho de 1966).

No exercício do meu ministério junto a vós, queridos irmãos, desejo inspirar-me nos princípios da colegialidade, tal como foram desenvolvidos pelo Concílio Vaticano II. A constituição *Lumen gentium* lembra que o Senhor Jesus constituiu os apóstolos «como um colégio estável, do qual colocou Pedro como cabeça, escolhido entre eles» (n. 19). Assim

estais chamados a viver o vosso ministério: em colegialidade entre vós e em comunhão com o sucessor de Pedro.

Este princípio de comunhão também se reflete numa colaboração leal e construtiva com as autoridades civis. A CEI é um espaço de diálogo e de síntese do discernimento dos bispos sobre as questões mais relevantes para o bem comum. Quando necessário, orienta e coordena as relações dos bispos e das conferências episcopais regionais com as autoridades locais.

O Papa Bento XVI, em 2006, descrevia a Igreja na Itália como «uma realidade muito viva, com uma presença ampla entre pessoas de todas as idades e condições», onde «as tradições cristãs permanecem ainda hoje bem enraizadas e continuam a dar frutos» (Discurso no IV Congresso Eclesial Nacional, 19 de outubro de 2006). No entanto, a comunidade cristã neste país enfrenta há algum tempo desafios cada vez mais complexos: o avanço do secularismo, um crescente distanciamento da fé e uma grave crise demográfica. Nesse contexto – assinalava o Papa Francisco – «é-nos pedido audácia, para não nos resignarmos a situações tão enraizadas que parecem normais ou impossíveis de mudar. A profecia – afirmava – não exige rupturas violentas, mas decisões corajosas, próprias de uma autêntica comunidade eclesial: decisões que nos permitem sermos interpelados pelos acontecimentos e pelas pessoas, e entrar nas situações humanas animados pelo espírito curador das Bem-aventuranças» (Discurso de abertura da 70ª Assembleia Geral da CEI, 22 de maio de 2017).

Em virtude do vínculo privilegiado entre o Papa e os bispos italianos, desejo propor-vos algumas prioridades pastorais que o Senhor hoje coloca em nosso caminho, e que requerem reflexão, ação concreta e testemunho evangélico. Trata-se de voltar a colocar Jesus Cristo no centro e, seguindo o caminho traçado por *Evangelii gaudium*, ajudar as pessoas a viver uma relação pessoal com Ele, para redescobrir a alegria do Evangelho.

Neste tempo de grande fragmentação, é urgente retornar aos fundamentos da nossa fé: ao kerygma. Este é o primeiro grande compromisso que dá sentido a todos os outros: levar Cristo «às veias» da humanidade (cf. Const. ap. *Humanae salutis*, 3), renovando e partilhando a missão apostólica: «O que vimos e ouvimos, também vos anunciamos» (1Jo 1,3). É necessário, portanto, discernir os modos concretos de fazer chegar a Boa Nova a todos, com ações pastorais capazes de alcançar os mais

afastados, e com ferramentas que permitam renovar a catequese e a linguagem do anúncio.

A relação com Cristo nos impulsiona a assumir uma responsabilidade pastoral concreta pela paz. Ele mesmo nos envia com seu dom: «A paz esteja convosco!», e nos convida a ser construtores de paz onde se desenrola a vida cotidiana: nas paróquias, bairros, zonas rurais, periferias urbanas e existenciais. Onde as relações humanas se fragmentam e o conflito emerge – às vezes de forma sutil – deve tornar-se visível uma Igreja capaz de reconciliação. O apóstolo Paulo nos exorta: «Na medida do possível, e enquanto depender de vós, vivei em paz com todos» (Rm 12,18). Cada um recebe assim uma parcela concreta de responsabilidade.

Desejo, portanto, que cada diocese promova itinerários de educação para a não-violência, iniciativas de mediação em conflitos locais e projetos de acolhimento que transformem o medo do outro em oportunidade de encontro.

Que cada comunidade seja uma “casa de paz”, onde se aprenda a desativar a hostilidade pelo diálogo, onde se pratique a justiça e se cultive o perdão. A paz não é uma utopia espiritual: é um caminho humilde, feito de gestos cotidianos que entrelaçam paciência e coragem, escuta e ação. E este caminho exige hoje, mais do que nunca, a nossa presença vigilante e geradora.

Também estão os desafios que interpelam nosso respeito pela dignidade da pessoa humana. A inteligência artificial, as biotecnologias, a economia de dados e as redes sociais estão transformando profundamente nossa percepção e experiência da vida. Nesse cenário, a dignidade do humano corre o risco de ser achatada ou mesmo esquecida, substituída por funções, automatismos, simulações.

Mas a pessoa não é um sistema de algoritmos: é criatura, relação, mistério. Por isso, permito-me expressar um desejo: que o caminho das Igrejas na Itália inclua, em coerente sintonia com a centralidade de Jesus, uma visão antropológica como ferramenta essencial do discernimento pastoral. Sem uma reflexão viva sobre o humano — na sua corporalidade, vulnerabilidade, sede de infinito e capacidade de vínculo — a ética reduz-se a um código e a fé corre o risco de tornar-se desencarnada.

Recomendo, em particular, cultivar a cultura do diálogo. É belo que to-

das as realidades eclesiais — paróquias, associações e movimentos — sejam espaços de escuta entre gerações, de encontro com mundos diversos, de cuidado com as palavras e com as relações. Porque só onde há escuta pode nascer a comunhão, e só onde há comunhão a verdade torna-se crível. Encorajo-vos a continuar por esse caminho.

Anúncio do Evangelho, paz, dignidade humana, diálogo: estas são as coordenadas que vos permitirão ser uma Igreja que encarna o Evangelho e é sinal do Reino de Deus.

Para concluir, gostaria de deixar-vos algumas exortações para o tempo que vem. Em primeiro lugar: avançai na unidade, especialmente no caminho sinodal. O Senhor — escreve São Agostinho — «para manter bem unido e em paz o seu corpo, assim interpela a Igreja pela boca do Apóstolo: Não pode o olho dizer à mão: não te necessito; nem a cabeça aos pés: não vos necessito.

Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido, onde o olfato?» (Exposição sobre o Salmo 130, 6). Permanecei unidos e não vos defendeis das provocações do Espírito. Que a sinodalidade se torne mentalidade, coração, processo de decisão e modo de agir.

Em segundo lugar, olhai para o futuro com serenidade e não temais tomar decisões corajosas. Ninguém poderá impedir-vos de estar próximos das pessoas, partilhar a vida, caminhar com os últimos, servir os pobres. Ninguém poderá impedir-vos de anunciar o Evangelho, e é o Evangelho que estamos enviados a levar, porque é justamente isso que todos, nós os primeiros, precisamos para viver bem e ser felizes.

Assegurai que os fiéis leigos, nutridos com a Palavra de Deus e formados na doutrina social da Igreja, sejam protagonistas da evangelização nos locais de trabalho, nas escolas, nos hospitais, nos ambientes sociais e culturais, na economia, na política.

Queridíssimos, caminhemos juntos, com alegria no coração e com o canto nos lábios. Deus é maior que nossas mediocridades: deixemo-nos atrair por Ele. Confiemos na sua providência. Encomendo-vos a todos à proteção da Santíssima Virgem Maria: a Virgem de Loreto, de Pompeia e dos inúmeros santuários que pontilham toda a Itália. E acompanho-vos com a minha bênção. Obrigado!

**68. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV
AOS PARTICIPANTES DO EVENTO PROMOVIDO
PELA FUNDAÇÃO CARDINAL DOMENICO BARTOLUCCI
POR OCASIÃO DO 500.º ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE G.P. DA
PALESTRINA
Sala Regia
Quarta-feira, 18 de junho de 2025**

Queridos irmãos e irmãs, boa tarde!

Depois de ouvir essas vozes angelicais, quase seria melhor não falar e nos deixarmos levar por esta experiência tão bela...

Gostaria de saudar Sua Eminência, o Cardeal Dominique Mamberti, a irmã Raffaella Petrini, os estimados palestrantes e os ilustres convidados. Participo com alegria deste encontro em que, por meio da palavra e da música, celebramos a nova emissão filatélica promovida pela Fundação Bartolucci e realizada pelos Correios do Vaticano por ocasião do quinto centenário de Palestrina.

Giovanni Pierluigi da Palestrina foi, na história da Igreja, um dos compositores que mais contribuiu para a promoção da música sacra, «para a glória de Deus e a santificação e edificação dos fiéis» (São Pio X, Motu proprio *Inter plurimas pastoralis officii sollicitudines*, 22 de novembro de 1903, 1), no delicado e ao mesmo tempo apaixonante contexto da Contrarreforma. Suas composições, solenes e austeras, inspiradas no canto gregoriano, unem estreitamente música e liturgia, «tanto dando à oração uma expressão mais suave e favorecendo a unanimidade, quanto enriquecendo com maior solenidade os ritos sagrados» (Conc. Ecum. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 112).

A própria polifonia, por sua vez, é uma forma musical carregada de significado, para a oração e para a vida cristã. Em primeiro lugar, inspira-se no Texto Sagrado, ao qual se propõe «vestir com melodias adequadas» (*Inter sollicitudines*, 1), para que chegue melhor «à inteligência dos fiéis» (ibíd.). Além disso, realiza esse objetivo confiando as palavras a várias vozes, que as repetem cada uma à sua maneira e de forma original, com movimentos melódicos e harmônicos variados e complementares. Por fim, harmoniza o conjunto graças à maestria com que o compositor desenvolve e entrelaça as melodias, respeitando as regras do contraponto, fazendo com que umas ecoem as outras, criando às vezes até dissonâncias, que depois encontram sua resolução em novos acordes.

O efeito dessa unidade dinâmica na diversidade — metáfora de nosso caminho comum de fé sob a guia do Espírito Santo — é ajudar o ouvinte a entrar com maior profundidade no mistério expresso pelas palavras, respondendo, quando oportuno, com responsórios ou in alternatim.

Precisamente graças a essa riqueza de forma e conteúdo, a tradição polifônica romana, além de nos deixar um imenso patrimônio artístico e espiritual, continua hoje, no âmbito musical, sendo um ponto de referência a ser observado, com as devidas adaptações, na composição sacra e litúrgica, para que, através do canto, «os fiéis participem plena, consciente e ativamente na Liturgia» (Sacrosanctum Concilium, 14), com profunda implicação da voz, da mente e do coração. De tudo isso, a Missa Papae Marcelli, em seu gênero, é um exemplo por excelência, assim como o precioso repertório de composições que nos deixou o inesquecível Cardeal Domenico Bartolucci, ilustre compositor e diretor da Capela Musical Pontifícia “Sixtina” por quase cinquenta anos.

Portanto, agradeço a todos que tornaram este encontro possível: à Fundação Bartolucci, aos palestrantes, ao coro e a todos vocês. Recordo-os em minha oração. Santo Agostinho, falando sobre o canto do Aleluia pascal, dizia: «Cantemos, portanto, agora, meus irmãos [...]. Como costumam cantar os caminheiros, canta, mas caminha [...]. Avança, avança no bem [...]. Canta e caminha! Não te desvie do caminho, não olhes para trás, não pares!» (Sermo 256, 3). Façamos nossa essa sua exortação, especialmente neste tempo santo de júbilo. A todos, minha bênção.

**69. PALAVRAS DO PAPA LEÃO XIV
AOS SACERDOTES DA PONTIFÍCIA ACADEMIA ECLESIASTICA
QUE REGRESSAM APÓS UM ANO MISSIONÁRIO
Palácio Apostólico
Sexta-feira, 20 de junho de 2025**

É com prazer que hoje me encontro convosco e dirijo a cada um de vós as minhas cordiais saudações. Dou as boas-vindas ao vosso Presidente, Sua Excelência D. Salvatore Pennacchio, ao vosso Prefeito de Estudos, Mons. Gabriel Viola, e a vós, caríssimos Sacerdotes, que regressais da experiência do Ano Missionário, coroação da vossa formação na Pontifícia Academia Eclesiástica.

Na semana passada, encontrando-me com os vossos companheiros da

Alma Mater dos Diplomatas pontifícios, tive a oportunidade de reiterar o valor desta intuição formativa, introduzida pelo meu venerável Predecessor. Exortei-os a ser e a permanecer «pastores com os pés no chão», a encarnar aquela figura do sacerdote ao serviço do Papa nas Representações pontifícias, bem delineada no Quirógrafo O ministério petrino, com o qual se quis dar um novo impulso à vossa plurissecular Instituição, já próxima da celebração do 325º aniversário de fundação.

Como afirmei por ocasião de alguns encontros no contexto do recente Jubileu da Santa Sé, a preservação daquela solicitude por todas as Igrejas - própria do ministério que me foi confiado – tem necessidade do serviço fiel e insubstituível da Secretaria de Estado e dos Representantes pontifícios, com os quais em breve começareis a colaborar.

Por isso, exorto-vos também a exercer o dom do vosso sacerdócio com humildade e mansidão, capacidade de escuta e proximidade, como discípulos fiéis e incansáveis de Cristo Bom Pastor. Quaisquer que sejam as tarefas que vos forem confiadas, seja qual for a parte do mundo em que vos encontrardes, o Papa deve poder contar com sacerdotes que, tanto na oração como no trabalho, não se poupem para levar a sua proximidade aos povos e às Igrejas com o seu testemunho.

Agradeço-vos mais uma vez a docilidade e a abnegação com que vos dedicastes ao longo do ano passado nos mais variados contextos, e abençoo de coração o início do vosso ministério no serviço diplomático da Santa Sé.

**70. DISCURSO DO PAPA LEÃO XIV
AOS PARTICIPANTES NOS CAPÍTULOS GERAIS:
FRADES MENORES CONVENTUAIS;
ORDEM DA SANTÍSSIMA TRINIDADE PARA A REDENÇÃO
DOS CATIVOS
(TRINITÁRIOS)
Sala Clementina
Sexta-feira, 20 de junho de 2025**

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo!
A paz esteja convosco!

Bem-vindos, amados irmãos e irmãs! Saúdo em particular os Superiores-gerais - ambos foram confirmados - os Conselheiros e os Capitulares

da Ordem dos Frades Menores Conventuais e da Ordem da Santíssima Trindade e dos escravos, assim como os delegados das Ordens Terceiras e dos grupos laicais.

Poder receber juntos Franciscanos e Trinitários fez-me lembrar uma pintura que se encontra na abside da Basílica de São João de Latrão, que representa uma audiência da qual esta poderia ser uma bonita evocação. Com efeito, a imagem mostra o Papa Inocêncio III que recebe São Francisco e São João de Mata juntos, a fim de honrar a sua grande contribuição para a reforma da vida religiosa.

É interessante observar que São Francisco é representado de joelhos, com um enorme livro aberto, quase como se estivesse prestes a dizer ao Pontífice: «Santidade, peço-lhe apenas para viver a regra do Santo Evangelho sine glossa» (cf. Test 14-15). São João de Mata, pelo contrário, está de pé e segura nas mãos a Regra que redigiu com o Pontífice. Se São Francisco mostra a sua docilidade à Igreja, apresentando o seu projeto não como próprio, mas como dádiva divina, São João de Mata mostra o texto aprovado, após o estudo e o discernimento, como ápice de um trabalho absolutamente necessário para realizar o propósito que Deus inspirou. As duas atitudes, longe de estar em contraste entre elas, iluminar-se-iam mutuamente, constituindo uma linha-guia para o serviço que desde então a Santa Sé desempenhou a favor de todos os carismas.

Deus inspirou nestes dois Santos não apenas um caminho espiritual de serviço, mas também o desejo de se confrontar com o Sucessor de Pedro sobre o dom recebido do Espírito para o pôr à disposição da Igreja. São Francisco expõe ao Papa a necessidade de seguir Jesus sem reservas, sem outras finalidades, sem ambiguidades nem artifícios. São João de Mata exprimiu esta verdade com palavras que depois se revelariam fundamentais e que São Francisco tornaria suas. Um bom exemplo consistirá em viver «sem nada de próprio», sem nada «escondido na cela, no bolso ou no coração», como realçou o Papa Francisco (cf. Discurso às Canonisas da Ordem do Espírito Santo, 5 de dezembro de 2024). Outro destes termos exprime a necessidade de que tal dedicação se transforme em serviço, de que o superior seja visto como ministro, isto é, aquele que se faz menor, para ser o servo de todos. É interessante constatar que o versículo de São Mateus (cf. 20, 27) influenciou o vocabulário de toda a vida religiosa, pois chamar de prior, mestre, magister ou ministro molda todo o conceito de autoridade como serviço.

Para atualizar este dom, vós, trinitários, quisestes centrar-vos no propó-

sito do vosso Instituto: levar consolação a quantos não podem viver a fé em liberdade. Durante estes meses transformastes em oração este desejo, seguindo as palavras de São Paulo: «Perseguidos, mas não abandonados; derrubados, mas não aniquilados» (2 Cor 4, 9), que inspiram o lema do vosso capítulo. Uno-me a esta oração e peço também a Deus Trindade que este seja um dos frutos da vossa assembleia, que não deixeis de recordar na vossa oração e esforço diário quantos são perseguidos por causa da fé. Esta parte, a terceira - relativa aos perseguidos - segundo o magistério de Santo Agostinho, é a parte de Deus, que marca a vocação do libertador do seu Povo (cf. Questões sobre o Heptateuco, lib. II, 15).

Além disso, esta tensão para os membros mais sofredores da Igreja chamará a atenção das vocações, dos fiéis e dos homens de boa vontade para esta realidade, mantendo-vos disponíveis para os serviços de fronteira que desempenhais na Península Arábica, no Médio Oriente, na África e no subcontinente indiano.

Outro elemento essencial do vosso propósito neste Capítulo, Frades Menores Conventuais, consistiu em realizar um discernimento sobre os regulamentos dos Capítulos gerais e provinciais, porque neles «se fala das realidades de Deus».

Não é o nosso interesse pessoal que nos deve mover, mas sim o de Cristo; é o seu Espírito que devemos ouvir em primeiro lugar, para «escrever o futuro no presente» - como reza o lema do vosso Capítulo. Ouvi-lo na voz do irmão, no discernimento da comunidade, na atenção aos sinais dos tempos, nos apelos do Magistério. Amados filhos de São Francisco de Assis, no oitavo centenário da composição do Cântico das criaturas ou do irmão sol, exorto-vos a ser, cada um pessoalmente e em cada uma das vossas confrarias, uma recordação viva do primado do louvor de Deus na vida cristã. E não quero esquecer que vós, Conventuais, celebrais o aniversário da vossa renovada presença no Extremo Oriente.

Caríssimos, gostaria de concluir este encontro com os Louvores a Deus Altíssimo, o triságio escrito por São Francisco: «Tu és santo, Senhor, único Deus, que realizas maravilhas. Tu és forte, Tu és grande, Tu és altíssimo, Tu és rei todo-poderoso, Tu, Pai santo, rei do céu e da terra» (Fontes Franciscanas, 261).

Obrigado a todos vós e que Deus vos abençoe!

**71. DISCURSO DO PAPA LEÃO XIV
AOS PARTICIPANTES NO JUBILEU DOS GOVERNANTES
Salão da Bênção
Sábado, 21 de junho de 2025**

Senhora Presidente do Conselho e Senhor Presidente da Câmara dos Deputados da República italiana
Senhora Presidente e Senhor Secretário-geral da União interparlamentar
Representantes de Instituições acadêmicas e Líderes religiosos!

Tenho o prazer de vos receber, por ocasião do encontro da União interparlamentar internacional, no Jubileu dos Governantes e Administradores. Saúdo os membros das Delegações de sessenta e oito países. Entre eles, uma menção especial aos Presidentes das respectivas Instituições parlamentares.

A ação política foi justamente definida por Pio XI como «a mais alta forma de caridade» (Discurso à Federação universitária católica italiana, 18 de dezembro de 1927). E, com efeito, se considerarmos o serviço que presta a favor da sociedade e do bem comum, ela revela-se verdadeiramente como uma obra daquele amor cristão que nunca é teoria, mas sempre sinal e testemunho concreto da ação de Deus em benefício dos homens (cf. Francisco, Carta Encíclica *Fratelli tutti*, 176-192).

Por isso, esta manhã gostaria de partilhar convosco três aspetos que considero importantes no atual contexto cultural.

O primeiro diz respeito à tarefa que vos foi confiada de promover e tutelar, acima de qualquer interesse particular, o bem da comunidade, o bem comum, especialmente em defesa dos mais frágeis e marginalizados. Trata-se, por exemplo, de lutar para superar a inaceitável desproporção entre uma riqueza possuída por poucos e uma pobreza sem limites (cf. Leão XIII, Carta Encíclica *Rerum novarum*, 15 de maio de 1891, 1). Quem vive em condições extremas clama para que a sua voz seja ouvida e, muitas vezes, não encontra ouvidos dispostos a escutá-lo. Este desequilíbrio gera situações de injustiça permanente, que facilmente levam à violência e, mais cedo ou mais tarde, ao drama da guerra. Por outro lado, uma boa ação política, favorecendo a justa distribuição dos recursos, pode prestar um serviço eficaz à harmonia e à paz, tanto a nível social como no âmbito internacional.

A segunda reflexão diz respeito à liberdade religiosa e ao diálogo inter-religioso. Também neste campo, hoje cada vez mais atual, a ação política pode fazer muito, promovendo condições para uma efetiva liberdade religiosa e o desenvolvimento de um encontro respeitoso e construtivo entre as diferentes comunidades religiosas. A crença em Deus, com os valores positivos que dela derivam, é na vida dos indivíduos e das comunidades uma imensa fonte de bem e de verdade. A este propósito, Santo Agostinho falava de uma passagem do homem do amor sui - amor egoísta por si mesmo, fechado e destrutivo - ao amor Dei - amor gratuito, que tem a sua raiz em Deus e leva ao dom de si - como elemento fundamental na construção da civitas Dei, isto é, de uma sociedade em que a lei fundamental é a caridade (cf. De civitate Dei, XIV, 28).

Então, para ter um ponto de referência unitário na ação política, em vez de excluir a priori nos processos decisórios a consideração do transcendente, será útil procurar nele o que une todos. Para esta finalidade, uma referência imprescindível é a lei natural, não escrita pelas mãos do homem, mas reconhecida como válida universalmente e em todos os tempos, que encontra na própria natureza a sua forma mais plausível e convincente. Já na Antiguidade, Cícero era um seu intérprete autorizado, escrevendo no De re publica: «A lei natural é a reta razão, em conformidade com a natureza, universal, constante e eterna que, com os seus ordenamentos, convida ao dever, e com as suas proibições dissuade do mal [...]. Não é permitido fazer qualquer alteração a esta lei, nem subtrair qualquer parte dela, nem é possível aboli-la completamente; nem podemos, por meio do Senado ou do povo, libertar-nos dela, nem é necessário procurar o seu legislador ou intérprete. E não haverá uma lei em Roma, uma em Atenas, uma agora, outra depois; mas uma lei eterna e imutável governará todos os povos em todos os tempos» (Cícero, De re publica, III, 22).

A lei natural, universalmente válida, além e acima de outras convicções de cunho mais discutível, constitui a bússola pela qual se deve orientar a legislação e a ação, em particular no que diz respeito a questões éticas delicadas que hoje se apresentam de forma muito mais evidente do que no passado, tocando a esfera da intimidade pessoal.

A Declaração Universal dos Direitos do Homem, aprovada e proclamada pelas Nações Unidas a 10 de dezembro de 1948, já pertence à herança cultural da humanidade. Este texto, sempre atual, pode contribuir em grande medida para colocar a pessoa humana, na sua in-

tegridade inviolável, como fundamento da busca da verdade, para restituir a dignidade a quem não se sente respeitado no seu íntimo e nas exigências da sua consciência.

E chegamos à terceira consideração. O grau de civilização alcançado no nosso mundo, e os objetivos a que sois chamados a responder, encontram hoje um grande desafio na inteligência artificial. Trata-se de uma evolução que certamente será uma ajuda válida para a sociedade, na medida em que, no entanto, a sua utilização não leve a pôr em causa a identidade e a dignidade da pessoa humana e as suas liberdades fundamentais. Em particular, não se deve esquecer que a inteligência artificial tem a função de ser um instrumento para o bem do ser humano, não para o diminuir nem para definir a sua derrota. O que se perfila é, portanto, um notável desafio, que exige muita atenção e um olhar clarividente para o futuro, a fim de conceber, até no contexto de novos cenários, estilos de vida saudáveis, justos e seguros, especialmente em benefício das jovens gerações.

A vida pessoal vale muito mais do que um algoritmo, e as relações sociais requerem espaços humanos muito superiores aos esquemas limitados que qualquer máquina sem alma pode pré-embalar. Não esqueçamos que, embora seja capaz de armazenar milhões de dados e de oferecer respostas a tantas perguntas em poucos segundos, a inteligência artificial permanece dotada de uma “memória” estática, de modo algum comparável à do homem e da mulher que é, pelo contrário, criativa, dinâmica, generativa, capaz de unir passado, presente e futuro numa busca viva e fecunda de sentido, com todas as implicações éticas e existenciais que daí derivam (cf. Francisco, Discurso à sessão do G7 sobre a Inteligência artificial, 14 de junho de 2024).

A política não pode ignorar uma provocação deste alcance. Pelo contrário, é chamada a responder a muitos cidadãos que, com razão, olham para os desafios desta nova cultura digital com confiança e, ao mesmo tempo, com preocupação.

Por ocasião do Jubileu do Ano 2000, São João Paulo II indicou aos políticos São Tomás More, como testemunha a ter em conta e intercessor sob cuja proteção se comprometer. Com efeito, Sir Thomas More foi um homem fiel às suas responsabilidades cívicas, um perfeito servidor do Estado precisamente em virtude da sua fé, que o levou a interpretar a política não como profissão, mas como missão para o crescimento da verdade e do bem. Ele «colocou a sua atividade pública ao serviço da

peessoa, especialmente se frágil ou pobre; tratou as controvérsias sociais com um requintado sentido de justiça; salvaguardou a família, defendendo-a com um esforço árduo; promoveu a educação integral da juventude» (Carta apostólica sob forma de Motu proprio E Sancti Thomae Mori, 31 de outubro de 2000, 4). A coragem com que não hesitou em sacrificar a própria vida para não trair a verdade faz dele ainda hoje, para nós, um mártir da liberdade e do primado da consciência. Possa o seu exemplo ser também fonte de inspiração e organização para cada um de vós.

Ilustres Senhoras e Senhores, obrigado por esta visita. Formulo-vos os melhores votos para o vosso compromisso e invoco bênçãos celestiais sobre vós e os vossos entes queridos.

Obrigado a todos vós! Deus vos abençoe bem como o vosso trabalho. Obrigado!

**72. JUBILEU DOS SEMINARISTAS
MEDITAÇÃO DO PAPA LEÃO XIV
Basílica de São Pedro, Altar da Confissão
Terça-feira, 24 de junho de 2025**

Obrigado, obrigado a todos!

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A paz esteja convosco!

Eminências, Excelências, formadores e especialmente todos vós, seminaristas, bom dia a todos!

Estou muito feliz por me encontrar convosco e agradeço a todos, seminaristas e formadores, pela vossa calorosa presença. Obrigado, em primeiro lugar, pela vossa alegria e por este vosso entusiasmo. Obrigado, pois com a vossa energia alimentais a chama da esperança na vida da Igreja!

Hoje não sois apenas peregrinos, mas também testemunhas de esperança: dais testemunho dela a mim e a todos, porque vos deixastes envolver na fascinante aventura da vocação sacerdotal, num tempo que não é fácil. Aceitastes a chamada a tornar-vos anunciadores mansos e fortes da Palavra que salva, servidores de uma Igreja aberta, de uma Igreja em saída missionária.

E digo uma palavra também em espanhol: obrigado por terdes aceitado com coragem o convite do Senhor para o seguir, para serdes discípulos, para entrardes no seminário. Deveis ser corajosos, não tenhais medo.

A Cristo que vos chama dizeis “sim”, com humildade e coragem; e este vosso “eis-me”, que lhe dirigis, germina no seio da vida da Igreja, acompanhado pelo necessário caminho de discernimento e formação.

Como bem sabeis, Jesus chama-vos sobretudo a viver uma experiência de amizade com Ele e com os companheiros de caminho (cf. Mc 3, 13); uma experiência destinada a crescer de modo permanente também depois da Ordenação, envolvendo todos os aspetos da vida. Com efeito, não há nada em vós que deve ser descartado, mas tudo deverá ser assumido e transfigurado na lógica do grão de trigo, para vos tornardes pessoas e sacerdotes felizes, “pontes”, não obstáculos ao encontro com Cristo para todos aqueles que se aproximam de vós. Sim, Ele deve crescer e nós devemos diminuir, para podermos ser pastores segundo o seu Coração. [1]

A propósito do Coração de Jesus Cristo, como não deixar de recordar a Encíclica *Dilexit* nos, que nos foi confiada pelo amado Papa Francisco? [2] Precisamente neste tempo que viveis, ou seja, o tempo da formação e do discernimento, é importante prestar atenção ao centro, ao “motor” de todo o vosso caminho: o coração! Seja qual for o modo de o conceber, o seminário deveria ser uma escola de afetos. Hoje, em particular, num contexto social e cultural marcado pelo conflito e pelo narcisismo, temos necessidade de aprender a amar, e a fazê-lo como Jesus. [3]

Assim como Cristo amou com coração de homem, [4] também vós sois chamados a amar com o Coração de Cristo! Amar com o Coração de Jesus! Mas, para aprender esta arte, é preciso trabalhar a interioridade, onde Deus faz ouvir a sua voz e onde nascem as decisões mais profundas; mas que é também lugar de tensões e lutas (cf. Mc 7, 14-23), a converter a fim de que toda a vossa humanidade tenha o perfume de Evangelho. Portanto, o primeiro trabalho deve ser feito na interioridade. Lembrai-vos bem do convite de Santo Agostinho a voltar ao coração, pois é nele que se encontram os vestígios de Deus.

Às vezes, descer ao coração pode assustar-nos, dado que nele existem também feridas. Não tenhais medo de cuidar dele, deixai que vos ajudem, pois é precisamente dessas feridas que nascerá a capacidade de

estar próximo de quem sofre. Sem a vida interior, nem sequer a vida espiritual é possível, porque Deus nos fala precisamente ali, no coração. Deus fala-nos no coração, devemos saber ouvi-lo.

O exercício para aprender a reconhecer os movimentos do coração também faz parte desta labuta interior: não só as emoções rápidas e imediatas que caracterizam a alma dos jovens, mas sobretudo os vossos sentimentos, que vos ajudam a descobrir o rumo da vossa vida. Se aprenderdes a conhecer o vosso coração, sereis cada vez mais autênticos e não tereis necessidade de usar máscaras.

E o caminho privilegiado que nos conduz à interioridade é a oração: numa época em que estamos hiperconectados, é cada vez mais difícil fazer a experiência do silêncio e da solidão. Sem o encontro com Ele, nem sequer conseguimos conhecer-nos verdadeiramente a nós próprios.

Convido-vos a invocar frequentemente o Espírito Santo, para que Ele plasme em vós um coração dócil, capaz de captar a presença de Deus, também ouvindo as vozes da natureza e da arte, da poesia, da literatura, [5] da música e das ciências humanas. [6] No compromisso rigoroso no estudo teológico, sabeis ouvir também com mente e coração abertos as vozes da cultura, como os recentes desafios da inteligência artificial e das redes sociais. [7] Acima de tudo, como Jesus, sabeis escutar o grito muitas vezes silencioso dos pequeninos, dos pobres, dos oprimidos e de tantos, especialmente jovens, que procuram um sentido para a própria vida.

Se cuidardes do vosso coração, com momentos diários de silêncio, meditação e oração, conseguireis aprender a arte do discernimento. Também este é um trabalho importante: aprender a discernir. Quando somos jovens, trazemos dentro de nós muitos desejos, tantos sonhos e ambições. O coração está muitas vezes cheio e podemos sentir-nos confusos. No entanto, seguindo o modelo da Virgem Maria, a nossa interioridade deve tornar-se capaz de preservar e meditar. Capaz de *synballein* - como escreve o evangelista Lucas (2, 19.51): unir os fragmentos. [8] Cuidado com a superficialidade, uni os fragmentos da vida na oração e na meditação, perguntando-vos: o que me ensina a vida? O que diz ao meu caminho? Para onde me conduz o Senhor?

Caríssimos, tende um coração manso e humilde, como o de Jesus (cf. Mt 11, 29). A exemplo do apóstolo Paulo (cf. Fl 2, 5ss.), assumi os sen-

timentos de Cristo, para progredir na maturidade humana, sobretudo afetiva e relacional. É importante, aliás necessário, desde o tempo do Seminário, apostar muito no amadurecimento humano, rejeitando qualquer máscara e hipocrisia. Mantendo o olhar fixo em Jesus, é preciso aprender a dar nome e voz inclusive à tristeza, ao medo, à angústia, à indignação, colocando tudo na relação com Deus. As crises, os limites e as fragilidades não devem ser ocultados; aliás, são ocasiões de graça e de experiência pascal.

Num mundo onde muitas vezes há ingratidão e sede de poder, onde às vezes parece prevalecer a lógica do descarte, sois chamados a dar testemunho da gratidão e da gratuidade de Cristo, da exultação e da alegria, da ternura e da misericórdia do seu Coração. A praticar o estilo do acolhimento e da proximidade, do serviço generoso e abnegado, deixando que o Espírito Santo “unja” a vossa humanidade ainda antes da ordenação.

O Coração de Cristo é animado por uma imensa compaixão: é o bom Samaritano da humanidade e diz-nos: «Vai e faz também tu o mesmo» (Lc 10, 37). Esta compaixão impele-o a partir para as multidões o pão da Palavra e da partilha (cf. Mc 6, 30-44), deixando vislumbrar o gesto do Cenáculo e da Cruz, quando se teria oferecido a si mesmo como alimento, dizendo-nos: «Dai-lhes vós mesmos de comer» (Mc 6, 37), ou seja, fazei da vossa vida um dom de amor.

Caros Seminaristas, a sabedoria da Mãe Igreja, assistida pelo Espírito Santo, no decurso do tempo procura sempre os caminhos mais adequados para a formação dos ministros ordenados, segundo as exigências dos lugares. Qual é a vossa tarefa neste compromisso? É a de nunca vos rebaixardes, de não vos contentardes, de não serdes meros recetores passivos, mas de vos apaixonardes pela vida sacerdotal, vivendo o presente e olhando para o futuro com coração profético.

Espero que este nosso encontro ajude cada um de vós a aprofundar o diálogo pessoal com o Senhor, pedindo-lhe que assimile cada vez mais os sentimentos de Cristo, os sentimentos do seu Coração. Aquele Coração que palpita de amor por vós e por toda a humanidade!

Bom caminho! Acompanho-vos com a minha bênção.

**73. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV
AOS SEMINARISTAS DA DIOCESE DO TRIVENETO
Largo Giovanni Paolo II
Quarta-feira, 25 de junho de 2025**

Bom dia, bom dia!

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A paz esteja convosco!

Queridos irmãos no episcopado,
queridos formadores e seminaristas das dioceses do Triveneto:

Alegro-me por poder encontrar-me convosco por ocasião desta peregrinação jubilar. Creio que quase todos estiveram também ontem, pelo que esta é uma segunda oportunidade. Vossa terra possui raízes cristãs profundas, que nos remetem à antiga Igreja de Aquileia. Nesta memória espiritual de fé, brilham o testemunho de numerosos mártires e santos pastores. Recordamos o bispo Cromácio; recordamos Jerônimo e Rufino, modelos no estudo e na vida ascética; e também os bem-aventurados Tullio Maruzzo e Giovanni Schiavo, missionários que irradiaram o Evangelho entre povos, línguas e culturas diversas.

Hoje cabe a nós continuar esta obra apaixonante. Em particular, vós, seminaristas, estais chamados a inserir-vos nesta rica história de graça, para a custodiar e renová-la no seguimento do Senhor. Não vos desanimeis se o caminho que tendes pela frente se tornar, por vezes, exigente. Como disse o beato João Paulo I ao clero de Roma, é necessário treinar-se na disciplina de um «esforço continuado, longo, não fácil. Até os anjos que Jacó viu em sonhos não voavam, mas subiam um degrau após outro; imaginai-vos nós, pobres homens sem asas!» (Discurso ao clero romano, 7 de setembro de 1978). Assim falava um pastor em que resplandeceram as melhores virtudes do vosso povo: nele tendes um verdadeiro modelo de vida sacerdotal.

Gostaria também de recordar um momento chave da conversão de Santo Agostinho, tal como ele próprio o narra em suas Confissões. Por um lado, desejava entregar-se a Cristo; por outro, sentia-se retido por escrúpulos e tentações. Muito perturbado, um dia retirou-se para refletir no jardim de sua casa; e ali apareceu-lhe a virtude da Continência, personificada, que lhe disse: «Por que te sustentas — e não te sustentas — a ti mesmo? Lança-te a Deus sem temor. Ele não se afastará para te deixar cair. Lança-te com confiança: Ele te acolherá e te curará» (Conf.

VIII, 27).

Como um pai, repito estas mesmas palavras para vós, que tanto bem fizeram ao coração inquieto de Agostinho. Não se aplicam apenas ao celibato — que é um carisma a reconhecer, custodiar e educar —, mas podem orientar todo o vosso caminho de discernimento e formação para o ministério ordenado. Acima de tudo, convidam a ter uma confiança sem limites no Senhor, que é quem vos chamou, renunciando à ilusão de bastar-vos a vós mesmos ou de poder percorrer este caminho sozinhos. E isto não vale apenas para os anos de seminário, mas para toda a vida: em cada momento — e com maior razão nos de desolação ou mesmo de pecado —, repetí a vós mesmos as palavras do salmista: «Abandonando-me à fidelidade de Deus agora e sempre» (Sl 51,10). A Palavra de Deus e os sacramentos são fontes perenes das quais poderás beber sempre nova seiva para a vida espiritual e para o compromisso pastoral.

Não vos sintais sós, nem vos imagineis como sós. É certo — como diz a *Ratio Fundamentalis* — que cada um de vós «é protagonista da própria formação e está chamado a um caminho de crescimento constante no plano humano, espiritual, intelectual e pastoral» (O dom da vocação presbiteral, 130); mas ser protagonista não significa ser solista. Por isso, convido-vos a cultivar sempre a comunhão, em primeiro lugar com os vossos companheiros de seminário. Tende plena confiança nos vossos formadores, sem reservas nem jogos duplos. E vós, formadores, sede bons companheiros de caminho dos seminaristas que vos foram confiados: oferecei-lhes o testemunho humilde da vossa vida e da vossa fé; acompanhai-os com afeto sincero. Senti-vos todos sustentados pela Igreja, e em primeiro lugar pelo vosso bispo.

E, por último — e isto é o mais importante —: mantenham fixa a mirada em Jesus (cf. Hb 12,2), cultivando com Ele uma verdadeira relação de amizade. A este respeito, escreveu o sacerdote inglês Robert Hugh Benson (1871-1914), após a sua conversão ao catolicismo: «Se há algo que não deixa lugar a dúvidas no Evangelho é isto: Jesus Cristo quer ser nosso amigo. [...] O segredo que fez santos aos santos está precisamente aqui: na consciência da amizade de Jesus Cristo» (A amizade de Cristo, Milão, 2024, p. 17). Ele te pede — como escreveu o Papa Francisco na encíclica *Dilexit nos* — «que não te envergonhes de reconhecer tua amizade com o Senhor. Ele te pede que tenhas coragem de contar aos outros o bem que foi para ti tê-Lo encontrado» (n. 211). Encontrar-se com Jesus salva a nossa vida e nos dá força e alegria para anunciar o Evangelho a todos.

Queridíssimos, obrigado por esta visita. Bom caminho! Que a Virgem vos acompanhe sempre, assim como a minha bênção. Muito obrigado!

Feliz dia! Muito obrigado, e bom caminho na fé.

74. JUBILEU DOS BISPOS
MEDITAÇÃO DO PAPA LEÃO XIV
Basílica de São Pedro, Altar da Cátedra
Terça-feira, 25 de junho de 2025

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A paz esteja convosco!

Queridos Irmãos, bom dia e bem-vindos!

Aprecio e admiro o vosso empenho em vir como peregrinos a Roma, consciente do quão prementes são as exigências do ministério. Mas cada um de vós, como eu, antes de ser Pastor, é uma ovelha do rebanho do Senhor! Por isso, também nós, ou melhor, nós em primeiro lugar, somos convidados a atravessar a Porta Santa, símbolo de Cristo Salvador. Para guiar a Igreja confiada aos nossos cuidados, devemos deixar-nos renovar profundamente por Ele, o Bom Pastor, para nos conformarmos plenamente ao seu coração e ao seu mistério de amor.

Spes non confundit, «a esperança não engana» (Rm 5,5). Quantas vezes o Papa Francisco repetiu estas palavras de São Paulo! Tornaram-se um lema seu, tanto que as escolheu como incipit da Bula de proclamação deste Ano Jubilar.

Nós, bispos, somos os primeiros herdeiros desta entrega profética, e devemos guardá-la e transmiti-la ao Povo de Deus, pela palavra e pelo testemunho. Por vezes, proclamar que a esperança não engana significa ir contracorrente, mesmo contra a evidência de situações dolorosas que parecem não ter saída. Mas é precisamente nesses momentos que se pode manifestar melhor como a nossa fé e a nossa esperança não vêm de nós, mas de Deus. Então, se estivermos verdadeiramente próximos, solidários com aqueles que sofrem, o Espírito Santo pode reavivar nos corações a chama, mesmo quando esteja quase apagada (cf. Bula Spes non confundit, 3).

Caríssimos, o Pastor é testemunha de esperança com o exemplo de

uma vida firmemente ancorada em Deus e totalmente entregue ao serviço da Igreja. E isto acontece na medida em que ele é identificado com Cristo na sua vida pessoal e no seu ministério apostólico: então o Espírito do Senhor modela o seu modo de pensar, os seus sentimentos, o seu comportamento. Detenhamo-nos juntos em alguns traços que caracterizam este testemunho.

Primeiramente, o Bispo é o princípio visível de unidade na Igreja particular que lhe foi confiada. É seu dever zelar pela sua construção na comunhão entre todos os seus membros e com a Igreja universal, valorizando o contributo dos vários dons e ministérios para o crescimento comum e a difusão do Evangelho. Neste serviço, como em toda a sua missão, o Bispo pode contar com a especial graça divina que lhe foi conferida na ordenação episcopal: ela sustenta-o como mestre da fé, como santificador e guia espiritual; anima a sua dedicação pelo Reino de Deus, pela salvação eterna das pessoas, pela transformação da história com a força do Evangelho.

Partindo de novo de Cristo como forma de vida do Pastor, eu definiria assim o segundo traço que gostaria de considerar: o Bispo como homem de vida teologal. O que equivale a dizer: um homem plenamente dócil à ação do Espírito Santo, que suscita nele a fé, a esperança e a caridade e as alimenta, como chama de fogo, nas diversas situações existenciais.

O Bispo é um homem de fé. E aqui vem-me à mente aquela página maravilhosa da Carta aos Hebreus (cf. cap. 11), onde o autor, a partir de Abel, faz uma longa lista de “testemunhas” da fé; e penso em particular em Moisés, que, chamado por Deus a conduzir o povo à terra prometida, «manteve-se firme - diz o texto - como se visse o Invisível» (Heb 11, 27). Como é lindo este retrato do homem de fé, isto é, aquele que, pela graça de Deus, vê mais além, vê a meta e se mantém firme na provação. Pensemos nos momentos em que Moisés intercede pelo povo diante de Deus. Portanto, o Bispo é o intercessor na sua Igreja, porque o Espírito mantém viva a chama da fé no seu coração.

Nesta mesma perspectiva, o Bispo é um homem de esperança, porque «a fé é garantia das coisas que se esperam e certeza daquelas que não se veem» (Heb 11,1). Sobretudo quando o caminho do povo se torna mais penoso, o Pastor, pela virtude teologal, ajuda-o a não desesperar: não apenas com palavras, mas com a sua proximidade. Quando as famílias carregam fardos excessivos e as instituições públicas não as apoiam adequadamente; quando os jovens se sentem desiludidos e nausea-

dos por mensagens ilusórias; quando os idosos e os deficientes graves se sentem abandonados, o Bispo está próximo e oferece não receitas, mas a experiência de comunidades que procuram viver o Evangelho na simplicidade e na partilha.

E assim a sua fé e a sua esperança fundem-se nele como homem de caridade pastoral. Toda a vida do bispo, todo o seu ministério, tão diversificado e multiforme, encontra a sua unidade nisto que Santo Agostinho chama *amoris officium*. É aqui que a sua existência teológica se exprime e se realiza no mais alto grau.

Na pregação, na visita às comunidades, na escuta dos presbíteros e dos diáconos, nas escolhas administrativas, tudo é animado e motivado pela caridade de Jesus Cristo Pastor. Com a sua graça, que recebe todos os dias na Eucaristia e na oração, o Bispo dá um exemplo de amor fraterno ao seu coadjutor ou auxiliar, ao Bispo emérito e aos Bispos das dioceses vizinhas, aos seus colaboradores mais próximos e aos sacerdotes em dificuldade ou doentes. O seu coração é aberto e acolhedor, assim como a sua casa.

Queridos irmãos, este é o núcleo teológico da vida do Pastor. À volta dele, e sempre animado pelo mesmo Espírito, colocaria outras virtudes indispensáveis: a prudência pastoral, a pobreza, a continência perfeita no celibato e as virtudes humanas.

A prudência pastoral é a sabedoria prática que guia o Bispo nas suas escolhas, nas ações de governo, nas relações com os fiéis e as suas associações. Um sinal claro de prudência é o exercício do diálogo como estilo e método nas relações e também na presidência dos organismos de participação, ou seja, na gestão da sinodalidade na Igreja particular. Neste campo, o Papa Francisco fez-nos dar um grande passo em frente ao insistir, com sabedoria pedagógica, na sinodalidade como dimensão da vida da Igreja.

A prudência pastoral permite também ao Bispo orientar a comunidade diocesana, quer valorizando as suas tradições, quer promovendo novos caminhos e iniciativas.

Para dar testemunho do Senhor Jesus, o Pastor vive a pobreza evangélica. Tem um estilo simples, sóbrio, generoso, digno e ao mesmo tempo adequado às condições da maioria do seu povo. Os pobres devem encontrar nele um pai e um irmão, não devem sentir-se desconfortáveis

ao encontrá-lo ou ao entrar em sua casa. Ele é pessoalmente desapegado das riquezas e não cede a favoritismos com base nelas ou noutras formas de poder. O Bispo não deve esquecer que, como Jesus, foi ungido com o Espírito Santo e enviado «para anunciar a Boa-Nova aos pobres» (Lc 4, 18).

Juntamente com a pobreza concreta, o bispo vive também aquela forma de pobreza que é o celibato e a virgindade por causa do Reino dos Céus (cf. Mt 19, 12). Não se trata apenas de ser celibatário, mas de praticar a castidade de coração e de conduta, vivendo assim o seguimento de Cristo e oferecendo a todos a verdadeira imagem da Igreja, santa e casta nos seus membros como na sua cabeça. Deve ser firme e decidido no tratamento das situações que possam dar origem a escândalos e de todo o tipo de abuso, especialmente contra menores, respeitando as disposições em vigor.

Por fim, o Pastor é chamado a cultivar aquelas virtudes humanas, que os padres conciliares quiseram mencionar também no Decreto *Presbyterorum Ordinis* (n. 3) e que, com maior razão, são uma grande ajuda ao Bispo no seu ministério e nas suas relações.

Podemos mencionar a lealdade, a sinceridade, a magnanimidade, a abertura da mente e do coração, a capacidade de se alegrar com os que se alegram e de sofrer com os que sofrem; e também o domínio de si, a delicadeza, a paciência, a discrição, a grande inclinação para a escuta e o diálogo e a disponibilidade para o serviço. Também estas virtudes, das quais cada um de nós é mais ou menos dotado por natureza, podemos e devemos cultivá-las em conformidade com Jesus Cristo, com a graça do Espírito Santo.

Caríssimos, a intercessão da Virgem Maria e dos Santos Pedro e Paulo obtenha para vós e para as vossas comunidades as graças de que mais necessitais. Em particular, vos ajude a ser homens de comunhão, a promover sempre a unidade no presbitério diocesano, e que cada presbítero, sem excluir ninguém, experimente a paternidade, a fraternidade e a amizade do Bispo. Este espírito de comunhão encoraja os presbíteros no seu empenho pastoral e faz crescer a Igreja particular na unidade.

Agradeço-vos a lembrança na oração! Também eu rezo por vós e abençoo-vos de todo o coração.

**75. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV
AOS BISPOS REDENTORISTAS E SCALABRINIANOS
Sala do Consistório
Quinta-feira, 26 de junho de 2025**

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

A paz esteja convosco!

Eminências, Excelências
Reverendos Superiores
Estimados Irmãos, bem-vindos!

Sinto-me feliz por este encontro, e acho bonita a ocasião que o gera: a escolha de duas Congregações religiosas para se encontrar e confrontar com aqueles Irmãos cujo Ministério episcopal representou uma dádiva para a Igreja. Trata-se de um intercâmbio que certamente enriquece os Bispos presentes, as vossas Comunidades e todo o Povo de Deus, como ensina o Concílio Vaticano II (cf. Constituição dogmática *Lumen gentium*, 7; Congregação para os religiosos e os Institutos seculares – Congregação para os bispos, Critérios orientadores sobre as relações entre os Bispos e os Religiosos na Igreja, 2).

A Igreja está grata aos vossos Institutos aos quais pediu, através da nomeação de Bispos entre os seus membros, um sacrifício não indiferente em tempos de escassez de religiosos, pois privar-se de irmãos de hábito comprometidos no serviço das várias obras acarreta não poucos problemas. Talvez o Superior-geral me diga algo... Ao mesmo tempo, porém, ofereceu às vossas Congregações um dom deveras grande, porque o serviço à Igreja universal é para qualquer Família religiosa a mais bela graça e alegria, como certamente confirmariam os vossos Fundadores!

Em particular vós, religiosos scalabrinianos e redentoristas, escolhidos e consagrados para o serviço do Episcopado e também do Cardinalato, trazeis no vosso ministério a herança de dois carismas importantes, especialmente nos nossos dias: o serviço aos migrantes e a evangelização dos pobres e dos distantes.

Entrando em contacto com a miséria dos bairros mais abandonados da Nápoles do século XVIII, Santo Afonso Maria de Ligório renunciou a uma vida abastada e a uma carreira bem remunerada, abraçando a

missão de levar o Evangelho aos últimos.

Um século mais tarde, São João Batista Scalabrini soube sentir e fazer suas as esperanças e os sofrimentos de tantas pessoas que partiam, deixando tudo para trás, a fim de procurar em países distantes um futuro melhor para si e para as suas famílias.

Ambos foram Fundadores, tornaram-se Bispos e souberam enfrentar os desafios de sistemas sociais e económicos que, se por um lado abriam novas fronteiras a vários níveis, por outro deixavam atrás de si muita miséria ignorada e tantos problemas, criando bolsas de degradação que ninguém parecia querer debelar.

Nós, num momento histórico que apresenta também grandes oportunidades e, ao mesmo tempo, não deixa de ter dificuldades e contradições, celebrando o Jubileu da esperança, queremos recordar que, tanto hoje como ontem, a voz a ouvir para compreender o que fazer é a do «amor de Deus [...] derramado no nosso coração através do Espírito Santo que nos foi concedido» (Rm 5, 5).

Também no nosso mundo, a obra do Senhor precede-nos sempre: somos chamados a conformar com ela a nossa mente e o nosso coração, mediante um discernimento sábio; e estou convencido de que o diálogo que promovestes será muito útil para esta finalidade. Portanto, encorajo-vos a manter e cultivar inclusive no futuro estas relações de ajuda fraterna, com generosidade e abnegação, para o bem de todo o Rebanho de Cristo. Agradeço-vos o grande trabalho que levais a cabo e abençoo-vos de coração, com todas as vossas comunidades. Obrigado!

**76. DISCURSO DO SANTO PADRE
AOS PARTICIPANTES NO PLENARIO
DA “REUNIÃO DAS OBRAS PARA A AJUDA
AS IGREJAS ORIENTAIS” (ROACO)
Sala Clementina
Quinta-feira, 26 de junho de 2025**

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

A paz esteja convosco!

Reverendíssimas Eminência e Excelências

Amados sacerdotes, irmãos e irmãs!

A paz esteja convosco! Dou-vos as boas-vindas, feliz por me encontrar convosco no final da vossa Assembleia plenária. Saúdo Sua Eminência o Cardeal Gugerotti, os demais Superiores do Dicastério, os Oficiais e todos vós, membros das Agências da ROACO.

«Deus ama quem dá com alegria» (2 Cor 9, 7). Sei que, para vós, sustentar as Igrejas Orientais não é em primeiro lugar um trabalho, mas uma missão exercida em nome do Evangelho que, como a própria palavra indica, é anúncio de alegria, que rejubila sobretudo o coração de Deus, que nunca se deixa vencer em generosidade.

Obrigado porque, com os vossos benfeitores, semeais a esperança nas terras do Oriente cristão, nunca como agora devastadas pelas guerras, esvaziadas de interesses, envoltas num manto de ódio que torna o ar irrespirável e tóxico. Vós sois a bomba de oxigénio das Igrejas orientais, extenuadas pelos conflitos. Para muitas populações, pobres de meios mas ricas de fé, sois uma luz que resplandece nas trevas do ódio. Peço-vos, com o coração na mão, que façais sempre tudo o que for possível para ajudar estas Igrejas, tão preciosas e provadas.

A história das Igrejas católicas orientais foi muitas vezes marcada pela violência sofrida; infelizmente, não faltaram abusos e incompreensões, até no seio da própria comunidade católica, incapaz de reconhecer e apreciar o valor de tradições diferentes da ocidental. Mas hoje a violência bélica parece abater-se nos territórios do Oriente cristão com uma veemência diabólica jamais vista. A vossa sessão anual também foi penalizada, com a ausência física de quantos deveriam ter vindo da Terra Santa mas não puderam empreender a viagem.

O meu coração sangra, pensando na Ucrânia, na situação trágica e desumana de Gaza, no Médio Oriente, devastado pelo alastramento da guerra. Todos nós, humanidade, somos chamados a avaliar as causas destes conflitos, a averiguar as verdadeiras e a procurar superá-las, e a rejeitar as espúrias, fruto de simulações emocionais e retóricas, desmascarando-as com determinação. As pessoas não podem morrer por causa de fake news.

É verdadeiramente triste ver hoje, em muitos contextos, a imposição da lei do mais forte, com base na qual se legitimam os próprios interesses. É desanimador ver que a força do direito internacional e do direito hu-

manitário já não parece obrigar, substituída pelo presumível direito de obrigar os outros com a força. Isto é indigno do homem, é vergonhoso para a humanidade e para os responsáveis das nações. Como se pode acreditar, após séculos de história, que as ações bélicas trazem a paz, sem se voltar contra aqueles que as travaram? Como se pode pensar em lançar as bases do amanhã sem coesão, sem uma visão de conjunto animada pelo bem comum? Como se pode continuar a trair os desejos de paz dos povos com as falsas propagandas do rearmamento, na vã ilusão de que a supremacia resolve os problemas em vez de alimentar o ódio e a vingança? As pessoas estão cada vez menos inconscientes da quantia de dinheiro que vai para os bolsos dos mercadores de morte e com a qual se poderiam construir hospitais e escolas; e, pelo contrário, destroem-se os já construídos!

E pergunto-me: como cristãos, além de nos indignarmos, levantarmos a voz e arregaçarmos as mangas para ser construtores de paz e promover o diálogo, o que podemos fazer? Penso que, em primeiro lugar, é realmente necessário rezar. Compete a nós fazer de cada notícia e imagem trágica que nos atinge um clamor de intercessão a Deus. E depois ajudar, como vós e muitos fazem, e podem fazer, através de vós. E ainda, digo-o pensando sobretudo no Oriente cristão: há o testemunho. É o apelo a permanecer fiel a Jesus, sem se deixar enredar nos tentáculos do poder.

É imitar Cristo, que venceu o mal amando a partir da cruz, mostrando um modo de reinar diferente de Herodes e Pilatos: um, com medo de ser deposto, tinha assassinado crianças, que hoje continuam a ser despedaçadas com bombas; o outro lavou as mãos, como também nós corremos o risco de fazer todos os dias no limiar do irreparável. Olhemos para Jesus, que nos chama a curar as feridas da história só com a mansidão da sua cruz gloriosa, da qual emanam o poder do perdão, a esperança de recomeçar, o dever de permanecer honesto e transparente no mar da corrupção.

Sigamos Cristo, que libertou o coração do ódio, e demos o exemplo para sair das lógicas da divisão e da retaliação. Gostaria de agradecer e abraçar idealmente todos os cristãos do Oriente que respondem ao mal com o bem: obrigado, irmãos e irmãs, pelo testemunho que dais, sobretudo quando permaneceis nas vossas terras como discípulos e testemunhas de Cristo.

Caros amigos da ROACO, no vosso trabalho, além das muitas misérias

causadas pela guerra e pelo terrorismo - penso no recente e terrível atentado contra a igreja de Santo Elias em Damasco - vedes também germinar rebentos do Evangelho no deserto. Descobris o povo de Deus que persevera, dirigindo o olhar para o Céu, rezando a Deus e amando o próximo. Tocais com a mão a graça e a beleza das tradições orientais, de liturgias que permitem que Deus habite o tempo e o espaço, de hinos seculares imbuídos de louvor, glória e mistério, que elevam um incessante pedido de perdão para a humanidade. Encontrais figuras que, muitas vezes na clandestinidade, se unem às grandes plêiades de mártires e santos do Oriente cristão. Na noite dos conflitos, sois testemunhas da luz do Oriente.

Gostaria que esta luz de sabedoria e salvação fosse mais conhecida na Igreja católica, onde ainda subsiste muita ignorância a tal respeito e onde, em certos lugares, a fé corre o risco de ser asfixiada, também porque não se realizou o feliz desejo expresso tantas vezes por São João Paulo II, que há 40 anos disse: «A Igreja deve aprender de novo a respirar com os seus dois pulmões, o oriental e o ocidental» (Discurso ao sagrado Colégio dos cardeais, 28 de junho de 1985).

No entanto, o Oriente cristão só pode ser preservado se for amado; e só é amado se for conhecido. Neste sentido, é necessário pôr em prática os claros convites do Magistério a conhecer os seus tesouros, por exemplo começando a organizar cursos de base sobre as Igrejas Orientais nos Seminários, nas Faculdades de Teologia e nos centros universitários católicos (cf. São João Paulo II, *Oriente lumen*, 24; Congregação para a educação católica, Carta circ.

En égard au développement, 9-14). E há também necessidade de encontro e partilha da ação pastoral, dado que hoje os católicos orientais já não são primos distantes que celebram ritos desconhecidos, mas irmãos e irmãs que, devido a migrações forçadas, vivem ao nosso lado. O seu sentido do sagrado, a sua fé cristalina que se tornou granítica pelas provações, e a sua espiritualidade que tem o perfume do mistério divino podem beneficiar a sede de Deus latente, mas presente no Ocidente.

Confiemos este crescimento comum na fé à intercessão da Santíssima Mãe de Deus e dos Apóstolos Pedro e Paulo, que uniram Oriente e Ocidente. Abençoo-vos e encorajo-vos a perseverar na caridade, animados pela esperança de Cristo. Obrigado!

**77. DISCURSO DO SANTO PADRE
AOS PARTICIPANTES NO DIA INTERNACIONAL
DE LUTA CONTRA A DROGA
Pátio de São Dâmaso
Quinta-feira, 26 de junho de 2025**

Começemos com o Sinal da Cruz: em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo. A paz esteja convosco!

Sede todos bem-vindos e espero que o sol não esteja muito forte... Mas Deus é grande e acompanhar-nos-á. Obrigado pela vossa presença!

Queridos irmãos e irmãs, bom dia e bem-vindos!

Agradeço àqueles que tornaram possível este encontro, que de muitas formas nos conduz ao coração do Jubileu, um ano de graça em que a todos é reconhecida a dignidade, demasiadas vezes diminuída ou negada. Esperança é para vós uma palavra rica de história: não é um slogan, mas a luz reencontrada através de um grande trabalho. Desejo repetir-vos, então, aquela saudação que muda o coração: a paz esteja com todos vós! Na noite de Páscoa, Jesus saudou assim os discípulos fechados no cenáculo. Tinham-no abandonado, pensavam que o tinham perdido para sempre, estavam amedrontados e desiludidos, alguns já se tinham ido embora.

Porém é Jesus quem os reencontra, quem vem novamente procurá-los. Entra com as portas fechadas no lugar onde estão, como se estivessem sepultados vivos. Traz a paz, recria-os com o perdão, sopra sobre eles: isto é, infunde o Espírito Santo, que é o respiro de Deus em nós. Quando falta o ar, quando falta o horizonte, a nossa dignidade murcha. Não esqueçamos que Jesus ressuscitado ainda vem e traz o seu respiro! Fá-lo muitas vezes através das pessoas que vão para além das nossas portas fechadas e que, apesar de tudo o que pode ter acontecido, veem a dignidade que esquecemos ou que nos foi negada.

Caríssimos, a vossa presença aqui é um testemunho de liberdade. Lembro que quando o Papa Francisco entrava numa prisão, incluindo na última Quinta-feira Santa, fazia-se sempre aquela pergunta: «Porquê eles e não eu?». A droga e as dependências são uma prisão invisível que vós,

de formas diferentes, conhecestes e combatestes, mas todos somos chamados à liberdade. Ao encontrar-vos, penso no abismo do meu coração e de cada coração humano. É um salmo, ou seja a Bíblia, que chama de “abismo” o mistério que nos habita (cf. Sl 63, 7). Santo Agostinho confessou que somente em Cristo a inquietação do seu coração encontrou paz. Nós buscamos a paz e a alegria, delas estamos sedentos. E muitos enganos podem decepcionar-nos e até aprisionar-nos nessa procura.

Porém, olhemos ao nosso redor. E leiamos nos rostos uns dos outros uma palavra que nunca trai: juntos. O mal vence-se juntos. A alegria encontra-se juntos. A injustiça combate-se juntos. O Deus que criou e conhece cada um – e que é mais íntimo a mim do que eu mesmo – fez-nos para estarmos juntos. Claro, também existem laços que magoam e grupos humanos onde falta a liberdade. Mas também estes só podem ser vencidos juntos, confiando em quem não lucra com a nossa pele, em quem podemos encontrar e que nos encontra com atenção desinteressada.

O dia de hoje, irmãos e irmãs, compromete-nos numa luta que não pode ser abandonada enquanto, ao nosso redor, alguém ainda estiver aprisionado nas diferentes formas de dependência. O nosso combate é contra quem faz das drogas e de qualquer outra dependência – pensemos no álcool e no jogo de azar – um seu imenso business. Existem enormes concentrações de interesse e organizações criminosas ramificadas que os Estados têm o dever de dismantelar.

É mais fácil combater as suas vítimas. Com muita frequência, em nome da segurança, faz-se e continua-se a fazer a guerra aos pobres, enchendo as prisões com aqueles que são apenas o último elo de uma cadeia de morte. Quem segura essa cadeia nas mãos, pelo contrário, consegue ter influência e impunidade. As nossas cidades não devem ser libertadas dos marginalizados, mas da marginalização; não devem ser limpas dos desesperados, mas do desespero. «Como são belas as cidades que superam a desconfiança doentia e integram os que são diferentes, fazendo desta integração um novo factor de progresso! Como são encantadoras as cidades que, já no seu projecto arquitectónico, estão cheias de espaços que unem, relacionam, favorecem o reconhecimento do outro!» (Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, 210).

O Jubileu indica-nos a cultura do encontro como caminho para a segurança, pede-nos a restituição e a redistribuição das riquezas injusta-

mente acumuladas como caminho para a reconciliação pessoal e civil. «Assim na terra como no céu»: a cidade de Deus exige profecia na cidade dos homens. E isto – sabemos – pode levar também hoje ao martírio. A luta contra o narcotráfico, o empenho educativo entre os pobres, a defesa das comunidades indígenas e dos migrantes, a fidelidade à doutrina social da Igreja são, em muitos lugares, considerados atos subversivos.

Queridos jovens, vós não sois espectadores da renovação de que a nossa Terra tanto precisa: sois protagonistas. Deus faz grandes coisas com aqueles que liberta do mal. Outro salmo, muito querido pelos primeiros cristãos, diz: «A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se pedra angular» (Sl 117, 22). Jesus foi rejeitado e crucificado fora das portas da sua cidade. Sobre ele, pedra angular sobre a qual Deus reconstrói o mundo, também vós sois pedras de grande valor no edifício de uma nova humanidade. Jesus que foi rejeitado convida todos vós e se vos sentistes descartados e acabados, agora já não o sois. Os erros, os sofrimentos, mas sobretudo o desejo de vida que carregais, fazem de vós testemunhas de que mudar é possível.

A Igreja precisa de vós. A humanidade precisa de vós. A educação e a política precisam de vós. Juntos, sobre cada dependência que degrada, faremos prevalecer a dignidade infinita impressa em cada um. Essa dignidade, infelizmente, às vezes só brilha quando está quase totalmente perdida. Então ocorre um sobressalto, e torna-se claro que levantar-se é questão de vida ou de morte.

Ora, hoje, toda a sociedade precisa desse sobressalto, precisa do vosso testemunho e do grande trabalho que fazeis. Todos temos, de facto, a vocação de sermos mais livres e de sermos mais humanos, a vocação para a paz. Esta é a vocação mais divina. Caminhemos em frente juntos, então, multiplicando os lugares de cura, de encontro e de educação: percursos pastorais e políticas sociais que comecem nas ruas e que nunca considerem ninguém como perdido. E rezai também vós, para que o meu ministério seja ao serviço da esperança das pessoas e dos povos, a serviço de todos.

Confio-vos à guia materna de Maria Santíssima. E de coração, abençoo-vos.

Obrigado.

**78. DISCURSO DO SANTO PADRE
AOS PARTICIPANTES NO ENCONTRO INTERNACIONAL
SACERDOTES FELIZES - «CHAMEI-VOS AMIGOS» (Jo 15, 15)
PROMOVIDO PELO DICASTÉRIO PARA O CLERO
Auditorium Conciliazione, Roma
Quinta-feira, 26 de junho de 2025**

Começamos com o Sinal da Cruz, pois estamos todos aqui porque Cristo, morto e ressuscitado, nos deu a vida e nos chamou a servir. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A paz esteja convosco!

[Saudação do Cardeal Lázaro You Heung-sik, Prefeito do Dicastério para o Clero]

Queridos irmãos no sacerdócio, queridos hermanos, dear brother priests,

Queridos formadores, seminaristas, promotores vocacionais, amigos no Senhor!

É uma grande alegria para mim estar hoje aqui convosco. No coração do Ano Santo, queremos testemunhar juntos que é possível ser sacerdotes felizes, porque Cristo nos chamou. Cristo fez de nós seus amigos (cf. Jo 15, 15): é uma graça que queremos acolher com gratidão e responsabilidade.

Agradeço ao Cardeal Lázaro e a todos os colaboradores do Dicastério para o Clero pelo seu serviço generoso e competente: um trabalho imenso e precioso, muitas vezes realizado no silêncio e na discrição, que produz frutos de comunhão, formação e renovação.

Com este momento de intercâmbio fraterno – intercâmbio internacional –, podemos valorizar o património de experiências já amadurecidas, favorecendo a criatividade, a corresponsabilidade e a comunhão na Igreja, para que aquilo que é semeado com dedicação e generosidade em tantas comunidades se torne luz e estímulo para todos.

As palavras de Jesus «Chamei-vos amigos» (Jo 15, 15) não são apenas uma declaração afetuosa aos discípulos, mas uma verdadeira e própria chave de leitura do ministério sacerdotal. Com efeito, o sacerdote é um amigo do Senhor, chamado a viver uma relação pessoal e confidencial com Ele, alimentada pela Palavra, pela celebração dos Sacramentos e

pela oração quotidiana. Esta amizade com Cristo é o fundamento espiritual do ministério ordenado, o sentido do nosso celibato e a energia do serviço eclesial ao qual dedicamos a vida. Ela sustenta-nos nos momentos de provação e permite-nos renovar a cada dia o “sim” pronunciado no início da nossa vocação.

Em particular, caríssimos amigos, desta palavra-chave gostaria de tirar três implicações para a formação ao ministério sacerdotal.

Primeiramente, a formação é um caminho de relação. Tornar-se amigos de Cristo significa formar-se na relação, não apenas nas competências. A formação sacerdotal, portanto, não pode reduzir-se à aquisição de noções, mas é um caminho de familiaridade com o Senhor que envolve toda a pessoa, coração, inteligência, liberdade, e a configura à imagem do Bom Pastor. Só quem vive em amizade com Cristo e está impregnado do seu Espírito pode anunciar com autenticidade, consolar com compaixão e guiar com sabedoria. Isto exige uma escuta profunda, uma meditação e uma vida interior rica e ordenada.

Em segundo lugar, a fraternidade é um estilo essencial da vida presbiteral. Tornarmo-nos amigos de Cristo implica viver como irmãos entre sacerdotes e entre bispos, e não como concorrentes ou individualistas. A formação deve, portanto, ajudar a construir laços sólidos no presbitério, como expressão de uma Igreja sinodal, na qual crescemos juntos partilhando as fadigas e as alegrias do ministério. Com efeito, como poderíamos nós, ministros, ser construtores de comunidades vivas, se entre nós não houvesse antes de tudo uma fraternidade efetiva e sincera?

Além disso, formar sacerdotes amigos de Cristo significa formar homens capazes de amar, escutar, rezar e servir juntos. É por isso que se deve ter todo o cuidado na preparação dos formadores, porque a eficácia da ação deles depende, principalmente, do seu exemplo de vida e da comunhão recíproca. A própria instituição dos seminários recorda-nos que a formação dos futuros ministros ordenados não pode ser feita de forma isolada, mas requer o envolvimento de todos os amigos e amigas do Senhor que vivem como discípulos missionários ao serviço do Povo de Deus.

A este respeito, gostaria também de dizer uma palavra sobre as vocações. Apesar dos sinais de crise na vida e na missão dos presbíteros, Deus continua a chamar e permanece fiel às suas promessas. É preciso que haja espaços adequados para escutar a sua voz. Por isso são importantes os

ambientes e as formas de pastoral juvenil impregnadas de Evangelho, onde as vocações ao dom total de si possam manifestar-se e amadurecer. Tende a coragem de propostas fortes e libertadoras! Olhando para os jovens que, neste nosso tempo, dizem o seu generoso “Eis-me aqui” ao Senhor, todos nós sentimos a necessidade de renovar o nosso “sim”, de redescobrir a beleza de ser discípulos missionários no seguimento de Cristo, o Bom Pastor.

Caríssimos, celebramos este encontro na véspera da Solenidade do Sagrado Coração de Jesus: é desta “sarça ardente” que se origina a nossa vocação; é por meio desta fonte de graça que queremos deixar-nos transformar.

A Encíclica Dilexit nos do Papa Francisco, se é um dom precioso para toda a Igreja, é-o especialmente para nós, sacerdotes. Ela desafia-nos fortemente: pede-nos que conservemos simultaneamente a mística e o compromisso social, a contemplação e a ação, o silêncio e o anúncio. O nosso tempo interpela-nos: muitos parecem ter-se afastado da fé, mas no íntimo de muitas pessoas, especialmente dos jovens, há uma sede de infinito e salvação. Muitos experimentam como que uma ausência de Deus, mas cada ser humano é feito para Ele e o projeto do Pai é fazer de Cristo o coração do mundo.

É por isso que queremos redescobrir juntos o impulso missionário. Uma missão que propõe com coragem e amor o Evangelho de Jesus. Através da nossa ação pastoral, é o próprio Senhor que cuida do seu rebanho, reúne quem está disperso, inclina-se sobre quem está ferido, apoia quem está desanimado. Imitando o exemplo do Mestre, cresçamos na fé e tornemo-nos assim testemunhas críveis da vocação que recebemos. Quando alguém crê, isso vê-se: a felicidade do ministro reflete o seu encontro com Cristo, sustentando-o na missão e no serviço.

Queridos irmãos no sacerdócio, obrigado a todos os que viestes de longe! Obrigado a cada um de vós pela dedicação quotidiana, sobretudo nos lugares de formação, nas periferias existenciais e nos lugares difíceis, por vezes perigosos. Ao recordar os sacerdotes que deram a vida, mesmo até ao derramamento de sangue, renovemos hoje a nossa disponibilidade para viver sem reservas um apostolado de compaixão e alegria.

Obrigado pelo que sois! Pois recordais a todos que é belo ser sacerdote e que cada chamamento do Senhor é, principalmente, um chama-

mento à sua alegria. Não somos perfeitos, mas somos amigos de Cristo, irmãos uns dos outros e filhos da sua terna Mãe Maria, e isto basta-nos.

Voltemo-nos para o Senhor Jesus, para o seu Coração misericordioso que arde de amor por cada pessoa. Peçamos-lhe a graça de ser discípulos missionários e pastores segundo a sua vontade: procurando os que se perderam, servindo os pobres, guiando humildemente aqueles que nos estão confiados. Que o seu Coração inspire os nossos projetos, transforme os nossos corações e nos renove na missão. Abençoo-vos com afeto e rezo por todos vós.

[Um sacerdote pergunta ao Santo Padre se o pode abraçar]

Se é um por todos! Porque depois os outros também querem! Estais de acordo? [os padres respondem: Sim!] Um por todos! Então, um por todos!

[em espanhol] Levante a mão quem veio da América Latina!

[em inglês] Quantos vêm da África?... E da Ásia?... E da Europa?... E dos Estados Unidos?

[Chega até o Santo Padre o sacerdote que havia feito o pedido, apresenta-se e abraça o Santo Padre].

Em representação de todos os presentes neste momento.

[em espanhol] Para concluir, propomos um momento de oração.

[em italiano] Um momento muito breve, mas tal como disse antes no discurso: como é importante! Quero sublinhar a importância da vida espiritual do sacerdote. Muitas vezes, quando precisamos de ajuda, procurai um bom “acompanhante”, um diretor espiritual, um bom confessor. Ninguém aqui está sozinho. E mesmo se estás a trabalhar na missão mais longínqua, nunca estás sozinho! Procurai viver aquilo a que o Papa Francisco tantas vezes chamou “proximidade”: proximidade com o Senhor, proximidade com o vosso Bispo, ou Superior religioso, e proximidade também entre vós, porque deveis ser verdadeiramente amigos, irmãos; viver esta bela experiência de caminhar juntos, sabendo que somos chamados a ser discípulos do Senhor. Temos uma grande missão e podemos fazê-la todos juntos. Contemos sempre com a graça de Deus, a proximidade também da minha parte, e juntos poderemos ser verda-

deiramente esta voz no mundo. Obrigado!

Rezemos então juntos: Pai Nosso...

E a Maria, nossa Mãe, dizemos: Ave Maria...

[Bênção]

Felicidades a todos vós! Deus vos abençoe sempre!

**79. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV
À DELEGAÇÃO DO PATRIARCADO ECUMÊNICO
Sábado, 28 de junho de 2025**

EEminência

Estimados Irmãos em Cristo!

É com particular alegria que vos dou as boas-vindas, pela primeira vez desde a minha eleição como Bispo de Roma e Sucessor do Apóstolo Pedro, à vossa Delegação que representa a Igreja irmã de Constantinopla, enquanto celebramos a festa dos Santos Pedro e Paulo, Padroeiros da Igreja de Roma. Este tradicional intercâmbio de delegações entre as duas Igrejas, por ocasião das respectivas festas dos Santos Padroeiros, é sinal da profunda comunhão já existente entre nós e reflexo do vínculo de fraternidade que une os Apóstolos Pedro e André.

Após séculos de divergências e incompreensões, o reinício de um autêntico diálogo entre as Igrejas irmãs de Roma e Constantinopla foi possível graças aos passos corajosos e clarividentes dados pelo Papa Paulo VI e pelo Patriarca Ecuménico Atenágoras. Os seus veneráveis sucessores nas Sés de Roma e Constantinopla prosseguiram com convicção ao longo do mesmo caminho de reconciliação, reforçando ainda mais as nossas relações. A este propósito, gostaria de mencionar o testemunho de sincera proximidade à Igreja católica oferecido pelo Patriarca Ecuménico, Sua Santidade Bartolomeu, com a sua participação pessoal nas exéquias do Papa Francisco e depois na Missa inaugural do meu Pontificado.

Enquanto recordo com profunda gratidão o caminho percorrido até agora, asseguro-vos a minha intenção de perseverar no esforço para restabelecer a plena comunhão visível entre as nossas Igrejas. Este objetivo só pode ser alcançado com a ajuda de Deus, através de um

compromisso incessante de escuta respeitosa e de diálogo fraterno. Portanto, estou aberto a qualquer sugestão a este respeito, sempre em consulta com os meus irmãos Bispos da Igreja católica, que partilham comigo, cada um à sua maneira, a responsabilidade pela unidade plena e visível da Igreja (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. Dogm. *Lumen gentium*, 23).

Eminência, amados Irmãos em Cristo, estou-vos muito grato pela vossa presença em Roma nesta solene circunstância. Peço-vos amavelmente que transmitais as minhas cordiais saudações ao Patriarca Bartolomeu e aos membros do Santo Sínodo, com a minha gratidão por ter enviado novamente a Delegação este ano. Que a intercessão dos Santos Pedro e Paulo, de Santo André e da Santíssima Mãe de Deus, que vivem eternamente na perfeita comunhão dos Santos, nos acompanhe e ampare no nosso compromisso ao serviço do Evangelho. Obrigado!

**80. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV
ÀS REPRESENTANTES DE ALGUNS INSTITUTOS
RELIGIOSOS FEMININOS
Sala Clementina
Segunda-feira, 30 de junho de 2025**

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

A paz esteja convosco!

Queridas irmãs, bom dia e sejam bem-vindas!

Alegro-me por encontrar-me convosco: algumas vêm por ocasião do Capítulo Geral, outras para a peregrinação jubilar. Em todos os casos, vêm à presença do túmulo de Pedro para renovar o seu amor ao Senhor e a sua fidelidade à Igreja.

Pertencem a congregações nascidas em momentos e circunstâncias diferentes: Irmãs da Ordem de São Basílio Magno, Filhas da Divina Caridade, Irmãs Agostinianas do Amparo, Irmãs Franciscanas dos Sagrados Corações. No entanto, suas histórias revelam uma dinâmica comum, na qual a luz de grandes modelos de vida espiritual do passado — como Agostinho, Basílio e Francisco —, através da ascese, da coragem e da santidade de vida de fundadores e fundadoras, suscitou e fez crescer novos caminhos de serviço, sobretudo em favor dos mais fracos: crianças,

meninas e meninos pobres, órfãos, migrantes, aos quais, com o tempo, se acrescentaram idosos e enfermos, além de tantos outros ministérios de caridade.

As várias vicissitudes do passado e a vitalidade do presente fazem experimentar como a fidelidade à antiga sabedoria do Evangelho é o melhor motor para quem, impulsionado pelo Espírito Santo, percorre novos caminhos de doação, dedicados ao amor de Deus e do próximo, na escuta atenta dos sinais dos tempos (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. past. *Gaudium et spes*, 4; 11).

Pensando precisamente nisso, o Concílio Vaticano II, ao tratar dos Institutos religiosos dedicados a serviços de caridade, ressaltou a importância de que neles «toda a vida [...] de seus membros deve estar imbuída do espírito apostólico, e toda a sua atividade apostólica deve, por sua vez, estar informada pelo espírito religioso» (Decr. *Perfectae caritatis*, 8), para que os religiosos «respondam primordialmente ao seu chamado de seguir a Cristo e servi-Lo em seus membros [...], em íntima união com Ele» (ibíd.).

São Agostinho, a esse respeito, falando da primazia de Deus na vida cristã, afirma: «Para ti Deus é tudo: se tens fome, Deus é teu pão; se tens sede, Deus é tua água; se estás nas trevas, Deus é tua luz, porque permanece incorruptível; se estás nu, Deus é teu vestido de imortalidade» (Tratados sobre o Evangelho de São João, 13, 5). Faz-nos bem deixarmos interrogar por estas palavras: até que ponto isso é verdadeiro para mim? Quanto o Senhor sacia minha sede de vida, de amor, de luz? São perguntas importantes. De fato, esse enraizamento em Cristo é o que levou aqueles que nos precederam — homens e mulheres como nós, com qualidades e limites semelhantes — a realizar coisas que talvez nunca tivessem imaginado, permitindo-lhes espalhar sementes de bem que, ao longo de séculos e continentes, hoje alcançam praticamente todo o mundo, como demonstra a vossa presença.

Algumas de vós, como já mencionei, estão realizando o Capítulo Geral, outras estão aqui para o Jubileu. Em todo caso, trata-se de tomar decisões importantes das quais depende o próprio futuro, das irmãs e da Igreja. Por isso, parece-me muito oportuno concluir repetindo a todos nós o belo desejo que São Paulo dirigia aos cristãos de Éfeso: «Que Cristo habite em vossos corações pela fé, e sejais enraizados e edificados no amor. Assim podereis compreender, com todos os santos, qual é a largura e o comprimento, a altura e a profundidade; em suma, podereis

conhecer o amor de Cristo, que supera todo conhecimento, para serdes colmados pela plenitude de Deus» (Ef 3,17-19).

Obrigado pelo vosso trabalho e fidelidade. Que vos acompanhe a Virgem Maria, junto com a minha bênção.

**81. DISCURSO DO PAPA LEÃO XIV
AOS MEMBROS DOS CAPÍTULOS GERAIS DE OITO
INSTITUTOS RELIGIOSOS
Vilas Pontifícias de Castel Gandolfo, Pátio do Palácio Apostólico
Sábado, 12 de julho de 2025**

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

A paz esteja convosco.

Sede todos bem-vindos! Sentemo-nos e reflitamos um pouco juntos.

Queridos irmãos e irmãs,

com alegria dou-vos as boas-vindas, por ocasião dos vossos Capítulos e Assembleias. Saúdo os Superiores e as Superiores-Gerais, os membros dos Conselhos, todos vós.

Estais reunidos para rezar, confrontar-vos e refletir juntos sobre o que o Senhor vos pede para o futuro. Os vossos Fundadores e Fundadoras, dóceis à ação do Espírito Santo, deixaram-vos em herança diversos carismas para a edificação do Corpo de Cristo (cf. Ef 4, 11-12); e precisamente para que este cresça segundo os desígnios de Deus, a Igreja pede-vos o serviço que estais a realizar (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Decr. Perfectae caritatis, 4).

Os vossos respetivos Institutos encarnam aspetos complementares entre eles da vida e da ação de todo o Povo de Deus: a oferta de si em união com o Sacrifício de Cristo, a missão ad gentes, o amor à Igreja protegido e transmitido, a educação e a formação dos jovens. Trata-se de modos diferentes com os quais se exprime de forma carismática a única e eterna realidade que os anima a todos: o amor de Deus pela humanidade.

Como é habitual, então, cada uma das vossas Congregações identificou

ângulos particulares, à luz dos quais reler a herança recebida, para modernizar e atualizar os conteúdos. Estas pistas de trabalho, que escolhestes durante o tempo da preparação, na oração e na escuta recíproca, são também um dom precioso porque constituem fruto do Espírito. É Ele que, através do contributo de muitos, sob a guia dos Pastores, ajuda a «comunidade cristã a caminhar na caridade em busca da verdade plena (cf. Jo 16, 13)» (Bento XVI, Homilia na Missa de abertura da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e das Caraíbas, 13 de maio de 2007). Deste modo, formulastes orientações que contêm advertências fundamentais: renovar um autêntico espírito missionário, fazer próprios os sentimentos “que eram de Cristo Jesus” (cf. Fl 2, 5), radicar a esperança em Deus (cf. Is 40, 31), manter viva a chama do Espírito no coração (cf. 1Ts 5, 16-19), promover a paz, cultivar a corresponsabilidade pastoral nas Igrejas locais e muito mais. Estar ao lado deles e recordá-los juntos, neste momento, ajuda-nos a compreender a riqueza do nosso ser em comunidade, particularmente como religiosos, religiosas, empenhados na mesma maravilhosa aventura de «seguir Cristo mais de perto» (Catecismo da Igreja Católica, 916).

Que isto possa renovar e confirmar em todos nós a consciência e a alegria de ser Igreja e, em particular, incentivar-vos, no discernimento capitar, a pensar em grande, como peças únicas de um desenho que vos ultrapassa e vos envolve para além das vossas próprias expectativas: o projeto de salvação com o qual Deus quer conduzir a si toda a humanidade, como uma grande família (cf. Francisco, Audiência geral, 29 de maio de 2013). Este é o espírito com que nasceram os vossos Institutos, e este é o horizonte no qual colocar cada esforço, para que contribua, através de pequenas luzes, para difundir sobre toda a terra a luz de Cristo, que nunca se esgota (cf. MISSAL ROMANO, Precónio pascal).

Caríssimos, peçamos juntos ao Senhor para sermos dóceis à voz do seu Espírito, que “ensina todas as coisas” (cf. Jo 14, 26) e sem cuja ajuda, na nossa fraqueza, nem sequer sabemos o que convém pedir (cf. Rm 8, 26).

Obrigado pelo vosso trabalho e pela vossa presença fiel em tantas partes do mundo. Abençoo-vos de coração e rezo por vós. Obrigado!

Oremos juntos:

[Pai Nosso]

[Bênção]

Obrigado a todos vós!

**82. SAUDAÇÃO DO PAPA LEÃO XIV
ÀS IRMÃS AGOSTINIANAS SERVAS DE JESUS E MARIA
Sábado, 5 de julho de 2025**

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

A paz esteja convosco!

Queridas Irmãs,

Estou feliz por me encontrar convosco no final do vosso Capítulo provincial: nesta semana de oração, discernimento e planeamento comum, pudestes renovar a adesão ao carisma da vossa fundadora, a venerável irmã Maria Teresa Spinelli.

Enquanto continua o seu processo de canonização, procede também o vosso caminho de santidade! Como Irmãs Agostinianas Servas de Jesus e Maria, encorajo-vos a deixar-vos guiar sempre de novo pelo nome que levais. De facto, o serviço que viveis cada dia realiza-se sobretudo na consagração da vida ao Senhor e fortalece-se na devoção sincera à sua e nossa Mãe.

Imitando a irmã Maria Teresa, sereis, portanto, pacientes nas tribulações, porque é precisamente nas provas que o Senhor confirma a sua fidelidade; sereis corajosas na missão, para que a obra educativa a que vos dedicais forme mentes sábias e corações capazes de escuta e paixão pela humanidade; sereis perseverantes no seguimento de Cristo, que é «o Caminho, a Verdade e a Vida» (Jo 14, 6), e por isso o critério de todas as nossas iniciativas culturais. Sabemos que uma cultura sem verdade se torna um instrumento dos poderosos: em vez de libertar as consciências, confunde-as e distrai-as segundo os interesses do mercado, da moda ou do sucesso mundano.

A este propósito, aconselho-vos a retomar uma obra do santo doutor, nosso padre Agostinho, o De Magistro, para a meditardes num futuro próximo, colhendo os frutos do vosso Capítulo. Neste escrito, Agostinho afirma que o ensino exterior deve sempre conduzir ao encontro com o

Mestre interior, que é Jesus (cf. I, 11). Em seu nome, desejo todo o bem às vossas comunidades e de coração vos concedo a bênção apostólica. Obrigado!

**83. DISCURSO DO PAPA LEÃO XIV
AOS MEMBROS DOS CAPÍTULOS GERAIS DE OITO
INSTITUTOS RELIGIOSOS
Vilas Pontifícias de Castel Gandolfo, Pátio do Palácio Apostólico
Sábado, 12 de julho de 2025**

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

A paz esteja convosco.

Sede todos bem-vindos! Sentemo-nos e reflitamos um pouco juntos.

Queridos irmãos e irmãs,

com alegria dou-vos as boas-vindas, por ocasião dos vossos Capítulos e Assembleias. Saúdo os Superiores e as Superiores-Gerais, os membros dos Conselhos, todos vós.

Estais reunidos para rezar, confrontar-vos e refletir juntos sobre o que o Senhor vos pede para o futuro. Os vossos Fundadores e Fundadoras, dóceis à ação do Espírito Santo, deixaram-vos em herança diversos carismas para a edificação do Corpo de Cristo (cf. Ef 4, 11-12); e precisamente para que este cresça segundo os desígnios de Deus, a Igreja pede-vos o serviço que estais a realizar (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Decr. Perfectae caritatis, 4).

Os vossos respetivos Institutos encarnam aspetos complementares entre eles da vida e da ação de todo o Povo de Deus: a oferta de si em união com o Sacrifício de Cristo, a missão ad gentes, o amor à Igreja protegido e transmitido, a educação e a formação dos jovens. Trata-se de modos diferentes com os quais se exprime de forma carismática a única e eterna realidade que os anima a todos: o amor de Deus pela humanidade.

Como é habitual, então, cada uma das vossas Congregações identificou ângulos particulares, à luz dos quais reler a herança recebida, para modernizar e atualizar os conteúdos. Estas pistas de trabalho, que escolhestes durante o tempo da preparação, na oração e na escuta recí-

proca, são também um dom precioso porque constituem fruto do Espírito. É Ele que, através do contributo de muitos, sob a guia dos Pastores, ajuda a «comunidade cristã a caminhar na caridade em busca da verdade plena (cf. Jo 16, 13)» (Bento XVI, Homilia na Missa de abertura da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e das Caraíbas, 13 de maio de 2007). Deste modo, formulastes orientações que contêm advertências fundamentais: renovar um autêntico espírito missionário, fazer próprios os sentimentos “que eram de Cristo Jesus” (cf. Fl 2, 5), radicar a esperança em Deus (cf. Is 40, 31), manter viva a chama do Espírito no coração (cf. 1Ts 5, 16-19), promover a paz, cultivar a corresponsabilidade pastoral nas Igrejas locais e muito mais. Estar ao lado deles e recordá-los juntos, neste momento, ajuda-nos a compreender a riqueza do nosso ser em comunidade, particularmente como religiosos, religiosas, empenhados na mesma maravilhosa aventura de «seguir Cristo mais de perto» (Catecismo da Igreja Católica, 916).

Que isto possa renovar e confirmar em todos nós a consciência e a alegria de ser Igreja e, em particular, incentivar-vos, no discernimento capítular, a pensar em grande, como peças únicas de um desenho que vos ultrapassa e vos envolve para além das vossas próprias expectativas: o projeto de salvação com o qual Deus quer conduzir a si toda a humanidade, como uma grande família (cf. Francisco, Audiência geral, 29 de maio de 2013). Este é o espírito com que nasceram os vossos Institutos, e este é o horizonte no qual colocar cada esforço, para que contribua, através de pequenas luzes, para difundir sobre toda a terra a luz de Cristo, que nunca se esgota (cf. MISSAL ROMANO, Precónio pascal).

Caríssimos, peçamos juntos ao Senhor para sermos dóceis à voz do seu Espírito, que “ensina todas as coisas” (cf. Jo 14, 26) e sem cuja ajuda, na nossa fraqueza, nem sequer sabemos o que convém pedir (cf. Rm 8, 26).

Obrigado pelo vosso trabalho e pela vossa presença fiel em tantas partes do mundo. Abençoo-vos de coração e rezo por vós. Obrigado!

Oremos juntos:

[Pai Nosso]

[Bênção]

Obrigado a todos vós!

**84. DISCURSO DO SANTO PADRE LEÃO XIV
À DELEGAÇÃO DE JOVENS PERUANOS PARTICIPANTES
NO JUBILEU DOS JOVENS
Sala Clementina
Segunda-feira, 28 de julho de 2025**

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

A paz esteja convosco.

Muito obrigado. Feliz Dia da Pátria a todos os peruanos!

Queridos jovens:

Dou-vos as boas-vindas nesta casa de Pedro, onde vêm como peregrinos de esperança — todos vós sois peregrinos de esperança — e vêm para encontrarem-se com milhares de outros jovens, para celebrarmos juntos o Jubileu. Ao vê-los, penso também nas vossas famílias e em tantas pessoas das vossas comunidades paroquiais que, certamente, vos ajudaram com grandes sacrifícios e trabalhos para tornar possível esta tão esperada viagem. A todos saúdo com gratidão e alegria.

Às portas deste acontecimento tão importante para a juventude de todo o mundo, o Evangelho da Missa de hoje ilumina-nos de modo especial. Trata-se de duas parábolas que nos ajudam no nosso caminhar cristão: a primeira fala de um pequeno grão de mostarda e a seguinte de um pouco de fermento (cf. Mt 13,31-35). Como vemos, são dois elementos quase insignificantes; contudo, com a força da vida que contêm, podem transformar-se, crescer e servir ao fim para o qual foram criados.

Também nós somos pequenos, mas não estamos sós; o Senhor quis que fôssemos parte de uma grande família, a família da Igreja. Incorporados a ela em Cristo, como os ramos à videira, podemos crescer e dar fruto, ajudados pela graça do Senhor. São Agostinho fala dessas duas parábolas comentando um dos salmos, o Salmo 68, e também expressa essa força do pequeno, que, ao crescer, se enraíza num povo, o povo de Deus que se estende por toda a terra (cf. Comentário ao Salmo 68, I, 1).

Nestes dias jubilosos do Jubileu dos Jovens, todos vós tendes a bela experiência de sentir-vos parte do povo de Deus, parte da Igreja universal,

que abarca e abraça toda a terra, sem distinção de raça, língua ou nação; estendendo-se como o arbusto de mostarda e fermentando como o fermento.

Queridos jovens, desejo que tudo o que vivam durante estas jornadas permaneça sempre em vossos corações, mas que não o guardem apenas para vós mesmos. Isto é muito importante: o que vão experimentar aqui não deve ser apenas para si próprio. Temos que aprender a partilhar. Por favor, que tudo isto não fique apenas como uma lembrança, apenas como belas fotos, apenas como algo do passado. Desejo que, ao regressarem ao Peru, inundeis essas terras com a alegria e a força do Evangelho, com a Boa Nova de Jesus Cristo. Que todas as pessoas com quem se encontrarem possam ver em vós o rosto de Cristo que ama e se entrega, que continua presente em cada batizado. Por isso, amai e servi gratuitamente, no quotidiano, no pequeno, no escondido, porque experimentastes a alegria de ser amados primeiro, e porque tudo recebestes gratuitamente do nosso Pai Deus.

As mochilas que vos acompanharão nestes dias, levando apenas o essencial, são o sinal da missão que hoje o Papa vos confia: sejam missionários onde quer que vão, sejam transparência da presença do Senhor, como foram os nossos queridos santos peruanos. Vós sabeis que o Papa Francisco sempre falou do Peru como “terra santificada”, tantos santos, mas não apenas do passado, santos também de hoje e de amanhã.

Que Deus vos abençoe e que Nossa Senhora da Evangelização vos proteja sempre. Obrigado.

85. SAUDAÇÃO DO PAPA LEÃO XIV
AOS INFLUENCIADORES CATÓLICOS E MISSIONÁRIOS DIGITAIS
Basílica de São Pedro
Terça-feira, 29 de julho de 2025

[Em italiano] Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

A paz esteja convosco!

Queridos irmãos e irmãs, começamos com esta saudação: a paz esteja convosco!

E quanta necessidade temos de paz neste nosso tempo dilacerado por

inimizades e guerras! E quanto nos chama a dar testemunho hoje a saudação do Ressuscitado: «A paz esteja convosco!» (Jo 20, 19). A paz esteja com todos nós. Nos nossos corações e nas nossas ações.

Esta é a missão da Igreja: anunciar a paz ao mundo! A paz que vem do Senhor que venceu a morte, que nos traz o perdão de Deus, que nos dá a vida do Pai, que nos mostra o caminho do Amor!

1. Esta é a missão que a Igreja hoje confia também a vós; que estais aqui em Roma para o vosso Jubileu; que viestes renovar o vosso compromisso de alimentar as redes sociais e os ambientes digitais com a esperança cristã. A paz deve ser procurada, anunciada, partilhada em toda a parte; quer nos dramáticos cenários de guerra, quer nos corações esvaziados de quem perdeu o sentido da existência e o gosto pela interioridade, o gosto pela vida espiritual. E hoje, talvez mais do que nunca, temos necessidade de discípulos missionários que levem ao mundo o dom do Ressuscitado; que, indo até aos confins da terra (cf. Act 1, 3-8), deem voz à esperança que Jesus vivo nos dá; que cheguem a todos os lugares onde houver um coração que espera, um coração que procura, um coração que sente necessidade. Sim, até aos confins da terra, até às fronteiras existenciais onde não há esperança.

[Em inglês] 2. Há um segundo desafio nesta missão: procurar sempre a “carne sofredora de Cristo” em cada irmão e irmã que encontrardes nos espaços digitais. Hoje, encontramos-nos numa nova cultura profundamente caracterizada e formada pela tecnologia. Cabe-nos a nós – cabe a cada um de vós – assegurar que esta cultura permaneça humana.

A ciência e a tecnologia influenciam a nossa maneira de viver no mundo, até ao ponto de afetar a compreensão que temos de nós mesmos e o modo como nos relacionamos com Deus, como nos relacionamos entre nós. Mas nada do que provém do homem e da sua criatividade deve ser usado para diminuir a dignidade do outro. A nossa missão – a vossa missão – é cultivar a cultura do humanismo cristão, e fazê-lo juntos. Esta é para todos nós a beleza da “rede”.

Perante as mudanças culturais, ao longo da história, a Igreja nunca ficou passiva; sempre procurou iluminar cada época com a luz e a esperança de Cristo, discernindo o bem do mal e o que era bom daquilo que precisava de ser mudado, transformado e purificado.

Hoje, estamos numa cultura em que a dimensão tecnológica está pre-

sente em quase tudo, especialmente à medida em que o amplo uso da inteligência artificial marcará uma nova era na vida dos indivíduos e da sociedade no seu todo. Este é o desafio que devemos enfrentar: refletindo sobre a autenticidade do nosso testemunho, sobre a nossa capacidade de ouvir e de falar; de compreender e de ser compreendido. Temos o dever de trabalhar juntos para desenvolver um pensamento, desenvolver uma linguagem que, sendo frutos do nosso tempo, deem voz ao Amor.

Não se trata apenas de gerar conteúdos, mas de criar um espaço de encontro de corações. Isto permitirá procurar aqueles que sofrem, aqueles que necessitam conhecer o Senhor, para que suas feridas possam ser curadas, para que se reergam e encontrem um sentido para suas vidas. Este processo começa sobretudo com a aceitação da nossa própria pobreza, deixando de lado qualquer tipo de pretensão e reconhecendo que a nossa inerente necessidade do Evangelho. E este processo é um empenho comunitário.

[Em espanhol] 3. E isto leva-nos a um terceiro apelo, e por isso faço este apelo a todos vós: “Ide consertar as redes”. Jesus chamou os seus primeiros apóstolos quando eles estavam a consertar as suas redes de pescadores (cf. Mt 4, 21-22). Ele pede-nos também a nós, aliás pede-nos hoje, que construamos outras redes: redes de relações, redes de amor, redes de intercâmbio gratuito, nas quais a amizade seja autêntica e seja profunda. Redes onde se possa consertar o que está partido, onde se possa curar a solidão, sem se importar com o número de seguidores [os followers], mas experimentando em cada encontro a grandeza infinita do Amor. Redes que deem espaço ao outro mais do que a nós mesmos, onde nenhuma “bolha de filtros” possa apagar a voz dos mais fracos. Redes que libertem, redes que salvem. Redes que nos façam redescobrir a beleza de nos olharmos uns dos outros, olhos nos olhos. Redes de verdade. Assim, cada história de bem compartilhada será o nó de uma única e imensa rede: a rede das redes, a rede de Deus.

Sede vós, então, agentes de comunhão, capazes de quebrar a lógica da divisão e da polarização; do individualismo e do egocentrismo. Ponde a Cristo no centro, para vencer a lógica do mundo, das fake news e da frivolidade, com a beleza e a luz da Verdade (cf. Jo 8, 31-32).

[Em italiano] E agora, antes de me despedir com a Bênção, confiando o vosso testemunho ao Senhor, quero agradecer-vos por todo o bem que fizestes e fazeis nas vossas vidas, pelos sonhos que levais adiante, pelo vosso amor ao Senhor Jesus e pelo vosso amor à Igreja, pela ajuda que

dais a quem sofre, pelo vosso caminhar nas estradas digitais.

**86. PALAVRAS DO PAPA LEÃO XIV
AOS JOVENS DEPOIS DA SANTA MISSA
PRESIDIDA POR DOM RINO FISICHELLA
E APÓS TER PASSADO ENTRE A MULTIDÃO NO “PAPAMÓVEL”
Praça de São Pedro
Terça-feira, 29 de julho de 2025**

Boa tarde!

Jesus diz-nos: «Vós sois o sal da terra [...] Vós sois a luz do mundo» (Mt 5, 13-14).

Hoje as vossas vozes, o vosso entusiasmo, os vossos gritos – que são por Jesus Cristo – serão ouvidos até aos confins do mundo.

Hoje estão a começar uns dias, um caminho, o jubileu da esperança, e o mundo precisa de mensagens de esperança: sois vós esta mensagem e deveis continuar a dar esperança a todos.

Esperamos que sejais sempre sinais de esperança no mundo! Hoje estamos a começar. Nos próximos dias, tereis a oportunidade de ser uma força que pode levar a graça de Deus, uma mensagem de esperança, uma luz à cidade de Roma, a Itália e ao mundo inteiro. Caminhemos juntos com a nossa fé em Jesus Cristo.

E o nosso grito deve ser também pela paz no mundo. Digamos todos juntos: “Queremos a paz no mundo!”.

[A praça: «Queremos a paz no mundo!»].

Rezemos pela paz.

Oremos pela paz e sejamos testemunhas da paz de Jesus Cristo, da reconciliação, esta luz do mundo que todos nós procuramos.

Até breve! Encontrar-nos-emos em Tor Vergata. Tende uma boa semana!

**87. SAUDAÇÃO DO SANTO PADRE LEÃO XIV
ENCONTRO COM OS ARTISTAS QUE ANIMARÃO O ENCONTRO DOS
JOVENS
EM TOR VERGATA
Sala Clementina
Sábado, 2 de agosto de 2025**

Obrigado! Bom dia a todos e obrigado por tudo!

Eu quis ter este breve encontro, digamos familiar, convosco precisamente esta manhã, consciente da beleza, da arte, da música e de todos os vossos talentos que ofereceis a este grande público que temos em Roma nestes dias. Mais de meio milhão, dizem, talvez um milhão de jovens que vieram de tantos países do mundo. Para mim é um privilégio, é uma bênção poder participar nesta missão, neste serviço, como Bispo de Roma, como Santo Padre, conhecendo sobretudo a fé, o entusiasmo e a alegria que partilhamos e que dá voz àquilo que temos no nosso coração, e que é principalmente o desejo de encontrar a felicidade, a alegria, o amor; de experimentar a fé inclusive com as dádivas que o Senhor nos concedeu: a música, a dança e tantas formas artísticas que esta tarde partilhareis com os jovens. É realmente um dom para todos nós e para toda a Igreja, e agradeço-vos sinceramente. Obrigado a vós por este momento e peço a Deus que vos abençoe e vos ajude a acompanhar estes jovens que sentem também tanta necessidade de encontrar a verdadeira alegria, a autêntica felicidade que todos encontramos em Jesus Cristo.

Felicidades e muito obrigado!

**88. PALAVRAS DO SANTO PADRE LEÃO XIV
AOS COMPANHEIROS DE PEREGRINAÇÃO DA JOVEM
PASCALE RAFIC
“Auletta” da Sala Paulo VI
Sábado, 2 de agosto de 2025**

Prezados irmãos e irmãs, a paz esteja convosco!

Esta manhã recebi a triste notícia a respeito da vossa companheira de viagem nesta peregrinação, da vossa irmã que faleceu repentinamente ontem à noite, creio...

E certamente a tristeza que a morte traz a todos nós é algo muito hu-

mano e deveras compreensível, especialmente quando se está tão distante de casa e numa ocasião como esta, em que nos encontramos realmente unidos para celebrar a nossa fé com alegria. E, de repente, lembram-nos de modo muito forte que a nossa vida não é superficial, que não controlamos a nossa vida e que não sabemos, como o próprio Jesus dizia, nem o dia nem a hora em que, por alguma razão, a nossa vida terrena termina.

Contudo, no Evangelho aprendemos também o que Marta e Maria descobrem quando falece o irmão Lázaro, e quando Jesus não estava com elas no início, mas chegou vários dias depois da sua morte, e elas compreendem que Jesus é vida e ressurreição.

Assim, de certa forma, enquanto celebramos este Ano jubilar da esperança, lembram-nos de maneira muito forte como a nossa fé em Jesus Cristo deve fazer parte do que somos, do nosso modo de viver, do modo como nos estimamos e nos respeitamos uns aos outros e, acima de tudo, da nossa maneira de continuar a ir em frente, apesar de experiências tão dolorosas.

Santo Agostinho diz-nos que, quando alguém morre, é certamente muito humano e natural chorar e sofrer, sentir a perda de alguém que nos é querido, e diz-nos também para não chorar como fazem os pagãos, porque vimos Jesus Cristo morrer na cruz e ressuscitar da morte.

E é a nossa esperança na ressurreição que constitui a fonte última da nossa esperança; e falando de um Ano jubilar da esperança, a nossa esperança está em Jesus Cristo que ressuscitou. E chama todos nós a renovar a nossa fé, a ser amigos, irmãos e irmãs uns dos outros, a apoiar reciprocamente, e diz: também vós deveis ser testemunhas daquela mensagem evangélica. E hoje isto tocou todos vós de modo muito pessoal e direto. Assim, nesta dor que experimentais pela perda da vossa amiga, tendes a oportunidade de estar juntos, de rezar, de renovar a nossa fé e de pedir a Deus o descanso eterno para a nossa irmã, mas também a consolação e o fortalecimento da nossa fé, para que se renove na esperança; e foi por isso que, como Igreja, como irmãos e irmãs, nos reunimos.

Peçamos ao Senhor que permaneça connosco, que esteja com todos vós enquanto viveis estes dias de peregrinação no ano do Jubileu da esperança, e que todos sejais amparados com o amor e a graça de Deus!

O Senhor esteja convosco! A bênção de Deus Todo-Poderoso desça sobre vós! Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém! Que Deus possa permanecer convosco e conceder a paz aos vossos corações!

**89. JUBILEU DOS JOVENS
FESTA E VIGÍLIA DE ORAÇÃO
DIÁLOGO DO PAPA LEÃO XIV COM OS JOVENS
Tor Vergata
Sábado, 2 de agosto de 2025**

Pergunta 1 – Amizade

Santo Padre, chamo-me Dulce María, tenho 23 anos e venho do México. Dirijo-me a vós como porta-voz de uma realidade que nós, jovens, vivemos em tantas partes do mundo. Somos filhos deste tempo: vivemos numa cultura que nos pertence e que, sem nos darmos conta, nos molda; ela está marcada pela tecnologia, especialmente no âmbito das redes sociais. Frequentemente, iludimo-nos com a ideia de ter muitos amigos e criar relações próximas, enquanto cada vez mais experimentamos diversas formas de solidão. Estamos próximos e conectados com tantas pessoas e, no entanto, não são relações verdadeiras e duradouras, mas passageiras e muitas vezes ilusórias. Santo Padre, a minha pergunta é: como podemos encontrar uma amizade sincera e um amor genuíno que nos levem à verdadeira esperança? Como pode a fé ajudar-nos a construir o nosso futuro?

Queridos jovens, as relações humanas, nossas relações com outras pessoas, são indispensáveis para cada um de nós, a começar pela razão de que todos os homens e mulheres do mundo nascem filhos de alguém. A nossa vida começa com um vínculo e é através de vínculos que crescemos. Neste processo, a cultura desempenha um papel fundamental: é o código com o qual nos compreendemos a nós mesmos e interpretamos o mundo. Como um dicionário, cada cultura contém tanto palavras nobres quanto palavras vulgares, valores e erros que devemos aprender a reconhecer. Buscando apaixonadamente a verdade, não apenas recebemos uma cultura, mas transformamo-la através das escolhas de vida. A verdade, com efeito, é um vínculo que une as palavras às coisas, os nomes aos rostos. A mentira, pelo contrário, separa estes aspectos, gerando confusão e mal-entendidos.

Atualmente, entre as muitas conexões culturais que caracterizam a nossa vida, a Internet e as redes sociais tornaram-se «uma oportunidade extraordinária de diálogo, encontro e intercâmbio entre as pessoas, bem como de acesso à informação e ao saber» (Papa Francisco, *Christus vivit*, 87). No entanto, estes instrumentos tornam-se ambíguos quando dominados por lógicas comerciais e interesses que destroem as nossas relações em milhares de fragmentos. A este respeito, o Papa Francisco recordava que, por vezes, «os mecanismos da comunicação, da publicidade e das redes sociais podem ser utilizados para nos tornar sujeitos adormecidos, dependentes do consumo» (*Christus vivit*, 105). Então, as nossas relações tornam-se confusas, ansiosas ou instáveis. Além disso, hoje em dia, como sabeis, existem algoritmos que nos dizem o que temos de ver e pensar, e quem devem ser os nossos amigos. E então as nossas relações tornam-se confusas, por vezes ansiosas. É que quando o instrumento domina o homem, o homem torna-se um instrumento: sim, um instrumento do mercado e, por sua vez, uma mercadoria. Só relações sinceras e laços estáveis fazem crescer histórias de vida boa.

Queridos jovens, qualquer pessoa deseja naturalmente esta vida boa, como os pulmões buscam o ar, mas como é difícil encontrá-la! Como é difícil encontrar uma amizade autêntica. Há uns séculos, Santo Agostinho, mesmo sem conhecer o desenvolvimento tecnológico de hoje, compreendeu o desejo profundo do nosso coração, que é o desejo de todo coração humano. Também ele passou por uma juventude tempestuosa, porém não se conformou, não silenciou o clamor do seu coração. Agostinho procurava a verdade, a verdade que não decepciona, a beleza que não passa. E como a encontrou? Como encontrou uma amizade sincera, um amor capaz de dar esperança? Encontrando Aquele que já o procurava: Jesus Cristo. Como construiu o seu futuro? Seguindo a Ele, seu amigo desde sempre. Com palavras suas: «Nenhuma amizade é fiel senão em Cristo. E só n'Ele pode ser feliz e eterna» (cf. *Contra duas cartas dos pelagianos*, I, I, 1). Santo Agostinho diz-nos: “Não há autêntica amizade se não for em Cristo. E a verdadeira amizade encontra-se sempre em Jesus Cristo, com verdade, amor e respeito”. Ele diz-nos ainda: «Ama verdadeiramente o seu amigo aquele que no seu amigo ama a Deus» (cf. *Sermão 336*, 2). A amizade com Cristo, que está na base da fé, não é apenas uma ajuda entre muitas outras para construir o futuro, é a nossa estrela polar. Como escreveu o beato Pier Giorgio Frassati, «viver sem fé, sem um património a defender, sem lutar pela Verdade, não é viver, é apenas ir vivendo» (*Cartas*, 27 de fevereiro de 1925). Quando as nossas amizades refletem este intenso vínculo com Jesus, tornam-se

certamente sinceras, generosas e verdadeiras.

Queridos jovens, amem-se uns aos outros! Amem-se em Cristo! Saibam ver Jesus nos outros. A amizade pode realmente mudar o mundo. A amizade é um caminho para a paz.

Pergunta 2 – Coragem para escolher

Santo Padre, chamo-me Gaia, tenho 19 anos e sou italiana. Esta noite, todos nós, jovens aqui presentes, gostaríamos de falar-lhe dos nossos sonhos, esperanças e dúvidas. O nosso tempo é marcado por decisões importantes que somos chamados a tomar para orientar a nossa vida futura. No entanto, devido ao clima de incerteza que nos rodeia, somos tentados a adiar, e o medo de um futuro desconhecido paralisa-nos. Sabemos que escolher significa renunciar a algo e isso bloqueia-nos, mas, apesar de tudo, percebemos que a esperança aponta para objetivos alcançáveis, mesmo que marcados pela precariedade do momento presente. Santo Padre, perguntamos-lhe: onde encontrar a coragem para escolher? Como podemos ser corajosos e viver a aventura de uma liberdade viva, fazendo escolhas radicais e cheias de sentido?

Obrigado pela pergunta. A escolha é um ato humano fundamental. Observando-o com atenção, compreendemos que não se trata apenas de escolher algo, mas de escolher alguém. Quando escolhemos, em sentido forte, decidimos quem queremos ser. Na verdade, a escolha por excelência é a decisão sobre a nossa vida: que homem queres ser? Que mulher queres ser? Queridos jovens, aprende-se a escolher através das provações da vida e, antes de tudo, lembrando que nós fomos escolhidos. Tal memória deve ser explorada e educada. Recebemos a vida gratuitamente, sem a escolher! Na origem de nós mesmos não houve uma decisão nossa, mas um amor que nos quis. Ao longo da existência, quem nos ajuda a reconhecer e renovar esta graça nas escolhas que somos chamados a fazer mostra-se verdadeiramente amigo.

Queridos jovens, vós dissestes bem: “escolher significa também renunciar a outras coisas, e isso às vezes bloqueia-nos”. Para sermos livres, é preciso partir de um fundamento estável, da rocha que sustenta os nossos passos. Essa rocha é um amor que nos precede, surpreende e supera

infinitamente: é o amor de Deus. Por isso, diante d'Ele, a escolha torna-se um juízo que não tira nenhum bem, mas leva sempre ao melhor.

A coragem para escolher vem do amor que Deus nos manifesta em Cristo. Foi Ele que nos amou com todo o seu ser, salvando o mundo e mostrando-nos assim que o dom da vida é o caminho para realizar a nossa pessoa. Por isso, o encontro com Jesus corresponde às expectativas mais profundas do nosso coração, porque Jesus é o Amor de Deus feito homem.

A este respeito, há vinte e cinco anos, aqui mesmo onde estamos, São João Paulo II disse: «é Jesus quem buscais quando sonhais a felicidade; é Ele quem vos espera, quando nada do que encontrais vos satisfaz; Ele é a beleza que tanto vos atrai; é Ele quem vos provoca com aquela sede de radicalidade que não vos deixa ceder a compromissos; é Ele quem vos impele a depor as máscaras que tornam a vida falsa; é Ele quem vos lê no coração as decisões mais verdadeiras que outros queriam sufocar» (Vigília de oração na XV Jornada Mundial da Juventude, 19 de agosto de 2000). O medo dá então lugar à esperança, porque temos a certeza de que Deus leva a cabo tudo o que começa. Reconhecemos a sua fidelidade nas palavras de quem ama verdadeiramente, porque foi verdadeiramente amado. “Tu és a minha vida, Senhor”: é o que um sacerdote e uma consagrada pronunciam cheios de alegria e liberdade. Tu és a minha vida, Senhor. “Aceito-te como minha esposa e como meu esposo”: é a frase que transforma o amor do homem e da mulher em sinal eficaz do amor de Deus no matrimónio. Eis escolhas radicais e cheias de significado: o matrimónio, a ordem sagrada, a consagração religiosa expressam a doação de si mesmo, livre e libertadora, que nos torna verdadeiramente felizes. E é aí que encontramos a felicidade, quando aprendemos a doar-nos a nós mesmos. Doar a vida pelos outros.

Estas escolhas dão sentido à nossa vida, transformando-a à imagem do Amor perfeito, que a criou e redimiou de todo o mal, inclusive da morte. Digo isso esta noite pensando em duas jovens, María, de 20 anos, espanhola, e a egípcia Pascale, de 18 anos. Ambas decidiram vir a Roma para o Jubileu dos Jovens e a morte as surpreendeu nestes dias. Rezem juntos por elas. Rezem também por seus familiares, seus amigos e suas comunidades. Que Jesus Ressuscitado as acolha na paz e na alegria do seu Reino. Gostaria ainda de pedir as vossas orações para outro amigo, um jovem espanhol, Ignacio Gonzalvez, que foi internado no hospital “Bambino Gesù”. Rezem por ele e pela sua saúde.

Encontrar a coragem para fazer escolhas difíceis e dizer a Jesus: “Tu és a minha vida, Senhor”. Obrigado.

Pergunta 3 – Apelo ao bem

Santo Padre, o meu nome é Will. Tenho 20 anos e sou dos Estados Unidos. Gostaria de lhe fazer uma pergunta em nome de tantos jovens que, em seus corações, anseiam por algo mais profundo. Nós somos atraídos pela vida interior, mesmo se, à primeira vista, somos julgados como uma geração superficial e irrefletida. No íntimo de nós mesmos, sentimo-nos atraídos pelo belo e pelo bem como fontes de verdade. O valor do silêncio, como nesta Vigília, fascina-nos, ainda que às vezes gere medo por causa de uma sensação de vazio. Santo Padre, gostaria de lhe perguntar: como podemos encontrar verdadeiramente o Senhor Ressuscitado nas nossas vidas e ter a certeza da sua presença mesmo no meio de provações e incertezas?

Para convocar este Ano Jubilar, o Papa Francisco publicou o documento intitulado *Spes non confundit*, que significa “a esperança não engana”. Neste documento, ele escreveu: «No coração de cada pessoa, encerra-se a esperança como desejo e expectativa do bem, apesar de não saber o que trará consigo o amanhã» (*Spes non confundit*, 1). Na Bíblia, a palavra “coração” geralmente refere-se ao mais íntimo de uma pessoa, o que inclui a nossa consciência. A nossa compreensão do que é bom reflete, então, como a nossa consciência foi moldada pelas pessoas que fazem parte da nossa vida, aquelas que foram bondosas conosco, aquelas que nos ouviram com amor, aquelas que nos ajudaram. Essas pessoas ajudaram-te a crescer na bondade e, portanto, a formar a tua consciência para buscar o bem nas tuas escolhas diárias.

Queridos jovens, Jesus é o amigo que sempre nos acompanha durante a formação da nossa consciência. Se quereis realmente encontrar o Senhor Ressuscitado, escutai a sua palavra, que é o Evangelho da salvação. Refleti sobre o vosso modo de viver e procurai a justiça para construir um mundo mais humano. Servi os pobres e dai assim testemunho do bem que sempre gostamos de receber do nosso próximo. Estejais unidos a Jesus Cristo na Eucaristia. Adorai Cristo no Santíssimo Sacramento,

fonte da vida eterna. Estudai, trabalhai e amai segundo o exemplo de Jesus, o bom Mestre que caminha sempre ao nosso lado.

A cada passo, enquanto buscamos o que é bom, peçamos-lhe: fica conosco, Senhor (cf. Lc 24, 29). Fica conosco, porque sem ti não podemos fazer o bem que desejamos. Tu queres o nosso bem; na verdade, Senhor, tu és o nosso bem. Quem te encontra também quer que os outros te encontrem, porque a tua palavra é uma luz mais brilhante do que qualquer estrela, que ilumina até a noite mais escura. O Papa Bento XVI gostava de dizer que quem acredita nunca está sozinho. Dito em outras palavras, encontramos Cristo na Igreja, isto é, na comunhão daqueles que O buscam sinceramente. O próprio Senhor nos reúne para formar comunidade, não uma comunidade qualquer, mas uma comunidade de fiéis que se apoiam mutuamente. Quanto precisa o mundo de missionários do Evangelho, que sejam testemunhas de justiça e paz! Quanto precisa o futuro de homens e mulheres que sejam testemunhas de esperança! Queridos jovens, esta é a tarefa que o Senhor Ressuscitado confia a cada um de nós!

Santo Agostinho escreveu: « Tu o incitas para que sinta prazer em louvar-te; fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti. [...] Que eu te busque, Senhor, invocando-te; e que eu te invoque, crendo em ti» (Confissões, I, 1). Seguindo estas palavras de Agostinho, e em resposta às vossas perguntas, gostaria de convidar cada um de vós a dizer ao Senhor: “Obrigado, Jesus, por me terdes chamado. O meu desejo é permanecer como um dos vossos amigos, para que, abraçando-vos, eu possa também ser um companheiro de viagem para todos aqueles que encontro. Concedei, Senhor, que aqueles que me encontram possam encontrar-vos, mesmo através das minhas limitações e fraquezas”. Ao rezar estas palavras, o nosso diálogo continuará cada vez que olharmos para o Senhor crucificado, pois os nossos corações estarão unidos n’Ele. Cada vez que adoramos Cristo na Eucaristia, os nossos corações estarão unidos n’Ele. Por fim, a minha oração por vós é que possais perseverar na fé, com alegria e coragem! E podemos dizer: “Obrigado, Jesus, por nos amares”. Obrigado, Jesus, por ter-nos amado. Obrigado, Jesus, por ter-nos chamado. Fica conosco, Senhor.

Gostaria de agradecer ao coro pela música: obrigado por nos acompanhar! Obrigado a todos vocês! Obrigado! Por favor, descansem um

pouco. O encontro é aqui amanhã de manhã para a Santa Missa. Tudo de bom para todos. Boa noite!

**90. Carta do Santo Padre ao Enviado Especial às celebrações
conclusivas do 350º aniversário das aparições do Sagrado Coração
de Jesus a Santa Margarida Maria Alacoque
[Santuário de Paray-le-Monial, 27 de junho de 2025]
(19 de junho de 2025)**

Ao venerável nosso irmão
FRANCISCO JAVIER, Cardeal BUSTILLO, O.F.M. Conv.,
Bispo de Ajaccio

«A esse Coração que tanto amou os homens, que nada poupou até se consumir totalmente, para lhes manifestar o seu amor» (Santa Margarida Maria de Alacoque, Autobiografia, 92). Estas palavras resumem a mensagem essencial que nos transmitem as aparições de Paray-le-Monial a Santa Margarida Maria de Alacoque, ocorridas entre o final de dezembro de 1673 e junho de 1675. Uma mensagem que continua a atrair fiéis de todo o mundo, chamados a crescer no encontro com Cristo, com a ajuda de uma confiança absoluta, até alcançar uma união plena e total com o Senhor (cf. Francisco, Dilexit nos 119-122).

Por isso, no santuário de Paray-le-Monial, na diocese de Autun, custódio e difusor notável da devoção ao Sacratíssimo Coração de Jesus, foi convocado um Jubileu, de 27 de dezembro de 2023 a 29 de junho do presente ano, por ocasião do 350º aniversário daqueles acontecimentos de graça, para fazer memória agradecida deles. Que esta celebração não alcance apenas a querida comunidade eclesial, mas também toda a Igreja, no contexto do Ano Santo e enquanto se comemoram os 1.700 anos do Concílio de Niceia, que proclamou a consubstancialidade do Filho com o Pai. Que todos possam experimentar a salvação e a comunhão com Deus.

Soube-se, portanto, ao dar os primeiros passos do nosso pontificado confiados no Senhor, que seriam celebrados atos principais dentro desse Jubileu. Por essa razão, os veneráveis irmãos Benoît Rivière, bispo de Autun, e Éric de Moulins-Beaufort, arcebispo metropolitano de Reims e presidente da Conferência Episcopal Francesa, solicitaram cordialmente ao nosso querido predecessor, o Papa Francisco, que enviasse um prelado de destaque para representar o Romano Pontífice em Paray-le-Monial e presidir ali a celebração eucarística que concluirá o Ano Jubilar.

Nós, desejando cumprir com gosto a vontade do nosso predecessor, nomeamos-te, venerável nosso irmão, por meio desta carta, Enviado Extraordinário nosso para as solenidades do 350º Jubileu que terão lugar no próximo 27 de junho, na solenidade do Sagrado Coração de Jesus, em Paray-le-Monial. Conheces bem aquela região: primeiro como Custódio Provincial da tua Ordem na França, e depois como delegado episcopal no Santuário de Nossa Senhora de Lourdes, onde conquistaste grande apreço e onde é amplamente reconhecida a tua experiência no cultivo humano e divino, bem como na ação pastoral ali desenvolvida.

Encarregamos-te, portanto, de presidir nesta importante missão em nosso nome e de comunicar aos sacerdotes, consagrados, fiéis leigos e autoridades civis os nossos sentimentos pastorais e a nossa proximidade, cumprindo plenamente as expectativas de todos. Como corresponde à ocasião, presidirás a celebração eucarística, na qual anunciarás as insondáveis riquezas do Coração de Cristo, de onde brotam rios de água viva para curar as feridas que sofremos, e para que juntos avancemos rumo a um mundo mais justo, solidário e fraterno.

Enquanto confiamos a tua missão, venerável nosso irmão, à proteção da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe do Bom Conselho, concedemos de bom grado a nossa Bênção Apostólica, portadora de graças celestiais, que desejamos se estenda a todos os que participarem desta celebração.

Do Vaticano, 19 de junho, solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo, Ano Santo 2025, primeiro do nosso pontificado.

LEÃO PP. XIV

**91. Carta do Santo Padre ao Enviado Especial às celebrações do 400º aniversário das aparições de Santa Ana em Auray
[25-26 de julho de 2025] (25 de junho de 2025)**

Ao venerável nosso irmão

ROBERT SARAH, Cardeal da Santa Igreja Romana,
Prefeito emérito da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos

O Altíssimo digna-se revelar os mistérios inefáveis do Reino dos céus, especialmente aos pequeninos (cf. Mt 11,25-26). Por isso, por graça de Deus, Santa Ana, dulcíssima mãe da Bem-aventurada Virgem Maria, apareceu milagrosamente ao camponês Yves Nicolazic, para que a fé do povo da Bretanha se avivasse com renovado ardor espiritual. Foi construída uma pequena capela que, pela frequente afluência de devotos, tornou-se um importante santuário, dedicado a Santa Ana de Auray, e com o tempo um local muito desejado por inúmeros peregrinos. Finalmente, em um radiante dia de setembro do ano de 1996, chegou também ali —para incentivar a fé, a esperança e a caridade das famílias— nosso predecessor, São João Paulo II.

Aproveitando, portanto, a feliz ocasião do 400º aniversário das aparições de Santa Ana na localidade de Sainte-Anne-d'Auray, que se celebrará no próximo mês de julho, o venerável irmão Raymond Centène, bispo de Vannes, solicitou cordialmente ao Papa Francisco —hoje de feliz memória— que designasse um cardeal destacado para presidir, em nome do Sumo Pontífice, as celebrações comemorativas de Santa Ana e proferir palavras de estímulo espiritual. Desejando atender a tão piedosa solicitação, e confirmando a designação expressamente feita por nosso predecessor de grata memória, dirigimo-nos a ti, venerável nosso irmão, que te destacas por tua piedade e sabedoria, e és um trabalhador incansável e diligente na vinha do Senhor.

Portanto, mediante esta carta, nomeamos-te nosso Enviado Extraordinário para as celebrações acima mencionadas, que terão lugar nos dias 25 e 26 do próximo mês de julho, em memória de Santa Ana, na localidade de Sainte-Anne-d'Auray, e que se desenvolverão com o rito correspondente.

Exortarás todos os participantes deste evento a que, com forças renovadas e novo entusiasmo, mantenham viva a esperança nas promessas de Deus, sabendo que este Jubileu Ihes concedeu abundantes benefícios espirituais e graças da bondade celestial, que sem dúvida serão de grande auxílio no esforço cotidiano.

Saudarás em nosso nome o bispo da diocese de Vannes, todos os fiéis ali reunidos, os veneráveis prelados, sacerdotes, religiosos e religiosas, as autoridades civis e os leigos cristãos, transmitindo-lhes nossa benevolência.

Nós mesmos, venerável nosso irmão, te acompanharemos com nossa

oração no cumprimento de tua missão, invocando a intercessão de Santa Ana e de sua incomparável Filha, a Bem-aventurada Virgem Maria. E desde já concedemos de bom grado a nossa Bênção Apostólica, sinal de nossa benevolência para contigo e penhor dos dons celestiais, a qual desejamos que estendas a todos os participantes destas celebrações.

Do Vaticano, 25 de junho, Ano Santo 2025, primeiro de nosso pontificado.

LEÃO PP. XIV

**92. Carta do Santo Padre ao Enviado Especial à celebração
do centenário da arquidiocese de Rijeka (Croácia)
[14 de junho de 2025] (29 de maio de 2025)**

Ao venerável nosso irmão

MATTEO MARIA ZUPPI, Cardeal da Santa Igreja Romana,
Arcebispo Metropolitano de Bolonha,
Presidente da Conferência Episcopal Italiana

Aquele que prepara, com pedras vivas e escolhidas, uma morada eterna para sua glória, dignou-se também a chamar a Igreja de sua Esposa (cf. 1Pe 2,5), para que, como povo consagrado ao nome de Jesus e em constante edificação rumo à Jerusalém celestial, cresça sem cessar até alcançar as promessas eternas por meio da imitação de Cristo. Nesta casa visível que Deus nos permite construir a cada dia, representa-se e realiza-se admiravelmente o mistério de sua comunhão conosco: nela, a Igreja espalhada por toda a terra se edifica como Corpo do Senhor até alcançar a plenitude da visão de paz. Ela é, de fato, a âncora de esperança em nosso tempo, edificada sobre o fundamento dos Apóstolos e com Cristo Jesus mesmo como pedra angular.

Ao considerar tudo isso, nos alegramos com as celebrações com que o clero e os fiéis da arquidiocese metropolitana de Rijeka (Croácia) darão graças a Deus na festa do centenário da fundação de sua comunidade, erigida pelas Letras de nosso predecessor Pio XI, de feliz memória, intituladas *Supremum pastorale munus*, datadas de 25 de abril de 1925.

Nos primeiros dias de nosso serviço como Pastor da Igreja Universal, desejamos dirigir nosso pensamento à querida Igreja de Rijeka, espe-

cialmente porque seu Arcebispo Metropolitano, o venerável irmão Mate Uzinić, solicitou amavelmente ao nosso amado predecessor, o Papa Francisco, de feliz memória, que enviasse um cardeal para representá-lo em Rijeka e presidir ali a celebração eucarística.

Portanto, nós, querendo cumprir de bom grado a vontade de nosso predecessor, confirmamos-te, mediante esta carta, como nosso Enviado Extraordinário para a celebração principal, que terá lugar na véspera da solenidade de São Vito, mártir e glorioso padroeiro da Igreja de Rijeka, ou seja, no próximo dia 14 de junho, por ocasião do centenário da fundação dessa comunidade eclesial.

Neste Ano Santo que toda a Igreja celebra, exortarás todos os participantes a que, assim como toda a criação se ordena naturalmente para seu Criador, também eles se voltem livremente para Ele, que é a verdade suprema e o bem mais alto. Saudarás em nosso nome o Arcebispo Metropolitano de Rijeka, os demais bispos presentes, os sacerdotes, os religiosos e religiosas, e todos os fiéis leigos. Queremos que as palavras de nossa benevolência cheguem também às autoridades civis e a todos os participantes.

Elevamos, finalmente, fervorosa oração a Deus Todo-Poderoso, por intercessão da Bem-aventurada Virgem Maria de Trsat e de São Vito, mártir, para que cumpras diligentemente a missão que te foi confiada, e para que todos os que participarem deste aniversário sejam abundantemente agraciados pelo Senhor. Que esta nossa Bênção Apostólica seja portadora dos verdadeiros dons celestiais e expressão de nossa benevolência para contigo, venerável nosso irmão, a qual desejamos que se estenda também a todos os reunidos.

Do Vaticano, 29 de maio, solenidade da Ascensão do Senhor, Ano Santo 2025, primeiro de nosso pontificado.

LEÃO PP. XIV

**93. Carta do Santo Padre ao Enviado Especial às celebrações do 950º aniversário da Diocese de Płock (Polônia)
[7 de junho de 2025] (16 de maio de 2025)**

AAo venerável nosso irmão

LADISLAO NÉMET, Cardeal da Santa Igreja Romana, S.V.D.

Arcebispo Metropolitano de Belgrado

A comunidade diocesana de Płock, fundada no ano de 1075 por vontade de nosso predecessor São Gregório VII, atento às necessidades pastorais de seu tempo, celebra com gratidão tanto o Ano Santo junto a toda a Igreja universal quanto o 950º aniversário de sua fundação. Aquele insigne Pontífice enviou então seus legados ao príncipe polonês Boleslau II, confiando-lhes a missão de organizar a estrutura eclesiástica no território do jovem Estado polonês, que havia recebido o sagrado Batismo mais de um século antes. A diocese, então denominada de Mazóvia, abrangia uma extensa região na qual, com o passar dos séculos, foram sendo criadas muitas outras Igrejas particulares.

A Igreja de Płock, uma das mais antigas sedes episcopais da Polônia, destacou-se pela firmeza de sua fé, pela santidade de vida de muitos de seus pastores e fiéis, e pelo amor à Igreja universal. Essa querida terra da Mazóvia conheceu a vida e missão de São Estanislau Kostka, padroeiro das crianças e jovens; de Santa Faustina Kowalska, grande apóstola da Divina Misericórdia; e dos bem-aventurados bispos Antônio Julián Nowowiejski e Leão Wetmański, mártires da Segunda Guerra Mundial.

Outro ilustre predecessor nosso, São João Paulo II, visitou Płock em junho de 1991; celebrou solenemente a Santa Missa na praça junto ao estádio, dirigiu palavras de consolo a aqueles privados de liberdade e presidiu o rito de devoção ao Sagrado Coração de Jesus na antiga catedral, belamente situada às margens do rio Vístula.

Soube-se que, ao iniciar nosso pontificado com plena confiança no Senhor, a Igreja de Płock se dispõe a celebrar os principais atos desse jubileu. Por esse motivo, o venerável irmão Szymon Stułkowski, bispo de Płock, solicitou cordialmente ao Papa Francisco — de feliz memória — que enviasse um pastor eminente para representá-lo em Płock e manifestar o afeto do Romano Pontífice por essa comunidade.

Desejando cumprir de bom grado a vontade de nosso predecessor, confirmamos-te mediante esta carta como nosso Enviado Extraordinário para a celebração do 950º aniversário da fundação da Diocese de Płock, que terá lugar no próximo dia 7 de junho.

Presidirás a solenidade eucarística e saudarás, em nosso nome, o bispo de Płock, os demais prelados presentes, os sacerdotes, religiosos e reli-

giosas, as autoridades civis e todos os fiéis congregados. Exortarás, com tua palavra, todos os presentes a uma imitação mais profunda da vida de Cristo no cotidiano, ao amor pelo Evangelho e pela Igreja, e à oração pelas vocações ao sacerdócio e à vida consagrada. Cada um, consciente de sua própria vocação, lembrando as palavras de São Estanislau Kōska: «Nasci para coisas maiores», deve dar testemunho — mesmo nestes tempos difíceis — da beleza da vida cristã.

Nós, por nossa parte, te acompanhamos com nossas orações no cumprimento de tua missão, e concedemos de bom grado nossa Bênção Apostólica, como sinal de nossa benevolência para contigo e penhor dos dons celestiais, que desejamos estendas a todos os participantes da celebração.

Do Vaticano, a 16 de maio, na festa de São André Bobola, padroeiro da Polônia, Ano Santo 2025, primeiro de nosso pontificado.

LEÃO PP. XIV

**94. Aos professores de escolas católicas da Irlanda, Inglaterra, País de Gales e Escócia; e aos jovens da diocese de Copenhague
[5 de julho de 2025]**

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A paz esteja convosco!

Bom dia e bem-vindos ao Vaticano.

Excelências,
Queridos sacerdotes
e jovens amigos:

É com alegria que vos saúdo a todos por ocasião da vossa peregrinação a Roma neste Ano Jubilar, que, como sabeis, está centrado na virtude teologal da esperança. Em particular, dou as boas-vindas aos jovens da diocese de Copenhague — que compõem este grupo — assim como aos docentes vindos da Irlanda, Inglaterra, País de Gales e Escócia.

Estais seguindo os passos de inúmeros peregrinos de vossos países que, ao longo dos séculos, realizaram esta mesma peregrinação a Roma, a “Cidade Eterna”. De fato, para os cristãos, Roma sempre foi um lar especial, porque é o lugar onde os apóstolos Pedro e Paulo deram o testemunho supremo do seu amor a Jesus, entregando a vida como márti-

res. Como Sucessor de Pedro, desejo expressar a minha gratidão pela vossa presença aqui e rezo para que, ao visitar os diversos lugares santos, possais encontrar inspiração e esperança no profundo exemplo de como os santos e mártires imitaram Cristo.

A peregrinação desempenha um papel fundamental na nossa vida de fé, porque nos tira de nossas casas e rotinas cotidianas e nos oferece tempo e espaço para encontrarmos Deus de maneira mais profunda. Esses momentos ajudam-nos sempre a crescer, pois é através deles que o Espírito Santo nos molda com delicadeza, para que nos tornemos cada vez mais conformes à mente e ao coração de Jesus Cristo.

De modo particular, queridos irmãos e irmãs, jovens que se reuniram conosco esta manhã, lembrai-vos de que Deus criou cada um de vós com um propósito e uma missão nesta vida. Aproveitai, portanto, esta oportunidade para ouvir, para rezar, de modo que possais perceber com maior clareza a voz de Deus que vos chama desde o mais profundo do coração. Quero acrescentar que, hoje, com frequência, perdemos a capacidade de ouvir, de ouvir verdadeiramente. Ouvimos música, nossos ouvidos estão constantemente expostos a todo tipo de estímulos digitais, mas, às vezes, esquecemos de escutar o nosso próprio coração. E é no coração onde Deus nos fala, onde nos chama e nos convida a conhecê-lo melhor e a viver em Seu amor. E, através dessa escuta, podereis abrir o vosso interior para permitir que a graça de Deus fortaleça a vossa fé em Jesus (cf. Col 2,7), tornando mais fácil partilhar esse dom com os outros.

E a vós, queridos docentes: o que acabo de dizer aos jovens também se aplica a vós, especialmente considerando o vosso importante papel na formação das novas gerações: crianças, adolescentes e jovens adultos. De fato, eles vos olharão como modelos: modelos de vida, modelos de fé. Observarão, sobretudo, como ensinais e como viveis. Espero que alimentais cada dia a vossa relação com Cristo, que nos oferece o modelo de ensino autêntico (cf. Mt 7,28), para que também possais guiar e animar aqueles que vos foram confiados a seguir Cristo em suas próprias vidas.

Por fim, quando regressardes a casa, lembrai-vos de que uma peregrinação nunca termina por completo, mas desloca o seu centro para o “peregrinaje do discipulado” cotidiano. Todos somos peregrinos e sempre o seremos, caminhando enquanto procuramos seguir o Senhor e encontrar o caminho que nos é próprio na vida. Sem dúvida, isso

não é fácil, mas, com a ajuda do Senhor, a intercessão dos santos e o apoio mútuo, podeis estar certos de que, enquanto permanecais fiéis e confiando sempre na misericórdia de Deus, a experiência desta peregrinação continuará a dar frutos ao longo de toda a vossa vida (cf. Jo 15,16).

Queridos amigos, com estas breves palavras, e confiando-vos à intercessão de Maria, Mãe da Igreja, imparto com prazer a minha cordial bênção.

Que Deus vos abençoe e muito obrigado.

95. Aos catecúmenos e neófitos da França [29 de julho de 2025]

Queridos irmãos e irmãs,
a paz esteja convosco.

Esta manhã cedo recebi a triste notícia de que uma de vossas companheiras, que viajava convosco em peregrinação — vossa companheira de caminho, vossa irmã — faleceu inesperadamente na noite passada, se não me engano.

E, naturalmente, a tristeza que a morte traz é algo profundamente humano e muito compreensível, sobretudo estando tão longe de casa e numa ocasião como esta, em que nos reunimos para celebrar a nossa fé com alegria. E, de repente, somos lembrados de forma muito forte de que a nossa vida não é superficial, que não temos controle sobre ela e que — como diz o próprio Jesus — não conhecemos nem o dia nem a hora em que nossa vida terrena termina.

Mas também aprendemos no Evangelho o que Marta e Maria descobriram quando morreu seu irmão Lázaro, e Jesus não estava com elas no início, chegando vários dias depois da morte. Elas compreenderam que Jesus é a vida e a ressurreição.

Portanto, de certo modo, enquanto celebramos este Ano Jubilar da Esperança, somos fortemente lembrados de quanto precisamos que nossa fé em Jesus Cristo faça parte do que somos, de como vivemos, de como valorizamos e respeitamos os outros e, especialmente, de como seguimos em frente mesmo em experiências tão dolorosas.

Santo Agostinho nos diz que, quando alguém morre, é muito humano e

natural chorar, sentir dor, sentir a perda de alguém querido. No entanto, ele também diz: não choreis como os pagãos, pois nós também vimos Jesus Cristo morrer na cruz e ressuscitar dentre os mortos.

E é a nossa esperança na ressurreição a fonte última da nossa esperança. Ao falar de um Ano Jubilar da Esperança, nossa esperança está em Jesus Cristo ressuscitado. Ele nos chama todos a renovar a fé, a ser amigos, irmãos e irmãs uns dos outros, a sustentar-nos mutuamente. E nos diz que também devemos ser testemunhas desta mensagem do Evangelho.

Para todos vós, isto tocou hoje a vida de maneira muito pessoal e direta. Por isso pensamos que, ao menos em meio à dor que sentis pela perda de vossa amiga, podíeis ter esta oportunidade de reunir-se para rezar, renovar a fé e pedir a Deus tanto o descanso eterno para vossa irmã quanto força e consolo: força para a fé e renovação na esperança. E como Igreja, como irmãos e irmãs, é por isso que nos reunimos.

Peçamos ao Senhor que esteja conosco, que esteja com cada um de vós durante estes dias de peregrinação do Ano Jubilar da Esperança, e que todos sejam protegidos pelo amor e pela graça de Deus.

O Senhor esteja convosco.

Que a bênção de Deus Todo-Poderoso desça sobre vós, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Que Deus esteja convosco e conceda paz aos vossos corações.

**96. Reunião com os membros do Conselho Ordinário
da Secretaria Geral do Sínodo
[26 de junho de 2025]**

QQueridíssimos,

É com alegria que vos saúdo por ocasião da reunião do Conselho Ordinário da Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos.

Embora não me seja possível permanecer convosco durante toda a tarde, aproveito com gosto esta oportunidade para partilhar uma ideia que considero central e, em seguida, ouvir-vos no tempo que me é possível.

O Papa Francisco deu um novo impulso ao Sínodo dos Bispos, inspiran-

do-se, como afirmou em diversas ocasiões, em São Paulo VI. E o legado que nos deixou parece-me sobretudo este: a sinodalidade é um estilo, uma atitude que nos ajuda a ser Igreja, promovendo autênticas experiências de participação e comunhão.

Durante seu pontificado, o Papa Francisco desenvolveu esta visão nas diferentes Assembleias sinodais, especialmente nas dedicadas à família, e depois a levou à sua plena expressão no caminho mais recente, dedicado precisamente à sinodalidade.

O Sínodo dos Bispos conserva naturalmente a sua fisionomia institucional e, ao mesmo tempo, enriquece-se com os frutos amadurecidos nesta etapa. Vós sois o organismo encarregado de recolher esses frutos e de fazer uma reflexão com olhar de futuro. Animo-vos nesta tarefa, rezo para que seja fecunda e, desde já, agradeço-vos.

**97. MENSAGEM DE SUA SANTIDADE
PAPA LEÃO XIV
PARA O X DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO
PELO CUIDADO DA CRIAÇÃO 2025
[1º de setembro de 2025]**

O tema para o Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação deste ano, escolhido pelo nosso amado Papa Francisco, é “Sementes de Paz e Esperança”. No décimo aniversário da instituição deste Dia de oração, que coincidiu com a publicação da Encíclica *Laudato si'*, encontramos-nos em pleno Jubileu, “peregrinos de Esperança”. E é precisamente neste contexto que o tema adquire todo o seu significado.

Na sua pregação, Jesus usa com frequência a imagem da semente para falar do Reino de Deus e, na véspera da Paixão, aplica-a a Si mesmo, comparando-Se ao grão de trigo, que deve morrer para dar fruto (cf. Jo 12, 24). A semente entrega-se inteiramente à terra e aí, com a força impetuosa do seu dom, a vida germina, mesmo nos lugares mais inesperados, numa surpreendente capacidade de gerar um futuro. Pensemos, por exemplo, nas flores que crescem à beira da estrada: ninguém as plantou, mas elas crescem graças a sementes que foram parar ali quase por acaso e conseguem decorar o cinzento do asfalto e até mesmo penetrar na sua dura superfície.

Assim, em Cristo, somos sementes. Não só isso, mas “sementes de Paz e Esperança”. Como diz o profeta Isaías, o Espírito de Deus é capaz de trans-

formar o deserto árido e ressequido num jardim, num lugar de repouso e serenidade: «Uma vez mais virá sobre nós o espírito do alto. Então o deserto se converterá em pomar, e o pomar será como uma floresta. Na terra, agora deserta, habitará o direito, e a justiça no pomar. A paz será obra da justiça, e o fruto da justiça será a tranquilidade e a segurança para sempre. O povo de Deus repousará numa mansão serena, em moradas seguras e em lugares tranquilos» (Is 32, 15-18).

Estas palavras proféticas que, de 1º de setembro a 4 de outubro, acompanharão a iniciativa ecuménica do “Tempo da Criação”, afirmam com força que, junto à oração, são necessárias vontades e ações concretas que tornem perceptível esta “carícia de Deus” sobre o mundo (cf. Carta enc. *Laudato si'*, 84). Com efeito, a justiça e o direito parecem remediar a inospitalidade do deserto. Trata-se de um anúncio extraordinariamente atual. Em várias partes do mundo, já é evidente que a nossa terra está a cair na ruína. Por todo o lado, a injustiça, a violação do direito internacional e dos direitos dos povos, a desigualdade e a ganância provocam o desflorestamento, a poluição, a perda de biodiversidade. Os fenómenos naturais extremos, causados pelas alterações climáticas provocadas pelo homem, estão a aumentar de intensidade e frequência (cf. Exort. ap. *Laudate Deum*, 5), sem ter em conta os efeitos, a médio e longo prazo, de devastação humana e ecológica provocada pelos conflitos armados.

Parece ainda haver uma falta de consciência de que a destruição da natureza não afeta todos da mesma forma: espezinhar a justiça e a paz significa atingir principalmente os mais pobres, os marginalizados, os excluídos. A este respeito, o sofrimento das comunidades indígenas é emblemático.

E não basta: a própria natureza torna-se, por vezes, um instrumento de troca, uma mercadoria a negociar para obter ganhos económicos ou políticos. Nestas dinâmicas, a criação transforma-se num campo de batalha pelo controlo dos recursos vitais, como testemunham as zonas agrícolas e as florestas que se tornaram perigosas por causa das minas, a política da “terra queimada” [1], os conflitos que eclodem em torno das fontes de água, a distribuição desigual das matérias-primas, penalizando as populações mais fracas e minando a própria estabilidade social.

Estas várias feridas devem-se ao pecado. Não era certamente isso que Deus tinha em mente quando confiou a Terra ao homem criado à sua

imagem (cf. Gn 1, 24-29). A Bíblia não promove «o domínio despótico do ser humano sobre a criação» (Carta enc. *Laudato si'*, 200). Pelo contrário, «é importante ler os textos bíblicos no seu contexto, com uma justa hermenêutica, e lembrar que nos convidam a “cultivar e guardar” o jardim do mundo (cf. Gn 2, 15). Enquanto “cultivar” quer dizer lavrar ou trabalhar um terreno, “guardar” significa proteger, cuidar, preservar, velar. Isto implica uma relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza» (ibid., 67).

A justiça ambiental - implicitamente anunciada pelos profetas - já não pode ser considerada um conceito abstrato ou um objetivo distante. Ela representa uma necessidade urgente que ultrapassa a mera proteção do ambiente. Trata-se verdadeiramente de uma questão de justiça social, económica e antropológica. Para os que creem em Deus, além disso, é uma exigência teológica, que para os cristãos tem o rosto de Jesus Cristo, em quem tudo foi criado e redimido. Num mundo onde os mais frágeis são os primeiros a sofrer os efeitos devastadores das alterações climáticas, do desflorestamento e da poluição, cuidar da criação torna-se uma questão de fé e de humanidade.

Chegou verdadeiramente o tempo de dar seguimento às palavras com obras concretas. «Viver a vocação de guardiões da obra de Deus não é algo de opcional nem um aspecto secundário da experiência cristã» (ibid., 217). Trabalhando com dedicação e ternura, muitas sementes de justiça podem germinar, contribuindo para a paz e a esperança. Por vezes, são precisos anos para que a árvore dê os primeiros frutos, anos que envolvem todo um ecossistema na continuidade, na fidelidade, na colaboração e no amor, sobretudo se este amor se tornar um espelho do Amor oblato de Deus.

Entre as iniciativas da Igreja, que são como sementes lançadas neste campo, gostaria de recordar o projeto “Borgo *Laudato si'*”, que o Papa Francisco nos deixou como herança em Castel Gandolfo, uma semente que pode dar frutos de justiça e paz. Trata-se de um projeto de educação para a ecologia integral que visa ser um exemplo de como se pode viver, trabalhar e fazer comunidade aplicando os princípios da Encíclica *Laudato si'*.

Peço ao Todo-Poderoso que nos envie em abundância o seu «espírito do alto» (Is 32, 15), para que estas sementes e outras semelhantes possam dar frutos abundantes de paz e esperança.

A Encíclica *Laudato si'* acompanha a Igreja Católica e muitas pessoas de boa vontade desde há dez anos: que ela continue a inspirar-nos, e que a ecologia integral seja cada vez mais escolhida e partilhada como caminho a seguir. Assim se multiplicarão as sementes de esperança, a serem “guardadas e cultivadas” com a graça da nossa grande e indefectível Esperança, Cristo Ressuscitado. Em seu nome, envio a todos vós a minha bênção.

Vaticano, 30 de junho de 2025, Memória dos Santos Protomártires da Igreja Romana.

LEÃO PP. XIV

**98. MENSAGEM DO SANTO PADRE LEÃO XIV
PARA O V DIA MUNDIAL DOS AVÓS E DOS IDOSOS
[27 de julho de 2025]**

“Bem-aventurado aquele que não perdeu a esperança” (cf. Sir 14, 2)

Queridos irmãos e irmãs,

O Jubileu que estamos a viver ajuda-nos a descobrir que a esperança é, em todas as idades, perene fonte de alegria. Além disso, quando é provada pelo fogo de uma longa existência, torna-se fonte de uma bem-aventurança plena.

A Sagrada Escritura apresenta vários casos de homens e mulheres já avançados em idade que o Senhor inclui nos seus desígnios de salvação. Pensemos em Abraão e Sara: já idosos, permanecem incrédulos diante da palavra de Deus, que lhes promete um filho. A impossibilidade de gerar parecia ter fechado o seu olhar de esperança para o futuro.

A reação de Zacarias ao anúncio do nascimento de João Batista não é diferente: «Como hei-de verificar isso, se estou velho e a minha esposa é de idade avançada?» (Lc 1, 18). A velhice, a esterilidade e a diminuição das forças parecem extinguir as esperanças de vida e fecundidade de todos esses homens e mulheres. E parece também puramente retórica a pergunta que Nicodemos faz a Jesus, quando o Mestre lhe fala de um “novo nascimento”: «Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura poderá entrar no ventre de sua mãe outra vez, e nascer?» (Jo 3, 4). Pois bem, em todas as ocasiões em que aparece uma resposta aparentemente óbvia, o Senhor surpreende os seus interlocutores com

uma intervenção salvífica.

Os idosos, sinais de esperança

Na Bíblia, Deus mostra várias vezes a sua providência dirigindo-se a pessoas idosas. Foi o que aconteceu a Abraão, Sara, Zacarias, Isabel e também com Moisés, chamado a libertar o seu povo quando tinha oitenta anos (cf. Ex 7, 7). Com estas escolhas, Ele ensina-nos que, aos seus olhos, a velhice é um tempo de bênção e graça e que, para Ele, os idosos são as primeiras testemunhas da esperança. «O que é este tempo da velhice? – pergunta-se Santo Agostinho a este respeito, e continua – Deus responde-te assim: “Oh, que a tua força desapareça de verdade, para que em ti permaneça a minha força e possas dizer com o Apóstolo: quando sou fraco, então é que sou forte”» (Enarr. In Ps. 70, 11). Assim, a constatação de que hoje o número daqueles que estão avançados em idade aumenta cada vez mais torna-se, para nós, um sinal dos tempos que somos chamados a discernir, para ler bem a história que vivemos.

Com efeito, só se compreende a vida da Igreja e do mundo na sucessão das gerações. Por isso, abraçar um idoso ajuda-nos a entender que a história não se esgota no presente, nem em encontros rápidos e relações fragmentárias, mas se desenrola rumo ao futuro. No livro do Génesis, encontramos o comovente episódio da bênção dada por Jacó, já idoso, aos filhos de José, seus netos: as suas palavras os exortam a olhar com esperança para o futuro, como o tempo das promessas de Deus (cf. Gn 48, 8-20). Portanto, se é verdade que a fragilidade dos idosos precisa do vigor dos jovens, é igualmente verdade que a inexperiência dos jovens precisa do testemunho dos idosos para projetar o futuro com sabedoria. Quantas vezes os nossos avós foram para nós um exemplo de fé e devoção, de virtudes cívicas e compromisso social, de memória e perseverança nas provas! A nossa gratidão e coerência nunca serão suficientes para agradecer este bonito legado que nos foi deixado com tanta esperança e amor.

Sinais de esperança para os idosos

Desde as suas origens bíblicas, o Jubileu representou um tempo de libertação: os escravos eram libertados, as dívidas perdoadas, as terras devolvidas aos seus proprietários originais. Era um momento de restauração da ordem social desejada por Deus, em que se sanavam as desigualdades e as opressões acumuladas ao longo dos anos. Na sinagoga de Nazaré, Jesus renova estes eventos de libertação quando proclama

a boa nova aos pobres, a visão aos cegos, a soltura dos prisioneiros e o retorno à liberdade para os oprimidos (cf. Lc 4, 16-21).

Olhando para os idosos nesta perspectiva jubilar, também nós somos chamados a viver com eles uma libertação, sobretudo da solidão e do abandono. Este ano é o momento propício para realizá-la: a fidelidade de Deus às suas promessas ensina-nos que há uma bem-aventurança na velhice, uma alegria autenticamente evangélica que nos convida a derrubar os muros da indiferença na qual os idosos estão frequentemente encerrados. Em todas as partes do mundo, as nossas sociedades estão a habituar-se, com demasiada frequência, a deixar que uma parte tão importante e rica do seu tecido social seja marginalizada e esquecida.

Perante esta situação, é necessária uma mudança de atitude, que testemunhe uma assunção de responsabilidade por parte de toda a Igreja. Cada paróquia, associação ou grupo eclesial é chamado a tornar-se protagonista da “revolução” da gratidão e do cuidado, a realizar-se através de visitas frequentes aos idosos, criando para eles e com eles redes de apoio e oração, tecendo relações que possam dar esperança e dignidade àqueles que se sentem esquecidos. A esperança cristã impele-nos continuamente a ousar mais, a pensar em grande, a não nos contentarmos com o status quo. Neste caso específico, a trabalhar por uma mudança que devolva aos idosos a estima e o afeto.

Por isso, o Papa Francisco quis que o Dia Mundial dos Avós e dos Idosos fosse celebrado, em primeiro lugar, encontrando aqueles que estão sozinhos. E decidiu-se, pela mesma razão, que aqueles que não puderem vir a Roma neste ano em peregrinação podem «obter a Indulgência jubilar se se deslocarem para visitar por um congruo período [...] idosos em solidão [...] quase fazendo uma peregrinação em direção a Cristo presente neles (cf. Mt 25, 34-36)» (Penitenciaria Apostólica, Normas sobre a Concessão da Indulgência Jubilar, III). Visitar um idoso é um modo de encontrar Jesus, que nos liberta da indiferença e da solidão.

Na velhice, pode-se ter esperança

O livro de Ben Sirá afirma que a bem-aventurança é daqueles que não perderam a esperança (cf. 14, 2), dando a entender que na nossa vida – especialmente se for longa – podem existir muitos motivos para sempre lançar o olhar para o passado, em vez de olhar para o futuro. No en-

tanto, como escreveu o Papa Francisco durante a sua última internação no hospital, «o nosso físico é débil mas, mesmo assim, nada nos pode impedir de amar, de rezar, de nos doarmos, de sermos uns pelos outros, na fé, sinais luminosos de esperança» (Angelus, 16 de março de 2025). Possuímos uma liberdade que nenhuma dificuldade pode tirar-nos: a de amar e rezar. Todos, sempre, podemos amar e rezar.

O bem que desejamos às pessoas que nos são caras – ao cônjuge com quem compartilhamos grande parte da vida, aos filhos, aos netos que alegam os nossos dias – não desaparece quando as forças se esvaem. Pelo contrário, muitas vezes é justamente o carinho deles que desperta as nossas energias, trazendo-nos esperança e conforto.

Estes sinais de vitalidade do amor, que têm a sua raiz em Deus mesmo, dão-nos coragem e recordam-nos que «mesmo se, em nós, o homem exterior vai caminhando para a ruína, o homem interior renova-se, dia após dia» (2 Cor 4, 16). Por isso, sobretudo na velhice, perseveremos confiantes no Senhor. Deixemo-nos renovar todos os dias, na oração e na Santa Missa, pelo encontro com Ele. Transmitamos com amor a fé que vivemos na família e nos encontros quotidianos durante tantos anos: louvemos sempre a Deus pela sua benevolência, cultivemos a unidade com as pessoas que nos são caras, abramos o nosso coração aos que estão mais longe e, em particular, aos necessitados. Assim, seremos sinais de esperança, em todas as idades.

Vaticano, 26 de junho de 2025

LEÃO PP. XIV

**99. MENSAGEM DO PAPA LEÃO XIV
PARA O 111º DIA MUNDIAL DO MIGRANTE E DO REFUGIADO 2025
[4-5 de outubro de 2025]**

Migrantes, missionários de esperança

Queridos irmãos e irmãs,

O 111º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, que o meu predecessor quis fazer coincidir com o Jubileu dos Migrantes e do Mundo Missionário, oferece-nos a oportunidade de refletir sobre a relação entre esperança, migração e missão.

O atual contexto mundial é tristemente marcado por guerras, violência, injustiças e fenômenos meteorológicos extremos, que obrigam milhões de pessoas a deixar a sua terra natal em busca de refúgio noutros lugares. A tendência generalizada de cuidar exclusivamente dos interesses de comunidades circunscritas constitui uma séria ameaça à partilha de responsabilidades, à cooperação multilateral, à realização do bem comum e à solidariedade global em benefício de toda a família humana. A perspectiva de uma nova corrida ao armamento e o desenvolvimento de novas armas, incluindo aquelas nucleares, a pouca consideração pelos efeitos nefastos da atual crise climática e as profundas desigualdades económicas tornam cada vez mais difíceis os desafios do presente e do futuro.

Perante as previsões de devastação global e cenários assustadores, é importante que cresça no coração de cada vez mais pessoas o desejo de esperar um futuro de dignidade e paz para todos os seres humanos. Esse futuro é parte essencial do projeto de Deus para a humanidade e para o resto da criação. Trata-se do futuro messiânico antecipado pelos profetas: «Velhos e velhas sentar-se-ão ainda nas praças de Jerusalém; cada um terá na mão o seu bastão, por causa da sua muita idade. As praças da cidade ficarão cheias de meninos e meninas que brincarão nelas. [...] Semearei a paz: a vinha dará o seu fruto, a terra os seus produtos e o céu o seu orvalho» (Zc 8, 4-5.12). E este futuro já começou, porque foi inaugurado por Jesus Cristo (cf. Mc 1, 15 e Lc 17, 21) e nós cremos e esperamos a sua plena realização, pois o Senhor sempre cumpre as suas promessas.

O Catecismo da Igreja Católica ensina: «A virtude da esperança corresponde ao desejo de felicidade que Deus colocou no coração de todo o homem; assume as esperanças que inspiram as atividades dos homens» (nº 1818). E é certamente a busca da felicidade – e a expectativa de a encontrar em outro lugar – uma das principais motivações da mobilidade humana contemporânea.

Esta ligação entre migração e esperança revela-se claramente em muitas das experiências migratórias dos nossos dias. Muitos migrantes, refugiados e deslocados são testemunhas privilegiadas da esperança vivida no quotidiano, através da sua confiança em Deus e da sua capacidade de suportar as adversidades, em vista de um futuro em que vislumbram a aproximação da felicidade e do desenvolvimento humano integral. Renova-se neles a experiência itinerante do povo de Israel: «Ó Deus, quando saíste à frente do teu povo, avançando pelo deserto, a terra tremeu e a chuva caiu do céu, na presença do Deus do Sinai, na presença de Deus,

o Deus de Israel. Fizeste cair, ó Deus, a chuva com abundância; restauraste as forças à tua herança extenuada. O teu povo ficou restabelecido, e Tu, ó Deus, reconfortaste o pobre com a tua bondade» (Sl 68, 8-11).

Num mundo obscurecido por guerras e injustiças, mesmo onde tudo parece perdido, os migrantes e refugiados erguem-se como mensageiros de esperança. A sua coragem e tenacidade são testemunho heroico de uma fé que vê além do que os nossos olhos podem ver e que lhes dá força para desafiar a morte nas diferentes rotas migratórias contemporâneas. Também aqui é possível encontrar uma clara analogia com a experiência do povo de Israel errante no deserto, que enfrenta todos os perigos confiando na proteção do Senhor: «Ele há-de livrar-te da armadilha do caçador e do flagelo maligno. Ele te cobrirá com as suas penas; debaixo das suas asas encontrarás refúgio; a sua fidelidade é escudo e couraça. Não temerás o terror da noite, nem da seta que voa de dia, nem da peste que alastra nas trevas, nem do flagelo que mata em pleno dia» (Sl 91, 3-6).

Os migrantes e refugiados lembram à Igreja a sua dimensão peregrina, em permanente busca da pátria definitiva, sustentada por uma esperança que é virtude teologal. Sempre que a Igreja cede à tentação da “sedentarização” e deixa de ser *civitas peregrina* – povo de Deus peregrino rumo à pátria celeste (cf. Agostinho, *De civitate Dei*, Livro XIV-XVI), deixa de estar «no mundo» e torna-se «do mundo» (cf. Jo 15, 19). Trata-se de uma tentação já presente nas primeiras comunidades cristãs, a ponto de o apóstolo Paulo ter de recordar à Igreja de Filipos que «a cidade a que pertencemos está nos céus, de onde certamente esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo. Ele transfigurará o nosso pobre corpo, conformando-o ao seu corpo glorioso, com aquela energia que o torna capaz de a si mesmo sujeitar todas as coisas» (Fl 3, 20-21).

Hoje, os migrantes e refugiados católicos podem, de modo particular, tornar-se missionários de esperança nos países que os acolhem, levando adiante novos caminhos de fé onde a mensagem de Jesus Cristo ainda não chegou ou iniciando diálogos inter-religiosos feitos de quotidianidade e busca de valores comuns. Com o seu entusiasmo espiritual e a sua vitalidade, podem contribuir para revitalizar comunidades eclesiais endurecidas e sobrecarregadas, nas quais avança de forma ameaçadora o deserto espiritual. A sua presença deve, portanto, ser reconhecida e apreciada como uma verdadeira bênção divina, uma oportunidade para se abrir à graça de Deus, que dá nova energia e esperança à sua Igreja: «Não vos esqueçais da hospitalidade, pois, graças a ela, alguns, sem o

saberem, hospedaram anjos» (Heb 13, 2).

Como sublinhou São Paulo VI, o primeiro elemento da evangelização é geralmente o testemunho: «Todos os cristãos são chamados a dar este testemunho e podem ser, sob este aspecto, verdadeiros evangelizadores. E aqui pensamos de modo especial na responsabilidade que se origina para os migrantes nos países que os recebem» (Evangelii nuntiandi, 21). Trata-se de uma verdadeira *missio migrantium* – missão realizada pelos migrantes –, para a qual deve ser assegurada uma preparação adequada e um apoio contínuo, fruto de uma eficaz cooperação intereclesial.

Por outro lado, também as comunidades que os acolhem podem ser um testemunho vivo de esperança, entendida como promessa de um presente e de um futuro em que seja reconhecida a dignidade de todos como filhos de Deus. Dessa forma, os migrantes e refugiados são reconhecidos como irmãos e irmãs, parte de uma família em que podem expressar os seus talentos e participar plenamente na vida comunitária.

Por ocasião deste Dia Jubilar, em que a Igreja reza pelos migrantes e refugiados, quero confiar à proteção maternal da Virgem Maria, Socorro dos migrantes, todos os que estão a caminho, assim como aqueles que se esforçam em acompanhá-los, para que Ela mantenha viva nos seus corações a esperança e os sustente no seu empenho em construir um mundo que se assemelhe cada vez mais ao Reino de Deus, a verdadeira pátria que nos espera no fim da nossa viagem.

Vaticano, na Festa de São Tiago Apóstolo, 25 de julho de 2025

LEÃO PP. XIV

**100. MENSAGEM DO SANTO PADRE LEÃO XIV
PARA O IX DIA MUNDIAL DOS POBRES
XXXIII Domingo do Tempo Comum
16 de novembro de 2025**

Tu és a minha esperança (cf. Sl 71,5)

1. «Tu és a minha esperança, ó Senhor Deus» (Sl 71,5). Essas palavras

emanam de um coração oprimido por graves dificuldades: «Fizeste-me sofrer grandes males e aflições mortais» (v. 20), diz o Salmista. Apesar disso, o seu espírito está aberto e confiante, porque firme na fé reconhece o amparo de Deus e o professa: «És o meu rochedo e a minha fortaleza» (v. 3). Daí deriva a confiança inabalável de que a esperança n'Ele não decepciona: «Em ti, Senhor, me refugio, jamais serei confundido» (v. 1).

No meio das provações da vida, a esperança é animada pela firme e encorajadora certeza do amor de Deus, derramado nos corações pelo Espírito Santo. Por isso, ela não decepciona (cf. Rm 5, 5) e São Paulo pode escrever a Timóteo: «Pois se nós trabalhamos e lutamos, é porque pomos a nossa esperança no Deus vivo» (1 Tm 4, 10). O Deus vivo é, verdadeiramente, o «Deus da esperança» (Rm 15, 13), que em Cristo, pela sua morte e ressurreição, se tornou a «nossa esperança» (1 Tm 1, 1). Não podemos esquecer que fomos salvos nesta esperança, na qual precisamos permanecer enraizados.

2. O pobre pode tornar-se testemunha de uma esperança forte e confiável, precisamente porque professada numa condição de vida precária, feita de privações, fragilidade e marginalização. Ele não conta com as seguranças do poder e do ter; pelo contrário, sofre-as e, muitas vezes, é vítima delas. A sua esperança só pode repousar noutro lugar. Reconhecendo que Deus é a nossa primeira e única esperança, também nós fazemos a passagem entre as esperanças que passam e a esperança que permanece. As riquezas são relativizadas perante o desejo de ter Deus como companheiro de caminho porque se descobre o verdadeiro tesouro de que realmente precisamos. Ressoam claras e fortes as palavras com que o Senhor Jesus exortou os seus discípulos: «Não acumuleis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem os corroem e os ladrões arrombam os muros, a fim de os roubar. Acumulai tesouros no Céu, onde a traça e a ferrugem não corroem e onde os ladrões não arrombam nem furtam» (Mt 6, 19-20).

3. A pobreza mais grave é não conhecer a Deus. Recordou-nos isso o Papa Francisco quando escreveu na *Evangelii gaudium*: «A pior discriminação que sofrem os pobres é a falta de cuidado espiritual. A imensa maioria dos pobres possui uma especial abertura à fé; tem necessidade de Deus e não podemos deixar de lhe oferecer a sua amizade, a sua bênção, a sua Palavra, a celebração dos Sacramentos e a proposta dum caminho de crescimento e amadurecimento na fé» (n. 200). Há aqui uma consciência fundamental e totalmente original sobre como encontrar em Deus o próprio tesouro. Realmente, insiste o apóstolo João: «Se

alguém disser: “Eu amo a Deus”, mas tiver ódio ao seu irmão, esse é um mentiroso; pois aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê» (1 Jo 4, 20).

É uma regra da fé e um segredo da esperança: embora importantes, todos os bens desta terra, as realidades materiais, os prazeres do mundo ou o bem-estar económico não são suficientes para fazer o coração feliz. Frequentemente, as riquezas iludem e conduzem a situações dramáticas de pobreza, sendo a primeira dessas ilusões pensar que não precisamos de Deus e conduzir a nossa vida independentemente d’Ele. Vêm-me à mente as palavras de Santo Agostinho: «Seja Deus todo motivo de presumires. Sente necessidade d’Ele para que Ele te cumule. Tudo o que possúires fora d’Ele é imensamente vazio» (Enarr. in Ps. 85,3).

4. A esperança cristã, à qual a Palavra de Deus remete, é certeza no caminho da vida, porque não depende da força humana, mas da promessa de Deus, que é sempre fiel. Por isso, desde os primórdios, os cristãos quiseram identificar a esperança com o símbolo da âncora, que oferece estabilidade e segurança. A esperança cristã é como uma âncora, que fixa o nosso coração na promessa do Senhor Jesus, que nos salvou com a sua morte e ressurreição e que retornará novamente no meio de nós. Esta esperança continua a indicar como verdadeiro horizonte da vida os «novos céus» e a «nova terra» (2 Pe 3, 13), onde a existência de todas as criaturas encontrará o seu sentido autêntico, visto que a nossa verdadeira pátria está nos céus (cf. Fl 3, 20).

Consequentemente, a cidade de Deus compromete-nos com as cidades dos homens, que, desde agora, devem começar a assemelhar-se àquela. A esperança, sustentada pelo amor de Deus derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo (cf. Rm 5, 5), transforma o coração humano em terra fértil, onde pode germinar a caridade para a vida do mundo. A Tradição da Igreja reafirma constantemente esta circularidade entre as três virtudes teologais: fé, esperança e caridade. A esperança nasce da fé, que a alimenta e sustenta, sobre o fundamento da caridade, que é a mãe de todas as virtudes. E precisamos de caridade hoje, agora. Não é uma promessa, mas uma realidade para a qual olharmos com alegria e responsabilidade: envolve-nos, orientando as nossas decisões para o bem comum. Em vez disso, quem carece de caridade não só carece de fé e esperança, mas tira a esperança ao seu próximo.

5. O convite bíblico à esperança traz consigo o dever de assumir, sem demora, responsabilidades coerentes na história. Com efeito, a carida-

de é «o maior mandamento social» (Catecismo da Igreja Católica, 1889). A pobreza tem causas estruturais que devem ser enfrentadas e eliminadas. À medida que isso acontece, todos somos chamados a criar novos sinais de esperança que testemunhem a caridade cristã, como fizeram, em todas as épocas, muitos santos e santas. Os hospitais e as escolas, por exemplo, são instituições criadas para expressar o acolhimento aos mais fracos e marginalizados. Eles deveriam fazer parte das políticas públicas de todos os países, mas as guerras e as desigualdades frequentemente ainda o impedem. Hoje, cada vez mais, as casas-família, as comunidades para menores, os centros de acolhimento e escuta, as refeições para os pobres, os dormitórios e as escolas populares tornam-se sinais de esperança: são tantos sinais, muitas vezes ocultos, aos quais talvez não prestemos atenção, mas que são muito importantes para se desvencilhar da indiferença e provocar o empenho nas diversas formas de voluntariado!

Os pobres não são um passatempo para a Igreja, mas sim os irmãos e irmãs mais amados, porque cada um deles, com a sua existência e também com as palavras e a sabedoria que trazem consigo, levam-nos a tocar com as mãos a verdade do Evangelho. Por isso, o Dia Mundial dos Pobres pretende recordar às nossas comunidades que os pobres estão no centro de toda a ação pastoral. Não só na sua dimensão caritativa, mas igualmente naquilo que a Igreja celebra e anuncia. Através das suas vozes, das suas histórias, dos seus rostos, Deus assumiu a sua pobreza para nos tornar ricos. Todas as formas de pobreza, sem excluir nenhuma, são um apelo a viver concretamente o Evangelho e a oferecer sinais eficazes de esperança.

6. Este é o convite que emerge da celebração do Jubileu. Não é por acaso que o Dia Mundial dos Pobres seja celebrado no final deste ano de graça. Quando a Porta Santa for fechada, deveremos conservar e transmitir os dons divinos que foram derramados nas nossas mãos ao longo de um ano inteiro de oração, conversão e testemunho. Os pobres não são objetos da nossa pastoral, mas sujeitos criativos que nos estimulam a encontrar sempre novas formas de viver o Evangelho hoje. Diante da sucessão de novas ondas de empobrecimento, corre-se o risco de se habituar e resignar-se. Todos os dias, encontramos pessoas pobres ou empobrecidas e, às vezes, pode acontecer que sejamos nós mesmos a possuir menos, a perder o que antes nos parecia seguro: uma casa, comida suficiente para o dia, acesso a cuidados de saúde, um bom nível de educação e informação, liberdade religiosa e de expressão.

Promovendo o bem comum, a nossa responsabilidade social tem o seu

fundamento no gesto criador de Deus, que dá a todos os bens da terra: assim como estes, também os frutos do trabalho do homem devem ser igualmente acessíveis. Com efeito, ajudar os pobres é uma questão de justiça, muito antes de ser uma questão de caridade. Como observa Santo Agostinho: «Damos pão a quem tem fome, mas seria muito melhor que ninguém passasse fome e não precisássemos ser generosos para com ninguém. Damos roupas a quem está nu, mas Deus queira que todos estejam vestidos e que ninguém passe necessidades sobre isto» (Comentário à 1 Jo, VIII, 5).

Desejo, portanto, que este Ano Jubilar possa incentivar o desenvolvimento de políticas de combate às antigas e novas formas de pobreza, além de novas iniciativas de apoio e ajuda aos mais pobres entre os pobres. Trabalho, educação, habitação e saúde são condições para uma segurança que jamais se alcançará com armas. Congratulo-me com as iniciativas já existentes e com o empenho que é manifestado diariamente a nível internacional por um grande número de homens e mulheres de boa vontade.

Confiemos em Maria Santíssima, Consoladora dos aflitos, e com Ela entoemos um canto de esperança, fazendo nossas as palavras do Te Deum: «In Te, Domine, speravi, non confundar in aeternum – Em Vós espero, Meu Deus, não serei confundido eternamente».

Vaticano, 13 de junho de 2025, memória de Santo António de Lisboa, Patrono dos pobres

LEÃO PP. XIV

